Os Animais: percepções, manifestações e evolução

Paulo Neto

Os Animais:
percepções, manifestações e evolução

(Versão 56)

"A teoria e os fatos são duas coisas distintas; os erros da primeira nunca poderão destruir a força desses últimos." (ALEXANDRE AKSAKOF)

"*Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados."* (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2019 *by*

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa (adaptada por Ana Luísa B. da Silva Neto):
https://imagens.mensagemespirita.com.br/images/uploads/posts_file_foto/ar-784x400-animais1.jpg

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Rosana Netto Nunes Barroso

Diagramação:

Paulo Neto

site: https://paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, dezembro/2019.

Sumário

I – PREFÁCIO, INTRODUÇÃO E CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Prefácio.....6
Introdução.....15
Considerações Iniciais.....25

II – ANIMAIS ENCARNADOS

Os animais possuem uma alma ou espírito?.....35
Os animais da mesma espécie comunicam-se entre si...38
Apresentariam alguma faculdade mediúnica?.....48
Percepções sensitivas dos animais.....53
Manifestações de animais vivos.....83
Prováveis casos com “transmissões telepáticas”.....97
Sofrimento animal, eutanásia e alimentação: uma análise espírita.....111

III – ANIMAIS DESENCARNADOS

O que acontece com os animais após a morte?.....142
As manifestações de animais não seriam tão só criações fluídicas?.....177
Allan Kardec diante do relato sobre manifestação de espírito de animal.....217
A opinião de renomados pesquisadores e escritores do Espiritismo.....234
Revelações espirituais pela mediunidade.....314
Experiências e observações dos médiuns.....324
Na TCI temos registradas transimagens de ‘pets’.....340

IV – EVOLUÇÃO DOS ANIMAIS

Os animais estão sujeitos à lei do progresso?.....346
Haveria animais que voltariam à massa?.....437
Como ocorreria a evolução dos animais já individualizados?.....445
O grau posterior da evolução da alma dos animais.....471
A testificação com a opinião pessoal do Codificador.....500
Allan Kardec: ensaio sobre o futuro dos animais.....505

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais.....517

VI – FONTES BIBLIOGRÁFICAS E DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

Fontes bibliográficas.....527
Dados biográficos do autor.....542

I – PREFÁCIO, INTRODUÇÃO E CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Prefácio

I

Dentre as muitas obras já escritas pelo nosso amigo e confrade espírita Paulo Neto, algumas delas, tive a oportunidade de apreciar, em agradável leitura, um conteúdo bem fundamentado nas premissas de impecável e inquestionável valor evangélico-doutrinário.

Essa que agora chega ao público, vem com riqueza de detalhes. Realmente, é um trabalho, curioso, interessante, esclarecedor e sobretudo causa encantamento ao leitor.

Este novo trabalho de nosso amigo, e escritor espírita, intitulado – **Os *ANIMAIS: suas percepções e manifestações espirituais***, faz uma abordagem interessante, sobre a sensibilidade e percepções desses nossos “irmãozinhos menores”, que ainda na condição de irracionais, debatem-se nos labirintos escuros da animalidade, galgando os

primeiros degraus da longa escada da evolução do espírito, que ora, como ALMA ANIMAL, busca a ativação dos seus conteúdos naturais ínsitos em sua intimidade, o que é atributo de todos os seres da criação.

Todos sabemos que fomos criados simples e ignorantes, ou seja, sem o conhecimento, e na intimidade de cada criatura, encontram-se latentes, potenciais inimagináveis à espera do seu despertar, o que nos recorda o doce conto dos irmãos Grimm que nos embalou, no berço do encantamento, os sonhos de criança, naquele conhecido conto, "**A *Bela Adormecida***" despertada pelo "Beijo do príncipe".

Voltando à obra em questão, e revisando nossos conhecimentos no que toca à Evolução do Princípio Espiritual, vamos encontrá-lo estagiando no Reino Vegetal, no Reino Animal e despertando no Reino Humano, trazendo na sua intimidade um potencial gigantesco, o que nos faz lembrar a parábola de Jesus, ***O Grão de Mostarda***, contida nos evangelhos de Mateus 13: 31 a 32; Marcos 4: 30 a 32 e também em Lucas 13:18 a 19, onde se lê:

“O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e lançou no seu campo; o qual grão é, na verdade, a menor de todas as sementes, mas depois de crescida é a maior das hortaliças e faz-se árvore de tal modo que as aves do céu vêm pousar nos seus ramos.”

Desde que lançada à gleba, ali, no aconchego da terra generosa e escura, imediatamente a pequena semente, coloca toda a sua força interior à busca de expansão, sob a tutela dos quatro elementos indispensáveis ao seu desenvolvimento – TERRA, ÁGUA, LUZ E CALOR. E o princípio espiritual ali em desenvolvimento, sob o impacto das leis naturais, desperta a sensibilidade que irá projetá-lo mais adiante, nas experiências que o instinto animal agrega às conquistas do espírito em evolução.

Voltando a falar da obra em cujo prólogo deixamos aqui as nossas melhores impressões, e que nos encantou à leitura, não só pela qualidade das informações ali contidas e retiradas de um acervo literário indiscutivelmente impecável e confiável, como também pelas interessantes abordagens e a vivacidade literária que caracteriza o estilo do nosso

amigo escritor.

É uma obra muito esclarecedora, de leitura fácil e inteligível, onde o leitor encontrará muitas informações sobre o mundo animal, suas percepções, sua sensibilidade, ainda para muitos de nós desconhecida.

Mas o progresso inestancável, ao longo dos séculos tem aproximado o homem do animal, para que este, em contato com aquele, pudesse, pouco a pouco ir assimilando os componentes vibratórios da "astralidade humana", que lhe vai auxiliando na precipitação da sua "psiquê" nos rumos da evolução natural, dentro do contexto pertinente a seu espécime, na qual, sua alma ainda estagiará por incontáveis milênios.

Aí, vem aquela dúvida… Os animais têm alma? Não seria apanágio somente dos homens?

Em se tratando dos animais, como é o caso da obra em questão – **Os *ANIMAIS: suas percepções e manifestações espirituais***, diríamos, conforme nos ensina *O Livro dos Espíritos*, no seu capítulo XI, da segunda parte da obra, onde trata dos Três

Reinos, questão 597, que esclarece e afirma: **OS ANIMAIS TÊM ALMA, SIM!** Vejamos como escrito:

597. Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria?

"Há e que sobrevive ao corpo."

a) – Será esse princípio uma alma semelhante à do homem?

"É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus."

Partindo da premissa de que os animais têm alma, certamente terão suas percepções e manifestações tanto em vida como depois da morte do corpo, o que está muito bem elucidado na obra do nosso amigo Paulo Neto.

Recomendamos, portanto, a leitura desta obra

que apresenta interessantes e seguros apontamentos sobre os animais, os quais vem abrir novos horizontes ao conhecimento humano, desvendando os mistérios que envolvem a vida desses nossos **“irmãozinhos menores”**.

O encantamento que nos envolve durante a leitura, certamente, não só nos esclarecerá sobre o tema, como também dar-nos-á prazerosos momentos literários, pois quem lê, também viaja pelo imensurável universo do conhecimento. Portanto, leitores a bordo! Viajemos, enfim, pelo encantado mundo animal!

Eliane Alves Batista
Expositora Espírita e Escritora
Belo Horizonte (MG), 08/01/2020

II

Há muito se debate, no meio espírita, a questão do destino da alma dos animais. Diversos autores já se debruçaram sobre o tema, sendo que muitos de nós, preocupados que estamos em decodificar os complexos mecanismos relativos à alma humana, acabamos por relegar a questão a segundo plano. Os animais, em suas mais variadas gradações evolutivas, guardam mistérios que nos cabe estudar e desvelar, uma vez que, além de conviverem conosco no orbe terrestre, representam um importante estágio pelo qual passa o princípio inteligente em sua jornada até atingir a condição de Espírito.

O prezado confrade Paulo Neto, em um grande e respeitável esforço de trazer luz ao tema, conseguiu reunir, em um só lugar, tudo o que de mais importante precisamos saber para um aprofundamento sobre o tema, ressaltando que Allan Kardec não teve tempo suficiente para sobre ele debruçar-se, frente às inúmeras frentes de trabalho

que pairavam à sua frente em sua hercúlea tarefa de nos trazer as Verdades do Espírito imortal.

Nós mesmos, até lermos esta extensa e elucidativa obra, nos perguntávamos se realmente haveria animais no mundo espiritual, ou se eles logo, quase que automaticamente, ocupariam um outro corpo, não se pondo em contato com outras criaturas.

Claro que há, não podemos olvidar, a evolução anímica, pois notamos haver no mundo animal uma infinita gama de particularidades que tornam certas espécies muito superiores às outras em inteligência, mesmo que disfarçadas de mero instinto. Cães, golfinhos e símios, todos mamíferos, por exemplo, parecem cada vez mais se aproximar da natureza humana, demonstrando habilidades intelectivas e emoções que espantam até aos mais incrédulos e desinteressados.

Com o desencarne de Allan Kardec, importantes estudiosos envidaram esforços e pesquisas sobre a alma dos animais, tal como Ernesto Bozzano, demonstrando, por meio de provas cabais, que eles não só sobrevivem à morte do corpo

físico, mas que podem até mesmo se manifestar.

Convido, portanto, o leitor, a desapegar-se de ideias preconcebidas e analisar com atenção o conteúdo desta obra que, a nosso ver, é a mais completa sobre o tema até hoje publicada.

Paulo Neto reuniu estudos e relatos dos mais variados autores que, além de demonstrarem total concordância, estão calcados em fatos, dirimindo as dúvidas que geralmente surgem em função do desconhecimento sobre a existência de uma série de fenômenos.

Parabenizamos o autor e amigo Paulo Neto por esse seu trabalho, assim como sugerimos ao prezado leitor que conheça seus outros trabalhos, sempre realizados com esmero, competência e grande honestidade intelectual em prol da divulgação dos princípios e verdades que o Espiritismo tem a missão de nos revelar.

Artur Felipe Ferreira
Professor, tradutor, revisor e escritor
Niterói (RJ), 19/02/2021

Introdução

Acreditamos ser fácil perceber a enorme curiosidade das pessoas – inclusive as não-espíritas – sobre o destino dos animais após a morte. O motivo é evidente: uma parcela significativa da sociedade possui animais de estimação ([1]), os chamados “pets” ([2]).

O laço de amor que se estabelece entre tutores e seus animais é profundo e incontestável. Quando eles partem, lágrimas abundantes são derramadas, não apenas pelos donos, mas também por amigos que compartilham a dor da perda.

Os que nunca tiveram um animal talvez jamais compreendam plenamente a intensidade dessa saudade. Somente quem conviveu com um companheiro de quatro patas pode avaliar a dimensão desse vazio.

Em nossa pesquisa encontramos as seguintes fotografias ([3]):

É fácil perceber que muitos animais, como esses da foto, por exemplo, apresentam

comportamentos que parecem “humanos”, o que evidencia que possuem sentimentos, e consequentemente, uma alma ou espírito.

As reflexões que se seguem se aplicam, de modo especial, aos animais considerados “superiores” ou mais inteligentes. Espíritos elevados citam, por exemplo, o cão, o elefante e o cavalo ([4]). Além deles, há referências ao macaco, ao gato e ao muar, que, como diversos outros, também são *“mais amplamente dotados de riqueza mental, como a introdução ao pensamento contínuo”* ([5]).

Para reforçar que nem todos os animais são tão irracionais quanto se costuma imaginar, recorreremos à obra *O Livro dos Espíritos*. Resumindo as respostas às questões 593 e 595: “*O instinto domina a maioria dos animais”* contudo, *“muitos agem com vontade determinada, o que demonstra que têm inteligência, porém limitada às suas necessidades de sobrevivência*” ([6]).

Em ***O Livro dos Médiuns***, Segunda Parte, capítulo “XXII – Mediunidade nos animais”, item 236, encontramos a afirmação do Espírito Erasto:

> “[...] **reconheço perfeitamente a existência de aptidões diversas nos animais; que certos sentimentos, certas paixões, idênticas às paixões e aos sentimentos humanos, se desenvolvem neles**; que **são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odientos**, conforme se procede bem ou mal com eles. [...].” (7) (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando não for o caso, avisaremos.)

Ao final da longa caminhada evolutiva, ao longo dos milênios, o princípio inteligente, de que anima os animais passa por uma transformação e se torna Espírito humano. O modo e o momento exatos em que isso ocorre, porém, permanecem desconhecidos.

Esse tema, que merece aprofundamento, foi tratado em nossa pesquisa publicada no livro ***Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*** (8), obra que indicamos aos interessados em explorar mais detalhadamente

essa questão.

No tópico “Variedades” da ***Revista Espírita 1869***, mês de outubro, foi publicado o artigo “O espírito de um cão”, que traz um relato curioso e oportuno citar:

> Reproduzimos, conforme o jornal *Petite Presse* de 23 de abril de 1869, a seguinte anedota a respeito da inteligência dos animais. É um documento a mais a agregar ao volumoso dossiê que o Sr. Allan Kardec nos legou sobre este interessante estudo. Dele tinha feito objeto de um tratado especial, que se propunha publicar pessoalmente num futuro próximo. Esforçar-nos-emos em complementar suas opiniões em tempo hábil, tão logo nos permitam os trabalhos de toda natureza que nos incumbe realizar. Até lá, seremos gratos aos correspondentes que nos quiserem comunicar suas reflexões pessoais a respeito, ou as comunicações e fatos capazes de nos esclarecerem tão completamente quanto possível, sobre esta criação tão interessante entre todas as obras do Criador.
>
> “**Ainda não foi dita a última palavra sobre a inteligência dos cães, escreve ao jornal *Itália* um oficial do exército italiano.** Um curioso episódio de roubo à

mão armada, cuja exatidão podemos garantir, disso nos forneceu uma nova prova.

“Numa das últimas operações militares destinadas a purgar as províncias napolitanas da pilhagem, o esquadrão do capitão *** se dirigia silenciosamente à noite para um pequeno bosque, que informações muito seguras e precisas indicavam como refúgio habitual de um bando de salteadores.

“Quase ao romper do dia, nossos cavaleiros, que tiveram o cuidado de abafar o ruído de suas armas e os cascos de seus cavalos, se encontravam a pequena distância do local designado quando, **de repente, um pequeno cão**, evidentemente do bando de malandros e que se mantinha imóvel na entrada do bosque, de olhar inquieto, orelhas empinadas e altivamente postado sobre as patas, **pôs-se a latir com todas as suas forças**.

“O alerta estava dado; e quando o esquadrão entrou no matagal, traços recentes e irrecusáveis testemunhavam a fuga precipitada e desordenada de uma tropa de bandidos a cavalo.

“**O capitão** morde o bigode e, num acesso de mau humor fácil de compreender, resmungando entre os dentes, disse: ‘Maldito cão!’, **tomou seu revólver e**

apontou para o infeliz sentinela dos bandidos, que acompanhava o esquadrão latindo cada vez mais.

"**O tiro é dado, o cão rola na poeira, levanta-se para depois cair, soltando gritos plangentes, barriga para cima, patas no ar, rígido, imóvel.**

"O esquadrão retoma sua marcha sem grande esperança de rever os assaltantes; mas, **ao cabo de um bom quarto de hora, qual não foi a surpresa do capitão ao ver o fantasma do cão, ou, melhor dizendo, o próprio cão, que ele julgava morto e bem morto**, em trotes curtos, ao lado do esquadrão, dissimulando-se atrás das árvores e das altas ramagens, espiando a marcha e a direção da tropa, cumprindo até o fim sua missão de sentinela avançada!

"Muito admirado, o capitão o chama; o cão, a despeito da acolhida pouco graciosa que recebera pouco antes, aproxima-se, alegre. **Apalpam-no, examinam-no; nem um só arranhão, nem uma mecha de seu pelo queimada ou sequer chamuscada.**

"Não restava dúvida: o cão tinha representado uma comédia, com talento e sucesso dignos do maior interesse.

"Sua inteligência, seu jeito manhoso conquistaram a graça dos soldados, que o acariciavam e com ele dividiam suas

provisões.

> "Apressemo-nos em dizer que ele se mostrou sensível e reconhecido a essas boas maneiras: não mais deixou o esquadrão e se tornou amigo e companheiro dos soldados.
>
> "Além disso, voltando atrás em suas simpatias e veleidades *bandidas*, e convertido inteiramente às ideias de ordem e de respeito à lei, agora ele é o mais fino caçador de salteadores e, por conseguinte, seu mais temível e encarniçado inimigo."
>
> (*Petite Presse* de 23 de abril de 1869) ([9])

Ao lermos o título do artigo, imaginamos que trataria do Espírito de um cão desencarnado, mas não é disso que se trata. O relato descreve, na verdade, a atuação teatral do animal ao fingir-se de morto: *"O tiro é dado, o cão rola na poeira, levanta-se para depois cair, soltando gritos plangentes, barriga para cima, patas no ar, rígido, imóvel."*

Conclui-se então no artigo: *"Não restava dúvida: o cão tinha representado uma comédia, com talento e sucesso dignos do maior interesse."*

Essa representação extraordinária demonstra, a qualquer pessoa livre do preconceito de que os

animais são irracionais, que os cães têm inteligência. Afinal, a simulação da morte para salvar-se só poderia resultar de um encadeamento lógico de pensamento.

Poderíamos listar milhares de situações em que a ação dos animais demonstra inteligência, compaixão e outras características que nos levam a considerá-los “quase humanos”. Apresentamos, a título de exemplo, apenas este caso recente.

No portal ***Notícias R7***, da Rede Record de Televisão, em 31.07.2026, foi publicada, no “Balanço Geral MG”, a reportagem intitulada “Bebê abandonado em lote vago, em Sabará, é encontrado por cadela e socorrido pela PM”. Segundo a matéria, um recém-nascido, ainda com o cordão umbilical, havia sido abandonado dentro de uma estrutura de um sofá velho e somente foi localizado porque a cadela Meg não parava de latir.

A reportagem informa que os latidos insistentes do animal chamaram a atenção dos funcionários de uma marmoraria, que estranharam seu comportamento, verificaram o local e acionaram a Polícia Militar. A matéria destaca que a atuação da

cadela foi decisiva para evitar uma tragédia. ([10])

Fantástica a ação de Meg!

O filósofo alemão Arthur Schopenauer (1788-1860), inspirado em reflexões semelhantes, afirmou: *“A compaixão pelos animais está intimamente ligada a bondade de caráter, e quem é cruel com os animais não pode ser um bom homem.”* ([11])

São Vicente de Paulo, por sua vez, exortou-nos “*Sede brandos e benevolente para com tudo o que vos seja inferior, mesmo para com os seres mais ínfimos da Criação, e tereis obedecido à lei de Deus*” ([12]).

Considerações Iniciais

Como já fizemos em outras ocasiões ao abordar temas polêmicos, iniciaremos com a seguinte pergunta: "*O Espiritismo teria um ponto final?*" À primeira vista, essa questão pode soar estranha, mas é de suma importância. Muitos de nós, espíritas, temos agido semelhante a certos crentes fanáticos que só admitem como revelação divina aquilo que consta da Bíblia.

É oportuno recordar o filósofo e teólogo Huberto Rohden (1893-1981) que, em ***Lampejos Evangélicos*** (fins da década 1950), ao refletir sobre esse tipo de crena, afirmou de forma objetiva:

> Ora, **poderíamos admitir que**, no longuíssimo **período anterior ao tempo de Abraão, Isaac e Jacó, Deus nada tenha tido a dizer à humanidade**? E, que **pelo ano 110 da era cristã, tenha "fechado o expediente"**, à guisa de um funcionário público ou burocrata do século XX?... ([13])

De maneira semelhante, infelizmente é o que muitos de nós temos feito com o Espiritismo. Evidentemente, não se trata de aceitar tudo indiscriminadamente, mas pesquisar e analisar os temas, verificando se eles “sobrevivem” ao Controle Universal proposto por Allan Kardec (1804-1869), em vez de simplesmente rejeitá-los pelo fato de “*não constarem da Codificação*”.

Em nosso artigo ***O Espiritismo Ainda Não Tem Ponto Final*** (14) apresentamos algumas colocações do Codificador, de modo a deixar bem evidente a postura que se deve adotar diante de qualquer tema. Recomendamos, portanto, aos interessados que o leiam, pois ali se encontram reflexões que ajudam a compreender melhor a abertura e a continuidade da revelação espírita.

Aqui, para não nos alongarmos muito, somente relembraremos estas duas falas do Codificador:

1) ***Revista Espírita 1866***, mês de julho:

***O Livro dos Espíritos* não é um**

tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. ([15])

2) ***Revista Espírita 1867***, mês de abril:

[...] estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível, todas as forças que este mundo encerra, todas as aplicações das leis que conhecemos. **O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto**, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. **Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores.** O Espiritismo **não fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus** de uma ciência cuja importância é desconhecida. **Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de ideias.** Não procede senão por observações e deduções. Se um fato é constatado, se diz que ele deve ter uma causa, e que esta causa não pode ser senão natural, e então ele a procura. Na falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até a confirmação, não a dá senão como hipótese, e não como verdade absoluta. [...]. ([16])

Léon Denis (1846-1927), considerado o principal divulgador do Espiritismo após o desencarne do Codificador, também é citado por nós nesse artigo. No capítulo "XX – Espiritismo na França" de ***Depois da Morte*** (1889), ele afirma:

> **A doutrina de Allan Kardec**, nascida – não seria demais repeti-lo – da observação metódica, a experiência rigorosa, **não pode se tornar um sistema definitivo, imutável, fora e acima das futuras conquistas da Ciência**. [...] **a Doutrina dos Espíritos se transforma incessantemente pelo trabalho e o progresso, e**, embora superior a todos os sistemas, a todas as filosofias do passado, **permanece aberta às retificações, aos esclarecimentos do futuro**. ([17])

Portanto, com Léon Denis fica demonstrado, de forma irrefutável, que já em 1889 – ano da publicação de sua obra *Depois da Morte* – se alertava que o Espiritismo não teria um ponto final.

Ademais, agir como se absolutamente nada pudesse mudar, acreditando que, após 31 de março de 1869, tudo no Espiritismo estaria hermeticamente fechado, é desconhecer que, ainda no período de sua

elaboração, alguns pontos foram alterados, como por exemplo, estes três:

1º) Sobre qual o momento da ligação do Espírito ao corpo;

2º) Na sua evolução, o princípio inteligente teria passado pelo reino animal, antes de adentrar no reino hominal; e

3º) A posse física (possessão) do encarnado, diante dos fatos que se apresentaram, passou a ser considerada com uma realidade.

Em relação aos dois primeiros, recomendamos que se faça uma comparação com o que foi dito na 1ª edição de *O Livro dos Espíritos*, publicada em 18 de abril de 1857 e o que consta na 2ª edição, lançada em 18 de março de 1860. Acreditamos que o resultado dessa análise ser será uma agradável surpresa para muitos confrades.

Quanto ao último item, ou seja, sobre a possessão, é possível constatar uma nítida evolução no pensamento de Allan Kardec, **apoiado nos fatos** e no ensino dos Espíritos. Para verificar isso, o interessado deve iniciar a leitura do que consta em *O*

Livro dos Espíritos ([18]) e em *O Livro dos Médiuns* ([19]), prosseguir com o artigo “Um caso de possessão – Senhorita Julie”, publicado na *Revista Espírita 1863*, mês de dezembro, e finalizar em *A Gênese* ([20]).

Para garantir que o leitor acompanhe esse desenvolvimento transcreveremos, mais adiante, os trechos de cada uma dessas obras que fundamentam nossa referência.

Todo esse material integra a pesquisa que realizamos sobre o tema e está disponível aos interessados em nosso site, sob o título ***Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados*** ([21]).

É muito curioso observar que sempre estamos descobrindo “novas coisas” nas obras da Codificação Espírita. Embora ***Obras Póstumas*** não tenha sido publicada por Allan Kardec, sua fonte, segundo informações, baseia-se em diversos documentos particulares encontrados em sua residência, após o seu desencarne.

Vejamos o seguinte trecho do artigo “Fotografia e telegrafia do pensamento”:

> Quando um artista de talento executa um quadro, obra magistral a que consagrou todo o gênio que progressivamente adquiriu, **dá primeiramente os traços gerais**, de sorte que se compreenda, desde o esboço, todo o partido que espera tirar dali. **Só depois de haver elaborado minuciosamente o seu plano geral é que entra nas minúcias**; e, embora a este último trabalho deva, talvez, dispensar maiores cuidados do que àquele outro, tal não lhe seria possível, se não houvera esboçado antes o seu quadro. **O mesmo sucede em Espiritismo. As leis fundamentais, os princípios gerais, cujas raízes existem no espírito de todo ser criado, foram elaborados desde a origem**. Todas as outras questões, quaisquer que sejam, dependem das primeiras. […]. ([22])

Assim, não é impróprio compreender que o Codificador, por analogia, elaborou um plano geral do Espiritismo, cujas minúcias, por absoluta exiguidade de tempo, ele não pôde pessoalmente completar.

Entretanto, como acabamos de ver, Allan Kardec deixou bem claro que *“Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores.”* ([23]). Assim, as minúcias, segundo seu pensamento, seriam desenvolvidas pelos estudos e pelas experiências de seus continuadores, com os quais ocorreria um natural aprofundamento de todas as questões colocadas na fase anterior.

Fica demonstrado, portanto, que a afirmação de que “*Kardec não disse tudo*”, não é falácia alguma, como sustentam alguns “doutos” do Espiritismo quando surgem pesquisas que visam estudar mais profundamente qualquer tema doutrinário com objetivo de esclarecimento. Ao contrário, trata-se de uma realidade tirada das próprias falas do Codificador.

Afirma-se, por vezes, que seriam “*ideias antagônicas aos seus fundamentos*” as “*supostas comunicações com animais desencarnados*”. Concordamos que, de fato, “comunicações” não existem, mas tão somente “manifestações” como ficará demonstra na atual pesquisa.

Infelizmente, o que vem acontecendo na

prática é que uma boa parte dos espíritas tem colocando obstáculos ao desenvolvimento de várias questões, ao considerar o Espiritismo como tendo um ponto final desde a morte do Codificador.

De 18 casos que mencionaremos, vamos encontrar manifestações que vão desde momentos próximos da morte até vários anos depois. Onde teriam ficado esses animais? Eis a intrigante questão.

Encerramos esse capítulo com esta frase de Hermínio C. Miranda (1920-2013), constante da obra ***O Que é o Fenômeno Anímico?*** (2011):

> **Na verdade, nada é definitivo na busca do conhecimento**. **Hipóteses, teorias e suposições** podem ser descartadas sumariamente algum dia, simplesmente porque **se tornaram inválidas perante fatos resultantes de novas descobertas**. ([24])

O nobre escritor e dedicado pesquisador espírita foi extremamente objetivo; não temos nada a acrescentar ao que, com tanto acerto, afirmou.

II – ANIMAIS ENCARNADOS

Os animais possuem uma alma ou espírito?

A resposta a essa instigante questão se encontra nas seguintes questões de ***O Livro dos Espíritos***, Livro Segundo, capítulo "XI – Os três reinos", tópico "Os animais e o homem":

> 597. *Visto que os **animais** têm uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, **haverá neles algum princípio independente da matéria**?*
>
> "**Sim, e que sobrevive ao corpo**."
>
> 597-a. *Esse princípio é uma alma semelhante à do homem?*
>
> "**É também uma alma, se quiserdes,** dependendo do sentido que se der a esta palavra, mas é inferior à do homem. Entre a alma dos animais e a do homem há tanta distância quanto a que existe entre a alma do homem e Deus."
>
> 598. ***Após a morte, a alma dos animais conserva a sua individualidade** e a consciência de si mesma?*

> “**Sua individualidade, sim,** mas não a consciência do seu eu. A vida inteligente permanece em estado latente.”

O ponto principal é que os animais possuem alma (ou espírito) que sobrevive após a morte. Como veremos, permanecem por certo tempo na erraticidade até que, pela reencarnação sob a orientação de Espíritos superiores – como comprovaremos mais adiante ([25]) – retornam a um novo corpo.

José Herculano Pires (1914-1979), em ***Agonia das Religiões*** (1977), capítulo “VIII – O corpo – bioplástico”, traz a seguinte informação:

> Desde o século passado, vários cientistas se empenharam na descoberta de meios para provar a existência no homem do chamado *corpo espiritual* ou *duplo-etéreo*. **Em 1943 Raoul Montandon** publicou na Suíça um curioso livro intitulado *De la Bête a l'Homme* (Do Animal ao Homem) **relatando pesquisas psicológicas que mostram semelhanças significativas entre o reino animal e o hominal e pesquisas científicas que provavam a existência nos animais de um corpo energético**. Essas pesquisas são relatadas no capítulo

> intitulado *Sobrevivência animal*. **Várias fotografias** batidas com filmes sensíveis à luz infravermelha, **de grupos de gafanhotos e insetos mortos com éter, revelavam ao lado dos animais mortos uma sombra semelhante ao corpo morto**, enquanto ao lado dos que não haviam morrido, mas estavam em estado letárgico, não aparecia a mesma sombra. [...]. ([26]) (itálico do original)

Portanto, desde o ano de 1943, já se encontra uma comprovação científica da existência, nos animais, de uma alma ou espírito. Dito isso, podemos avançar em nossa pesquisa, certos de que o leitor não terá mais dúvida quanto a esse ponto.

A questão do destino dos animais após a morte será analisada em detalhe na Parte III desse estudo, dedicada aos animais desencarnados. Ali veremos se, e em que condições, eles permanecem no mundo espiritual.

Os animais da mesma espécie comunicam-se entre si

Vejamos, inicialmente, esta questão de ***O Livro dos Espíritos***, do tópico “Os animais e o homem”, do capítulo “XI – Os três reinos”:

> 594. *Os animais têm alguma linguagem?*
>
> “Se vos referis a uma linguagem formada de sílabas e palavras, não; **se pensais num meio de se comunicarem entre si, eles têm linguagem**. Dizem uns aos outros muito mais coisas do que imaginais. **A linguagem deles, porém, assim como as ideias que possam ter, são limitadas às suas necessidades**.” ([27]) (itálico do original)

Embora Allan Kardec tenha feito essa afirmação em meados do século XIX, quando os conhecimentos sobre comunicação animal eram ainda bastante limitados, as pesquisas contemporâneas vêm relevando formas de comunicação entre animais da mesma espécie que

apresentam uma complexidade muito maior do que durante muito tempo se imaginou.

Resultados interessantes têm surgido, por exemplo, nas pesquisas sobre a comunicação das aves. No site ***National Geographic***, em 9 de fevereiro de 2018, foi publicado o artigo "'Delightful' Experiments Reveal What Birds See in Their Mind's Eye" (Experimentos "encantadores" revelam o que as aves veem na mente), autoria de Brandon Keim, do qual transcrevemos:

> Em uma série de testes engenhosos, um pesquisador descobriu que aves conhecidas como chapins-japoneses não apenas **emitem um alerta característico para cobras**, mas também parecem imaginar uma cobra ao ouvir esse chamado. **Esse vislumbre da mente de uma ave sugere o quão difundida pode ser essa capacidade, aparentemente semelhante à humana**.
>
> "A comunicação animal tem sido considerada muito diferente da fala humana," diz **Toshitaka Suzuki, etólogo da Universidade de Kyoto**, no Japão. "Meus resultados sugerem que pássaros e humanos podem compartilhar habilidades cognitivas semelhantes para a

comunicação.”

Talvez isso tenha passado despercebido por tanto tempo, diz Suzuki, simplesmente porque “ainda não encontramos uma maneira de observar a mente dos animais.”

Ao longo dos últimos anos, Suzuki conduziu uma série de experimentos para decifrar as vocalizações dos chapins-japoneses — ou Parus menor, espécie cuja família inclui aves comuns como os chapins – e descreve a presença de sintaxe em sua comunicação, ou seja, a **capacidade de produzir novos significados combinando palavras em diferentes ordens** (“abra a porta”, por exemplo, em contraste com “a porta aberta”.)

Há muito tempo a sintaxe é considerada exclusiva da linguagem humana, e a linguagem, por sua vez, é frequentemente vista como algo que diferencia os seres humanos dos outros animais. No entanto, Suzuki não o encontrou em uma ave tipicamente celebrado por sua inteligência, como corvos ou papagaios, mas na modesta parus menor. ([28])

Em 2 de agosto de 2024, o site ***Projeto Aves***, divulga a notícia “Chapim-japonês mostra gesto ‘educado’ para permitir entrada nos ninhos”, na qual pesquisadores da Universidade de Tóquio observam

o comportamento da espécie. Vejamos:

> Um estudo publicado na revista *Current Biology* revelou que os chapins-japoneses (*Parus minor*) **adotam um gesto não verbal semelhante ao "depois de você" humano, movendo as asas para indicar ao parceiro que ele pode entrar primeiro no ninho**.
>
> Pesquisadores da Universidade de Tóquio observaram esse comportamento em chapins-japoneses enquanto criavam filhotes em ninhos localizados em cavidades de árvores. **Eles notaram que, ao trazer alimento para os filhotes, um dos pais parava em um galho e batia as asas na direção do parceiro, sinalizando para que ele entrasse primeiro**.
>
> De acordo com **Toshitaka Suzuki**, pesquisador envolvido no estudo, esse gesto foi considerado simbólico, já que ocorria exclusivamente na presença do parceiro, não foi feito após sua entrada no ninho, e não envolvia contato físico. Além disso, foi observado que o gesto era direcionado ao parceiro, não ao ninho, indicando sua natureza simbólica estudo também sugere que a postura ereta dos pássaros em galhos, que os deixa com as asas livres, pode ter facilitado o desenvolvimento da comunicação gestual entre eles, de forma análoga à evolução dos gestos humanos

> associada à postura bípede.
>
> Essa descoberta destaca a complexidade da comunicação não verbal entre os animais e **lança luz sobre a diversidade de formas pelas quais diferentes espécies interagem e se comunicam em seu ambiente natural**. ([29])

No site ***Época Negócios***, vinculado ao G1, em 26 de junho de 2026 o jornalista Felipe Medeiros publicou a reportagem “Cientista decifra linguagem de pássaros e fatura prêmio de US$100 mil (R$517 mil)”, com o seguinte chamada:

> Bióloga francesa identificou 11 chamados usados por mandarins e seus significados, além de comprovar que cada um sua uma ‘assinatura particular’ em seu canto; pesquisa é avanço na tentativa de estabelecer comunicação com animais.

Destacamos o seguinte trecho:

> A língua dos pássaros
>
> Para chegar a essa conclusão, a pesquisadora recorreu a aprendizado de máquina para analisar como as informações eram codificadas nos sons gravados ao

longo dos anos, e depois testou suas classificações diretamente com as aves.

"**As respostas delas indicam que elas têm uma representação mental do significado das próprias vocalizações**", disse a cientista. "**Em outras palavras, que elas entendem o significado dos tipos de chamado que emitem.**"

O presidente do júri do prêmio, o zoólogo Yossi Yovel, da Universidade de Tel Aviv, classificou a pesquisa como "um momento-chave para a área". Já o filósofo Jonathan Birch, da London School of Economics e também integrante do júri, chamou o trabalho de Elie de "absolutamente fenomenal".

Birch destacou que a cientista não se limitou a montar "um dicionário das 11 'palavras centrais' do vocabulário do mandarim", mas também testou suas hipóteses diretamente com as aves, por meio de "técnicas experimentais engenhosas". Para ele, o trabalho de Elie é "**um exemplo impressionante de como ir, com rigor, da gravação de milhares de chamados à compreensão de seus significados**". ([30])

No site ***AH Aventuras na História***, em 30 de junho de 2026, também foi publicado um artigo sobre Julie Elie, intitulado "Cientista ganha prêmio de

R$500 mil ao decifrar canto de ave africana”, assinado pelo jornalista Felipe Sales Gomes, do qual destacamos o seguinte trecho:

> Os sons da ave
>
> Segundo a reportagem [Revista Galileu], a pesquisa combinou anos de trabalho de campo com **ferramentas de análise computacional capazes de comparar milhares de registros sonoros.** A utilização dessas tecnologias permitiu identificar diferenças sutis nas vocalizações, revelando que elas carregam informações compreensíveis para outras aves da mesma espécie.
>
> **A descoberta foi considerada um passo importante para a biologia comportamental e para os estudos sobre comunicação animal**. Conforme destaca a Galileu, compreender como diferentes espécies trocam informações pode contribuir para responder questões mais amplas sobre a evolução da linguagem e da inteligência.
>
> […].
>
> O estudo reforça que, embora a comunicação humana seja extremamente complexa, **diversas espécies também utilizam sistemas sofisticados para transmitir informações essenciais à**

> **sobrevivência, demonstrando que a linguagem na natureza pode ser muito mais rica do que se imaginava**. ([31])

Os exemplos apresentados mostram que os animais dispões de diferentes recursos para transmitir e compreender informações entre si, incluindo, vocalizações e gestos. Acreditamos que maiores surpresas ainda serão reveladas à medida que as pesquisas avancem, contribuindo para uma compreensão cada vez mais ampla da comunicação animal.

Passemos à próxima questão de ***O Livro dos Espíritos***:

> 594-a. *Há animais que não têm voz. Estes não parecem destituídos de linguagem?*
>
> "**Eles se compreendem por outros meios**. Oh! Homens, para vos comunicardes reciprocamente, só dispondes da palavra? Que dizeis dos mudos? **Sendo dotados da vida de relação, os animais têm meios de se prevenirem e de exprimirem as sensações que experimentam**. Julgais que os peixes não se entendem entre si? O homem, pois, não goza do privilégio exclusivo da linguagem. Enquanto a dos

> animais é instintiva e limitada pelo círculo de suas necessidades e ideias, a linguagem do homem é perfectível e se presta a todas as concepções da sua inteligência.”
>
> De fato, os peixes que, como as andorinhas, emigram em massa, obedientes ao guia que os conduz, **devem ter meios de se comunicarem, de se entenderem e de entrarem em acordo**. É possível que disponham de uma vista mais penetrante, que lhes permita distinguir os sinais que façam entre si. Pode ser também que a água seja um veículo que lhes transmita certas vibrações. Seja como for, é incontestável que dispõem de meios para se entenderem, assim como todos os animais que, embora privados de voz, fazem trabalhos em comum. […]. ([32]) (itálico do original)

Mais uma vez, chama-nos a atenção a abertura de Allan Kardec diante de questões examinadas. Em vez de simplesmente estabelecer como se daria a comunicação entre os animais, ele admite diferentes possibilidades, algumas das quais poderiam ser esclarecidas pelo avanço dos conhecimentos. Essa postura revela uma disposição para não considerar encerrada uma questão apenas porque os conhecimentos disponíveis naquele momento ainda

não permitiam explicá-la plenamente.

É interessante observar que, diante da ausência de conhecimentos suficientes para explicar como se dava essa comunicação, Allan Kardec não negou o fenômeno; admitiu que os animais de deveriam dispor de meios para se entenderem e deixou em aberto a natureza desses meios. As pesquisas contemporâneas, com recursos que não estavam disponíveis em seu tempo, vêm justamente buscando identificá-los.

Apresentariam alguma faculdade mediúnica?

A princípio esse questionamento pode parecer muito estranho, mas é o que Allan Kardec, em ***O Livro dos Médiuns***, Segunda Parte, capítulo "XXII – Mediunidade nos animais", propõe esclarecer. Vejamos o que ele disse nestes dois itens:

> 234 **Os animais podem ser médiuns?** Muitas vezes tem sido formulada esta pergunta, e alguns fatos parecem respondê-la afirmativamente. O que, sobretudo, tem dado crédito à opinião dos que pensam assim são os notáveis sinais de inteligência de alguns pássaros que, educados, parecem adivinhar o pensamento do homem e tiram de um maço de cartas as que podem responder com exatidão a uma pergunta feita. **Observamos essas experiências com especial cuidado**, e o que mais admiramos foi a arte que houve de ser empregada para a instrução dos ditos pássaros.
>
> [...].
>
> A maioria das experiências que

> presenciamos são do mesmo tipo das que fazem os prestidigitadores e não podiam deixar-nos dúvida sobre o emprego de alguns dos meios de que eles se utilizam, notadamente o das cartas marcadas. [...].
>
> [...].
>
> 235. [...] **a imitação da mediunidade por meio de pássaros nada prova contra a possibilidade da existência, neles ou em outros animais, de uma faculdade semelhante.** Trata-se, pois, de saber se os animais são aptos, como os homens, a servir de intermediários aos Espíritos, para suas comunicações inteligentes. [...]. ([33])

Essa questão foi debatida na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, ocasião em que o Espírito Erasto transmitiu uma mensagem registrada no item 235 de ***O Livro dos Médiuns***. Destacaremos a seguir seus pontos mais relevantes:

> "Em primeiro lugar, precisamos nos entender bem acerca dos fatos. **O que é um médium? É o ser, o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, a fim de que estes possam comunicar-se facilmente com os homens: Espíritos encarnados**. Consequentemente, sem médium não há comunicações tangíveis,

mentais, escritas e físicas, seja qual for a natureza de cada uma delas.

"Há um princípio que todos os espíritas admitem: **o de que os semelhantes atuam com seus semelhantes e como seus semelhantes**. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não? Será preciso que repitamos isto incessantemente? Pois bem! Vou repetir mais uma vez: **o vosso perispírito e o nosso procedem do mesmo meio**, são de natureza idêntica, são semelhantes, em suma. **Possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida**, de magnetização mais ou menos vigorosa, **que permite que nos ponhamos, Espíritos desencarnados e encarnados, muito pronta e facilmente em comunicação uns com os outros**. Enfim, o que é peculiar aos médiuns, o que é da própria essência da individualidade deles, é uma afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão particular, que lhes suprimem toda refratariedade e estabelecem, entre eles e nós, uma espécie de corrente, uma espécie de fusão, que facilita as nossas comunicações. Aliás, é essa refratariedade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade, na maior parte dos que não são médiuns.

[...].

"**É certo que os Espíritos podem**

tornar-se visíveis e tangíveis para os animais. Muitas vezes, **o súbito terror** que deles se apodera, sem que percebais a causa, **é provocado pela visão de um ou de muitos Espíritos, mal-intencionados** com relação aos indivíduos presentes ou aos donos dos animais. Muito frequentemente vos deparais com cavalos que se negam a avançar ou a recuar, ou que se empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! **Tende como certo que o obstáculo imaginário é quase sempre um Espírito ou um grupo de Espíritos** que se comprazem em impedir que os animais avancem. [...] **Mas, repito, não mediunizamos diretamente nem os animais nem a matéria inerte**. Necessitamos sempre do concurso *consciente* ou *inconsciente* de um médium humano, porque precisamos da união de fluidos similares, o que não encontramos nem nos animais nem na matéria bruta. ([34]) (itálico do original)

Finalizando sua comunicação, conclui Erasto:

"Resumindo: os fatos mediúnicos não podem manifestar-se sem o concurso consciente ou inconsciente dos médiuns, e **é somente entre os encarnados, Espíritos como nós, que podemos encontrar os que nos possam servir de médiuns.**

> Quanto a adestrar cães, pássaros ou outros animais, para que façam tais ou tais exercícios, é problema vosso, e não nosso." ([35])

Conforme entendemos, não há possibilidade de os animais possuírem faculdade mediúnica, por ser uma aptidão exclusiva dos seres humanos.

Quando ocorre de animais percebem algum Espírito, isso não significa que possuam a faculdade de vidência, mas sim que se encontram diante de um fenômeno em que determinado Espírito se tornou visível. Portanto, não se trata de mediunidade de vidência, mas sim de uma faculdade anímica.

No capítulo seguinte, analisaremos casos em que certos animais demonstraram algum grau de percepção psíquica, que entendemos ser de cunho anímico.

Percepções sensitivas dos animais

Vejamos este caso bem singular, narrado no artigo “O Espírito e o cãozinho”, constante da ***Revista Espírita 1860***, mês de junho:

> **O Espírito e o cãozinho**
>
> (Sociedade, 4 de maio de 1860. Méd. Sr. Didier)
>
> O Sr. G. G..., de Marselha, nos transmite este fato:
>
> > “Um rapaz faleceu há oito meses e sua família, na qual há três irmãs médiuns, o evoca quase que diariamente, servindo-se de uma cesta. **Cada vez que o Espírito é chamado, um cãozinho, do qual ele gostava muito, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, soltando pequenos gemidos**. A primeira vez que isso aconteceu, a cesta escreveu: **‘Meu valente cachorrinho, que me reconhece.’**
> >
> > “Eu não vi o fato, mas as pessoas de quem o ouvi várias vezes o testemunharam, e são bons espíritas e muito sérias, de modo que não posso pôr em dúvida a sua veracidade. **Eu me perguntei se o perispírito conservaria suficientes partículas materiais para afetar o olfato do cão, ou**

se o cão era dotado da faculdade de ver os Espíritos. É um problema que me pareceria útil aprofundar, caso ainda não esteja resolvido.”

1. – Evocação de Sr..., morto há oito meses, do qual acabamos de falar. R. – Eis-me aqui.

2. – Confirmais o fato relativo ao **vosso cão, que vem cheirar a cesta que serve às vossas evocações e que parece reconhecer-vos? – R. Sim.**

3. – Poderíeis dizer a causa que atrai o cão para a cesta? R. – **A extrema finura dos sentidos pode levar a adivinhar a presença do Espírito e até a vê-lo**.

4. O cão vos vê ou vos sente? R. – **O olfato**, sobretudo, e o fluido magnético.”

Charlet

Observação: Charlet, o pintor, deu à Sociedade uma série de ditados muito notáveis sobre os animais, e que publicaremos proximamente. Foi certamente a esse título que interferiu espontaneamente na presente evocação.

5. – Desde que Charlet quer mesmo intervir na questão que nos ocupa, nós lhe pedimos que dê algumas explicações a esse respeito. R. – De boa vontade. **O fato é perfeitamente verossímil; e, consequentemente, natural.** Falo em geral, pois não conheço aquele de que se

trata. **O cão é dotado de uma organização muito particular. Ele compreende o homem, basta isso.** Sente-o, segue-o em todas as suas ações com a curiosidade de uma criança; ama-o, e chega mesmo ao ponto de – e disto têm-se exemplos para confirmar o que adianto – ao ponto, dizia eu, de a ele se dedicar. O cão deve ser – não tenho certeza, entendei bem – mas o cão deve ser um desses animais vindos de um mundo já adiantado para sustentar o homem em seu sofrimento, servi-lo, guardá-lo. […].

Charlet

No dia seguinte, a senhora Lese…, médium, membro da Sociedade, obteve em particular a seguinte explicação sobre o mesmo assunto:

> **O fato citado na Sociedade é verdadeiro, embora o perispírito destacado do corpo não tenha nenhuma de suas emanações**. O cão farejava a presença de seu dono; quando digo ***farejava*****, entendo que seus órgãos percebiam sem que os olhos vissem, sem que seu nariz sentisse**; mas todo o seu ser estava advertido da presença do dono, e essa advertência lhe era dada principalmente pela vontade que se desprendia do Espírito dos que evocaram o morto. **A vontade humana atinge e adverte o instinto dos animais, sobretudo o dos cães, antes que algum sinal exterior o revele**. Por suas fibras nervosas o cão é posto em relação direta

> conosco, Espíritos, quase tanto quanto com os homens: **percebe as aparições**; dá-se conta da diferença existente entre elas e as coisas reais terrenas, e lhes tem muito medo. O cão uiva à lua, conforme a expressão vulgar; uiva também quando sente vir a morte. Em ambos os casos, e ainda em outros, o cão é intuitivo. Acrescentarei que seu órgão visual é menos desenvolvido que as suas sensações; ele vê menos do que sente; o fluido elétrico o penetra quase que habitualmente. **O fato que me serviu de ponto de partida nada tem de admirável**, porque, no momento do desprendimento da vontade que chamava o seu dono, **o cão sentia a sua presença quase tão depressa quanto o próprio Espírito escutava e respondia ao chamado que lhe era feito**."
>
> Georges (Espírito familiar) ([36])

Seja lá por qual motivo for, a verdade é que o cão percebeu a presença do Espírito do jovem, seu antigo dono, que estava se comunicando por meio da cesta ([37]), fato esse que, ainda que contrarie a perspectiva de muita gente, não há como negar.

Na *Revista Espírita 1861*, mês de agosto, foi publicada a mensagem de Erasto intitulada "Os animais médiuns", na qual ele esclarece que a mediunidade é uma faculdade humana, razão pela

qual os animais não a possuem. Portanto, não há que se falar em "*animais médiuns*".

É oportuno informar que essa mensagem de Erasto foi inserida em *O Livro dos Médiuns*, Segunda Parte, capítulo "XXII – Mediunidade nos animais", item 236 ([38]), conforme vimos.

Em ***Psicologia e Mediunidade*** (2002), no capítulo "Mediunidade nos Animais", temos estas oportunas considerações de Adenáuer Novaes:

> **As percepções aparentemente extrassensoriais verificáveis em certos animais não se tratam de mediunidade** ou de seus rudimentos. **São capacidades relativas aos órgãos dos sentidos físicos** que lhes permitem sentir e perceber além do humano, porém **sem que essa qualidade deva ser considerada mediunidade**. Esta é **exclusiva do humano** por conceito e por uma questão de aquisição evolutiva.
>
> **No animal não há mediunidade, mas uma superexcitação da senso-percepção por conta de órgãos mais sensíveis que no humano**. Não podem servir de intermediários dos espíritos desencarnados. **Quando ocorre a algum deles "perceber" presenças espirituais**

> **e se alterar por isso, deve-se à absorção de fluidos materializados emitidos pelas entidades**. A sensibilidade que promove certas manifestações em alguns animais como se tratasse de uma percepção mediúnica, a exemplo do "incômodo" de alguma "presença" espiritual, não se caracteriza como mediunidade, mas como uma captação de emissões fluídicas (materiais) de espíritos, as quais os órgãos sensoriais humanos não alcançam.
>
> **Não haveria objetivo para a mediunidade nos animais.** De nada lhes serviria, pois **a comunicação mediúnica visa o aprimoramento psicológico e a maturidade espiritual do indivíduo**. No animal, o princípio espiritual está em vias de individualização, por tanto seu psiquismo ainda é mais coletivo do que individual. **Não há maturação psicológica para uma comunicação no nível espiritual.** ([39])

Julgamos que Adenáuer Novaes foi bem cirúrgico em sua explanação. É exatamente como conseguimos entender a questão.

Na ***Revista Espírita 1865***, mês de janeiro, lemos o seguinte trecho do artigo intitulado "O Perispírito descrito em 1805" ([40]):

Sob o título de: “**Aparição real de minha mulher depois de sua morte**, – Chemnitz, 1804,” – **o doutor Woetzel publicou um livro** que causou uma enorme sensação nos primeiros anos deste século. O autor foi atacado em vários escritos; o Wieland sobretudo o põe em ridículo na Euthanasia. **Durante uma enfermidade de sua mulher, Woetzel havia pedido a esta última para se apresentar a ele depois de sua morte**. Ela lhe fez a promessa, mas, mais tarde, a seu pedido, seu marido a liberou. No entanto, **algumas semanas depois de sua morte, um vento violento pareceu soprar no quarto, embora fechado; a luz ficou quase extinta; uma pequena janela na alcova se abriu, e, na fraca claridade que reinava, Woetzel viu a forma de sua mulher** que lhe disse com voz doce: “Charles, eu sou imortal; um dia nos reveremos.” A aparição e essas palavras consoladoras se renovaram mais tarde **uma segunda vez. A mulher se mostra** em túnica branca sob o aspecto que ela tinha antes de morrer. **Um cão que não tinha se agitado na primeira aparição se pôs a tremelicar e a descrever um círculo como ao redor de uma pessoa conhecida**.

[…].

Quanto ao que concerne ao cão, isso nada tem de surpreendente; vários

> **fatos parecem provar que certos animais sentem a presença dos Espíritos.** Na *Revista Espírita*, de junho de 1860, página 171 [“O Espírito e o cãozinho”, mencionado logo acima], citamos um exemplo deles que tem uma notável analogia com o de Woetzel. Não está mesmo positivamente provado que não possam vê-los. **Não haveria nada de impossível a que, em certas circunstâncias, por exemplo, os cavalos que se amedrontam e se recusam obstinadamente a avançar sem motivo conhecido, sofressem o efeito de uma influência oculta**. ([41])

Entendemos que a reação do cão que *“se pôs a tremelicar e a descrever um círculo como ao redor de uma pessoa conhecida”* pode ser considerada como prova incontestável de que ele sentiu, de fato, a presença espiritual da mulher.

Na ***Revista Espírita 1865***, mês de setembro, temos o tópico “Alucinação nos animais”, que transcrevemos:

> NOS SINTOMAS DA RAIVA
>
> Um de nossos colegas transmitiu à Sociedade o relato seguinte de um relatório

lido na Academia de medicina pelo doutor H. Bouley, sobre os sintomas da raiva no cão.

“No período inicial da raiva, e, quando a doença está completamente declarada, nas intermitências dos acessos, **há no cão uma espécie de delírio que se pode chamar o delírio rábico**, do qual Youatt falou pela primeira vez e que descreveu perfeitamente.

“**Esse delírio se caracteriza por movimentos estranhos que denotam que o animal doente vê objetos e ouve ruídos que não existem senão naquilo que se tem muito o direito de se chamar sua imaginação**. Logo, com efeito, o animal se mantém imóvel, atento, como à espreita; depois, de repente, se lança e morde no ar, como faz, no estado de saúde, o gato que quer apanhar uma mosca no voo. Outras vezes, ele se lança furioso e uivador, contra uma parede, como se tivesse ouvido, do outro lado, ruídos ameaçadores.

“**Raciocinando por analogia, se está muito autorizado a admitir que estão aí os sinais de verdadeiras alucinações**. No entanto, aqueles que não estão prevenidos não poderiam ligar importância a esses sintomas, que são muito fugazes, e basta, para que desapareçam, que a voz do dono se faça ouvir. Então vem o momento de repouso; os olhos se fecham lentamente, a cabeça pende, os membros da frente parecem se ocultar sob o corpo, e o animal

está prestes a cair. Mas de repente ele se endireita, novos fantasmas vêm assediá-lo; ele olha a seu redor com uma expressão selvagem, abocanha, como para agarrar um objeto ao alcance de seus dentes, e se lança na extremidade de sua corrente, ao encontro de um inimigo que não existe senão em sua imaginação.”

Esse fenômeno, minuciosamente observado, como se vê, por um autor lembrado, **parece denotar que nesse momento o cão é atormentado pela visão de alguma coisa invisível para nós**. É uma visão real ou uma criação fantástica de sua imaginação, de outro modo dito, uma alucinação? **Se é uma alucinação, isso seguramente não é pelos olhos do corpo que vê, uma vez que não são objetos reais; se são seres fluídicos ou Espíritos, como não fazem, não mais, nenhuma impressão sobre os sentidos da visão, é, pois, por uma espécie de visão espiritual que os percebe.** Num e noutro caso, **gozaria de uma faculdade, até um certo ponto análoga àquela que o homem possui**. A ciência ainda não se arriscou a dar uma imaginação aos animais; ora, da imaginação a um princípio independente da matéria, a distância não é grande, a menos que se admita que a matéria bruta: a madeira ([42]), a pedra, etc., possa ter imaginação.

[…].

[...] Desde que se admita uma imaginação no cão, poder-se-ia dizer que a doença da raiva o superexcita ao ponto de produzir nele alucinações. Mas **numerosos exemplos tendem a provar que o fenômeno das visões ocorre em certos animais, no estado o mais normal, no cão e no cavalo sobretudo;** pelo menos esses são aqueles sobre os quais estiveram mais no estado de observá-lo. Raciocinando por analogia, pode-se supor que o é assim com o elefante e os animais que, por sua inteligência, mais se aproximam do homem. **É certo que o cão sonha; vê-se-o, por vezes, durante seu sono, fazer movimentos que simulam a corrida; gemer, ou manifestar contentamento.** Seu pensamento, pois, está agindo, livre e independente do instinto propriamente dito. Que faz, que vê, em que pensa em seus sonhos? É o que, infelizmente, não pode nos dizer, mas o fato lá está.

[...].

O extrato acima do relatório do Sr. Bouley tendo sido lido na Sociedade de Paris, um Espírito deu a esse respeito a comunicação seguinte.

(Sociedade Espírita de Paris, 30 de junho de 1865. - Médium, Sr. Desliens.)

Existe a visão no cão e em alguns outros animais, nos quais os fenômenos semelhantes àqueles descritos pelo Sr.

Bouley se produzem? A questão para mim, não tem sombra de dúvida. **Sim, o cão, o cavalo veem ou sentem os Espíritos**. Nunca fostes testemunhas da repugnância que manifestam às vezes esses animais ao passarem num lugar onde um corpo humano tinha sido enterrado com o seu desconhecimento. Sem dúvida, direis que seus sentidos podem estar despertos para o odor particular dos corpos em putrefação; então, por que passa ele indiferente ao lado do cadáver enterrado de um outro animal? Por que, diz-se, que o cão sente a morte? Jamais ouvistes os cães uivarem sob as janelas de uma pessoa agonizante, então que essa pessoa lhe era desconhecida? Não vistes também, fora da superexcitação da raiva, diversos animais recusarem obedecer à voz de seu dono, recuarem com medo diante de um obstáculo invisível que parece lhes barrar a passagem, e enfurecer-se; depois passarem em seguida tranquilamente no próprio lugar que lhes inspirava um tão grande terror, como se o obstáculo tivesse desaparecido? Viram-se animais salvarem seus donos de um perigo iminente, recusando percorrer o caminho onde aqueles teriam podido sucumbir. **Os fatos de visões entre os animais se encontram na Antiguidade e na Idade Média, tanto quanto em nossos dias**.

Os animais veem, pois, certamente, os Espíritos. Dizer, aliás, que têm uma imaginação, não é lhes conceder um ponto

de semelhança com o espírito humano, e **o instinto não é neles a inteligência rudimentar, apropriada às suas necessidades**, antes que tenha passado pelos cadinhos modificadores que devem transformá-la e dar-lhe novas faculdades? [...].

O instinto, que está em toda sua força no animal, se perpetuando no homem onde se perde pouco a pouco, **é certamente um traço de união entre as duas espécies**. A sutileza dos sentidos no animal, como no selvagem e no homem primitivo, supre nuns e noutros a ausência ou a insuficiência do senso moral, é um outro ponto de contato. Enfim, **a visão espiritual que lhes é muito evidentemente comum, embora em graus muito diferentes**, vem também diminuir a distância que parece colocar entre eles uma barreira intransponível. **Disto não concluais, no entanto, nada ainda de maneira absoluta, mas observai atentamente os fatos, porque só dessa observação sairá um dia para vós a verdade**.

MOKI. ([43])

Imediatamente após essa comunicação, Allan Kardec inseriu a seguinte nota:

Este conselho é muito sábio, porque, **não**

> **é evidentemente senão sobre os fatos que se pode assentar uma teoria sólida**, fora disto não há senão opiniões ou sistemas. **Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados**. Foi este princípio que serviu de base à **Doutrina Espírita,** e é o que nos leva a dizer que **é uma ciência de observação**. ([44])

O Codificador, a nosso ver, está coberto de razão ao dizer que *"não é evidentemente senão sobre os fatos que se pode assentar uma teoria sólida"* e que *"os fatos são argumentos sem réplicas"*, assim podemos concluir que *"os animais veem, pois, certamente, os Espíritos"*.

Mas o curioso é que apesar dos fatos confirmarem aparições e até mesmo materializações de animais, muitos confrades não as aceitam, alegando que tudo isso não passa de "*criação fluídica*", ou seja, uma ideoplastia.

Mais à frente falaremos um pouco mais sobre as "*criações fluídicas*", às vezes citadas por alguns confrades para negar algo que, mergulhados em preconceitos, não concordam.

Na ***Revista Espírita 1868***, mês outubro, lemos este artigo:

UM CASTELO ASSOMBRADO

A narração do fato adiante nos foi remetida por um de nossos correspondentes de São Petersburgo.

Um velho general húngaro, muito conhecido por sua bravura, recebe uma grande herança, pede a sua demissão e escreve ao seu administrador que lhe quer comprar uma propriedade que estava à venda e que para ele escolheu.

O intendente responde imediatamente em aconselhando ao general de **não comprar a dita propriedade**, tendo em vista que ela **era assombrada pelos Espíritos**.

O velho corajoso insiste, dizendo que é uma razão a mais para lhe fazer essa compra, e lhe impõe de terminar no mesmo instante.

A propriedade é, pois, comprada, e o novo senhorio se põe a caminho para ir lá se instalar. Ele chega às onze horas da noite na casa de seu intendente, não longe do castelo onde ele quer ir imediatamente. – Por favor, disse-lhe seu velho servidor, esperai amanhã e fazei-me a honra de passar a noite em minha casa. – Não, disse-

lhe seu senhor, quero passá-la em meu castelo. O intendente é, pois, obrigado a acompanhá-lo com vários camponeses levando tochas; mas eles não querem ali entrar e se retiram, **deixando só o novo proprietário**.

Este tinha com ele um velho soldado que jamais o tinha deixado, e **um enorme cão** que teria estrangulado um homem com um só golpe.

O velho general se instalou na biblioteca do castelo, acendeu as velas, colocou um par de pistolas sobre a mesa, pegou um livro e **se estendeu sobre um sofá esperando os fantasmas**, porque ele estava seguro de que, se deles os houvesse no castelo, esses não seriam os mortos, mas bem os vivos; foi também por isto que ele tinha armado as pistolas e que **tinha feito seu cão deitar sob o sofá**; quanto ao velho soldado, ele já roncava num quarto vizinho à biblioteca.

Pouco tempo se escoou; **o general crê ouvir barulho no salão, escuta atentamente, e o barulho redobra**. Seguro de seu acontecimento, ele toma em uma mão uma vela, na outra uma pistola, e entra no salão onde não vê ninguém; procura por toda a parte, levanta mesmo as cortinas: **não há nada, absolutamente nada**. Ele retorna, pois, à biblioteca, retoma seu livro, e apenas dele leu algumas linhas quando **o barulho se faz ouvir com muito mais força do que na primeira vez**. Ele

> retoma uma vela e uma pistola, **entra de novo no salão e vê que se abriu a gaveta de uma cômoda**. **Convencido**, desta vez, de que havia negócio **de ladrões**, e não vendo ninguém, **chama seu cão e lhe diz: Procura! O cão se põe a tremer em todos seus membros e retorna a se esconder sob o canapé.** O próprio general começa a tremer, entra na biblioteca, se deita sobre o sofá, mas não pôde fechar o olho a noite toda. Em nos contando este fato, o general nos disse: "Não tive medo senão duas vezes, há dezoito anos, quando no campo de batalha, uma bomba estourou a meus pés; a segunda vez, quando vi o medo se apoderar de meu cão."
>
> Abster-nos-emos de qualquer comentário sobre **o fato muito autêntico** reportado acima, e nos contentaremos em perguntar, aos adversários do Espiritismo, **como o sistema nervoso do cão foi abalado**.
>
> [...].
>
> CH. PÉREYRA ([45])

O comportamento do cão que *"se põe a tremer em todos seus membros e retorna a se esconder sob o canapé"* nos induz a concluir que, no presente caso, o Espírito manifestante, visto pelo cão, não era nada amigável ou, quiçá, teria uma horripilante

aparência.

Da obra ***Região em Litígio Entre Este Mundo e o Outro*** (1877), de Robert Dale Owen (1801-1877) – reformador social norte-americano de origem escocesa e considerado um dos precursores do Espiritismo. Transcrevemos a seguinte narrativa:

> O CÃO NA FLORESTA DE WOLFRIDGE
>
> F. M. S. passava pela floresta de Wolfridge certa vez, à meia-noite, acompanhado somente do seu **cão, mestiço de terra-nova e mastim**, animal valente, que não temia homens nem feras. F... levava consigo uma arma de caça e um par de pistolas carregadas, além da sua espada, pois, pertencia à Escola Militar, da qual obtivera naquele dia uma licença para ir à caça.
>
> O caminho internava-se pela mata e próximo ao centro desta, em local mais limpo que o resto, se encontrava uma cruz indicando o ponto onde um couteiro caíra assassinado. **O lugar passava por mal-assombrado**, afirmando alguns já terem visto o Espírito. Frequentemente, F. havia passado antes por essa cruz do bosque, sem observar coisa alguma, e **ligava a essa história de aparição de Espíritos tão pouca importância**, que, por mais de uma vez, em aposta, tinha à meia-noite ido até o

local sem nada ver, a não ser uma vez, um couteiro ou ladrão de caça.

Na noite a que nos referimos, quando ele se aproximava do espaço limpo, **julgou descobrir do lado oposto à figura de um homem,** um tanto menos distinta que o natural.

Chamou o cão que ia à frente ladrando e perseguindo a caça que encontrava, bateu-lhe de leve na cabeça para chamar-lhe a atenção, e preparou a espingarda. O cão mostrava-se impaciente. **F. intimou a figura, mas não obteve resposta alguma**. Suspeitando fosse um ladrão e preparado para repelir um ataque, **indicou a figura ao cão e o animal lhe respondeu rosnando.** Enquanto fixava a figura, veio ela deslizando, colocar-se a uma braça de distância, nele fixando também os olhos. A aproximação se deu sem ruído nem sussurro. O rosto da aparição era mal definido, mas distintamente visível. F. Não podia desviar os olhos dos do fantasma, que pareciam fasciná-lo, aponto de prendê-lo ali. Ele não teve medo de uma ofensa corporal, mas, somente indefinível sentimento de pavor. Seus olhos estavam tão fascinados pelos da figura, que nem pôde prestar atenção às roupas e à forma de seu corpo. Ela olhou-o calmamente, com ar benévolo, por tempo que não excedeu de meio minuto, e **repentinamente tornou-se invisível**. A forma tinha-se conservado em

sua presença por espaço de cinco minutos.

O cão, que antes se mostrava furioso e rosnando, estava agora deitado a seus pés, como se estivesse em transe, com a mandíbula caída, os membros trêmulos, todo o corpo agitado e coberto de frio suor. Depois que a forma desapareceu, F. tocou no animal e falou-lhe, sem que ele parecesse reconhecê-lo, até que, **depois de algum tempo, foi recuperando os sentidos.** Por todo o caminho, na volta, o cão andou muito apegado ao dono, sem se importar com a caça que encontrava.

Foi somente quinze dias depois que ele voltou a si do susto, mas nunca mais recuperou a primitiva vivacidade. **Nada pôde, daí em diante, induzi-lo a entrar na mata de noite, nem a consentir que alguém o fizesse.** Se, durante o dia era obrigado a transpor a clareira, só o fazia com o dono, não se afastando do seu lado, **dando sinais de medo e tremendo durante o trajeto**. F. frequentemente passou por aquele lugar à meia-noite, mas nunca mais viu o fantasma. Antes do ocorrido, ele tratava como ridículas todas essas histórias de fantasmas e Espíritos; depois, entretanto, ficou crendo. O crítico não hesita em exprimir a opinião de ter sido a aparição testemunhada por S. o resultado de uma ação sobrenatural ([46]). **Esse fato publicado num jornal de medicina e de**

> **reputação antiga e firmada**, três anos antes da palavra Espiritismo ser pronunciada, tem uma importância capital. ([47])

A reação do cachorro e o fato de posteriormente não querer mais passar pela floresta no local onde se manifestou o fantasma, são provas inconteste de que ele, sem dúvida, o viu.

Gabriel Delanne (1857-1926), em ***A Alma é Imortal*** (1897), apresenta no capítulo "V – O corpo Fluídico Depois da Morte", o tópico intitulado "Impressões produzidas pelas aparições sobre os animais", do qual transcrevemos a seguinte ocorrência:

> No que escreveu sobre **a vidente de Prevorst**, Justinus Kerner alude a uma aparição que ela teve durante um ano inteiro. **De cada vez que o Espírito lhe aparecia, um galgo negro** ([48]), **que havia na casa, como que lhe sentia a presença**. Logo que a aparição se tornava perceptível à vidente, **o cão corria para junto de alguém, como a pedir proteção, muitas vezes uivando forte**. Desde o dia em que viu o vulto, nunca mais quis ficar só durante a noite.

No terrível episódio de casa mal-assombrada, que a Sra. S. C. Hall narrou a Robert Dale Owen, ([49]) se vê que **foi impossível fazer-se que um cão permanecesse, nem de dia, nem de noite, no aposento onde as manifestações se produziam**. Pouco tempo depois destas começarem, **ele fugiu e não mais o encontraram**.

John Wesley, fundador da seita que lhe tomou o nome, deu publicidade aos ruídos que se ouviam no curato de Epworth. Depois de descrever esses **sons estranhos, semelhantes aos que produziriam objetos de ferro ou de vidro caindo ao chão**, acrescenta ele:

> "Pouco mais tarde, **o nosso grande mastim** ([50]) **correu a refugiar-se entre minha mulher e eu. Enquanto duraram os ruídos, ele ladrava e pulava de um lado para outro, abocanhando o ar** e isso, as mais das vezes, antes que alguém, no aposento, houvesse escutado coisa alguma. **Ao cabo de três dias, tremia e se esgueirava rastejando, antes que começassem os ruídos**. Era, para a família, o sinal de que estes iam principiar, sinal que nunca falhou."

Fazemos a respeito algumas observações, tomando-as ao ilustre naturalista Sir Alfred Russel Wallace. ([51])

É sem dúvida notável e digna de atenção essa série de casos em que se

> **puderam observar as impressões que os fantasmas produzem nos animais**. Fatos tais certamente **não se dariam, se fossem verdadeiras as teorias da alucinação e da telepatia**. Eles, no entanto, merecem fé, porque quase sempre entram nas narrativas como episódios inesperados. Além disso, são anotados a fim de que não passem despercebidos, o que prova que os observadores conservavam o seu sangue-frio.
>
> Mostram, irrefutavelmente, que grande número de fantasmas, percebidos pela visão ou pela audição, ainda quando seja uma única a pessoa que os perceba, constituem realidades objetivas. **O terror que manifestam os animais que os percebem e a atitude que assumem, tão diferente da que guardam em presença dos fenômenos naturais**, estabelecem, de modo não menos claro, que, embora objetivos, não são normais os fenômenos e não podem ser explicados por qualquer embuste, ou por eventualidades naturais mal interpretadas. ([52])

Gabriel Delanne, como todos sabemos, foi um dos pesquisadores clássicos do Espiritismo, ele também relata nas obras *A Alma é Imortal* e *A Reencarnação* vários casos em que animais sentiram a presença de Espíritos.

Em ***Gênese da Alma*** (1924), Cairbar Schutel (1868-1938) registra o caso de um gato que obedece e reconhece um Espírito que se manifestava. Eis a narrativa do episódio:

> Vamos transcrever *ipsis verbis*, o relato da sessão, publicado resumidamente pela *Revue Spirite*, de Paris.
>
> "Frequentemente os Espíritos, voltando em sessão, aos meios onde viveram, manifestam interesse por minudências fúteis, em aparências, e que se poderia crer longe de seus pensamentos. É assim que **em Manchester se manifestou, em casa da médium Miss Morse**, uma entidade, morto na Guerra do Transval. **Em vida este soldado estimava muito um gato russo de propriedade da dona da casa**.
>
> **O gato nunca fora à sala durante as sessões**, mas, quando se manifestou a entidade, as primeiras palavras desta foram que permitissem a presença de *Tony*; e acrescentou **que iria procurar o gato**.
>
> De repente a mesma entidade disse: Encontrei-o, aí vem ele!
>
> **Nesse momento o gato arranhou a porta**. Permitido o ingresso do gato, **este saltou sobre os joelhos da médium,** onde ficou até que o Espírito do soldado prevenisse o encerramento da sessão. Ditas

> as últimas palavras, *Tony* saltou ao chão e manifestou a intenção de tornar a seu ninho, no quarto onde o amigo o fora despertar". ([53])

É uma ocorrência curiosa, mas o fato é que tudo nos leva a não duvidar de que o gato reconheceu o Espírito que, quando vivo, muito lhe estimava.

Carlos Bernardo Loureiro (1942-2006), pesquisador espírita, no tópico "O homem, a aparição e o cachorro" do capítulo "6 – Ensaio sobre as aparições e as visões" da obra ***Dos Raps à Comunicação Instrumental*** (1993), registra o seguinte caso:

> Há um caso de assombração dos mais notáveis e surpreendentes, publicado por vários órgãos da imprensa internacional bem como pela "*Revista Internacional de Espiritismo*" e "*Estudos Psíquicos*", de Lisboa, **de novembro de 1944**:
>
> > Henri Frichet, proprietário em Lisieux, França, perdera a esposa, e dois anos depois pedira em casamento Georgette Passarieux, filha de um tabelião. Certa noite, ouviu ruídos estranhos; sentiu o perfume usado pela falecida e o peso, na fronte, de mão gelada.

Logo após deu com a ex-esposa diante de si, e ela lhe perguntou: – “por que me deixaste de amar? Por que me queres esquecer?”

O atônito viúvo, que nada sabia de Espiritismo, procurou um médico; este lhe falou nas alucinações, deu-lhe conselhos e reforçou o tratamento sugestivo com alguns medicamentos, dos que não falham.

Mas, os medicamentos falharam, visto que Frichet viu de novo o fantasma. **Ele foi igualmente visto por um cãozinho, de nome Floc, que começou a saltar de alegria diante da aparição**.

O fantasma, dirigindo-se ao viúvo disse: – “Não me tornarás mais a ver; antes, porém, quero restituir-te este símbolo de felicidade, agora destituído de valor”. E lançou ao chão uma aliança. **Floc precipitou-se para o anel e levou-o à dona. Esta, porém, já não estava mais ali**. Frichet, quando voltou a si do espanto, chamou o cãozinho, viu-lhe o anel nos dentes e com grande dificuldade o arrancou. Reconheceu, então, o anel de noivado que dera à esposa e no qual se achavam marcados os dentes incisivos do animal.

O anel foi reconhecido por outras pessoas. Dirigiu-se ele depois às autoridades, contou o fato e **mostrou o anel com as marcas produzidas pelos dentes do Floc**. Pediu e obteve licença para abrir a sepultura. Mais tarde foi à casa do notário, relatou o acontecimento e desfez o noivado. Nessa mesma noite o fantasma volta ainda a sua presença, beija-lhe a fronte e despede-se, dizendo-lhe: “Espero-te, agora, na

Eternidade”...

Quando, ao dia seguinte, Frichet foi ver o anel, já não o achou mais.

Procedeu-se à abertura do ataúde, presentes várias pessoas entre as quais o juiz, o Oficial de Saúde, o comandante de polícia, o Dr. Silvain, o joalheiro Cagnard, que vendera a aliança, o notário Passarieux. Todos tiveram um estremecimento de assombro, quando **viram a aliança nos restos de dedo da morta, e nela impressos os sinais dos dentes de Floc...**

Este caso é, provavelmente, um dos mais eloquentes testemunhos de sobrevivência da alma. O Espírito, movido pelo ciúme, retorna, torna-se visível e tangível e rompe, em processo de voz direita, os laços matrimoniais que julgava ainda existentes com o seu ex-marido, Henri Frichet. E **não se poderá dizer que a aparição fora decorrente de um estado de alucinação, porque o cãozinho Floc identificou perfeitamente a sua presença**. Além disso, o fantasma provocou o fenômeno de aporte e transporte, com notável eficiência, fazendo sair e voltar a aliança para dentro do ataúde, que estava encerrado em um mausoléu. Como explicar este caso como produto misterioso do subconsciente? Observando-se os seus detalhes, ficam os especialistas em dificílima situação, a não ser que, mesmo diante de tantas e inequívocas provas, teimem em negar a sobrevivência da alma,

apenas por espírito de sistema... ([54])

Além da comprovação de que o cãozinho Floc viu a senhora, por perícia foi constatado a marca de seus dentes no anel que o Espírito manifestantes possuía quando vivo, e que na sua manifestação o devolveu ao viúvo. É bem interessante, no presente caso, é que, na ocasião, também ocorrera o fenômeno de aporte e de transporte, conforme pontuado por Carlos Bernardo Loureiro.

O pesquisador espírita Ernesto Bozzano (1862-1943), foi professor de filosofia da ciência na Universidade de Turim. Em sua obra ***Os Animais Têm Alma?*** (1950), além de 130 casos que corroboram faculdades sensitivas dos animais, ele cita dez casos de materializações de animais.

Resolvemos elaborar o seguinte quadro resumo a fim de proporcionar uma visão geral dos casos:

ERNESTO BOZZANO: Cento e trinta casos de manifestações de assombração, aparições e fenômenos supranormais com animais		
Tipo	**Discriminação**	**Quant.**
01	Alucinações Telepáticas nas quais um animal desempenha o papel de agente (p. 13-40)	23
02	Alucinações telepáticas nas quais um animal é o percipiente (p. 41-44)	03
03	Alucinações telepáticas percebidas coletivamente pelo animal e pelo homem (p. 45-56)	21
04	Visões de espíritos humanos tidas fora de qualquer coincidência telepática e percebidas coletivamente por homens e animais (p. 57-75)	20
05	Animais e premonições de morte (p. 77-87)	09
06	Animais e fenômenos de assombração 1º grupo: Manifestação de assombração percebidas por animais (p. 89-100) 2º grupo: Aparição de animais em lugares assombrados (p. 100-113)	 13 27
08	Visão e identificação de fantasmas de animais mortos (p. 125-146)	14
	Sub-total	130
07	Materializações de animais (p. 115-124) (*)	10
	Total	140
(*) As ocorrências listadas de Materializações de animais não foram incluídas na sequência da numeração dos casos citados na obra.		
BOZZANO, Ernesto. *Os Animais Têm Alma?* Niterói (RJ): Lachâtre, 2004.		

Ao detalhar, nesse quadro, os casos que Ernesto Bozzano relatou, o nosso objetivo foi produzir algo visual para, facilmente, se ter como mensurar o conjunto de provas que ele apresenta.

Fora os dez casos de materializações, esse livro de Ernesto Bozzano contém 130 casos; 89

deles, a nosso ver, não deixam margens a dúvidas quanto ao fato de que os animais têm alguma capacidade de percepção "*extrassensorial*" ou "*psíquica*", como se queira denominá-la.

Nele também temos 51 exemplos relativos a manifestações de espíritos de animais (Tipo 06, 2º grupo e Tipo 08), até mesmo de materializações (Tipo 07). Como visto, os 10 casos do Tipo 07, não constam do total de 130.

Manifestações de animais vivos

Trataremos aqui somente dos casos de aparições, ou seja, de manifestações de animais vivos, deixando para o próximo capítulo aqueles em que ocorreram transmissões telepáticas.

Este primeiro caso é antigo e também está registrado na obra ***A Vidente de Prevorst*** (1829) ([55]). Nela o autor Justinus Kerner (1786-1862) relata suas pesquisas com a médium Frederica Hauffe (1801-1829), durante três anos, de 25 de novembro de 1826 a 2 de maio de 1829. Da 2ª parte, "Fatos sobrevindos em Weinsberg", Sexto Caso, transcrevemos:

> Hahn e Kern pegaram uma cama e a levaram para o quarto oposto e, assim que partiram, uma vasilha destinada à água ferruginosa caiu ao pé de duas pessoas que lá ficaram, e um candelabro de cobre foi atirado ao chão. No aposento oposto, a noite passou-se tranquila, embora houvesse os ruídos do quarto abandonado. A partir deste momento cessaram os fenômenos e só se

viu de apreciável o incidente seguinte:

Algumas semanas depois de sua volta, Hahn, entrando em casa, atravessou a ponte que conduzia ao castelo e **ouviu passos de um cão atrás de si**. Olhou para todos os lados, chamou pelo nome **um cão de caça muito ligado a ele**, pensando que o seguia, mas, **embora se ouvissem sempre os passos, nada pode ver, e concluiu ser uma ilusão**. Entretanto, apenas pusera o pé no quarto, **Kern tomou-lhe apressadamente a porta da mão e chamou o cão por seu nome, dizendo que o tinha visto, mas que desaparecera. Hahn perguntou se tinha realmente visto o cão.**

– **Por certo que o vi – disse Kern – ele vinha atrás de ti e passou metade do corpo pela porta**, o que me levou a retirá-la de tua mão, com medo de que, não o vendo, o apertasses ao fechá-la. **Era um cão branco e tomei-o por Flora**.

Procurou-se logo o cão e foram encontrá-lo na cavalariça onde ficava preso o dia todo. É isto espantoso, mesmo supondo-se que Hahn se tivesse enganado, acreditando ter-lhe ouvido os passos; que Kern pensasse ter visto atrás dele um cão branco, antes que o amigo lhe dissesse qualquer palavra, tanto mais que **não havia na vizinhança outro animal desta espécie**. Há mais: ainda não estava escuro e Kern tinha excelente vista. ([56])

Estaríamos diante da materialização do espírito de um animal vivo? A não ser que tenhamos o relato como falso ou que os dois amigos de infância – Hahn e Kern – se enganaram quanto ao fato de terem visto o cão, apesar de escutarem seus passos, mas tudo aponta para essa possibilidade.

De ***A Reencarnação*** (1924), transcrevemos esta narrativa de Gabriel Delanne:

> Eis [um dos] dois outros casos que apresentei na minha memória ao Congresso de Londres de 1898; **colho-os em Dassier.** ([57]) O texto não me permite saber se estamos em presença de manifestações de animais póstumos ou vivos, mas parece, se são exatas as descrições, que **num ou noutro caso a materialização é certa**.
>
> > "L. Dassier reporta-se ao testemunho de um cultivador que, entrando em casa, em hora avançada da noite, **viu um burro que passeava em um campo de aveia**. Quis pôr o campo a abrigo de hóspede tão incômodo. **O burro deixou que se aproximassem dele**, e o cultivador o retirou do campo, sem resistência. **Chegou, assim, até à porta da estrebaria, mas, quando se dispunha a abri-la, a besta desapareceu-lhe das mãos, como uma sombra que se esvai**. Fartou-se ele de olhar em torno, mas não viu mais nada.

> Tomado de terror, entrou precipitadamente em casa, e acordou o irmão para lhe revelar a aventura.
>
> No dia seguinte, **foram ao campo** para saber se tão extraordinário ser tinha causado grandes estragos, mas encontraram a seara intacta. **O animal misterioso pastara uma aveia imaginária**. A noite era bastante clara para que o cultivador pudesse ter visto, distintamente, as árvores e os arbustos, a muitos metros da estrada." ([58])

Pelo fato de o burro ter "*desaparecido das mãos*", mas, posteriormente, ser visto no campo, entendemos que se trata de uma manifestação de animal vivo, embora Gabriel Delanne tenha ficado em dúvida quanto a isso.

Na obra ***Os Animais Têm Alma?*** (1950), Ernesto Bozzano registra este caso:

> Caso IX – (Auditivo-coletivo) – Destaco do quarto volume, páginas 289/290, do *Journal of the Society for Psychical Research*, o seguinte caso, narrado pela sra. Beauchamp, de Hunt Lodg, Twiford, numa carta dirigida à sra. Wood, de Colchester, narração da qual extraímos o trecho a seguir:
>
> **Megatherium é o nome do meu**

cachorrinho hindu, que dorme no quarto de minha filha. Na noite passada, acordei subitamente ao ouvi-lo saltitar no quarto. **Eu conhecia bem a sua maneira de saltitar**, muito característica. Meu marido, por sua vez, não tardou a despertar. Interroguei-o, dizendo: **"Você ouve isto?" e ele me respondeu: "É Meg"**. Acendemos logo uma vela, procuramos por todas as partes, mas não pudemos achá-lo no quarto porque a porta dele estava bem fechada. **Então ocorreu-me a ideia de que alguma desgraça sucedera a Meg. Tinha o pressentimento de que ele havia morrido naquele momento**. Consultei o relógio para precisar a hora e pensei que devia descer e ir imediatamente assegurar-me de minha intuição, embora isto me pareceu um absurdo, e, depois, fazia tanto frio... Fiquei indecisa um instante e o sono voltou.

Pouco tempo devia ter-se escoado quando alguém veio bater à porta. Era a minha filha que, com uma expressão de grande ansiedade, exclamou: "Mamãe, mamãe, **Meg está morrendo**." Descemos a escada de um salto e achamos Meg virado de lado, com as pernas esticadas e rígidas, como se já estivesse morto. Meu marido levantou-o do chão e certificou de que **o cão ainda estava vivo,** mas ele não chegou a verificar o que tinha sucedido. Verificou-se finalmente que Meg, não se sabe como, **tinha enrolado a correia** de sua pequena veste em torno do pescoço de tal modo que **quase se estrangulou**. Nós o libertamos imediatamente e, logo que o animal pôde

respirar, se reanimou e se restabeleceu.

De agora em diante, se me acontecer experimentar sensações precisas desta natureza a respeito de alguém, proponho-me acudir sem demora. **Juro ter ouvido o saltitar tão característico de Meg perto da cama** e eu afirmar a mesma coisa.

Para maiores detalhes sobre este caso, envio o leitor ao citado número do *Journal*.

Ainda neste caso, cuja gênese claramente telepática parece fora de qualquer dúvida (tanto mais que, desta vez, as pessoas que receberam as impressões auditivas foram duas), neste caso ainda, digo eu, **a manifestação telepática se realiza sob uma forma simbólica, isto é, um apelo urgente de socorro, partindo da mente do cãozinho agente**, chega até ao percipiente transformando em um eco característico do saltitar que o animal fazia cada manhã junto ao leito dos seus donos.

Ora, **é incontestável que uma percepção telepática desta categoria**, dadas as circunstâncias nas quais ela se produziu, não poderia constituir a expressão exata do pensamento do agente, mas somente uma tradução simbólico-verídica do pensamento do mesmo. Com efeito, **é lógico e natural pensar que um animal a ponto de morrer estrangulado, tenha voltado intensivamente seu pensamento para aqueles que eram os**

> **únicos que podiam salvá-lo**, não sendo, ao contrário, admissível, de modo algum, que o animal, naquele momento supremo, tenha pensado, ao contrário, nos pulinhos que ele tinha o costume de dar todas as manhãs junto ao leito de seus donos. ([59])

Pela particularidade desse caso, julgamos que se pode acreditar na manifestação do espírito de um animal vivo, talvez até mesmo materializado uma vez que se ouviu seus pulos, pois esse é um tipo de fenômeno que também acontece com homens vivos, conforme se comprova com os vários casos que Allan Kardec registrou na *Revista Espírita*.

Jean Prieur (1914-2016), escritor, historiador, pesquisador e dramaturgo, em ***A Alma dos Animais*** (1986), cita estes casos de manifestações de animais vivos:

1) Sophie (gata)

Testemunhado por Geneviève Maugis:

> Eu **tinha deixado minha gata Sophie no veterinário** da rua André-del-Sarte para passar por uma cirurgia, mas estava extremamente preocupada e, na manhã

> seguinte, quando **ouvi miar ao lado da minha cama, eu pensei: Está consumado, Sophie morreu, seu fantasma que está aqui veio para se despedir...** Deus, obrigado, não era nada disso, ela estava salva como fiquei sabendo na parte da tarde. Era o contrário, **ela veio em desdobramento me visitar para me avisar de sua cura**. ([60])

Algum tempo depois Sophie morreu e também se manifestou na condição de desencarnada, é claro.

2) Tigris (cão)

> Vejamos **outro exemplo de fantasma de animal vivo**, mas desta vez o fenômeno é puramente visual, enquanto na primeira parte do testemunho de Geneviève era puramente auditivo.
>
> Durante um evento social em Londres, **o médium Donald** interrompeu as conversas e exclamou:
>
> – Por favor, um pouco de silêncio. Uma desgraça aconteceu com o nosso amigo Morton.
>
> Os convidados protestam:
>
> – Sim, Morton está doente, mas não é nada sério. Não é a primeira vez que isso acontece. Por que disse isso?

> – Olha... lá... **seu cachorro Tigris no limiar da porta de vidro; ele veio para me dizer que está tudo acabado**.
>
> Todo mundo olhou em direção da porta, não tem nada, todos acham que Donald está brincando.
>
> No dia seguinte, a notícia chegou que **Morton havia falecido três horas após o aparecimento do fantasma do animal vivo...** Donald foi o único a ver o cão mensageiro. **O pensamento do animal cheio de angústia e de amor foi bastante poderoso para impulsionar seu corpo astral e avisar o melhor amigo do seu dono**.
>
> Ainda que possa ter sido também uma visão telepática. ([61])

Destacamos do final da narrativa: *"O pensamento do animal cheio de angústia e de amor foi bastante poderoso para impulsionar seu corpo astral e avisar o melhor amigo do seu dono."*

O escritor Jean Prieur é mencionado no livro ***Os Mortos nos Falam*** (1988) de autoria do Pe. François Brune (1931-2019):

> Uma outra surpresa me estava reservada por meus amigos de Luxemburgo. Eu havia

> lido que já se havia obtido, algumas vezes, fotografias dos mortos. No início, acidentalmente, sem que se tivesse procurado. **Jean Prieur conta que alguém havia fotografado o túmulo de sua cadela** para guardar da mesma uma última lembrança. **Qual não foi sua surpresa de ver, na foto revelada, a imagem do animal familiar, perfeitamente reconhecível**. ([62]) ([63])

Achamos bem curioso esse caso.

No livro ***Fenômenos Espíritas no Mundo Animal*** (1995), o autor Carlos Bernardo Loureiro inseriu o capítulo "13 – Sonambulismo animal", do qual transcrevemos:

> **O cão do neuropsiquiatra Nandor Fodor**, autor da magnífica *Encyclopeadia of Science*, não tinha nada de especial, excluindo-se o fato de que *gostava de se divertir sobre as teclas do piano*: bastava-lhe ver o instrumento aberto para fazê-lo soar, a seu modo, alegrando assim, a filhinha do dono da casa. Infelizmente, aos olhos de Nandor Fodor, aquele cachorro tinha também **um grave defeito, o de ser inimigo declarado de seus livros**. Onde quer que encontrasse algum livro, atirava se sobre ele e o dilacerava com unhas e

dentes. Uma verdadeira tragédia, para o notável pesquisador húngaro. **Isso o obrigou a desfazer-se do animal, dando-o a uma família amiga**.

Por volta de 1921, vai para a América do Norte, integrando-se no corpo de redatores do jornal *Amerika Magyar Nepzana* (American Hungarian People Voice).

A descoberta de um livro do brilhante pesquisador psíquico e escritor Hereward Carrington estimulou a imaginação de Fodor, e deu uma nova e alvissareira direção aos seus interesses. O livro era *Moderno Fenômeno Psíquico* (Modern Psychic Phenomeno), publicado em 1919. E Fodor relembra que o encontrou em uma livraria da Avenida, em Nova Iorque. Daí em diante ele encontrou sua verdadeira vocação: pesquisador psíquico, um dos maiores, embora um tanto e quanto desconhecido da maioria dos estudiosos da fenomenologia espiritual.

Certa noite, Nandor Fodor **despertou e ouviu algo raspando a porta de seu quarto, como costumava fazer, às vezes, o cão exilado, quando dormia no corredor**. Ouviu depois, **patas caminharem pela casa, e outros rumores inconfundíveis**. Devia ser ele, sem dúvida. Mas como era possível? Enquanto estava às voltas com suas perplexidades, **ecoaram notas desordenadas do piano, iguais às que o**

instrumento emitia sob as patas caninas. No entanto, **o piano estava fechado** e na casa não havia outras pessoas, além de Nandor Fodor, a esposa e a filha já adormecida. Como esclarecer o mistério? O próprio pesquisador, em artigo publicado no órgão oficial da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, tece os seguintes comentários:

> "Era inevitável que eu associasse aquelas notas musicais às proezas análogas de meu cachorro. Talvez na quele momento ele estivesse sonhando com vivacidade sobre a moradia em que vivera feliz e que tinha perdido pela sua má conduta. Como quer que seja, o fato é que **não podemos explicar os fenômenos psíquicos ocorridos sem acolhermos uma hipótese diferente da telepatia**. Aqueles ruídos que ouvi, e também as notas emitidas pelo piano, eram, sem dúvida, fenômenos objetivos, e não subjetivos. Dir-se-ia, portanto, que **o cão se havia desdobrado durante o sono e seu corpo onírico (perispírito) tinha vindo, em forma de fantasma, visitar-nos**." E conclui: "Como nunca sofri de alucinação e, por outro lado, eu estava sem dúvida bem desperto e lúcido, creio que a hipótese do desdobramento seja a única capaz de explicar este complexo fato."

"É preciso reconhecer esclarece Leo Talamonti (*Universo Proibido*, Milão, Itália) – em Nandor Fodor a coragem que demonstrou por haver trazido a público uma experiência desse gênero. Não acreditamos

> que se possa acusar de leviandade um estudioso que ligou de vários modos o nome à evolução trabalhosa e lenta dos conhecimentos paranormais.
>
> "O caso que relatou, com precisão e simplicidade, **deixa patenteado o desdobramento do duplo animal**, ainda que façamos restrição ao termo corpo onírico, numa flagrante associação aos ordenamentos psicanalíticos de que o neuropsiquiatra húngaro era adepto. **Resta-nos observar a possibilidade de que também alguns animais, no curso do sono, fora do corpo, se entreguem a certo gênero de aventuras, até então só julgados possíveis aos seres humanos**." ([64])

Ora, se há possibilidade de manifestação do espírito de animal vivo, por qual motivo também não poderia se manifestar depois de morto, ainda que o "*quase imediatamente*" seja tomado com relação ao nosso tempo?

Em ***A Questão Espiritual dos Animais*** (1998), a Prof.ª Irvênia L. S. Prada, apresenta a seguinte consideração:

> – dentre as muitas perguntas que **apresentei ao Irmão Álvaro** ([65]), esta foi uma delas, relativa à **possibilidade de desdobramento do princípio inteligente de animais encarnados**, ao que ele esclareceu: "**os animais quando encarnados possuem raros desprendimentos espirituais,** isso acontecendo apenas **em casos de doenças, fase terminal da existência ou em casos excepcionais com a atuação dos Espíritos**, pois geralmente permanecem fortemente ligados à matéria". [...]. ([66]) (itálico do original)

A informação do Espírito Irmão Álvaro é que os animais, ainda que em situações bem excepcionais, podem, temporariamente, vivenciar o estado de emancipação da alma. Ao se desligar do corpo físico, torna possível a sua alma se apresentar em outro local, até mesmo um bem distante.

Prováveis casos com “transmissões telepáticas”

Considerando que o espírito ou alma dos animais sobrevive à morte e, como provado, pode se manifestar, julgamos não ser totalmente impróprio que, diante de uma situação aflitiva, como por exemplo, em risco perder a vida, eles, de alguma maneira, tentam se comunicar com as pessoas que os amam, ainda que as vibrações mentais produzidas por seus pensamentos não produzam nenhum significado verbal para nós, mas à maneira e de acordo com a inteligência deles.

Em ***Os Animais têm Alma?*** (1950), no capítulo “Alucinações Telepáticas nas quais um animal desempenha o papel de agente” (Tipo 01), são listados 23 casos, entre eles escolhemos estes dois a título de exemplo:

> Caso I – (Em sonho, com indício aparente de posse) – É o caso Haggard, que me limitarei a narrar como foi resumido, com a

maior exatidão, na edição de julho de 1904 da *Revue des Études Psychiques*, enviando o leitor que desejar detalhes mais amplos ao número de outubro de 1904 do *Journal of the Society for Psychical Research*. Ei-lo:

> O senhor Haggard conta que se tinha deitado tranquilamente lá pela uma hora da madrugada do dia 10 de julho. Uma hora depois, a sra. Haggard, que dormia no mesmo quarto, ouviu o seu marido gemer e emitir sons desarticulados, "tais como um animal ferido". Inquieta, ela o chamou por ele e o sr. Haggard percebeu a voz como em um sonho, mas não conseguiu livrar-se do pesadelo que o oprimia. Quando despertou completamente, contou à esposa que **tinha sonhado com Bob, o velho perdigueiro de sua filha primogênita e que ele o vira se debater numa luta terrível, como se fosse morrer**.
>
> O sonho tivera duas partes distintas. A respeito da primeira, o romancista **lembra-se apenas de ter experimentado uma sensação de opressão, como se estivesse a ponto de se afogar**. Entre o instante em que ele ouvia a voz de sua esposa e aquele em que despertou, o sonho tomou uma forma mais precisa. "Eu via", conta o sr. Haggard, "o velho Bob estendido entre os caniços de uma lagoa. Parecia-me que minha própria personalidade saía misteriosamente do corpo do cão, que comprimia a sua cabeça contra o meu rosto de uma maneira bizarra. Bob procurava como que me falar e, não se fazendo compreender pelo som, me transmitia, de outro modo indefinível, a ideia de que estava prestes a

morrer”.

O sr. e a sra. Haggard tornaram a dormir e o romancista não foi mais perturbado no seu sono. Na manhã seguinte, no desjejum, ele contou às filhas o que havia sonhado e riu com elas do medo que a mãe tivera. Atribuía o seu pesadelo à má digestão. Quanto ao cão Bob, ninguém se preocupou com ele, pois que, na tarde anterior, tinha sido com outros cães da vila e fizera os seus agrados à sua dona, como de costume. Quando a hora da refeição cotidiana passou sem que Bob aparecesse, a srta. Haggard começou a experimentar alguma preocupação e o romancista a supor que se tratasse de um sonho verídico. Então fizeram-se buscas ativas que duraram quatro dias, no fim das quais o próprio sr. Haggard **achou o pobre animal flutuando na água de uma lagoa, a dois quilômetros da vila, com o crânio fraturado e duas patas quebradas**.

Um primeiro exame, feito pelo veterinário, fez supor que o infeliz animal tivesse sido apanhado em uma armadilha, mas se encontraram em seguida provas indiscutíveis de que **o cão tinha sido apanhado por um trem na ponte que atravessava** a lagoa e que fora lançado, pelo choque, entre plantas aquáticas.

Na manhã de dezenove de julho, um cantoneiro da estrada de ferro achara na ponte a coleira ensanguentada de Bob. Agora não restava dúvida alguma de que **o animal morrera na noite do sonho**. Por acaso, naquela noite, tinha passado pela ponte, um pouco antes da meia-noite, um trem

> extraordinário de recreio que devia ter sido a causa do acidente.
>
> Todas essas circunstâncias são provadas pelo romancista por meio de uma série de documentos.
>
> Segundo o veterinário, a morte teria sido quase instantânea; ela teria então precedido de duas horas, ou mais, o sonho do sr. Haggard."

Tal é, em resumo, o caso acontecido com o escritor inglês no qual se encontram **várias circunstâncias de fatos que concorrem para excluir, de modo categórico, qualquer outra explicação que não seja a de transmissão telepática direta entre o animal e o homem**.

Não se podia tratar, com efeito, de um impulso telepático proveniente da inteligência de uma pessoa presente, pois que ninguém assistira ao drama nem fora informado dele, assim como se verifica pelo inquérito feito pelo próprio sr. Haggard, como, aliás, é fácil de presumir, levando-se em conta a hora avançada da noite na qual ele se passou.

Não se podia tratar de uma forma comum de pesadelo alucinatório, com coincidência fortuita, pois que as circunstâncias verídicas, que se encontram na visão, são verdadeiramente bem numerosas, sem falar do fato em si da coincidência entre o sonho e a morte do animal.

Não se podia tratar de um caso de telestesia graças ao qual o espírito do romancista teria visto, de longe, o desenrolar do drama, pois que, então, o percipiente seria um espectador passivo, quando não foi assim. Como se pôde ver, **ele foi submetido a um fenômeno notável de personificação ou de um começo de possessão**. Esse fenômeno, tal como observou o editor do *Journal of the Society for Psychical Research*, oferece um paralelo interessante com as "personificações" e as "dramatizações" observadas tão frequentemente nos sensitivos ou médiuns no estado de transe.

Não se poderia, finalmente, falar em sonho premonitório, pois o sr. Haggard nada sabia sobre o acontecido, do que só soube mais tarde quando o cadáver do cão Bob foi achado boiando, na lagoa isto, quatro dias depois do estranho sonho. Com efeito, com essa solução, **não se chegaria a nenhuma explicação**: nem o fato da coincidência verídica entre o sonho e o acontecimento, nem o fenômeno da dramatização igualmente verídica do caso, **nem o caso, tão notável, de personificação ou possessão**.

Eis as principais considerações que concorrem para **provar, de modo incontestável, a realidade do fenômeno de transmissão telepática direta entre o homem e o animal**. Achei dever

> enumerá-los para responder quaisquer objeções que chegaram de diferentes setores, depois que a *Society for Psychical Research* acolheu e comentou o caso em questão. Ao mesmo tempo, as mesmas considerações poderão servir de regra aos leitores para julgar sobre o valor da hipótese telepática relativamente aos casos que se seguirão. ([67])

Acreditamos na possibilidade de um ser humano captar sensações vivenciadas por animais, provenientes de certos momentos de angustia, mas, doutrinariamente falando, não há a mínima possibilidade de ele servir de médium, mencionado como "*personificação*", e, muito menos, ser possuído por espírito de animais.

Vejamos agora o segundo caso:

> Caso IV – (Impressão) – Eu o extraio da *Light* (1921, p. 187). O seu narrador é o sr. F. W. Percival, que escreve:
>
> > O senhor Everard Calthorp, grande tratador de cavalos puro-sangue, no seu último livro intitulado *The horse as comrade and friend* (*O cavalo como companheiro e amigo*), conta que ele possuía já há alguns anos uma **magnífica égua chamada Windermere**, à qual era profundamente

ligado e que era retribuído com um transporte afetivo de modo a conferir ao caso aqui apresentado um caráter realmente emocionante. Quis a infelicidade que a égua se afogasse numa lagoa perto da herdade do senhor Calthorp, que expõe assim as impressões experimentadas no trágico momento:

"Às três e vinte da manhã de 18 de março de 1913, despertei, de sobressalto, de profundo sono, não por causa de algum ruído ou algum latido, mas por **um pedido de ajuda que me transmitia – não sei como – a minha égua Windermere**. Apurei os ouvidos e não percebi o menor ruído naquela noite calma, mas, **assim que despertei completamente, senti vibrar, no meu cérebro e nos meus nervos, o apelo desesperado de minha égua.** Compreendi deste modo que ela se encontrava em perigo extremo e que invocava auxílio imediato meu. Vesti o sobretudo, calcei as botas, abri a porta e pus-me a correr pelo parque. Não ouvia latidos nem gemidos, porém sabia, de um modo incompreensível e prodigioso, de qual lado vinha essa espécie de telegrafia sem fio. Retiniam sempre mais fracamente no meu cérebro e, quando cheguei à margem da lagoa haviam cessado. Buscando na água da lagoa, percebi que ela estava ainda enrugada por pequenas ondas concêntricas que atingiam a margem e, no meio dela, percebi uma massa preta que se precisava sinistramente na primeira claridade da alvorada. Compreendi logo que se tratava do **corpo de minha pobre Windermere** e que, infelizmente, eu respondera muito tarde ao

seu apelo, pois ela estava morta.”

O sr. F. W. Percival, reproduzindo esta narração na revista *Light* (1921, p. 187), observa:

> Sem dúvida, nos casos iguais a este, falta-nos o testemunho do agente, mas **isto não impede que as três regras de Myers, destinadas a distinguir os fatos telepáticos daqueles que não o são**, sejam todas da mesma maneira aplicáveis ao caso de que nos ocupamos. **As ditas três regras são as seguintes**: 1ª – que o agente seja encontrado numa situação excepcional (aqui o agente lutava contra a morte); 2ª – que o percipientes tenha experimentado algo de psiquicamente excepcional, inclusive uma impressão de natureza a fazer conhecer o agente (aqui a impressão que revela o agente é manifesta); e 3ª – que os dois incidentes coincidam no ponto de vista do tempo (esta condição é igualmente satisfeita).

Poder-se-ia acrescentar que o fato do **impulso telepático** foi bastante preciso e enérgico para despertar o percipiente de um sono profundo e fazer-lhe perceber imediatamente que **se tratava de um pedido de socorro da parte de sua égua** e orientar os seus passos, sem nenhuma hesitação, para o teatro do drama. **Não parece então que se possa pôr em dúvida a origem realmente telepática do acontecimento**. ([68]) (itálico do original)

Para Ernesto Bozzano, o caso realmente se trata de um pedido de socorro por parte da égua, fato que implica não se poder colocar em dúvida a sua origem telepática.

Em ***A Reencarnação*** (1924), Gabriel Delanne tece considerações a respeito de Ernesto Bozzano, dizendo o seguinte:

> A analogia certa que existe entre as manifestações intelectuais dos animais superiores e as do homem leva-nos a indagar **se as faculdades supranormais, que se verificam em nós, não poderiam existir, em um grau qualquer, entre os que se têm chamado, a justo título, nossos irmãos inferiores**.
>
> É evidente que o assunto só pode ser resolvido pela observação. Ora, sobre ele, já existe certo número de narrativas reunidas por Bozzano, o grande psicólogo italiano. Ele as publicou nos "Annales des Sciences Psychiques" (Anais das Ciências Psíquicas), de agosto de 1905. Infelizmente, não posso, a meu pesar, por motivo da exiguidade do meu quadro, reproduzi-las integralmente; farei, apenas, algumas citações, que **parecem provar a hipótese da transmissão de pensamento entre o animal e o homem, com iniciativa no**

> **primeiro.** Se se multiplicarem as observações, a identidade fundamental do princípio inteligente em todos os animais superiores ficará estabelecida de maneira a não deixar qualquer dúvida. ([69])

Gabriel Delanne, sem demonstrar estranheza alguma, aceita a possibilidade de transmissão de pensamento entre o animal e o homem, com iniciativa do primeiro.

O escritor e jornalista Celso Martins (1942-2021), professor de Biologia e de Física, na cidade do Rio de Janeiro, atualmente aposentado, na obra ***A Alma dos Animais*** (2001), relata o seguinte caso relativo a sonhos, chamados inteligentes, sobre os quais admite a possibilidade de alguns serem nítidos e aí dá o seguinte exemplo:

> **Uma senhora** teve uma desinteligência com a marido e este desapareceu, não deixando o menor vestígio, a despeito das investigações que ela fez. Ora, **determinada noite teve um sonho**. **Seu cãozinho** que com ela vivera há anos e que fora com o marido, aparece-lhe, **dá latidos de alegria, cobre-a de carícias**. Depois, o bichinho (tudo no sonho) instala-se a seus

> pés e não tira os olhos dela. Em seguida, **levanta-se e passa a arranhar a porta** (repito, tudo isto durante o sonho). E **arranha tanto a porta como que querendo dizer-lhe: – Já lhe fiz a minha visita: agora devo ir embora**. A mulher abre a porta e segue o animal que se afasta depressa e ela (no sonho ainda) atrás dele. Lá pelas tantas o cãozinho entra em determinada casa. **A mulher acorda conseguindo reter na memória tudo o que vira: a rua onde o animal andou, a paisagem em derredor e a casa aonde ele chegou e entrou.** No dia imediato, aquela mulher **relata a três amigos este sonho tão nítido e resolveu tirar a limpo aquela história**. Os leitores já adivinharam o final da novela: **Aquela senhora localizou a rua e a casa e descobriu o marido fujão!**
>
> Está aí um exemplo da existência de um princípio inteligente nos animais, o qual é capaz até de pôr-se em contato com os homens (no caso, aquela senhora. [...]. ([70])

Temos aqui, portanto, um animal que, segundo a narrativa, entrou em contato com um ser humano. Conseguiu de alguma maneira, ainda que bem primitiva, indicar à senhora onde se encontrava o marido a quem procurava.

A prof.ª Irvênia Prada, em ***A Questão Espiritual dos Animais*** (1998), levanta um ponto bem interessante a respeito da afirmação de Erasto de que *"os animais compreendem pensamento do homem, [...], mas já os vistes alguma vez reproduzi-los? Não."* ([71]) ao final do item 236 de *O Livro dos Médiuns*:

> **Aqui surge um fato interessante, relativo à restrição apontada por Erasto**, de que os animais não podem reproduzir o que eventualmente entendam, pois há os que podem! **A Ciência demonstrou, há algum tempo, que chimpanzés e gorilas são capazes de se comunicar com os seres humanos usando a linguagem de sinais para auditivos, uma linguagem humana,** portanto. O casal Allen e Beatrix Gardner, ambos cientistas do corpo docente da Universidade de Nevada, dos Estados Unidos, e seu assistente Roger Fouts, autor do livro *O parente mais próximo* ([72]), ensinaram a Washoe e outros chimpanzés, conforme referi anteriormente, a linguagem dos sinais, através da qual eles conseguem articular frases gramaticalmente corretas e expressar sentimentos como solidariedade, raiva, compaixão, ciúme e inveja ou senso de humor.

> Fouts ([73]) ressalta que, além da habilidade de aprender, demonstrada por Washoe e outros chimpanzés, o mais importante foi **confirmação de que a capacidade de transmitir informações não é exclusivamente dos seres humanos**. De fato, na sua relação com o filhote e outros membros do grupo, Washoe ensinou a linguagem humana aprendida, demonstrando, portanto, sua capacidade de reproduzir informações. O pesquisador salienta que o caso de Washoe não é isolado, pois vários outros chimpanzés demonstraram essa aptidão.
>
> Ficam essas considerações como uma porta aberta a reflexões e, quem sabe um dia, à possibilidade de pesquisas sobre o assunto. Talvez essa **capacidade de os animais compreenderem certos pensamentos do ser humano**, como refere Erasto, esteja relacionada à citação de Bozzano ([74]), no início do capítulo, a respeito da **participação de animais em fenômenos de telepatia**. ([75])

Interessante é ver como certas coisas acontecem… Determinado ponto não é aceito por muitos, enquanto inúmeros outros o aceitam sem a menor dificuldade. O que percebemos é que se já tivermos um (pre)conceito sobre algo, isso nos leva a

rejeitar tudo quanto venha a contrariar o que já pensamos dele.

Na ***Revista Espírita 1863***, Allan Kardec, judiciosamente, alertara:

> [...] **O preconceito**, num sentido qualquer, **é a pior condição para um observador, porque, então, tudo vê e tudo refere do seu ponto de vista, negligenciando o que pode haver de contrário**. Certamente não é o meio de chegar à verdade. [...]. ([76])

Portanto, o primeiro obstáculo a ser enfrentado não é a possibilidade de manifestação de espíritos de animais, mas o preconceito que ainda nutrimos em relação a essa questão.

Sofrimento animal, eutanásia e alimentação: uma análise espírita

Levando-se em conta que os animais possuem um princípio inteligente, sempre que se fala deles, inevitavelmente, surgem essas três questões, razão pela qual resolvemos também trazer alguns esclarecimentos sobre cada uma delas.

1ª) Sofrimento dos animais

Inicialmente, diremos apenas que, em linhas gerais, o sofrimento dos animais se insere na lei universal do progresso e encontra justificativa na justiça divina, conforme explicações de Allan Kardec nos artigos “Da perfeição dos seres criados” (*Revista Espírita 1864*, mês de março) e “Destruição dos seres vivos uns pelos outros” (*Revista Espírita 1865*, mês de abril), cuja análise será apresentada no capítulo “Os animais estão sujeitos à lei do progresso?”

Além dos sofrimentos naturais, próprios do

ambiente em que vivem, os animais também enfrentam aqueles infligidos pelos homens – seja por prazer, maus-tratos ou pelo abate destinado à alimentação humana.

Em ***Chico Xavier, Mandato de Amor*** (1993), no capítulo "IV – Suas palavras ao longo do tempo", tópico "Questões que a Espiritualidade responde", consta perguntas ao médium Chico Xavier (1910-2002), por ocasião de um encontro em Uberaba (MG), no dia 31 de maio de 1991, destacamos o seguinte trecho:

> Sobre os animais.
>
> Pergunta – Chico Xavier, a Doutrina dos Espíritos esclarece com muita propriedade a questão da **Lei de Causa e Efeito, de Ação e Reação**, que preside a organização do Universo. Ela também nos indica o livre arbítrio como atributo fundamental da personalidade humana, pelo qual o ser humano tem a faculdade de optar livremente pelo caminho que deseja seguir, **recebendo, contudo, em contrapartida, o resultado inexorável de suas decisões boas ou más**. Assim, se conclui que a plantação é livre aos seres humanos, mas a colheita lhes é obrigatória. **Dessa forma, explica-se todas as provações e**

resgates, doenças e deformidades físicas e mentais por que sofre a maioria dos homens na Terra, como sendo o seu carma ou resgate de delitos passados. Também nos ensina a Doutrina Espírita que **os animais não gozam desta faculdade do livre arbítrio**, por não possuírem ainda o pensamento contínuo. Sendo assim, **como devemos encarar a questão da existência de deformidades congênitas no seio dos animais? Por que nascem animais cegos ou deformados, se eles não têm o livre-arbítrio?**

Resposta – **Nossos benfeitores espirituais** nos esclarecem que é preciso que todos nós consideremos que os animais diversos, a nos rodear a existência de seres humanos em evolução no planeta Terra, **são nossos irmãos menores, desenvolvendo em si mesmos o próprio princípio inteligente**. Se nós, seres humanos, já alcançamos os domínios da inteligência, desenvolvemos agora as potências intuitivas. Eles, **os animais, estão aperfeiçoando, paulatinamente, seus instintos, na busca da inteligência**. Da mesma maneira que nós, humanos, aspiramos alcançar algum dia, a angelitude na Vida Maior, personificada em nosso Mestre e Senhor Jesus, eles, os animais, aspiram ser no futuro distante homens e mulheres inteligentes e livres. Podemos nos considerar como irmãos mais velhos e mais

experimentados dos animais. Ora, se nós já sabemos que a lei divina institui a solidariedade entre os seres, por isso, podemos facilmente concluir que a nós, seres humanos, Deus outorgou a condução e a proteção de nossos irmãos mais novos, os animais. **E o que é que estamos fazendo com esta responsabilidade santa de proteger e guiar o reino animal?** Como é que esta Humanidade terrestre tem agido com relação aos animais, nos inúmeros séculos de nossa História? Porventura nós, os homens, não temos nos convertido em algozes impiedosos dos animais, ao invés de seus protetores fiéis? Quem ignora que a vaca sofre imensamente a caminho do matadouro? Quem desconhece que minutos antes do golpe fatal os bovinos derramam lágrimas de angústia? Não temos treinado determinadas raças de cães exaustivamente para o morticínio e o ataque? Que dizermos das caçadas impiedosas de aves e animais silvestres, unicamente por prazer esportivo? Que dizermos das devastações inconsequentes do meio ambiente? Tudo isso resume-se em graves responsabilidades para os seres humanos! **A angústia, o medo e o ódio que provocamos nos animais alteram-lhes o equilíbrio natural de seus princípios espirituais, determinando ajustamentos em posteriores existências, a se configurarem por deformidades congênitas**. A responsabilidade maior

> recairá sempre nos desvios de nós mesmos, os seres humanos, que não soubemos guiar os animais à senda do amor e do progresso, segundo a vontade de Deus.
>
> Agora, vejamos: se determinado cão é treinado para o ataque e a morte, com requintes de crueldade, se ele é programado para o mal, pode ocorrer que, em determinado momento de superexcitação, este mesmo cão, treinado para atacar os estranhos, ataque as crianças de sua própria casa ou os próprios donos. Aí, teremos um desajuste induzido pela irresponsabilidade humana. Ora, **este mesmo cão aspira crescer espiritualmente para a inteligência e o livre-arbítrio. Mas, para isso, ele precisará experimentar o sofrimento que lhe reajuste o campo emotivo**, aprendendo a pouco e pouco a Lei de Ação e Reação. Assim, **ele provavelmente renascerá com sérias inibições congênitas**. A responsabilidade de tudo isto, no entanto, dever-se-á à maldade humana. ([77])

Assim, os benfeitores espirituais são da opinião de que as deformidades de nascença observadas entre os animais têm relação direta com o seu aprendizado, que lhes proporciona crescer em inteligência à medida que desenvolvem o livre-

arbítrio.

Do capítulo “Dor e sofrimento” de ***Todos os Animais São Nossos Irmãos*** (2005), transcrevemos:

> – O senhor poderia dar um exemplo prático de quando isso ocorre?
>
> – Pergunte a qualquer pessoa que tenha sofrido algum acidente grave sobre que tipo de dor ela sentiu no momento do impacto. A resposta provavelmente se referirá a uma ausência de memória sobre o que aconteceu ou então dirá que não sentiu nada ou foi uma pequena dor. Quando o perigo é iminente e inevitável, nosso corpo espiritual se desloca para fora do corpo físico e permanece como expectador, vendo a distância seu próprio corpo como se não fosse o seu. Isto não significa que as pessoas não sentem dor, mas que estes mecanismos de defesa agem para poupá-las de sentir dores desnecessariamente. **A dor, tanto para os animais quanto para nós, humanos, tem uma função importante de nos alarmar sobre algum perigo.** Para os animais, esta função é mais importante, pois age com os instintos de autopreservação. Para os seres humanos, sua importância é relativa neste sentido, mas tem grande valor em termos de resgates cármicos.

> – Professor, todos os animais estão na mesma situação no que se refere ao sofrimento e à dor?
>
> Não exatamente, pois **cada animal, como indivíduo, também passa por um aprendizado pela dor e pelo sofrimento, dependendo de cada um ou de cada espécie, além do grau de evolução em que podem estar, uma vez que existem diferentes patamares evolutivos entre os animais**. Mas, coletivamente, **algumas espécies são programadas para suportarem uma determinada intensidade de dor**, considerando-se todo o aprendizado anterior e a espécie a que pertencem. **Conforme evoluem em uma determinada espécie e se tornam aptos a reencarnarem em outra espécie mais evoluída**, a capacidade de sentirem também evolui. Na espécie em que ingressará, deverá possuir um maior número de células nervosas e um menor limiar à dor, pois **à medida que evoluem e se aproximam dos humanos, ficam mais suscetíveis à dor e ao sofrimento** uma vez que a consciência também acompanha este desenvolvimento. ([78])

Nesse trecho, evidencia que a dor não é apenas um fenômeno físico, mas também um mecanismo pedagógico e espiritual. Nos animais, ela

atua sobretudo como instinto de autopreservação; nos humanos, além disso, cumpre função de aprendizado e resgate cármico. Assim, tanto homens quanto animais encontram na dor um instrumento de evolução, ajustado ao grau de consciência e ao estágio evolutivo de cada ser.

Em fevereiro de 2011, foi publicada no site ***Espírita na Net*** uma entrevista de Marcel Benedeti sobre o sofrimento animal. Destacamos duas questões e respectivas respostas:

> **P: Eu queria saber por que sofrem tanto os animais?**
>
> R: "O corpo é o instrumento da dor e, se não é a sua causa primeira, pelo menos é a causa imediata. A alma tem a percepção desta dor: essa percepção é o efeito" (*Livro dos Espíritos*).
>
> Os animais são Espíritos encarnados e estão sujeitos a muitas provas, mesmo que não tenham consciência disso ou nem saibam o porquê de tanto sofrimento, que somente é percebido pelo corpo por ação do sistema nervoso, portanto a dor, apesar de não parecer, é ilusória, porque, caso os meios de sensações do corpo sejam desativados ela deixa de existir. Se cirurgicamente retirarmos do cérebro o

centro da fome, ela deixa de existir; se retirarmos parte do hipocampo, deixaremos de sentir medo; se aplicarmos anestésicos não há mais dor; se rompermos os nervos que são sensíveis aos estímulos da dor ela deixa de existir também. Como percebemos, dor e sofrimento são interpretações dadas pelo corpo. O Espírito não sente dor.

Se existem órgãos sensoriais no corpo é para que percebamos as sensações do mundo físico. Se há órgãos sensoriais para dor é porque a dor tem alguma importância para o Espírito também e a importância reside no aprendizado de como evitá-la e de fazer evitar a dor aos outros. Exercitaremos a partir do conhecimento da existência da dor e do sofrimento a solidariedade e a compaixão. O resultado do aprendizado pode não ser imediato, mas surtirá o seu efeito cedo ou tarde. No entanto, a dor que importa para evolução é aquela que vem da Natureza, "porque vem de Deus" (*Livro dos Espíritos*), por isso "é necessário distinguir o que é obra de Deus e o que é obra do Homem". A dor imposta por um ser humano sobre um animal será cobrada e deverá ser ressarcida quanto antes por aquele que se tornou um devedor em relação àquele a quem fez sofrer.

P: Não consigo entender o porquê do sofrimento dos animais se eles não têm a consciência de seus atos, como nós, os humanos.

R: No *Livro dos Espíritos* encontramos: “Como pode um espírito que em sua origem é simples e ignorante e sem existência, sem conhecimento de causa ser responsável por essa escolha? – Deus supre a inexperiência traçando-lhe o caminho que deve seguir, como o fazes para uma criança desde o berço. Ele o deixa, pouco a pouco, senhor para escolher, à medida que seu livre-arbítrio se desenvolva”.

O sofrimento faz parte dos meios de fazer evoluir o Espírito primitivo, que com isso desenvolverá sua consciência. À medida que os Espíritos, na condição animal por exemplo, expandem sua consciência pela dor, expandem também sua condição de desenvolver sentimentos relacionados ao amor ao próximo, tornando-os aptos a entrar em outra faixa evolutiva da Humanidade.

Na verdade, as condições que determinam o sofrimento diminuem à medida que desenvolvemos a consciência e não ao contrário. Na condição humana ainda persiste o sofrimento porque não atingimos o nível ideal de consciência e, quando atingirmos este nível, a dor desaparecerá de nosso meio e somente existirá o que for relativo à ausência da dor e do sofrimento. Sofremos e também os animais porque ainda estamos nos exercitando para desenvolver esta consciência e, posteriormente, a teremos desenvolvido e deixaremos de sofrer.

> *"O sofrimento, nos animais, é um trabalho de evolução para o princípio de vida que existe neles; adquirem por este modo os primeiros rudimentos de consciência."* (Léon Denis) ([79]) (grifos do original)

Para Marcel Benedeti, a dor nos animais é percebida pelo corpo, não pelo espírito. Ela funciona como instrumento de aprendizado e evolução, despertando solidariedade e compaixão. O sofrimento imposto pelo homem geral responsabilidade moral.

2ª) Eutanásia

Consultado o *Dicionário Michaelis*, eutanásia significa: *"Ação de provocar a morte rápida e sem sofrimento de um ser humano (ou animal), em caso de moléstia incurável"* ([80]).

No capítulo "Suzy" de ***Todos os Animais Merecem o Céu*** (2004), Marcel Benedeti apresenta um diálogo entre o veterinário Guilherme e João Rubens, funcionário da clínica:

> – Bem, doutor, **a eutanásia, ou morte**

branda, é um procedimento terapêutico, apesar de muitos não considerarem assim, pois **visa principalmente o alívio do sofrimento de um animal que está sob a influência de alguma enfermidade incurável**. **Quando está sofrendo muito, e não mais existem terapias eficazes para curá-lo, é lícito que se pratique a eutanásia**. A decisão de fazê-la pode partir dos donos, mas é sempre o veterinário o único capaz de avaliar a necessidade ou não de levar a termo, tal responsabilidade. **O médico veterinário é a única pessoa com conhecimento suficiente para tomar esta decisão ou ao menos sugerir.** O dono de um animal, que se encontra em uma situação em que deve decidir se continua a tratar ou fazer a eutanásia, deve sempre pedir antes um conselho a um veterinário. Se ele aconselha a fazê-lo, então esta pessoa pode ficar tranquila com sua consciência, pois foi o melhor a ser feito. É uma grande responsabilidade nas mãos de uma só pessoa que irá decidir entre a vida e a morte, mas em geral as decisões são as mais corretas. O veterinário visa o melhor para o animal. Fazer eutanásia, quando nem todas as possibilidades terapêuticas disponíveis foram esgotadas, é uma falta; e proceder quando nada é tentado é outra ainda maior. No entanto, algumas vezes nada há para ser feito, pois não há terapias

adequadas que possam conduzir à cura. Neste caso, talvez o animal venha a morrer em sofrimento, então a eutanásia é a opção. **A espiritualidade não condena que se faça a eutanásia quando é feita baseada nestes critérios**. **Quando se procede à antecipação da morte do animal com fins esportivos, por diversão, por crueldade ou perversidade então estamos falando de assassinato**, e não é essa a condição para uma eutanásia, que é a favor do paciente. Existem drogas que induzem à falência rápida de certos órgãos, como o coração, sem sofrimento ou dor. E deve ser sempre aplicada por um veterinário. Mas quando ao contrário, é feita por leigos, que recebem ainda algum pagamento por isso, a culpa lhe pesará cedo ou tarde. Do mesmo modo, quem entregou seu animal a um sofrimento desnecessário nas mãos destas pessoas sem habilidade e sem conhecimento do que fazem, também sentirá este peso. Este dono que procura um leigo é mais culpável que a pessoa que se passa por veterinário. Aqui, no mundo físico, ele poderia alegar ignorância, mas estando lá na espiritualidade nada fica escondi do – finalizou João Rubens. ([81])

Nosso pensamento converge com o exposto: a eutanásia é sensata e moralmente aceitável quando

praticada com critério, visando aliviar o sofrimento de um animal em estado incurável. Trata-se de um ato de compaixão, e não de violência, desde que conduzido com responsabilidade e respeito à vida.

3ª) Alimentação de carne de animais

Em ***O Livro dos Espíritos***, Allan Kardec aborda a questão da alimentação animal:

> 723. *A alimentação animal é, com relação ao homem, contrária à Lei da Natureza?*
>
> "**Dada a vossa constituição física, a carne alimenta a carne, do contrário o homem se debilita**. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele, pois, tem que se alimentar conforme o reclame a sua organização." ([82])

No Século XIX, essa resposta fazia sentido diante do conhecimento científico limitado. Hoje, com os avanços da biologia e da nutrição, sabemos que a carne não é indispensável para a saúde humana.

Do capítulo "A carne nutre a carne" da obra

Todos os Animais São Nossos Irmãos (2005), de Marcel Benedeti (1961-2010), destacamos o seguinte trecho:

> – Professor, alguns justificam comer carne com o argumento de que se fomos criados como carnívoros estaríamos indo contra a Natureza, se deixarmos de consumir carne.
>
> – Os seres humanos são onívoros, isto é, possuem organismo apto a consumir quase todo tipo de alimentos, sejam de origem animal, vegetal ou outros. **O consumo de carne, enquanto éramos seres primitivos, tinha sua justificativa, mas não somos mais e, às vésperas de dar outro passo evolutivo, estamos nos atrasando em função disso**. Será que vale o atraso por uma sensação passageira que somente satisfaz o paladar? Estamos na linha de chegada, que apenas não se rompe por esta causa – explicou Derek.
>
> – Estamos tão perto assim do limite da evolução?
>
> – Sim. Vocês nem imaginam o quanto estamos próximos. Estamos tão próximos do seguinte estágio quanto está um pedaço de carne para uma pessoa que o leva à boca, isto é, estamos mais próximos do que a pessoa e o naco de carne.
>
> – E basta só deixar de comer carne para evoluirmos? Seria tão fácil assim?

– Não é tão fácil assim como vocês imaginam, pois se todos deixassem de comer carne de um momento para outro, imediatamente a energia terrestre se transformaria a ponto de não existirem até mesmo as guerras. As disputas territoriais nada mais são do que instintos animais alimentados por energias densas.

[…].

Os carnívoros – completou o professor. Eles são os mais agressivos e atacam os que invadem seu território de caça. E quanto maior for seu território, maior será a sua abundância de carne e maior será a sua agressividade para mantê-lo.

– Mas por quê?, quis saber ele.

– Por quê? Ora, a carne nutre a carne.

– O que o senhor quer dizer com isso?

– **Que a energia contida na carne, sendo densa, exacerba a ação dos instintos** e principalmente os ligados à preservação. **Isso torna as pessoas que consomem carnes mais instintivas, isto é, mais animalizadas**. A cada pedaço de carne que deixamos de ingerir, nos tornamos menos densos e mais próximos do seguinte estágio evolutivo. Entretanto, a cada naco de despojos sem vida de animais que ingerimos, atamos peso aos nossos pés, que dificulta nosso voo ao alto da próxima escala evolutiva.

> [...].
>
> – O senhor acha que um dia todos deixaremos de nos alimentar com carne para nos alimentarmos com os vegetais?
>
> – **Breve os alimentos de alto valor biológico serão produzidos de forma sintética, sem necessidade de mortes**. Serão usadas somente as células que se reproduzirão em laboratório e poderão ser usadas como alimento. Este tempo não está longe.
>
> – Pode até não parecer e as pessoas podem não notar, mas a maioria delas que gostam de carne, na realidade não a suportam e preferem os vegetais, isto é, **seu corpo pede proteínas animais, mas seu Espírito pede energias mais leves**. ([83])

Nessa transcrição vemos que a alimentação carnívora influencia diretamente nossos instintos e nossa evolução espiritual. Ao destacar que "*a carne nutre a carne*", se evidencia que o consumo de alimentos densos reforça tendências mais primitivas, enquanto a escolha por energias mais leves nos aproxima de estágios superiores da consciência. Trata-se de uma visão que transcende o aspecto biológico e alcança o campo moral e espiritual.

A Prof.ª Irvênia Prada, ***A Questão Espiritual dos Animais*** (2019), esclarece que "*vivenciamos em nossa cultura o mito de que a proteína da carne animal é indispensável para a alimentação humana*" ([84]).

Na sequência, justifica-se dizendo:

> Vamos partir de alguns dados básicos e importantes, segundo considerações a respeito efetuadas pelo prof. dr. Aulus Cavalieri Carciofi ([85]), docente em Nutrição Animal na UNESP:
>
> > **A carne não é essencial como fonte de proteína para o ser humano.** Isso é um mito! O ser humano não precisa de proteína, ele **precisa é de aminoácidos (AA), que são os elementos formadores de proteína. Todos os 20 AA conhecidos são encontrados em vegetais**. A cadeia trófica (de alimentação) inicia-se nos animais herbívoros como os bovinos (consumidores primários, que assimilam os AA dos vegetais ou de proteína microbiana (caso dos ruminantes) e os transmitem para o outro nível trófico, o dos consumidores secundários (carnívoros), quando então a carne desses animais herbívoros é por eles consumida. Assim os AA vão circulando

> entre os diferentes níveis tróficos. O rato é um animal de fácil adaptação em qualquer lugar, porque tem um metabolismo incrível, caracterizado pela baixa excreção de nitrogênio (produto final do catabolismo, ou "desmontar" das proteínas do corpo). Pois bem, nesses termos, o ser humano é melhor que o rato porque ele precisa de menos AA e, portanto, de menos proteína que o rato. **Quem parar de comer carne não terá falta de proteína,** desde que a complemente corretamente com proteínas vegetais. ([86])

Também apresenta o seguinte dado:

> [...] Participaram do estudo 73.308 voluntários, integrantes da comunidade dos Adventistas do Sétimo Dia. As conclusões estabelecidas pelo estudo foram que **as dietas vegetarianas estão associadas com menores taxas gerais de mortalidade** e com redução de algumas causas específicas de mortalidade, tendo sido os resultados mais expressivos nos homens. **Indivíduos vegetarianos têm menos chance de óbito por doenças cardiovasculares, doenças renais e doenças endócrinas do que a população em geral**, compreendida em sua esmagadora maioria por consumidores de carne. ([87])

O dia em que acordarmos para essa realidade, tomaremos a atitude de não mais nos alimentarmos da carne de animais.

Hoje, levando-se em conta o progresso pelo qual passou a Humanidade, que nos proporciona mil meios de suprir com outros alimentos tudo quando de valor nutricional a carne animal pode nos dar, não teria sentido aplicar, indiscriminadamente, essa resposta dos Espíritos.

Vejamos, por exemplo, na seguinte imagem ilustrativa ([88]), o comparativo nutricional do grão-de-bico com a carne de vaca:

Em ***O Consolador*** (1941), sobre a questão de se comer carne, Emmanuel diz:

> A ingestão das vísceras dos animais é um erro de enormes consequências, do qual derivaram numerosos vícios da nutrição humana. **É de lastimar semelhante situação**, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses **valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal**, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos. ([89])

Certeiro o ponto de vista de Emmanuel.

Em ***Janela Para a Vida*** (1971), o jornalista Fernando Worm (1929-2014) registra uma entrevista concedida por Chico Xavier, na qual o médium, inspirado por Emmanuel, responde a diversas indagações. Entre elas destacamos a seguinte:

> P – **Você confirmaria que as plantas e os animais aceitam a condição ou a tarefa de servir de alimento**, contanto que o processo seja dentro de um ritual amoroso, capaz de evitar os agentes químicos do medo causado pela morte

violenta ou desapiedada?

R – **Não somente as plantas e os animais necessitam de amor** para se renderem às necessidades do processo evolutivo em que todos nos encontramos. Nós mesmos, **os espíritos** humanos ou **candidatos à humanização**, não conseguimos **prescindir do amor ou da proteção do amor,** a fim de nos submetermos às disciplinas da vida, de modo a servirmos com segurança e eficiência na engrenagem do progresso comum. ([90])

Observa-se que Emmanuel não afirma categoricamente que os animais (e as plantas) consentem em servir de alimento ao homem. Contudo ele destaca que todos os seres envolvidos no processo evolutivo respondem à influência do amor, e que as relações entre os seres vivos devem ocorrer sob essa lei, evitando-se a crueldade e a violência desnecessárias.

Das considerações de Allan Kardec à resposta da questão 182 de ***O Livro dos Espíritos***, destacamos o seguinte trecho:

À medida que o Espírito se purifica, o

> **corpo que o reveste aproxima-se igualmente da natureza espiritual**. A matéria é menos densa, ele já não se arrasta penosamente pela superfície do solo, **suas necessidades físicas são menos grosseiras, não mais sendo preciso que os seres vivos se destruam mutuamente para se alimentarem**. [...]. (91)

Portanto, no porvir o homem deixará de se alimentar de carne dos animais.

Do artigo "Gandhi, os animais e o progresso espiritual" de autoria de Cláudio Bueno da Silva, publicado na ***Revista Internacional de Espiritismo***, Ano LXXXVI, Nº 2, separamos a seguinte frase de Mohandas Gandhi (1896-1948):

> "Sinto que o progresso espiritual requer, em uma determinada etapa, **que paremos de matar nossos companheiros, os animais**, para a satisfação de nossos desejos." (92)

É indiscutível que Gandhi revela as características de um Espírito de elevada evolução.

Da mensagem “O planeta Vênus”, visto como superior à Terra, assinada pelo Espírito Georges, publicada na ***Revista Espírita 1862***, transcrevemos o seguinte trecho:

> [...] **Seus habitantes** não se nutrem senão de frutas e de laticínios; **ignoram o bárbaro costume de se nutrirem de cadáveres de animais**, ferocidade **que não existe senão nos planetas inferiores**; em consequência, **as grosseiras necessidades do corpo são destruídas**, e o amor se enfeita de todas as paixões e de todas as perfeições apenas sonhadas sobre a Terra. ([93])

A condição de não mais “*se nutrirem de cadáveres de animais*” é algo que, certamente, os habitantes da Terra, no decorrer dos séculos, conquistarão, pois isso é fatal.

Em ***O Livro dos Espíritos***, na questão 735, Allan Kardec perguntou aos Espíritos instrutores sobre a destruição dos animais que ultrapassa os limites da necessidade, como na prática da caça. A resposta é direta:

> “**Predominância da bestialidade sobre a natureza espiritual**. **Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da Lei de Deus**. Os animais só destroem para satisfação de suas necessidades, enquanto **o homem**, dotado de livre-arbítrio, **destrói sem necessidade**. **Terá que prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida**, pois, nesse caso, cedeu aos maus instintos.” (94)

O Espiritismo propõe o respeito à vida animal e considera indigno matar por prazer ou diversão. Com o progresso científico e moral, torna-se cada vez mais claro que a alimentação carnívora não é uma necessidade, mas uma escolha cultural. Os Espíritos ensinam que “*o horror à destruição aumenta com o desenvolvimento intelectual e moral*” (95), indicando que, em um futuro mais consciente, a humanidade deixará de utilizar os animais como alimento.

Merece aplausos a atitude da FEB ao promover uma campanha contra os maus-tratos infligidos aos animais (96):

[...] recebei como obrigação sagrada o dever de amparar os animais na escala progressiva de suas posições variadas no planeta.

XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*.
Pelo Espírito Emmanuel. Brasília: FEB, 2021, cap. 17.

FEB
Federação Espírita Brasileira

Uma notícia muito boa, em relação aos maus-tratos vem do EUA. No site da ***ABC News***, em 25 de novembro de 2019, foi publicado o artigo "O presidente Trump sanciona um projeto de lei sobre crueldade contra animais, tornando-o um crime federal", assinado pelo jornalista e editor-executivo Matt Zarrell, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

> **A crueldade contra animais tornou-se oficialmente um crime federal** depois que o presidente Donald Trump sancionou o projeto de lei na tarde de segunda-feira.
>
> O projeto de lei bipartidário, Lei de Prevenção da Crueldade e Tortura Animal (PACT), **criminaliza certos atos de crueldade contra animais**. O projeto foi aprovado no Senado por decisão unânime em 5 de novembro, após ser aprovado na Câmara no final de outubro.

> “Aprovação desta legislação é uma grande vitória no esforço para acabar com a crueldade contra os animais e tornar nossas comunidades mais seguras”, disse o senador Pat Toomey, republicano da Pensilvânia, no início deste mês quando o projeto de lei, que Toomey patrocinou junto com o senador Richard Blumenthal, democrata pelo estado de Connecticht, foi aprovado no Senado. “As evidências mostram que os indivíduos perturbados que prejudicam os animais muitas vezes passam a cometer atos de violência contra as pessoas. É apropriado que o governo federal tenha leis e penalidades severas contra crueldade animal.” (Google Tradutor) ([97])

No Brasil, encontra-se em vigor a Lei 9.605/1998, que dispõe sobre as sanções penais e administrativas decorrentes de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente. Entre suas disposições, destacam-se:

– Art. 15: condena o emprego de métodos cruéis para abate e captura de animais.

– Art. 32: condena a prática de atos de abuso, de maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticáveis, nativos ou exóticos.

Felizmente, há iniciativa no Senado Federal visando ao endurecimento das penas para os crimes de maus-tratos contra os animais. É o que se observa na matéria “CMA aprova aumento da punição para maus-tratos a animais”, publicada em 26 de agosto de 2025, no ***Senado Notícias***:

A Comissão de Meio Ambiente (CMA) aprovou nesta terça-feira (26) projeto que majora a pena do crime de maus-tratos a animais. Tutores ou proprietários que maltratarem seus pets terão pena aumentada de um sexto a um terço. **O PL 519/2021**, do senador Jorge Kajuru (PSB-GO), **recebeu voto favorável da relatora**, senadora Leila Barros (PDT-DF), na forma de um substitutivo. **Agora, o texto segue para análise da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ)**.

Atualmente, **a Lei de Crimes Ambientais determina a condenação de**

> **quem abusar, maltratar, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos**. Também pode ser condenado quem realiza experiência dolorosa ou cruel em animal vivo, ainda que para fins didáticos ou científicos, quando existirem recursos alternativos; e quem realiza ou permite tatuagens e *piercings* em cães e gatos, com fins estéticos.
>
> Mas **hoje a pena é fixada de acordo com o animal que foi maltratado**. Para os casos de cães e gatos, a pena é de dois a cinco anos, multa e proibição de o condenado ter a guarda. Para os outros animais, a pena varia de três meses a um ano, e multa. Nos dois casos, se o animal morrer, a pena pode aumentar de um sexto a um terço. **O texto aprovado na CMA muda essa perspectiva, além de aumentar a punição**. ([98])

Passado quase um ano desde sua aprovação na Comissão de Meio Ambiente, o PL 519/2021 continua na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), aguardando a designação de relator. Essa demora evidencia uma morosidade incompatível com a relevância da matéria e com a urgência de tornar mais severas as penas para os crimes de maus-tratos contra os animais.

Essa imagem consta no artigo do Senado ([99]).

III – ANIMAIS DESENCARNADOS

O que acontece com os animais após a morte?

Como todo ser vivo, os animais também enfrentam a morte ([100]), fato que traz muita dor e intenso sofrimento a seus donos.

Uma pergunta recorrente, que revela a preocupação quase unânime entre aqueles que possuem animais, é sobre o destino deles após o desencarne: iriam para algo semelhante a um “céu”? Essa questão desperta curiosidade em muitas pessoas, especialmente nos tutores de “pets”. Para

compreender melhor, recorramos às obras da Codificação.

A questão 600, de ***O Livro dos Espíritos***, mencionada por diversos escritores espíritas, encontramos a primeira explicação dada pelos Espíritos a Allan Kardec:

> 600. *Sobrevivendo ao corpo em que habitou, a alma do animal fica num estado errante semelhante ao em que se acha o homem após a morte?*
>
> "**Fica numa espécie de erraticidade**, já que não está mais unida ao corpo, mas não é um *Espírito errante*. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não tem a mesma faculdade. É a consciência de si mesmo que constitui o principal atributo do Espírito. **Após a morte, o Espírito do animal é classificado pelos Espíritos que se encarregam dessa tarefa e utilizado quase imediatamente**; não dispõe de tempo para se relacionar com outras criaturas." ([101]) (itálico do original)

Nas obras publicadas por Allan Kardec não há maiores detalhes que nos permitam compreender plenamente o que os Espíritos quiseram dizer com

“*numa espécie de erraticidade*”. Apenas foi esclarecido que, após a morte, o princípio espiritual dos animais, por não ter alcançado a condição de ser consciente, é **classificado e utilizado quase imediatamente** pelos Espíritos responsáveis por essa tarefa – processo sobre o qual, até o momento, não dispomos de explicações mais específicas.

De ***O Livro dos Médiuns***, Segunda Parte, capítulo “XXV – Evocações”, do item “283. Evocação de animais“, destacamos a seguinte pergunta:

> 36. *Pode-se evocar o Espírito de um animal?*
>
> “**Depois da morte do animal, o princípio inteligente** que nele havia se acha em estado latente e **é logo utilizado, por certos Espíritos incumbidos disso, para animar novos seres**, nos quais ele continua a obra de sua elaboração. Assim, **no mundo dos Espíritos, não há Espíritos errantes de animais**, mas somente Espíritos humanos. Isto responde a vossa pergunta.” ([102]) (itálico do original)

Aqui temos a confirmação do que foi dito na questão 600 de *O Livro dos Espíritos*: o princípio

espiritual dos animais é o "*utilizado quase imediatamente*" ou, como aparece em O Livro dos Médiuns, "*logo utilizado*". Em essência, a ideia é a mesma.

Ainda no item 283, vejamos a questão 36-a:

> 36-a. ***Como é então que, tendo evocado animais, algumas pessoas tenham recebido respostas?***
>
> "**Evocai um rochedo e ele vos responderá**. Há sempre uma multidão de Espíritos prontos a tomar a palavra, sob qualquer pretexto."
>
> OBSERVAÇÃO – Pela mesma razão, se evocarmos um mito, ou uma personagem alegórica, eles responderão, isto é, algum Espírito responderá por eles e lhes tomará o caráter e as maneiras. Certo dia, alguém teve a ideia de evocar *Tartufo*, e *Tartufo* veio logo. Mais ainda: falou de Orgon, de Elmira, de Dâmide e de Valéria, de quem deu notícias. Quanto a si próprio, imitou o hipócrita com tanta arte como se Tartufo houvesse sido uma personagem real. Disse mais tarde ser o Espírito de um ator que havia desempenhado esse papel. **Os Espíritos levianos se aproveitam sempre da inexperiência dos interrogantes.** Evitam, porém, dirigir-se aos que eles sabem bastante esclarecidos

> para lhes descobrir as imposturas e que não lhes dariam crédito aos contos. Acontece a mesma coisa entre os homens.
>
> **Um senhor tinha em seu jardim um ninho de pintassilgos**, pelos quais se interessava bastante. **Certo dia, o ninho desapareceu**. Tendo-se certificado de que ninguém da sua casa era culpado do delito, e como ele mesmo fosse médium, **teve a ideia de evocar a mãe dos passarinhos. Ela veio e lhe disse em muito bom francês: "Não acuses a ninguém e tranquiliza-te quanto à sorte de meus filhotes**; foi o gato que, saltando, derrubou o ninho; encontrá-lo-ás debaixo dos arbustos, assim como os passarinhos, que não foram comidos". Indo verificar, encontrou tudo certo, conforme lhe fora dito. **Devemos concluir que foi a ave quem respondeu? Claro que não, mas apenas um Espírito que conhecia a história**. Isso prova quanto se deve desconfiar das aparências e quanto é preciosa a resposta acima: **Evocai um rochedo e ele vos responderá**. [...]. ([103])

Concluir que um animal possa responder a uma evocação é ingenuidade, uma vez que não há comunicação entre os animais e os homens, deixando de fora o caso de que "*não há espíritos errantes de animais, mas somente Espíritos*

humanos". Talvez seja mais adequado considerar, como sugerem outras obras, que "*há para eles um mundo espiritual apropriado*", como veremos no livro *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada* ([104]).

Como vimos, os Espíritos da Codificação informaram que os animais possuem uma alma e, como veremos mais adiante, também reencarnam e estão sujeitos à lei do progresso ([105]), tal como nós, humanos. Contudo, diferentemente de nós, a alma dos animais não pode escolher a espécie animal em que encarnará, pois não dispõe livre-arbítrio. ([106])

Na ***Revista Espírita 1861***, mês de julho, ao comentar as visões do Sr. O., de Glocestershire (Inglaterra), narradas no *Spiritual Magazine* de abril daquele ano, Allan Kardec afirmou:

> [...] Sabe-se que **não há Espíritos de animais errantes** no mundo invisível, e que, **conseguintemente, não pode haver aparições de animais**, salvo caso em que um Espírito fizesse nascer uma aparência desse gênero com um objetivo determinado, o que não seria sempre uma aparência, e não o Espírito real de tal ou tal animal. [...].

([107])

Esse caso será retomado mais adiante; aqui destacamos apenas esse trecho para completar nossa linha de raciocínio.

Contudo, os fatos têm apontado na direção contrária, e são eles que devem ser considerados como fator decisivo. O próprio Allan Kardec reforça essa postura em duas afirmações:

– *"Contra **os fatos** não há nem oposição nem negação que possam prevalecer."* ([108])

– "***Os fatos** são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados."* ([109])

Mais à frente, no capítulo "As manifestações de animais não seriam tão só criações fluídicas?" da Parte III – Animais desencarnados, transcreveremos a narrativa completa desse caso, bem como as considerações do Codificador.

A existência de animais na erraticidade é noticiada por tantas fontes que já deveríamos considerá-la uma realidade, embora, à primeira

vista, pareça negada na resposta à questão 600 de *O Livro dos Espíritos*.

Em “Vocabulário espírita”, constante de *O Livro dos Médiuns,* encontramos a seguinte definição; “**ERRATICIDADE** – *Estado dos Espíritos errante, isto é, não encarnados, durante o intervalo de suas existências corpóreas.”* ([110])

Assim, entendemos que a expressão “*fica numa espécie de erraticidade*”, presente na questão 600 de *O Livro dos Espíritos*, indica que, de certo modo, os animais passam por um estado transitório após a morte, semelhante – mas não idêntico – ao que ocorre com os homens.

O aspecto central é que os animais não podem ser classificados como espíritos errantes, já que não possuem consciência reflexiva nem livre-arbítrio. Como Allan Kardec não detalhou o sentido exato da expressão “*uma espécie de erraticidade*”, nossa compreensão não pode ir além de uma interpretação aproximada.

Entretanto, parece surgir uma contradição. No item 283 de ***O Livro dos Médiuns***, Segunda parte,

capítulo “XXV – Evocações”, afirma-se que, após a morte, o princípio espiritual do animal *“é logo utilizado para animar novos seres”* e que *“no mundo dos Espíritos, não há Espíritos errantes de animais”.* Essas declarações tornam-se controversas, já que anteriormente se havia afirmado que o animal *“fica numa espécie de erraticidade”*.

Diante disso, recorreremos a estudiosos – espíritas e espiritualistas – em busca de elementos que favoreçam um melhor entendimento da questão.

Inicialmente, reproduzimos um trecho do artigo “Incoerências doutrinárias na obra Evolução em Dois Mundos parte II: animais na erraticidade, conceitos de fluidos, alimentação dos Espíritos e outras questões”, de autoria de Alexandre Fontes da Fonseca, publicado em 2 de março de 2024, no ***Jornal de Estudos Espíritas*** (Vol. 12 – 2024):

> [...] Algumas **obras mediúnicas descrevem animais agindo no mundo espiritual** de um modo similar ao que fazem no mundo material. Em que pese o sentimento de afeto que muitas pessoas têm pelos animais, **isso carece de base doutrinária**. Como

> citado acima em **Kardec, o princípio inteligente presente no animal é rapidamente conduzido a novas encarnações** em corpos também de animais para continuidade do seu desenvolvimento. [...]. ([111])

Esse é o pensamento preponderante no meio espírita. Infelizmente, os que advogam essa tese não se preocuparam em pesquisar inúmeras fontes confiáveis – sendo o pesquisador Ernesto Bozzano um exemplo clássico – que apresentam fatos em contrário, nem em submetê-las ao Controle Universal do Ensino dos Espíritos, especialmente quando essas têm por origem mensagens dos Espíritos.

Chamamos ainda a atenção do leitor para o comportamento de Allan Kardec, desconhecido da maioria dos espíritas, em relação à manifestação da cadelinha Mika, fato testemunhado por três pessoas, cujo relato que será apresentado adiante.

Na obra ***No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*** (1931), de J. Arthur Findlay (1883-1964), fundador e vice-presidente da Sociedade Glasgow de

Pesquisas Psíquicas e também presidente da revista britânica *Psychic News*, encontramos:

> Toda vida permanece. **Os animais, do mesmo modo que os seres humanos, sobrevivem à morte,** entrando cada um no estado que harmonicamente corresponde às suas vibrações. **A afeição que um animal tenha a um indivíduo pode reuni-los novamente depois da morte**; porém, **se não houver esse vínculo de afeição, eles atuarão nos planos que lhes correspondem**, sem se aperceberem um do outro. Assim, pois, **a vida é indestrutível**, uma grande força universal prepondera em toda parte, em todas as coisas, de uma forma ou doutra; mas, só pode ser percebida pelos nossos sentidos, quando em conjunção com o físico. ([112])
>
> P. – Os cães, gatos e outros animais sobrevivem à morte?
>
> R. – Sim, senhor, digo-o com ênfase; sobrevivem. Nenhuma vida se extingue. **Os animais, entretanto, não sobrevivem no mundo dos Espíritos**, conforme lhe chamamos. **Há para eles um mundo espiritual apropriado**. Não têm existência num mundo de Espíritos, como o homem. **Se, contudo, um cão é afeiçoado a um ser humano, pode penetrar no ambiente deste, se ambos deixaram a**

Terra. ([113])

Se podemos reencontrar os animais aos quais tivemos afeto, é certo que eles se encontram em alguma “região” do plano espiritual. Na explicação de que *“há para eles um mundo espiritual apropriado”* temos referência a essa região e também a possibilidade de que ingressem no ambiente humano, como em uma “breve visita”, tornam o raciocínio mais coerente e harmonioso.

Mais adiante, veremos que Miramez apresenta algo bastante semelhante em *Filosofia Espírita – Vol. XII*.

Recorremos também à obra ***Qual a Sua Dúvida Para o Tema: A Espiritualidade dos Animais*** (2007), do veterinário Marcel Benedeti, que comenta a questão 600 de *O Livro dos Espíritos* e o item 283 de *O Livro dos Médiuns*:

> **Algumas pessoas se apegam a essas questões para dizer que não há animais no Mundo espiritual** e que os autores espirituais como **André Luiz e Emmanuel se equivocaram ao descrever a**

presença de animais nas colônias. ([114])

Primeiramente é preciso entender o que é "erraticidade" e o que significa a palavra "errante".

Erraticidade: Período que compreende o intervalo entre uma e outra reencarnação.

Errante: É a condição de nômade. No caso é a condição de um espírito que exerce sua liberdade de maneira como aprouver.

Portanto não há realmente espíritos errantes de animais no Mundo espiritual, mas estão na erraticidade.

Não permanecem em estado errante, pois não possuem, ainda, essa liberdade. Os espíritos dos animais ficam sob a tutela de outros que se incumbem deles.

Isso em hipótese alguma, significa que os animais não fiquem no mundo espiritual enquanto aguardam o momento de reencarnarem.

Por isso o Espírito de Verdade disse:

"(A alma de um animal) fica numa espécie de **erraticidade**, pois não está unida a um corpo. Mas **não é um espírito errante**." ([115]) (grifo do original)

Completando essas explicações, traremos de ***Os Animais Conforme o Espiritismo*** (2008), a

seguinte fala de Marcel Benedeti:

> Kardec quis saber se os espíritos dos animais, depois que desencarnam, permanecerão na espiritualidade como acontece com os espíritos humanos. Como resposta, o Espírito da Verdade informa que sim, que **os animais permanecem na erraticidade, ou seja, no mundo espiritual, mas eles não têm liberdade de vagarem pelo mundo espiritual. Por isso que ele diz que não permanecem na erraticidade como seres errantes.** Não ser errante (errante é sinônimo de nômade) não significa que não fiquem na erraticidade, pois o simples fato de não estarem mais ligados a um corpo físico já os torna espíritos livres ou espíritos desencarnados, portanto obrigatoriamente pertencentes ao mundo espiritual.
>
> Os espíritos de animais **são espíritos jovens e por isso dependentes do tutorado de seres superiores a eles**, como nós, por exemplo, que decidem por eles.
>
> **Os animais que estão em estágio evolutivo atrasado em relação a nós precisam evoluir rapidamente e não têm tempo a perder com relações improdutivas na dimensão espiritual**. O interessante para eles é a reencarnação, que lhes fornecerá os aprendizados mais

> importantes que necessitam.
>
> **Os tutores humanos**, incumbidos de orientar a evolução destes seres espirituais, **os classificam por categorias** de acordo com o nível de evolução. **São enviados para reencarnação** quando receberão novos corpos para a continuidade de seus aprendizados. ([116])

Essas explicações deixam a questão em "pratos limpos": os animais permanecem no mundo espiritual, mas não como espíritos errantes.

Além dessas obras, Marcel Benedeti publicou mais seis livros sobre os animais ([117]), tornando-se referência no meio espírita.

Na mesma linha, a pesquisadora Simone Nardi Grama, em seu artigo "Animais, plano espiritual e erraticidade" publicado na revista ***Espiritismo O Grande Consolador*** (set/2010):

> A princípio, faz-se necessário eliminar alguns equívocos que frequentemente levam algumas pessoas a serem taxativas ao dizer que não existem espíritos de animais na erraticidade.
>
> **A palavra "erraticidade" deve ser**

> **compreendida, primeiramente, como "estar no plano espiritual"**, como o estado em que o Espírito está finalmente liberto do corpo material. **Já a palavra "errante" nos traz a ideia de errático, de alguém que está vagando ao acaso, sem rumo, perdido**. Nesse caso, poderíamos também compreender que tal Espírito se encontra fora da colônia espiritual, vagando pela Terra, muitas vezes acreditando ainda estar encarnado. Como podemos ver, **as palavras "erraticidade" e "errante"**, que iremos encontrar na questão 600 de *O Livro dos Espíritos*, **possuem significados diferentes, fato ao qual poucas pessoas dão atenção.** ([118])

Assim, temos mais de luz para compreender: os animais entram na erraticidade após a morte, mas não são espíritos errantes, pois não possuem consciência reflexiva nem livre-arbítrio, conforme já o dissemos.

O estudioso Fausto Fabiano da Silva também se alinha a esse pensamento. Na ***Revista Internacional de Espiritismo***, Ano LXXXVI, nº 11, dezembro de 2011, em seu artigo "Os animais no mundo espiritual", ele observa:

Por outro lado, a afirmação sobre a erraticidade, encontrada em *O Livro dos Médiuns* (Capítulo XXV, das Evocações): "Assim, no mundo dos espíritos não há Espíritos errantes de animais, mas somente Espíritos humanos", muito utilizada para questionar a existência dos animais no mundo espiritual, é facilmente resolvida. Ora, **na questão 600 de *O Livro dos Espíritos*, o conceito de errante é claramente relacionado, exclusivamente com o espírito humano**: "*O Espirito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade*"; **dessa maneira, não existem espíritos de animais errantes, pois estes não pensam como os seres humanos, nem têm o correspondente livre-arbítrio; entretanto, isso não quer dizer que não existam animais no plano espiritual, já que, "errante", segundo evidenciam os espíritos, é uma condição tipicamente humana**. Podemos fazer uma analogia, para entendermos melhor o assunto, lembrando o conceito de "cidadão", na Grécia Antiga, que era relacionado apenas a uma minoria de homens livres, o que não excluía da realidade social a existência de outras pessoas, como as mulheres. Pensando dessa maneira, **podem existir animais, no plano espiritual, porém, errantes, somente os espíritos humanos desencarnados**. ([119])

A prof.ª Irvênia Luiza Santis Prada, médica veterinária e pesquisadora, em ***A Questão Espiritual dos Animais*** (1998), no tópico "Animais e Erraticidade" do capítulo "9 – Figuras animais no plano espiritual", entre várias coisas, argumenta:

> Em *O Livro dos Espíritos*, questão 224, Kardec coloca aos Espíritos: "O que é a alma [entenda-se humana] nos intervalos das encarnações? R. Espírito errante, que aspira a um novo destino e o espera".
>
> Nas questões que se seguem, há novamente a expressão "estado errante". **Um dos significados da palavra "errante"**, segundo o dicionário de Caldas Aulete **é "nômade, sem domicílio fixo"**, e de errar, é "vaguear" (errando ao acaso...). Por sua vez, erraticidade, como erratibilidade, quer dizer: "caráter do que é errático. (Espir.): Estado dos espíritos durante os intervalos de suas encarnações".
>
> Quanto aos animais, surge a natural curiosidade de se saber como o seu Espírito se comporta na erraticidade, se é que para eles existe. *O Livro dos Espíritos*, questão 600, clarifica:
>
>> A alma do animal, sobrevivendo ao corpo, fica num estado errante, como a do homem após a morte?
>>
>> R. **Fica numa espécie de erraticidade**,

> pois não está unida a um corpo. **Mas não é um Espírito errante**. O **Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade**; o dos animais não tem a mesma faculdade. É a consciência de si mesmo que constitui o atributo principal do Espírito. **O Espírito do animal é classificado após a morte**, pelos espíritos incumbidos disso, **e utilizado quase imediatamente**: não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas'.

Algumas pessoas entendem, a partir desse texto, que os animais, assim que desencarnam, são prontamente reconduzidos à reencarnação. **A expressão "utilizado quase imediatamente" não precisa ser entendida de forma literal**. O Espírito do animal pode ser prontamente "utilizado" para uma infinidade de situações, dentre elas o reencarne, por isso "não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas".

Entendo que os animais, sendo conduzidos por Espíritos humanos, não dispõem de tempo livre para atuarem à sua maneira, mas, sim, conforme o estabelecido por seus orientadores. Aliás, é o que sugere o texto em foco (LE 600): "o espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não tem a mesma faculdade".

Em *O livro dos médiuns*, segunda parte, capítulo XXV, item 283, Kardec trata da possibilidade da "evocação de animais" e

pergunta aos espíritos:

> Pode-se evocar o Espírito de um animal?
>
> R: "**O princípio inteligente, que animava um animal, fica em estado latente após a sua morte. Os espíritos encarregados deste trabalho, imediatamente o utilizam para animar outros seres**, através dos quais continuará o processo de sua elaboração. Assim, **no mundo dos espíritos, não há espíritos errantes de animais**, mas somente espíritos humanos [...].

Herculano Pires, tradutor da obra, faz a seguinte chamada em rodapé:

> **Espíritos errantes são os que aguardavam nova encarnação terrena [humana] mesmo que já estejam bastante elevados**. São errantes porque estão na erraticidade, não se tendo fixado ainda em plano superior. **Os espíritos de animais, mesmo dos animais superiores, não têm essa condição**. Ler na *Revista Espírita* n. 7, de julho de 1860, as comunicações do espírito Charlet e a crítica de Kardec a respeito.

Apesar de a colocação dos Espíritos ter sido taxativa, quanto a não haver Espíritos errantes de animais, os fatos falam o contrário. Se assim fosse, isto é, **se não existissem animais (desencarnados) no plano espiritual, como explicaríamos tantos relatos?**

> Como explicaríamos a existência dos chamados "Espíritos da natureza?" Trataremos deles no próximo capítulo e já posso adiantar que vivem na erraticidade!
>
> **Ernesto Bozzano** [*Os Animais têm Alma?*] refere, dentre **os 130 casos de fenômenos supranormais com animais**, dezenas de episódios com **aparição de bichos em lugares assombrados, com materialização e visão com identificação de fantasmas de animais mortos**. [...]. ([120])

Na atualidade, a Prof.ª Irvênia Prada se destaca com sua produção literária sobre esse instigante tema.

Para nós, os fatos realmente apontam para a existência de animais na erraticidade, ainda que, por um motivo qualquer por nós desconhecido, isso não seja uma regra a ser aplicada a todos eles, até aos considerados de "*nível de inteligência*" inferior ou quase nulo.

Do capítulo "Animais Errantes", do livro ***Todos os Animais São Nossos Irmãos*** (2005), de Marcel Benedeti, tomamos o seguinte trecho:

A avó e a mãe se olharam e um ponto de interrogação se estampou na face das duas senhoras. Elas se perguntavam mentalmente se ele estava vendo **o cão morto**.

Então, ela soltou o garoto que estava ansioso por **abraçar seu amigo** que tinha cinquenta quilos, quando encarnado. O menino correu para o quintal, em direção ao antigo companheiro, mas não sem antes parar diante do avô e endereçar-lhe um grande sorriso. **Aproximou-se do cão e o abraçou**. A mãe e a avó ficaram atônitas com o que viam. **O garotinho abraçava um cão invisível**. Pensaram em levá-lo ao médico, acreditando que talvez estivesse transtornado pela perda do companheiro. No entanto, deixaram que continuasse com sua fantasia. Algum dia ele deveria esquecer de vez o seu amigo cão.

Para substitui-lo, adotaram dois cães abandonados em uma praça. Talvez com estas novas companhias, ele se esquece do falecido cão. Era o que pensavam, mas **o animal apenas acompanhava o avô, que fazia visitas periódicas à família e à casa onde morava, quando ainda era encarnado**. Após algum tempo, o cão e o avô deixaram de visitá-los, porque o homem estava prestes a reencarnar, deixando o animal sob custódia dos amigos da Espiritualidade. O cão também iria reencarnar em breve, e, desde então, o

garoto não mais citou o nome do amiguinho desencarnado.

Os alunos acompanharam o cão por vários dias, e o comportamento diante das pessoas que não o viam. Ele se sentia constrangido por não ser notado, mas o que mais lhe importava era ser visto pelo garoto, a pessoa tinha mais afinidade. Eventualmente, as pessoas da casa lembraram-se do cão: comentam sobre como era inteligente e perspicaz, protegia e cuidava do pequeno garoto.

Um dos alunos disse ao professor:

– Eu pensei, quando o vimos pela primeira vez, que estivesse andando sem rumo, perdido na Espiritualidade.

– **Não há animais desamparados na Espiritualidade. Aqui eles estão sempre acompanhados por alguma pessoa. Nunca ficam, como acontece conosco, naquele estado que as pessoas encarnadas chamam de erraticidade**. Ou ficam em companhia de alguém que se responsabilizará por eles ou **são encaminhados a setores específicos das colônias de animais, como a do Rancho**, por exemplo. Eles não têm tempo a perder. **Quando em companhia de alguém, estão aprendendo algo, por isso não podem ficar na ociosidade**. Assim, se não estivem acompanhados de forma autorizada, vão para a reencarnação.

> [...].
>
> Geralmente, o animal também é encaminhado à reencarnação, mas se outro requerer a tutela, poderá ou não ser cedida a transferência de responsabilidade.
>
> – Por quanto tempo podem permanecer em nossa dimensão sob essas responsabilidades? Um tempo muito prolongado de anuência não seria um tipo de prejuízo também a eles, uma vez que não há tempo a perder com ociosidade?
>
> – Concordo com você. **A evolução não pode parar. Por isso existe um tempo limite que o animal pode permanecer nessa espécie de estágio, em companhia de um amigo. Após esse tempo, ele é compulsoriamente encaminhado à reencarnação.** Mas não se esqueça de que estagiar entre as pessoas nesta dimensão também é um aprendizado. Portanto, não chega a se constituir em prejuízo. ([121])

Aqui temos interessantes explicações sobre os animais no mundo espiritual, que podem nos ajudar a sanar nossas dúvidas a respeito da permanência deles na erraticidade.

Recordamos aqui as palavras de Charles Richet (1850-1935), fundador da Metapsíquica ([122]), que,

em *A Grande Esperança* (1933), afirmou: *"não é um verdadeiro sábio aquele que não se curva perante o poder dos fatos."* ([123])

Na ***Revista Espírita 1868***, mês de setembro, temos o artigo "A alma da Terra", sobre o qual ocorreu várias comunicações, Allan Kardec publica uma delas que foi recebida na Sociedade Espírita Bordeaux, abril de 1862:

> A Terra não tem alma [...] porque não é um ser organizado [...]; as tem por milhões que são **os Espíritos encarregados** de seu equilíbrio, de sua harmonia, de sua vegetação, de seu calor, de sua luz, das estações, **da encarnação dos animais** que sobrevivem, assim como a dos homens. [...]. ([124])

Confirma-se, portanto, que existem Espíritos encarregados da encarnação dos animais, ainda que não tenhamos detalhes sobre como realizam essa tarefa. É justamente nessa ausência de explicações que se fundamenta a descrença em manifestação de espíritos de animais.

Entretanto, também é aqui que se revela a

natureza progressiva da Doutrina. O próprio Codificador deixou claro em “Considerações Iniciais”: “*O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto, [...] muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores*.” ([125])

Essa abertura, muitas vezes ignorada pelos mais dogmáticos, mostra que limitar o Espiritismo é fechar os olhos ao seu caráter dinâmico e evolutivo. Os fatos, como vimos, apontam para a presença de animais na erraticidade, ainda que sob condições específicas e não idênticas às dos Espíritos humanos, evidências não perceptíveis pelos dogmáticos, por manterem sua mente fechada ao “Espiritismo é só em Kardec”.

Do capítulo “O corpo físico” da obra T***odos os Animais São Nossos Irmãos*** (2005), de Marcel Benedeti, destacamos o seguinte trecho:

> – [...] Quando o animal está sendo preparado para reencarnar, **sua ficha já está pronta, incluindo referência dos pais, do local onde viverá, a espécie, a raça e todas as informações importantes pertinentes àquele indivíduo em especial**. Nessas fichas

> estão incluídas também quais serão suas características físicas. **Será indicada a cor dos pelos, o peso, quando adulto e ao nascer, a cor dos olhos, enfim, tudo de acordo com o que será encontrado em seu código genético**. Mas o interessante a conhecer é como o código genético é predeterminado. É um processo interessante, porque **envolve as fichas dos pais e o conhecimento de todo o mapa genético contido em cada espermatozoide do pai e dos óvulos da mãe**. Temos um mapa genético de cada espermatozoide pronto ou em formação no pai e cada óvulo pronto ou em formação na mãe. ([126])

A função de organizar a reencarnação dos animais, assim como a dos homens, parece-nos extremamente complexa. É razoável supor que Espíritos especializados, dotados de elevado conhecimento – especialmente no campo biológico – sejam responsáveis por essa tarefa.

Nas inúmeras obras que fazem menção a colônias espirituais também veremos referências a presença de animais nesse ambiente. Mas na obra ***Todos os Animais Merecem o Céu*** (2004) temos

informações que vão além, apresentando-nos uma colônia espiritual destinada aos animais.

a) Capítulo “Animais”:

– O senhor é o dono desta fazenda aqui também? [“**Rancho Alegre**”].

– Não, não. Sou apenas um dos trabalhadores. **Esta fazenda é, na realidade, uma colônia espiritual, isto é, uma comunidade que cuida dos animais**, auxiliando-os principalmente no seu aprendizado evolutivo. Há vários colaboradores de diversas áreas de especialização e **equipes especializadas em assuntos relativos aos animais**. Há os colaboradores das equipes de resgate, de cirurgiões, os responsáveis por animais selvagens, que incluem os animais marinhos e outros. Aqui em nossa fazenda trabalham muitos que foram, quando encarnados, veterinários, que nos auxiliam, mas há outros que se encontram ainda encarnados também. Dentre os especialistas, há aqueles que atuam na mesma especialidade que exerceram na Terra, trabalhando aqui em funções semelhantes. Há os que não são especialistas, mas, sim, grandes colaboradores e valorosos naquilo que faze-me que por isso merecem tanto respeito quanto os outros. ([127])

– O que acontece com Paloma [uma égua manga-larga] agora? Viverá aqui [no "**Rancho Alegre**"] para sempre? Aqui seria como o paraíso dos cavalos?

Aqui não é o paraíso, mas é **um ótimo lugar, onde os animais são bem tratados até se recuperarem e estarem em condições de retornar ao mundo físico e continuar seu aprendizado**. Aqui se encontram não somente cavalos, mas todas as espécies de animais que conhecemos na Terra, dos quais cuidamos até sua recuperação. Aqui nós os preparamos para um novo retorno à vida física. Como pode perceber, **não é exatamente um paraíso, mas tão somente uma colônia espiritual**. Este lugar é apenas um posto intermediário. Há muitos outros em localidades que cuidam de assuntos ligados a animais mais evoluídos que os que conhecemos, cuja tecnologia é desconhecida por nós.

É necessário muito tempo de estudo e trabalho para sermos levados a pontos mais avançados que estão, digo, com certeza, a muitos anos-luz de nossa capacidade. Nosso trabalho aqui é bem elementar, se comparado com o que desenvolvem por lá, mas não nos preocupemos com isso ainda. ([128])

b) Capítulo "Bob":

Cláudia continuou com sua explicação:

– Então, continuando de onde parei: **os animais são agrupados por afinidade**, senão haveria um reboliço quando um cão, por exemplo, se encontra com um gato. Eles mal distinguem as duas dimensões. Para eles estar aqui ou lá é a mesma coisa. Por isso, um cão que deteste gatos, ao se deparar com um deles lá, o atacaria e o outro tentaria defender-se, usando seus instintos que estão impressos no seu corpo espiritual. **Se tivéssemos uma boa vidência, notaríamos, talvez, a presença de espíritos de animais à nossa volta, pois eles transitam facilmente entre as duas dimensões sem distingui-las**. E outra coisa interessante de se salientar: **a vidência nos animais. Eles são naturalmente videntes. Eles veem espíritos de seres humanos**, por exemplo, que nós mesmos vemos com dificuldade, sem distinguir praticamente em que dimensão estão vendo. Tanto veem a nós quanto aos espíritos que estão em outras dimensões – argumentou Cláudia, com destreza de palavras e paciência. ([129])

c) Capítulo "No hospital"

-Ah! Certo. Entendi. Mas e os insetos? Por que não há insetos por aqui?

– **Os insetos**, por serem muito numerosos, ficam em uma ala em separado, onde **são tratados em conjunto para**

serem levados rapidamente ao retorno ao mundo físico. Os insetos chegam e retornam tão rapidamente que quase não permanecem por aqui. Eles chegam e partem quase imediatamente. ([130])

d) Capítulo “Tia Nana”

– Mas diga-me, vovô. O senhor concordou quando eu disse que estes animais estavam aqui por espontânea vontade?

Sim, concordo plenamente – respondeu ele. Estes animais sentem-se bem aqui neste ambiente recriado de seu *habitat*, que simula perfeitamente a Austrália e a Nova Zelândia. Antes de serem mandados às **colônias especializadas para reencarnação, ficam por aqui pelo tempo que quiserem**, ou que for permitido, pois **há uma rotatividade, isto é, uns chegam, outros reencarnam. Por isso, sempre há animais recém-chegados por aqui**. Eu sei destas informações porque sou voluntário em uma pequena **colônia que fica no astral asiático, que se ocupa com trabalhos de salvamento e reencarnação de animais**. Aqui em nossa colônia [**localizada no astral da região do Tibete**] existem animais que preferem permanecer porque **querem estar em companhia de seus antigos donos**, que também vieram para cá. Lá em casa, temos alguns, que conviviam conosco na Terra, e outros

conhecemos aqui. Alguns deles precisam reencarnar, porém está sendo difícil para nós, que nos apegamos muito, deixá-los ir, mesmo sabendo que não podemos atrasar nem interferir nestes assuntos de evolução. Mas, se for necessário, não os impediremos de partir. […]. ([131])

e) Capítulo “Aprendizado”

[…] Ela [Cláudia], então, começou a explicar:

– Quando nós desencarnamos, isto é, quando falecemos, espírito o espírito abandona o corpo físico e passamos a fazer parte de outra dimensão, que não é mais a física. Nesta outra dimensão, muitas vezes somos recebidos por parentes e amigos e, dependendo de nossa condição de saúde, somos encaminhados a hospitais no astral para nos recuperarmos. Se estivermos bem, **somos levados às colônias, que nada mais são do que cidades como as que conhecemos aqui, com escolas. casas e pessoas comuns**. Vivemos lá, como se vivêssemos nesta dimensão. Lá, as pessoas trabalham e estudam; mas, quando chega o momento de retornar à dimensão física, o espírito passa por vários preparativos. Para este fim, somos auxiliados por uma equipe especializada. **Com os animais não é diferente**. Quando morrem, desligam-se do seu corpo físico e são recebidos na outra dimensão, a espiritual, também por uma

equipe de pessoas que se ocupam disso. São recebidos e submetidos a tratamento de saúde, se necessário, e preparados para a volta à nossa dimensão, pela reencarnação. **Algumas vezes, podem permanecer por algum tempo em companhia de seus antigos donos** que, porventura, se encontrem naquela dimensão. **A equipe especializada em animais, de modo geral, quase imediatamente os prepara para a reencarnação** e, em poucos dias, já estão nascendo em alguma ninhada por perto de onde viviam antes. **O retorno é rápido, porque os animais não têm grandes ajustes com sua consciência**. Por possuírem uma individualidade relativamente pequena e muito restrita, não têm o que os hindus chamam de carma. A lei de ação e reação ainda não pesa sobre a análise que determina em que condições será seu retorno. **Os erros e acertos cometidos durante a vida somente são importantes para aprenderem sobreviver**. O que aprendem com estes erros e acertos fica gravado em setores de seus corpos espirituais. Quando chegar o momento certo, este arquivo será acessado, ajudando-os a decidir a melhor maneira de agir, conforme o que aprenderam. Se é certo ou se é errado, eles não sabem discernir, mas definem o que é melhor para eles em uma ou outra situação de sobrevivência. Por isso, assim que são recebidos, imediatamente são preparados e reenviados

> para cá. Geralmente, em locais próximos ou até no mesmo local onde viveram na última reencarnação. **Em geral, também retornam na mesma espécie** até amadurecerem o suficiente para ingressarem em outra espécie mais adiantada evolutivamente – concluiu Cláudia, [...]. ([132])

Observa-se que a finalidade dessas colônias é a assistência aos animais, inclusive, cuidando do processo de reencarnação de cada um deles.

Recentemente, encontramos uma obra que apresenta falas de Chico Xavier a respeito dos animais. Trata-se do livro intitulado ***Chico Xavier: o Amigo dos Animais*** (2008), do qual transcrevemos:

> Quando os animais "morrem"
>
> – Chico, o que acontece quando os animais morrem? A gente cria apego aos bichinhos e...
>
> À pergunta que um amigo lhe fizera o médium respondeu:
>
> – Alguns, como os Espíritos disseram a Allan Kardec, reencarnam de imediato, sendo, **muitas vezes, quando há verdadeiro afeto entre eles, trazidos de volta aos seus donos... Outros ficam**

> **durante um tempo no Mundo Espiritual**, muitas vezes se reencontrando com os seus antigos donos desencarnados, que continuam responsáveis por eles.
>
> – Algum pode ir para outro mundo, igual ao nosso?...
>
> – Acontece; no entanto é mais raro. Vejam vocês que o número de animais tem diminuído na Terra; muitas espécies estão em processo de extinção...
>
> **Mas em algum lugar eles estarão vivendo!**
>
> **E concluiu:**
>
> **– Há muitas moradas na Casa do Pai para os animais também!...** ([133])

Identificamos três informações interessantes:

1ª) A existência de animais na erraticidade, ainda que não por muito tempo;

2ª) A possibilidade de reencarnarem no mesmo ambiente dos antigos donos;

3ª) No mundo espiritual, há locais específicos destinados a eles.

Em relação ao último item, trata-se da terceira fonte que apresenta essa situação.

As manifestações de animais não seriam tão só criações fluídicas?

Alguns confrades partem do pressuposto de que, se não há animais na erraticidade, então todas as manifestações atribuídas a eles seriam apenas criações fluídicas. Eis a instigante questão que precisamos enfrentar e procurar responder.

Certa feita, o escritor Alexandre Caroli Rocha nos indicou um poema registrado na obra ***A Criação do Mundo*** (2011), que transcrevemos por trazer informações sobre o mundo espiritual – evidência de que não se trata de um produto puramente cultural de povos ditos civilizados:

Canto fúnebre Kaingang

Passe com cuidado pela ponte.

Viva bem com os outros que partiram,

Assim como eles estão vivendo bem.

Você pode viver bem da mesma maneira…

Lá você verá muita coisa que já viu aqui na Terra,

> **Assim como o gavião.**
>
> **Teus parentes virão encontrá-lo na ponte**
>
> **E te levarão para sua morada**.
>
> Kaingang, Século XIX. ([134])

Os organizadores dessa obra, Emerson Guarani e Benedito Prezia, informam em nota: "*Texto recolhido entre os Kaingang do Tibagi (PR) por Telêmaco Borba. In: Actualidade Indígena. Curitiba: Typographia e Lytographia Paranaense, 1908, p. 34*." ([135]).

Os índios Kaingang *"chegaram ao sul e sudeste do Brasil há 3.000 anos"* ([136]) e o início do contato...

> [...] entre os Kaingang e os colonizadores europeus teve início ainda no século XVI, quando alguns grupos que viviam mais próximos ao litoral atlântico tiveram contatos com os primeiros portugueses. ([137]).

É relevante para nossa pesquisa o seguinte trecho do canto fúnebre Kaingang: "*Lá você verá muita coisa que já viu aqui na Terra,* ***assim como o***

gavião" ([138]). Essa passagem comprova, sem margem a dúvida, que em sua cultura há a crença de que, no mundo espiritual, além das coisas que existem na Terra, também encontraremos animais.

O neurocirurgião, Dr. Eben Alexander III, em ***Mapa do Céu*** (2014), diz algo interessante:

> **Os mitos e as lendas dos povos indígenas de todo o mundo**, desde o outback australiano até as florestas tropicais do Brasil, **descrevem reinos além da morte em que a dança, assim como outras atividades que realizamos aqui na Terra**, duram para sempre. [...]. ([139])

Por isso, estamos cada vez mais convencidos de que mitos e lendas frequentemente ocultam verdades sob forma alegórica; quanto mais universais se mostram, maior a possibilidade de refletirem verdades concretas.

Allan Kardec, bem o disse:

> 1º) ***O Céu e o Inferno***, Segunda Parte, capítulo II – Espíritos Felizes, Sr. Sanson:
>
> **Os contos de fadas** estão cheios de coisas absurdas, **mas quem sabe se não**

> **contém**, de alguma sorte e em parte, **algo do que se passa no mundo dos Espíritos**? [...]. ([140])

> 2º) ***Revista Espírita 1868***, mês setembro, artigo "As memórias de um marido":

> [...] As **crenças populares contêm**, sem contradita, os traços, ou melhor, **os germes das ideias espíritas em todas as épocas e em todos os povos**, mas misturadas às lendas supersticiosas, como o ouro das minas está misturado à ganga. [...]. ([141])

Em mensagem de 19 de fevereiro de 1869, registrada na ***Revista Espírita 1869***, mês de março, em seu primeiro parágrafo o Espírito Clélie Duplantier, disse:

> **Todas as lendas**, quaisquer que sejam, tão ridículas e tão pouco fundadas que pareçam, **repousam sobre uma base real**, sobre uma verdade incontestável, demonstrada pela experiência, mas amplificada e desnaturada pela tradição. [...]. ([142])

Confirma-se, portanto, o teor das duas falas do Codificador.

No caso dos Kaingang, observam-se duas hipóteses pelas quais teriam adquirido conhecimento das realidades espirituais, ambas relacionadas à emancipação da alma: pela via onírica (sonhos) ou pela via mediúnica.

Alguns confrades sustentam que, se não todas, ao menos a maioria das manifestações de animais seriam meras criações mentais – isto é, formas fluídicas engendradas pela mente dos Espíritos. Dessa forma, não constituiriam, propriamente, uma realidade manifesta.

Nesta imagem temos uma bela representação de um cãozinho desencarnado se aproximando do dono, demonstrando-lhe o seu afeto ([143]):

Vamos listar algumas ocorrências para verificar se, de fato, é isso o que acontece.

Inicialmente, reportamo-nos ao artigo “Os Espíritos glóbulos”, publicado na ***Revista Espírita 1860***, mês de fevereiro, pois em seu último parágrafo há um comentário de Allan Kardec de grande importância, que não podemos deixar de citar:

> **Os únicos sinais que, realmente, podem atestar a presença de Espíritos são os sinais inteligentes.** Enquanto **não ficar provado que as imagens**, de que acabamos de falar, ainda que dotadas de forma humana, **têm movimento próprio, espontâneo, com evidente caráter intencional e acusando vontade livre, nisso veremos apenas fenômenos fisiológicos ou óticos.** A mesma observação se aplica a todos os gêneros de manifestações, sobretudo aos ruídos, às pancadas, aos movimentos insólitos dos corpos inertes, que mil e uma causas físicas podem produzir. Repetimos: **enquanto um efeito não for inteligente por si mesmo, e independente da inteligência dos homens, devemos olhá-lo duas vezes antes de os atribuir aos Espíritos**. ([144])

Dessa forma, fica bem definido que, se algo for considerado criação fluídica, somente o será quando não demonstrar "*movimento próprio, espontâneo, com evidente caráter intencional e acusando vontade livre*", caso contrário, deverá ser visto *"apenas [como] fenômeno fisiológico ou ótico"*.

Chamamos a atenção do leitor: se essa premissa for levada em conta nos casos que citaremos, então estaremos diante de fatos autênticos de manifestações de espíritos de animais.

É oportuno trazer este trecho de ***O Livro dos Médiuns***, dito pelo Codificador, no qual ele ressalta uma recomendação recorrente dos Espíritos: *"precisamos aprofundar o sentido de suas palavras, quando apresentarem a menor ambiguidade."* ([145])

Retornando à ***Revista Espírita 1861***, mês de julho, para analisar o artigo "As visões do Sr. O.", publicado em "Variedades", no qual se relatam experiências curiosas extraídas do *Spiritual Magazine* de Londres (abril de 1861):

> "O Sr. O..., gentil-homem de Glocestershire, jamais tinha tido visões até o

momento que veio morar em P..., em 3 de outubro de 1859. Em torno de quinze dias depois de sua chegada, começou a ver à noite; no início eram raios luminosos que vinham clarear seu quarto, passando pela janela; deu-lhes pouca atenção, atribuindo isso à lanterna de um vigilante ou a um longo relâmpago. Entretanto, uma noite em que fixava seus olhos sobre a parede de seu quarto, viu se formar uma rosa e em seguida estrelas de diversas formas. Uma outra noite viu, na misteriosa luz, dois anjos magníficos tendo uma trombeta. Naquela noite o Sr. O... se retirara mais cedo que de costume por causa de uma ligeira indisposição que sentira. A presença desses dois anjos, que durou um ou dois segundos, fê-lo sentir uma doce sensação, que durou mesmo depois de sua partida.

Na semana seguinte **a mesma luz lhe apareceu com a figura de uma criança abraçando um pequeno gato**. Várias outras figuras apareceram do mesmo modo, mas muito obscuras para serem distinguidas. Em março, o perfil de uma senhora cercada de um círculo luminoso; reconheceu sua mãe, e gritou todo feliz: Minha mãe! Minha mãe! Mas essa visão desvaneceu-se logo. Na mesma noite, viu uma bela senhora, em roupa de cidade, com um chapéu na cabeça.

Uma ou duas noites depois ele **viu um lindo e pequeno cão** e um pequeno rapaz.

Uma luz apareceu-lhe em seguida, semelhante àquela de uma janela cujo contorno não estava nitidamente marcado, o que se renovou quatro vezes, e as três primeiras vezes durante cerca de meio minuto. O Sr. O… se recolheu e procurou adivinhar o sentido dessa visão, e acreditou que ela significava que não tinha mais que três anos ou três meses para viver. A luz retornou ainda uma vez; o Sr. O… se levantou sobre seu assento e a luz desapareceu ao cabo de um minuto.

"Em 3 de abril ele viu uma luz fazendo o efeito de uma fonte luminosa, e no interior do quarto uma parte de figura de homem: só a fronte, os olhos e o nariz eram visíveis; os olhos muito grandes e salientes olhavam-no fixamente. Isso desapareceu logo. Nas datas abaixo teve ainda as visões seguintes:

"4 de abril. – Rosto e busto de uma senhora sorrindo para duas crianças que se abraçavam uma na outra. Um pouco depois era o alto da cabeça de um homem, que o Sr. O… reconheceu pelos cabelos e a fronte como um de seus amigos morto recentemente. – 27 de julho. – Uma mão dirigida para baixo. Isso apareceu primeiro sobre a parede como uma luz fosforescente e tomou gradualmente a forma de mão. Então viu uma cabeça de homem idoso pertencente a essa mão, e **um pequeno pássaro cinzento de penas claras**. Essa figura olhava-o com ar solene, mas

desapareceu; nisso sentiu um certo medo e julgou tremer, mas, ao mesmo tempo, sentiu uma sensação de calor agradável. Viu também um rolo de papel sobre o qual havia hieróglifos. – 12 de dezembro. **Um pássaro em seu ninho** dando bicadas em seus pequenos. – 13 de dezembro. – **Duas cabeças de leopardos**. – 15 de dº. – Um forte golpe que foi ouvido pela senhorita S… em seu quarto, e que despertou o Sr. O…, que dormia profundamente. – 16 de dº. – Um barulho de sinos ouvido também pela senhorita S… – Um anjo com uma pequena criança brilhante, que se transformaram em flores. – **Uma cabeça de cervo** com grandes cornos. – 18 de dº. – Alguns rostos e **duas pombas**. – 1º de janeiro. – Um grande barco atrás do qual se eleva uma cabeça de criança gradualmente e acaba por voar para frente. – 3 de janeiro. – Um querubim e uma criança.

"Uma noite viu **uma pintura representando uma soberba paisagem**; era como uma abertura na obscuridade; **via praias, árvores, etc., um homem e uma vaca**. A mais bela claridade do sol iluminava essa paisagem. O que há de particular nessas visões luminosas é que frequentemente a luz clareia todo o quarto, de maneira a deixar ver os móveis, como em pleno dia; quando ela desaparece, tudo entra na obscuridade.

O Sr. O… teve muitas outras visões das

quais negligenciou tomar nota.”

Parece-nos que as há suficientes para nos permitir apreciá-las, e **não pensamos que nenhuma pessoa esclarecida** sobre a causa e a natureza dos fenômenos espíritas **possa considerá-las como verdadeiras aparições**. Querendo se reportar ao primeiro artigo deste número, onde tentamos **determinar o caráter da alucinação, compreender-se-á a analogia que elas têm com as figuras que se apresentam**, frequentemente, na sonolência, e que devem ter as mesmas causas. **Disso estaríamos convencidos unicamente pela multidão de animais que ele viu. Sabe-se que não há Espíritos de animais errantes no mundo invisível, e que, consequentemente, não pode haver aparições de animais, salvo caso em que um Espírito fizesse nascer uma aparência desse gênero com um objetivo determinado, o que não seria sempre senão uma aparência, e não o Espírito real de tal ou tal animal**. O fato das aparições é incontestável, mas é preciso guardar-se de vê-las por toda a parte, e de tomar portais os jogos de certas imaginações fáceis de exaltarem, ou a visão retrospectiva das imagens impressas no cérebro; a minúcia mesmo com a qual o Sr. O… revela certas particularidades insignificantes é o indício da natureza das preocupações de seu

> Espírito.
>
> Em resumo, **não encontramos nada nas visões do Sr. O... que tenham o caráter de aparições propriamente ditas,** e cremos que há muito inconveniente em dar semelhantes fatos sem comentários, e sem fazer prudentes reservas, porque se fornecem, sem o querer, armas à crítica. ([146])

Em nossa opinião, as visões do Sr. O..., têm tudo para serem alucinações.

O próprio Codificador, ao comentar o caso, considerou que tais manifestações tinham mais o caráter de alucinações do que de aparições autênticas, sobretudo pela multiplicidade de animais vistos. Para ele, não existiam "*Espíritos de animais errantes no mundo invisível*", de modo que tais imagens só poderiam ser criações fluídicas, geradas por Espíritos com determinado objetivo. Contudo, essa explicação nos parece pouco sólida. O simples fato de envolver aparições de animais o levou a classificá-las como alucinações, sem considerar a possibilidade de que fossem manifestações reais. Acreditamos que os casos de manifestações de animais – inclusive alguns presentes na própria

Codificação – apontam justamente em sentido contrário.

É verdade que, em certas situações, um Espírito desencarnado pode “criar” a imagem de um animal como recurso fluídico, sem que haja realidade própria ou movimento intencional. Mas é prudente não generalizar: nem todas as aparições de animais devem ser reduzidas a meras “*criações fluídicas*”. Há indícios suficientes de que, em alguns casos, tratam-se de manifestações autênticas de espíritos de animais.

Vejamos trechos dos itens 126, 128 e 129 de ***O Livro do Médiuns***, Segunda Parte, capítulo “VIII – Laboratório do Mundo Invisível”, na tradução de Herculano Pires (edição da LAKE):

> 126. [...] Poderíamos citar grande número de casos em que Espíritos de mortos ou de pessoas vivas apareceram com **diversos objetos**, tais como bengalas, armas, cachimbos, lanternas, livros etc. ([147])
>
> 128. [...] 16. O Espírito tem sempre consciência da maneira pela qual produz **suas vestes ou os objetos** que torna aparentes?

– Não. Muitas vezes ajuda a formá-los por uma ação instintiva, que ele mesmo não compreende, se não estiver suficientemente esclarecido para isso. ([148])

129. A teoria acima pode ser resumida assim: o Espírito age sobre a matéria; tira da matéria cósmica universal os elementos necessários para formar, como quiser, **objetos com a aparência dos diversos corpos na terra**. Pode também operar, pela vontade, sobre a matéria elementar, uma transformação íntima, que lhe dê certas propriedades. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que **a exerce muitas vezes de maneira instintiva** e, sem o perceber, quando se faz necessário. **Os objetos formados pelo Espírito são de existência passageira**, que depende da sua vontade ou da necessidade: ele pode fazê-los e desfazê-los a seu bel-prazer. **Esses objetos, em certos casos, podem parecer para os vivos perfeitamente reais,** tornando-se momentaneamente visíveis e mesmo tangíveis. **Trata-se de formação e não de criação**, pois o Espírito não pode tirar nada do nada. ([149])

Assim, compreendemos que os Espíritos, manipulando a matéria cósmica universal, podem “formar” determinados objetos conforme desejem.

Importa destacar o termo utilizado nos itens: **objetos**.

É oportuno recorrer ao trecho do item 14, do capítulo “XIV – Os Fluidos”, em ***A Gênese***, no tópico “Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento”, frequentemente citado para justificar que todas as manifestações de animais seriam apenas criações mentais. Trata-se do último parágrafo, no qual aparece a palavra “bois”:

> Por um efeito análogo, o pensamento do **Espírito cria fluidicamente os objetos** que ele estava habituado a usar. Um avarento manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme; um fumante, o seu cachimbo; **um lavrador seu arado e seus bois**; uma mulher velha, a sua roca. Para o Espírito, que também é fluídico, **esses objetos fluídicos** são tão reais como o eram antes, no estado material, para o homem vivo; mas **em virtude de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugaz quanto a do pensamento que os gerou**. ([150])

Ao afirmar que o Espírito *“cria fluidicamente*

objetos” e *“objetos fluídicos”*, Allan Kardec refere-se à possibilidade de o pensamento plasmar imagens semelhantes a uma “fotografia” daquilo a que o Espírito ainda se encontra apegado. Nesse caso, tais objetos teriam existência tão fugaz quanto a do pensamento que os originou.

Contudo, surgem algumas questões: poderiam os animais serem classificados como “*objetos*”? Uma criação mental de animais não se movimentaria como os ainda vivos, mas permaneceria extática, tal qual uma fotografia. Há, afinal, algum caso comprovado de “*criação fluídica animada*” de animais?

Em nossa interpretação, ao dizer *“seu arado e seus bois”*, Allan Kardec se referia ao conjunto característico do lavrador – o instrumento e os animais de tração – como uma unidade funcional, e não como uma criação separada de um objeto e de dois seres vivos.

Em princípio, os objetos mencionados não seriam animados, mas representações estáticas, coerentes com o título do tópico: “Fotografia do pensamento”. Além disso, é fato que em nenhuma

obra da Codificação Espírita encontramos referência explícita ou implícita que sustente a ideia de criação fluídica de seres animados, como animais.

Na ***Revista Espírita 1868***, mês de junho, o Codificador publica o artigo "Fotografia do Pensamento", afirmando que o completa com novas observações em relação ao que havia exposto em *A Gênese*. Vejamos os principais parágrafos, que podem ser considerados como tais "*novas observações*":

> Sendo os fluidos o veículo do pensamento, eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, em verdade, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.
>
> Como se vê, é uma ordem de fatos toda nova que se passam fora do mundo tangível, e constituem, podendo-se assim dizer, a física e a química especiais do mundo invisível. Mas como, durante a encarnação, o princípio espiritual está unido ao princípio material, disto resulta que certos fenômenos do mundo espiritual se produzem conjuntamente com os do mundo

material, e são inexplicáveis para quem não lhes conhece as leis. O conhecimento dessas leis é, pois, tão útil aos encarnados quanto aos desencarnados, uma vez que só elas podem explicar certos fatos da vida material.

O pensamento, criando *imagens fluídicas*, se reflete no envoltório espiritual como numa vidraça, ou ainda como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores de ar; **ela ali toma um corpo e se *fotografa* de alguma sorte**. Que um homem tenha, por exemplo, a ideia de matar um outro, por impassível que seja seu corpo material, **seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento do qual reproduz todas as nuanças**; ele executa fluidicamente o gesto, o ato que tem o desejo de realizar; seu pensamento cria **a imagem da vítima, e a cena inteira se pinta, como num quadro**, tal qual ela está em seu espírito.

É assim que os movimentos mais secretos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma, encarnada ou desencarnada, **pode ler numa outra como num livro**, e ver o que não é perceptível pelos olhos do corpo. Os olhos do corpo veem as impressões interiores que se refletem sobre os indícios do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza; mas a alma vê sobre os indícios da alma os pensamentos que não se traduzem ao redor.

No entanto, segundo a intenção, **o vidente** pode bem pressentir o cumprimento do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o momento em que se cumprirá, nem lhe precisar os detalhes, nem mesmo afirmar que ocorrerá, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos decididos e mudar as disposições. **Ele não pode ver o que não está ainda no pensamento; o que vê é a preocupação do momento, ou habitual, do indivíduo, seus desejos, seus projetos, suas intenções boas ou más;** daí os erros nas previsões de certos videntes, quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio do homem; não podem senão pressentir-lhe a probabilidade segundo o pensamento que veem, mas não afirmar que ocorrerá de tal maneira e em tal momento. […].

A teoria das criações fluídicas e, consequentemente, da fotografia do pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno, e pode ser, doravante, considerada como adquirida em princípio, salvo as aplicações de detalhes que são o resultado da observação. Esse fenômeno é, incontestavelmente. A fonte das visões fantásticas, e deve desempenhar um grande papel em certos sonhos. ([151]) (itálico do original)

Os parágrafos 1º, 3º e 4º, dessa transcrição, com pequenos ajustes, foram posteriormente em *A Gênese*, capítulo “XIV – Os fluidos”, tópico “Qualidade dos fluidos”, item 15.

Em síntese, Allan Kardec afirma: *“O pensamento, criando imagens fluídicas, se reflete no envoltório espiritual, elas ali tomam um corpo e se fotografa de alguma sorte.”* Assim, quando alguém concebe uma ideia, seu corpo fluídico reproduz os gestos e imagens correspondentes, como se fosse um quadro vivo: “*Que um homem tenha, por exemplo, a ideia de matar um outro, o seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento do qual reproduz todas as nuanças; seu pensamento cria a imagem da vítima, e a cena inteira se pinta, como num quadro, tal qual ela está em seu espírito.*”

Se as criações fluídicas se refletem no envoltório espiritual – isto é, no perispírito –, então devem estar ligadas a ele, e não existir como uma forma independente, dotada de “vida própria”. Essa observação é fundamental, pois reforça que tais imagens são projeções mentais, estáticas, e não manifestações autônomas de seres animados.

Na ***Revista Espírita 1869***, mês de março, Allan Kardec publica o artigo “Aparecimento de um filho vivo à sua mãe”, onde afirma:

> **As formas exteriores que revestem os Espíritos** que se tornam visíveis **são, pois, verdadeiras criações fluídicas**, frequentemente inconscientes; a roupa, os sinais particulares, as feridas, os defeitos do corpo, **os objetos dos quais se faz uso, são o reflexo de seu próprio pensamento no envoltório perispiritual**. ([152])

Fica claro, portanto, que “*os objetos dos quais se faz uso, são o reflexo do seu próprio pensamento no envoltório perispiritual*”, o que confirma a nossa interpretação.

Já na ***Revista Espírita 1869***, mês de abril, no artigo “Profissão de fé espírita americana”, Allan Kardec acrescenta:

> **As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos**, que são eles mesmos fluídicos, quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os homens, que são

> materiais. Tudo é relativo em cada um desses mundos. […]. ([153])

A separação das criações fluídicas em dois tipos – imagens e objetos – é de grande utilidade para compreender o que se produz nesse campo.

Ora, os casos de manifestações de animais – como os já mencionados e os que ainda veremos – constituem fenômenos distintos, pois apresentam "vida animada" e não se reduzem a simples quadros ou fotografias plasmados no perispírito. Além disso, em algumas situações, tais manifestações se prologam por tempo relativamente extenso, e não apenas fugaz como o pensamento.

Citaremos apenas um exemplo, reportando-nos ao caso – que mais adiante será relatado por completo – ocorrido com a médium Mme. Elisabeth d'Éspérance (1855-1919), narrado por Gabriel Delanne em ***A Reencarnação*** (1924):

> Um ano depois, quando eu entrava, certa manhã, na sala de jantar, vi, com grande espanto, **a pequena Monna**, que corria, **saltando** em volta do quarto e que parecia

> **tomada de um frenesi de alegria**; girava, **girava**, ora metendo-se embaixo da mesa, ora intrometendo-se pelas cadeiras, **como fazia em seus momentos de excitação e alegria**, depois de uma ausência mais ou menos longa de casa. ([154])

Calcula-se que, antes desse "*um ano depois*", a cachorrinha Monna já havia falecido. Surge então a questão: a manifestação de seu espírito teria a característica de uma simples fotografia fluídica ou de um ser vivente, na condição de um espírito livre?

Assim, como, por diversos motivos, nem todos Espíritos humanos desencarnados se manifestam, o mesmo poderá ocorrer em relação aos animais. Admitimos, pelo menos, duas hipóteses para explicar tais manifestações:

1ª) A força do pensamento do próprio animal poderia produzir uma certa condensação do seu corpo perispiritual, gerando a aparição;

2ª) Espíritos desencarnados poderiam julgar necessária a manifestação do animal e, para isso, produzir materializações manipulando o ectoplasma, tal como fariam consigo mesmos.

São, evidentemente, apenas hipóteses – não conclusões definitivas e, menos ainda, inquestionáveis.

Do artigo “Pierre Legay, dito Grand-Pierrot”, publicado na ***Revista Espírita 1864***, mês de novembro, destacamos dos comentários do Codificador o seguinte trecho:

> Já vimos mais de um exemplo de **Espíritos se crendo ainda vivos**. Pierre Legay nos mostra essa fase da vida dos Espíritos de maneira mais caracterizada. Aqueles que se acham neste caso parecem ser mais numerosos do que não se pensa; em lugar de fazer exceção, de oferecer uma variedade no castigo, isso seria quase uma regra, um estado normal para os Espíritos de uma certa categoria. [...].
>
> Um fenômeno que pode parecer mais bizarro e não deixa de fazer sorrir os incrédulos é o dos objetos materiais que o Espírito julga possuir. **Compreende-se que Pierre Legay se imagine subindo no trem, porque a estrada de ferro é uma coisa real, existe; mas compreende-se menos que ele creia ter dinheiro e pago a sua passagem.**
>
> **Esse fenômeno encontra sua solução nas propriedades do <u>fluido perispiritual</u>**

e na teoria das criações fluídicas, princípio importante que dá a chave de muitos mistérios do mundo invisível.

O Espírito, pela vontade ou unicamente pelo pensamento, opera no fluido perispiritual, que não é, ele mesmo, senão uma concentração do fluido cósmico ou elemento universal, **uma transformação parcial que produz o objeto que deseja**. Esse objeto não é para nós senão **uma aparência, para o Espírito é uma realidade**. Foi assim que um Espírito, morto há pouco, se apresentou um dia numa reunião espírita a um médium vidente, **com um cachimbo na boca, fumando**. [...] O que era mais singular é que o cachimbo soltava fumaça; para o vidente bem entendido, e não para os assistentes.

Tudo deve estar em harmonia no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corpóreos, são precisos objetos materiais; **aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos**; os objetos materiais não lhes serviriam, assim como os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos. **O Espírito fumante, querendo fumar, cria um cachimbo** que, para ele, tinha a realidade de um cachimbo de terra; Legay **querendo ter dinheiro para pagar seu lugar, seu pensamento criou-lhe a soma necessária**. Para ele há realmente dinheiro,

> mas os homens não poderiam contentar-se com a moeda dos Espíritos. Assim se explicam as vestimentas com que se cobrem à vontade, as insígnias que usam, as diferentes aparências que podem assumir, etc.
>
> [...].
>
> Há, pois, o mundo corporal visível com os objetos materiais, e o **mundo fluídico, invisível para nós, com os objetos fluídicos**. Há a se notar que os **Espíritos, de uma ordem inferior e pouco esclarecidos, operam essas criações** sem se darem conta da maneira pela qual se produz neles esse efeito; não podem mais se explicar do que um ignorante da Terra não pode explicar o mecanismo da visão nem um camponês dizer como produz o trigo. ([155])

É importante notar que Allan Kardec, inúmeras vezes, utilizava a expressão "*fluido perispiritual*" como sinônimo de perispírito.

Se as criações fluídicas são produto do perispírito, então podemos concebê-las como algo "colado" a ele, por assim dizer, e não dotadas de vida própria e vontade autônoma. Essas criações estão diretamente ligadas ao pensamento de algum

Espírito; portanto, não havendo evidência de sua presença nas proximidades desse agente, não há que se falar em criações fluídicas.

Ademais, tais formações são realidades apenas para o Espírito que as produz, não necessariamente para os que se encontram ao redor.

Essa interpretação é reforçada por outro comentário de Allan Kardec na ***Revista Espírita 1866***:

> [...] **Quando o Espírito está fortemente imbuído de uma ideia, seu pensamento pode criar-lhe uma imagem fluídica que, para ele, tem todas as aparências da realidade**, tão bem quanto o dinheiro de Pierre Legay, **embora a coisa não exista por si mesma**. [...]. ([156])

Em nenhuma das obras analisadas nessa pesquisa encontramos referência a Espíritos criando "*fantasmas-animais*". Todas as manifestações e materializações de animais registradas ocorreram em contextos de vínculo afetivo entre o observador e o animal envolvido, sem qualquer indício de que

outro Espírito tivesse criado tais formas.

No Prefácio de ***Os Animais têm alma?*** (1950), Ernesto Bozzano observa:

> [...] Deve-se acrescentar ainda a estas categorias episódios de **materializações de formas de animais** obtidas experimentalmente e, enfim, **aparições *post-mortem*, de formas de animais identificados**, circunstância que apresenta um valor teórico considerável, já que permite apoiar a hipótese da sobrevivência da psique animal.
>
> **O exame deste ramo dos fenômenos metapsíquicos** foi completamente esquecido até aqui, embora nas revistas metapsíquicas e, sobretudo, **nas coleções dos *Proceedings* e do *Journal* da excelente *Society for Psychical Research*, de Londres, encontrem-se numerosos casos do gênero**, mas **esses casos nunca foram recolhidos, classificados e analisados por ninguém, tendo-se, aliás, escrito e discutido bem pouco a respeito deles**. Não há, pois, grande coisa a se resumir relativamente às teorias formuladas a este respeito.
>
> Observarei apenas que, nos comentários de certo caso isolado pertencente à classe mais numerosa dos fenômenos em questão, isto é, aquela na qual os animais percebem,

juntamente com o homem, as manifestações de telepatia ou de assombração, propõe-se a hipótese segundo a qual as percepções psíquicas dessa natureza extrairiam a sua origem de um fenômeno alucinatório criado pelos centros de idealização de um agente humano e transmitido em seguida, inconscientemente, aos centros homólogos do animal presente e percipiente.

Para uma outra classe de fenômenos e precisamente para a **das aparições de fantasmas de animais**, **supõe-se um fenômeno de alucinação pura e simples da parte do percipiente**, mas **a análise comparada dos fatos** mostra que, **muitas vezes, os fantasmas animais são percebidos coletiva e sucessivamente**. Elas são, além disso, identificadas com as de animais que viveram e morreram na localidade, e mais, que **os percipientes ignoravam que esses animais, vistos nessas condições tivessem existido**.

Assim sendo, é preciso concluir que, de modo geral, as duas hipóteses de que acabo de tratar são insuficientes para considerar os fatos. Essa conclusão é de grande importância teórica, pois que ela **nos força a admitir a existência de uma subconsciência animal, depositária das mesmas faculdades supranormais que existem na subconsciência humana** e, **ao mesmo tempo, ela nos leva a**

> **reconhecer a possibilidade de "aparições verídicas" de formas ou almas de animais**. ([157])

Diante disso, Bozzano conclui que tais hipóteses são insuficientes e que os fatos obrigam a admitir a existência de uma subconsciência animal, dotada das mesmas faculdades supranormais que a subconsciência humana. Isso abre espaço para reconhecer a possibilidade de "aparições verídicas" de formas ou alma de animais.

Como ele mesmo resume: *"Resulta daí todo o valor científico e filosófico deste novo ramo das pesquisas psíquicas".* ([158])

O vocábulo "ideoplastia" tem o mesmo significado que "*criações ou imagens fluídicas*". Por isso, é oportuno mencionar a obra ***A Grande Esperança*** (1933), onde Charles Richet relata:

> Não há somente materialização de homens, **também há materialização de animais**... De minha parte, com Guzik consegui uma que foi realmente espantosa.
>
> Em Varsóvia, numa sala fechada à chave, apareceram, iluminadas por um vago luar,

duas formas de indivíduos fantasmagóricos, dos quais não se viam as faces. Conversavam entre si em polonês. Um disse: "***Por que trouxeste teu cão***?" Nesse momento **ouvimos na sala o trote de um cão. Senti o cão aproximar-se de mim e morder gentilmente meu tornozelo**, aliás sem me magoar. **Foi tão nítido que pude distinguir ser um pequeno cão do qual eu sentia os pequenos dentes pontiagudos**. Depois **o cãozinho aproximou-se de Geley e mordeu-o com mais força, de sorte que Geley disse: Basta, basta!** ao que censurei energicamente. Ele deveria dizer: *Mais, mais!*

Outra vez, Kluski sendo o médium, aliás em minha ausência, **houve materialização de uma enorme águia e uma surpreendente fotografia foi tirada**.

Supuseram, pois, que tivesse havido uma ideoplastia, palavra criada por Durand de Gros. **A ideoplastia seria a criação de um objeto material provavelmente transitório pela força do médium cuja ideia se tornaria uma realidade objetiva**. ([159]) (itálico do original)

Esse episódio já o mencionamos, quando o nome de Gustave Geley (1868-1924) foi citado. Aqui

queremos apenas mencionar que foi visto como sendo a ocorrência de uma ideoplastia, definida como a criação de um objeto material pela força do médium cuja ideia se tornaria uma realidade objetiva.

Vejamos o que Charles Richet entendia como realidade objetiva:

> Para que multiplicar as narrações de aparições de fantasmas?
>
> Que há fantasmas, isso é tão certo como se eu dissesse há estrelas.
>
> Não se pode chamar de fantasmas às imagens que vemos em sonhos, que aparecem durante o sono ou o sonambulismo.
>
> Elas não têm mais realidade material do que as fantasias de nossos sonhos e de nossos pesadelos. Não são fantasmas.
>
> Mas **os verdadeiros fantasmas são os que têm uma realidade objetiva, com roupas, um uniforme, um boné, rendas, etc., etc...** Os olhos movem-se, a voz é ouvida, há exalações de ácido carbônico. Todos os assistentes podem vê-los, eles podem ser fotografados e movem objetos. **Nenhuma diferença entre esses fantasmas e um ser vivo**, a não ser que,

> algumas vezes, ele desapareça, se atenue, fugindo *ceu fummus in auras*. Ele se forma de um vapor e se reduz em vapor. ([160])

No caso do cãozinho, a realidade objetiva se manifesta não apenas pelo som de seu trote, mas também pela ação concreta de morder Richet e Geley. Isso demonstra vontade própria, afastando a hipótese de mera criação fluídica estática, como uma fotografia.

Mais adiante, Charles Richet acrescenta:

> **Materializações de animais** também são **ideoplastias**, como por exemplo, quando **Geley e eu fomos mordidos por um cão** [...]. Uma bela ideoplastia é a que foi produzida por Kluski. Foi fotografada **uma águia com as asas abertas**, voando por sobre sua cabeça. ([161])

Portanto, quando Richet afirma que as materializações de animais "*também são ideoplastias*", é porque, para ele, tanto as materializações humanas quanto a de animais pertencem à mesma categoria: criações ideoplásticas que, em determinadas condições,

assumem realidade objetiva.

Retornando a Ernesto Bozzano, porquanto não podemos deixar de citar este seu pensamento contido em ***Os Animais Têm Alma?*** (1950):

> Prevejo a objeção que se poderá fazer-me a respeito: a de que os fenômenos de materialização humana, **tanto como os fenômenos de materialização animal**, são explicáveis pela **hipótese ideoplástica** sem que se precise recorrer à hipótese espírita. Respondo que, se a hipótese ideoplástica é suficiente para considerar certas modalidades rudimentares de materializações humanas e animais, se ela é verdadeiramente a causa desses fenômenos, **seria, ao contrário, absurdo e insustentável estender-se essa explicação à classe toda inteira dos fenômenos considerados**. A esse respeito, nunca será bastante repetir que "animismo" e "espiritismo" são bem dois termos inseparáveis de um mesmo problema e que, **por consequência, nas manifestações de todas as espécies, achar-se-á forçosamente em face de modelos de manifestações que são, em parte, "anímicas" e, em parte, "espíritas"**. E não poderia ser de outro modo e seria mesmo absurdo pretender-se o contrário, considerando-se que, em ambos

> os casos, o espírito que opera é o mesmo, com esta diferença todavia que, em um caso, ele se acha em condição de encarnado e, no outro, de desencarnado. [...]. ([162])

No próximo capítulo, traremos a opinião de vários pesquisadores e escritores do Espiritismo, visando a comprovação em outras fontes.

No capítulo "16 – Um caso na Bahia" de ***Fenômenos Espíritas no Mundo Animal*** (1995), o autor Carlos Bernardo Loureiro registra, que transcrevemos:

> Este caso **aconteceu** na cidade de Salvador, Bahia, no **ano de 1993**, sendo relatado pelo Sr. Giuseppe Aprile, filho de italianos, radicados na primeira capital do Brasil. O episódio nada fica a dever aos que são referidos nas obras dos grandes pesquisadores psíquicos do século XIX e do nosso século. Eis o relato:
>
> "No dia 24 de julho de 1993, ao acordar às 4 horas da manhã, no Hospital Santa Isabel, Enfermaria São Luiz, quarto 9, leito 9A, recuperando-me de uma cirurgia na coluna, estava sem o que fazer, quando, às 5 horas e 15 minutos, **ouvi um baque na janela do quarto**. Pensei ser uma manga

(o hospital fica praticamente em meio a várias e frondosas mangueiras). Instintivamente, olhei em direção ao barulho e, **para minha surpresa, na grade de madeira que fica do lado de fora da janela, estava um pássaro igualzinho ao meu que estava em minha casa**, na travessa Gabriel Soares, n°117, Largo Dois de Julho, na cidade de Salvador, Bahia. **O pássaro demorou ali uns cinco minutos, voando em seguida em direção às mangueiras, desaparecendo no ar como uma fumaça**.

"Invadiu-me uma estranha e indefinível sensação de tristeza... Lembrei-me, de imediato, do meu pássaro…

"Passei o resto da manhã dominado por aquela estranha sensação de tristeza.

"**Quando minha mulher veio me visitar à tarde, disse-me, pesarosa, que o pássaro estava morto**. Chorei, muitíssimo, a perda do querido animal. **Ele faleceu justamente no mesmo instante em que me apareceu na janela do hospital. Veio visitar-me, antes de partir para o Além**, cumprindo os desígnios superiores do processo de evolução a que todos os seres se acham vinculados."

Um fato interessante aconteceu: o corpo inanimado do pássaro conservou-se, intacto, por vários meses… ([163])

A movimentação descrita – pousar na janela, permanecer alguns minutos e depois voar – comprova que não se tratava de uma simples criação fluídica estática, como na imagem ou fotografia mental. Pelo contrário, o fenômeno apresenta características de manifestação animada, reforçando a hipótese de que o animal, em espírito, tenha se despedido de seu dono no momento da morte.

Da obra ***Vida Antes da Vida: Uma Pesquisa Científica das Lembranças Que as Crianças Têm de Vidas Passadas*** (2005), o pesquisador Dr. Jim B. Tucker relata, no capítulo "I – Crianças que relatam lembranças de vidas passadas", o caso de William, cujas declarações apontam para ser a reencarnação de John McConnell, seu avô desencarnado cinco anos antes de seu nascimento. Destacamos o seguinte trecho:

> Um dia, Doreen perguntou a William se ele se lembrava de alguma coisa ocorrida antes de nascer. O menino disse que tinha morrido numa quinta-feira e que fora para o céu. Ali, **viu animais** e até falou com Deus. E completou: "Eu disse a Deus que estava

> pronto para voltar e nasci numa terça-feira." [...].
>
> Em outras ocasiões, o menino falou sobre o período entre vidas. Contou à mãe: "Quando você morre, não vai diretamente para o céu. Passa por diversos níveis – aqui, depois ali, por fim acolá." e, de cada vez, erguia um pouco a mão. Explicou que **os animais também renascem** e que os que viu no céu não mordiam nem arranhavam. ([164])

Em outras ocasiões, William descreveu o período entre vidas, afirmando que "os animais também renascem" e que os viu no céu não mordiam nem arranhavam. O menino tinha apenas três anos quando disse isso, idade em que dificilmente teria acesso a informações sobre reencarnação de animais, o que reforça a espontaneidade e sinceridade de seu relato.

Para complementar, traremos as explicações de Rodrigo Cavalcanti de Azambuja em ***Animais e Espiritismo*** (2014), capítulo "Animais no Mundo Espiritual", especialmente sobre as "*criações fluídicas*":

Admitindo-se a existência de um princípio espiritual em nossos irmãos “inferiores”, outra questão surge, exigindo nossa reflexão: **existem animais no mundo espiritual?** E a resposta da questão 600 de *O Livro dos Espíritos* nos diz que **SIM, há animais no mundo espiritual, mas estes não se encontram livres, ou seja, não estão na erraticidade propriamente dita**. Contudo, em algumas descrições do mundo espiritual feitas por André Luiz, este nos descreve a sua surpresa com a presença de variados animais como “Aves de plumagens policromas que cruzavam os céus e animais domésticos, entre as árvores frondosas”, o que parece contradizer a resposta de *O Livro dos Espíritos.*

Se nos aprofundamos um pouco mais no assunto, **somos obrigados a admitir que em alguns destes casos as “aparições” de animais podem ser criações mentais plasmadas pelos espíritos com algum fim ou utilidade**, sejam cães, aves, para ambientação, e até mesmo os estranhos animais que algumas vezes acompanham irmãos menos evoluídos em regiões umbralinas.

Mas é claro que nem todos os casos são de criações mentais, e animais certamente são encontrados no mundo espiritual quando há utilidade para eles, notemos bem que a resposta da espiritualidade **é “utilizados quase**

> **imediatamente” e não instantaneamente**. Há, pois, a, **um lapso de tempo que a resposta não permitiu medir nem padronizar**, portanto, variável de acordo com o caso e a necessidade. [...]. ([165])

Não descartamos a possibilidade de criações fluídicas, mas o problema está em generalizar, pois isso contraria relatos consistentes de médiuns e pesquisadores. O ponto crucial é que uma criação fluídica é imóvel, semelhante a uma fotografia: se houver movimento, estaremos diante de manifestação de uma inteligência, ou seja, algo real e não fruto de mera criação mental.

Sobre o tema recomendamos a nossa pesquisa inserida no ebook ***Criações fluídicas: Um Breve Ensaio*** ([166]), no qual desenvolvemos mais esse tema.

Allan Kardec diante do relato sobre manifestação de espírito de animal

Por haver possibilidade de Espíritos se apresentarem com aparência de algum animal, muitos confrades julgam que essa seria a regra, reduzindo todas as aparições à condição de simples **criações fluídicas**. Apresentaremos vários casos de manifestações de Espíritos de animais que não restará dúvida alguma quanto a realidade delas.

Talvez a base para essa generalização esteja em algumas obras fundamentais da Codificação e em textos complementares, nos quais Allan Kardec e outros autores abordam a questão das criações fluídicas e da fotografia do pensamento. Nessas obras, encontramos a ideia de que o Espírito pode plasmar imagens ou objetos ligados ao seu pensamento, mas que tais criações não possuem autonomia nem vida própria.

É justamente a partir dessas referências que muitos estudiosos concluem que as aparições de

animais seriam apenas projeções mentais. Contudo, como demonstramos nos capítulos anteriores, há relatos consistentes – tanto em registros históricos quanto em pesquisas contemporâneas – que apontam para manifestações autênticas de espíritos de animais, dotadas de movimento, inteligência e vontade própria.

A seguir, apresentaremos os principais trechos das obras que serviram de base para essa interpretação reducionista, para então confrontá-los com os casos concretos que evidenciam a realidade das manifestações espirituais de animais.

1ª) ***Revista Espírita 1858***

No 5º parágrafo do artigo "Das aparições", lemos:

> **O perispírito**, separado do corpo, afeta uma forma determinada e limitada, e essa forma normal é a do corpo humano, mas não é constante; **o Espírito pode dar-lhe, à sua vontade, as aparências mais variadas e até a de um animal ou de uma chama.** De resto, isto se concebe muito facilmente. Não se veem homens darem, ao seu rosto, as expressões mais

> diversas, imitarem, ao ponto de enganarem, a voz, o rosto de outras pessoas, parecerem corcundas, coxos, etc.? Quem reconheceria na cidade certos atores que não se vira senão caracterizado no palco? Se, pois, o homem pode assim dar ao seu corpo material e rígido aparências tão contrárias, com mais forte razão o Espírito pode fazê-lo com um envoltório eminentemente flexível, e que pode prestar-se a todos os caprichos da vontade. ([167])

2ª) ***O Livro dos Médiuns***

Na Segunda Parte, capítulo "VI – Manifestações visuais", item 100, questão 30, Allan Kardec pergunta: "***Os Espíritos poderiam apresentar-se sob a forma de animais?***"

A resposta os Espíritos superiores foi:

> Isto pode acontecer, mas **somente Espíritos muito inferiores tomam** essas aparências. Em todos os casos, a **forma animalesca** não passará de uma aparência momentânea [...]. ([168])

Ou seja, trata-se de uma possibilidade restrita e passageira, associada a Espíritos inferiores.

3ª) ***Revista Espírita 1865***

No mês de maio, o Codificador publicou o artigo "Manifestação do Espírito dos animais" no qual faz referência a uma carta que um correspondente da cidade de Dieppe ([169]) lhe enviou, reportando a manifestação da cadelinha Mika:

> Escrevem-nos de Dieppe:
>
> "... Parece-me, caro senhor, que tocamos numa época onde devem se cumprir incríveis coisas. **Não sei que pensar de um fenômeno, dos mais estranhos, que vem ainda de ter lugar em minha casa**. Nos tempos de ceticismo em que vivemos, não ousaria disso falar a alguém, de medo de que não se me tome por um alucinado; mas, com o risco, caro senhor, de levar sobre vossos lábios o sorriso da dúvida, quero vos contar o fato; fútil em aparência, no fundo, é talvez mais sério do que se o poderia crer.
>
> "Agonizante **meu pobre filho**, falecido em Boulogne-sur-Mer, onde continuava seus estudos, **tivera de um de seus amigos uma encantadora cadelinha** que havíamos educado com cuidado extremo. Ela era, em sua espécie, a mais adorável criaturinha que fosse possível imaginar. Nós a amávamos como se ama tudo aquilo que é belo e bom. Ela nos compreendia pelo gesto, nos compreendia pelo olhar. A expressão de seus olhos era tal que parecia que iria responder

quando se lhe dirigia a palavra.

“Depois do decesso de seu jovem dono **a pequena Mika** (era seu nome) me foi conduzida a Dieppe, e, segundo seu hábito, ela dormia quentemente coberta aos meus

pés, sobre minha cama ([170]). No inverno, quando o frio maltratava muito, ela se levantava, **fazia ouvir um pequeno gemido de uma extrema doçura, o que era a sua maneira habitual de formular um pedido**, e compreendendo o que ela desejava, permitia-lhe vir se colocar ao meu lado. Ela se estendia, então, à vontade entre dois lençóis, seu pequeno focinho sobre meu pescoço que ela gostava por travesseiro, e se entregava ao sono, como os felizes da Terra, recebendo meu calor, me comunicando o seu, o que não me incomodava de resto. Comigo a pobre pequena passava felizes dias. Mil coisas doces não lhe faltavam; mas, **em setembro último, caiu doente e morreu**, apesar dos cuidados do veterinário a quem eu a confiara. **Falamos frequentemente dela, minha mulher e eu, e a lamentávamos quase como um filho amado**, tanto ela havia sabido, por sua doçura, sua inteligência, sua fiel amizade, cativar a nossa

afeição.

“**Ultimamente, pelo meio da noite, estando deitado mas não dormindo, ouvi partir do pé de minha cama esse pequeno gemido que produzia a minha pequena cadelinha quando desejava alguma coisa**. Fui de tal modo tocado com isso, que **estendi os braços fora da cama para atraí-la para mim**, e acreditei em verdade que iria sentir suas carícias. Ao levantar-me de manhã, **contei o fato à minha mulher que me disse: ‘Ouvi a mesma voz, não uma única vez, mas duas**. Ela parecia partir da porta de meu quarto. **Meu primeiro pensamento foi de que a nossa pobre cadelinha não estava morta**, e que escapando da casa do veterinário, que dela tinha se apropriado por sua gentileza, procurava entrar em nossa casa.’

“**Minha pobre filha doente,** que tinha sua pequena cama no quarto de dormir de sua mãe, **afirma tê-la ouvido igualmente**. Somente lhe pareceu que o som da voz partia, não da porta de entrada, mas da própria cama de sua mãe, que está muito perto dessa porta.

“É preciso vos dizer, caro senhor, que o quarto de dormir de minha mulher está situado acima do meu. Esses sons estranhos provêm da rua como minha mulher o crê, ela que não partilha minhas convicções espíritas? É impossível. **Partidos da rua, esses sons tão brandos não teriam podido ferir meu ouvido, sou de tal modo atacado de surdez**, que, mesmo no silêncio da noite, não

posso ouvir o barulho de uma pesada carroça que passe. Não ouço mesmo a grande voz do trovão em tempo de tempestade. De um outro lado, o som de voz partido da rua, como explicar a ilusão de minha mulher e de minha filha que acreditaram tê-lo ouvido, como vindo de um ponto inteiramente oposto, da porta de entrada para minha mulher, da cama desta para minha filha?

"Eu vos confesso, caro senhor, que esses fatos, embora se relacionem a um ser privado de razão, me fazem refletir singularmente. Que pensar disso? Não ouso nada decidir e não tenho o ócio de me estender longamente sobre esse assunto; mas **me pergunto se o princípio imaterial, que deve sobreviver nos animais, como no homem, não adquiriria, num certo grau, a faculdade de comunicação como a alma humana**. Quem sabe? **Conhecemos todos os segredos da Natureza? Evidentemente não. Quem explicará as leis das afinidades?** Quem explicará as leis repulsivas? **Ninguém.** Se a afeição, que é do domínio do sentimento, como o sentimento é do domínio da alma, possui em si uma força atrativa. **Que haveria de espantoso que um pobre animalzinho no estado imaterial se sinta arrastado ali onde sua afeição o leva?** Mas **o som de voz**, dir-se-á, como admiti-lo, se **se fez ouvir uma vez, duas vezes, por que não todos os dias**? Essa objeção pode parecer séria; no entanto, seria irracional pensar que esse som não possa se produzir fora de certas combinações de fluidos, os quais reunidos agissem em um sentido qualquer, como se produzem em

> química certos efervescentes, certas explosões, em consequência da mistura de tais ou tais matérias? Que essa hipótese pareça fundada ou não, não a discuto, **direi somente que ela pode estar nas coisas possíveis, e sem ir mais adiante**, acrescentarei que constato **um fato apoiado num tríplice testemunho**, e que se esse fato se produziu, **foi porque pôde se produzir**. Além disso, **esperemos que o tempo nos esclareça, não tardaremos talvez a ouvir falar de fenômenos da mesma natureza**." ([171])

Na sequência temos o comentário de Allan Kardec, do qual destacamos esse trecho:

> […] Em todos os casos, se existem pontos de contato entre a alma animal e a alma humana, isso não pode ser, do lado da primeira, senão da parte dos animais mais avançados. **Um fato importante a constatar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam Espíritos de animais. Pareceria disso resultar que estes não conservam a sua individualidade depois da morte, e, de um outro lado, essa cadelinha que teria se manifestado, pareceria provar o contrário**. ([172]) (itálico do original)

Observa-se que a manifestação de Mika foi testemunhada por três pessoas da mesma família. O missivista, convencido da realidade do fenômeno, indaga: *“Que haveria de espantoso que um pobre animalzinho no estado imaterial [ou seja, na condição de espírito] se sinta arrastado ali onde sua afeição o leva?”* E ele mesmo responde: *“direi somente que ela pode estar nas coisas possíveis”.*

Finalizando seu comentário, o Codificador pondera: *“De acordo com isto, vê-se que a questão ainda está pouco adiantada, e que não se deve apressar a sua solução”.*

Confirma-se, portanto, que não houve negação, mas sim prudência em aguardar o amadurecimento da questão, deixando aberta a possibilidade de que futuras observações viessem a esclarecer o destino espiritual dos animais.

Chamamos a atenção, caro leitor, para um detalhe essencial: na manifestação, Mika solta um gemido exatamente como fazia quando viva. Esse aspecto comprova uma **ação inteligente**, razão pela qual não pode ser reduzido a uma alucinação coletiva, nem a um fenômeno fisiológico, ótico ou

mera criação mental.

Além disso, nota-se que, em seus comentários, Allan Kardec também reforça a questão de que os animais recebem os Espíritos.

Dois pontos merecem destaque em suas observações:

1º) "*age sabiamente ao não decidir a questão; de um único fato que não é ainda senão uma probabilidade*";

2º) "*Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa.*"

Assim, julgamos que o Codificador não fechou questão quanto à impossibilidade da manifestação de animais. Ele inicia afirmar que *"entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam Espíritos de animais"*, mas conclui que *"essa cadelinha que teria se manifestado,* ***pareceria provar o contrário****"*. Ou seja, esse caso, em princípio, indicaria que os animais podem se manifestar, ainda que até aquele momento nada estivesse confirmado.

Entretanto, consciente e prudente, Allan Kardec acrescenta: *“Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa. [...] a questão está ainda pouco avançada, e não é preciso se apressar em resolvê-la.”*

O Mestre de Lyon, fiel ao método de se apoiar nos fatos, deixa claro que não se deve precipitar conclusões: *“Vê-se, segundo isto, que **a questão está ainda pouco avançada** e não é preciso se apressar em resolvê-la.”* (173)

Ao longo dessa pesquisa, apresentaremos várias manifestações de animais, de modo que já não se trata de apenas “*um único fato*”, como disse Allan Kardec, mas de um conjunto significativo de evidências que não podem ser desprezadas.

Após a leitura dessa carta do correspondente de Dieppe, na Sociedade Espírita de Paris, um Espírito, que não se identificou, enviou uma mensagem através do médium Sr. E. Vézy, da qual destacamos o terceiro parágrafo:

Entre os animais domésticos e o homem as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas que vos cercam e recaem sobre eles; é um pouco a humanidade que se detém sobre a animalidade, sem alterar as cores de uma ou de outra; daí essa superioridade inteligente do cão sobre o instinto brutal da besta selvagem, e **é a esta causa somente que poderão ser devidas estas manifestações que vêm de vos ler. Não se está, pois, enganado ouvindo um grito alegre do animal e conhecendo os cuidados de seu senhor**, e vindo, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhe uma lembrança. **A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira**, porque o animal, para subir de um degrau, é preciso um trabalho latente que aniquile, para todos, todo sinal exterior de vida. **Esse estado é a crisálida espiritual onde se elabora a alma**, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços, quebrando-se num estado de maturidade, para deixar escapar, nas correntes que os carregam, os germes de almas que ali eclodem. **Ser-nos-ia, pois, difícil vos falar dos Espíritos de animais do espaço, ele não existe, ou antes sua passagem é tão rápida que é como nula**, e que no estado de crisálida, não poderiam ser descritos. ([174])

Julgamos bem interessante esta correção feita pelo Espírito *“ou antes sua passagem é tão rápida que é como nula”*, porque nela vemos o próprio manifestante admitir ser possível a comunicação de animais, aliás ele apenas confirma isto que dissera um pouco antes: *“A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira...”* Portanto, ainda que não existam animais na erraticidade haveria a possibilidade de se manifestarem.

Logo após a mensagem, o Codificador insere uma nota esclarecedora, da qual ressaltamos este trecho:

> [...] Como explicação do fato precitado, **sua teoria é racional e concorda, pelo fundo, com a que prevalece hoje nas instruções dadas na maioria dos centros**. Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; **até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo**. ([175])

Observa-se que Allan Kardec não fechou questão quanto à impossibilidade das manifestações

de animais; Prudente, considerou que, embora se trate de uma teoria racional e em consequências com instruções recebidas em diversos centros espíritas, ainda não havia elementos suficientes para constituir uma doutrina consolidada. Tratava-se, portanto, de **balizas provisórias**, uteis para orientar o estudo até que se reunissem provas mais consistentes.

Entendemos que, no caso em questão, Allan Kardec aplicou seu princípio fundamental: *"Contra os fatos, é preciso, necessariamente, abaixar as armas."* ([176]). Assim, aguardava que se reunissem mais ocorrências para que, sob o crivo do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, fosse possível definir a questão de forma positiva ou negativa.

Isso é importante porque, como já dissemos, muitos de nós, por puro dogmatismo, acabamos por "fechar questão" em determinado ponto, esquecendo-nos da postura aberta e investigativa que o Codificador sempre defendeu. Como abordamos no capítulo "Considerações Iniciais" ao responder à questão "O Espiritismo teria um ponto final?", deixando claro, com base em suas próprias

afirmações que a Doutrina é progressiva e deve se apoiar sempre nos fatos.

Na obra ***Autonomia: a História Jamais Contada do Espiritismo*** (2019), Paulo Henrique de Figueiredo relata que Canuto Abreu (1892-1980), em viagem à França em 1921, teve acesso a documentos originais de Allan Kardec:

> A leitura levou **Canuto** aos bastidores da elaboração da Doutrina Espírita, à intimidade de Kardec e de alguns pioneiros. Cadernos de diferentes tamanhos, folhas avulsas, recortes de jornais, originais das obras publicadas, mensagens conhecidas e inéditas, **pastas de papelão com documentos cronologicamente selecionados**. Alguns amarelados pelo tempo, outros fatigados pelo uso.
>
> **Continha todo o museu espírita**. Os quadros e objetos passaram a terceiros. Mostrando as prateleiras do armário aberto em suas duas portas, mostrou os dossiês, a velha caneta, os antigos livros pessoais de Kardec. **Ele escrevera na capa de algumas pastas**: Minhas supostas vidas anteriores e missão atual; Atas das sessões da Sociedade Parisiense, muitas lavradas de próprio punho pelo professor; Autobiografia de Espíritos célebres; Notas e livros antigos

> e modernos; Comentários às críticas favoráveis ou adversas; Dados para a história do Espiritismo; Notas às cartas de Lavater; **Fatos e comunicações sobre alma de animais**; História espírita de Jesus; Previsões e sonhos míticos. ([177])

Achamos bem interessante a existência de uma pasta "***Fatos e comunicações sobre alma de animais***". Esse detalhe é extremamente relevante, pois se o Codificador reuniu documentos específicos sobre manifestações de animais, é plausível supor que já havia uma quantidade significativa de registros que poderiam servir de base para futuras reflexões e até para uma teoria mais consistente sobre o tema.

Finalizamos lembrando esta frase Allan Kardec, publicada na ***Revista Espirita 1865***:

> [...] **O Espiritismo não desdenha nenhum fato**, por mais medíocre que seja em aparência; ele os espia, **os observa e os estuda todos**; é assim que progride a ciência espírita, **à medida que os fatos se apresentam para atestar ou completar sua teoria; se eles se contradizem, procura-lhes uma outra explicação**. ([178])

Assim, para o Codificador se os fatos viessem a contradizer alguma coisa no Espiritismo, seria necessário buscar nova explicação, uma vez que, em seu aspecto de ciência de observação, a Doutrina é progressiva e não estacionária, como alguns inadvertidamente, querem colocá-la.

A opinião de renomados pesquisadores e escritores do Espiritismo

Não podemos deixar de citar os pesquisadores e autores espíritas clássicos Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne e Gustave Geley. Suas opiniões inauguram esse capítulo, listadas por ordem cronológica de publicação de suas obras.

1º) **Gustave Geley**

No site da ***FEP – Federação Espírita do Paraná***, temos a seguinte informação:

> Geley nasceu em Nancy, na França. Formado em Medicina pela Faculdade de Lyon, clinicou até 1918 em Annecy, onde alcançou grande reputação. **Interessando-se pelos fenômenos paranormais, realizou muitos estudos que ficaram registrados em anais científicos da época**. Realizou notáveis investigações em 1916 com **a médium Eva Carriére**. **Em 1919 assumiu a direção do Instituto Metapsíquico Internacional**, onde **obteve fenômenos extraordinários com**

> **o médium polonês de materializações Franek Kluski**. Em 1922 e 1923 promoveu outra série notável de sessões de ectoplasmia, com **o médium Jean Guzik**, do que resultou o histórico "Manifesto dos 34", assinado por eminentes homens de ciência, médicos, escritores e peritos da polícia. De 1921 a 1923 **realizou**, quer em Varsóvia, quer em Paris, experiências **com o médium polonês Stephan Ossoviecki**. ([179])

Em sua obra ***O Ser Subconsciente: Ensaio de Síntese Explicativa dos Fenômenos Obscuros da Psicologia Normal e Anormal*** (1899), o tradutor Gilberto Campista Guarino, no capítulo "Geley: apóstolo da ciência cristã", entre várias outras coisas, informa o seguinte:

> Em outra época, acompanhado de Charles Richet, **presenciou os raros fenômenos de formações ectoplásmicas de animais**, com o **médium Guzik**, também polonês. Geley narra por diversas vezes – inclusive nos anais do Instituto que dirigia – **o estranho contacto que lembrava o roçar da cauda de um cachorro** no tecido de seus costumes, **além da presença de outras formas de animais que exalavam o odor de fava**.

> [...].
>
> De 1922 a 1923, **Geley conduziu sessões no Instituto de Metapsíquica Internacional, com Guzik e com Franck Kluski.** Essas sessões eram **desenvolvidas sob as mais rigorosas condições**: **os médiuns** estavam vestidos com roupa especial, **amarrados nos pulsos e nas pernas e ligados aos assistentes por fios resistentes**. [...] De repente, uma voz rouca indefinível (palavras de Geley) pronunciou em alemão Guten Morgen. Nessas mesmas reuniões, luzes estranhas esvoaçavam sobre o piano do salão, fechado a chave, furtando-lhe quatro ou cinco sons subsequentes.
>
> **Com Kluski, realizou também experiências de materializações de formas de animais**, tendo visto a **presença de enorme águia pousada sobre os ombros desse médium**. Esse estranho animal, produzido também em sessão onde se achavam Richet e Geley, foi por eles chamado de Pitecantropo. [...]. ([180])

No livro ***Sessões de Ectoplasmia: Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional*** (2019), o autor Antonio Leon, além de corroborar as informações acima, apresenta outros

casos de manifestações de espíritos de animais.

a) Capítulo 4 – M. Franck Kluski, item 4.9. Materialização de formas animais:

As materializações de formas animais não eram raras com Franck. Nos relatos da Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia, foram assinalados em especial **um grande pássaro** predador que apareceu em várias sessões e foi fotografado. Depois **um ser bizarro, uma espécie intermediária entre o macaco e o homem**. Ele foi descrito tendo a altura de um homem, rosto símio e testa grande e bem formada; a figura e o corpo coberto de pelos, braços bem longos, mãos fortes e longas. Ele parecia estar sempre perturbado, **pegava as mãos dos assistentes e as lambia como faria um cachorro** (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n. 6, 1921, p. 301).

Esse ser, que foi apelidado de "o Pitecantropo", manifestou-se muitas vezes durante as sessões. Um dos controladores, na sessão de 20 de novembro de 1920, sentiu a grande cabeça peluda apoiar-se e fazer peso sobre o seu ombro direito e perto da bochecha. A cabeça tinha cabelos grossos e ásperos. **Um odor de cachorro molhado** se desprendia dele. Sua língua era larga e doce. Outras vezes sentiram debaixo de suas pernas alguns contatos que pareciam ser o carinho de um

cachorro (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n. 6, 1921, p. 301). ([181])

b) Capítulo 5 – Jean Guzik

Este capítulo tem como objetivo discorrer sobre a mediunidade ectoplásmica do médium polonês Jean Guzik. O médium polonês produzia formas humanas em que se via principalmente o rosto luminoso, rostos vivos em que saíam vozes roucas indefiníveis de suas bocas. Também **foram materializadas formas de animais, um cão, um outro animal semelhante a um esquilo e uma cabeça volumosa de urso recoberta de pelos**. Também produzia fenômenos com telecinesia em que objetos se moviam a distância, além de os experimentadores relatarem toques durante as sessões. ([182])

(Sessão de 13 de abril de 1923)

Na segunda parte do experimento, o controlador da esquerda foi M. Garçon e o controlador da direita foi a Sra. Sudre. Depois de uma espera de quase meia hora, **ocorreu a manifestação de uma forma canina, com o odor habitual**. Esta forma roçou a Sra. Sudre, passou sob sua cadeira e depois brincou com a carteira que ela tinha sobre os joelhos. Esta carteira lhe foi retirada. Depois da sessão, a carteira foi encontrada ao chão, a 1,5 m atrás da Sra. Sudre, à sua direita. A Sra. Sudre

encontrava-se entre o médium e a carteira (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n. 6, 1923, p. 381). ([183])

(Sessão 12 de abril de 1923)

Na primeira parte do experimento, depois de um curto período de espera, ocorrem manifestações que têm como objeto o Sr. de C. Ele sentiu-se e nas costas. **Declarava** apalpado, friccionado, golpeado do lado esquerdo **ter a nítida impressão da presença de um animal atrás de si**. Tais manifestações foram intermitentes, paravam e recomeçavam. Ao mesmo tempo que elas apareciam, **os presentes perceberam um odor desagradável de cachorro molhado**, que desapareceu instantaneamente assim que acabaram as manifestações. Percebeu-se barulho de passos, muito claros, por trás dos dois controladores (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n. 6, 1923, p. 384). ([184])

(Sessão de 19 de abril de 1923 – Relatório de Lady Lodge)

[...] Estávamos envoltos na escuridão, mas o Sr. de Jelski tinha uma lâmpada de luz vermelha que podíamos acender para ver se todas as mãos estavam bem arranjadas. Depois de um momento, **ouvimos arranhões como os de um pequeno cão** a alguma distância do médium. Uma caixa de ferramentas foi derrubada. Alguma coisa

me tocou de forma doce sobre as costas. **Uma pata poderia ter dado essa sensação. Oliver sente o nariz de um cachorro farejando o bolso de sua calça diversas vezes.** Vejo mais tarde duas pequenas luzes, que não iluminavam nada, flutuarem até mim sobre a mesa e desaparecerem atrás do médium. [...]. (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n. 6, 1923, p. 386. Tradução nossa). ([185])

(Sessão de 24 de abril de 1923)

Na primeira parte o controlador da direita foi a Sra. de C e o controlador da esquerda foi Sir Oliver Lodge. Ocorreram contatos repetidos e intensos sobre a Sra. de C. Barulho de passos foram ouvidos. A mesa localizada atrás do médium, a cerca de 1 metro, muito pesada, é chacoalhada várias vezes. **A manifestação "canina" se produziu. A forma de um cachorro do tamanho de um fox terrier** passa por entre as pernas da Sra. de C. e do seu vizinho, Sr. Gramont. Ambos perceberam o contato. **O "cachorro" saltava sobre os joelhos da Sra. de C.**, que sentiu seus pelos, depois sobre os ombros. Eram carícias habituais de um cachorro (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n. 2, 1924, p. 138). ([186])

(Sessão de 1 de maio de 1923)

Na segunda parte, rapidamente, ocorreram contatos sobre o Duque de B.

Todos escutaram barulho de passos e o deslocamento ruidoso de móveis. Também ocorreu **a manifestação "canina" em que um cachorro fedido tocava com o focinho os dois controladores**. Ocorreu uma pausa de cinco minutos, de repente, apareceu uma luz, como a de um vaga-lume, por trás do médium. A luz se deslocava lenta e graciosamente pelo ar. [...] (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n. 2, 1924, p. 145). ([187])

(Sessão de 3 de maio de 1923)

Na primeira parte do experimento, ocorreram contatos sobre Sr. Privat. Este último **teve a impressão de que um cachorro brincava com ele colocando as patas sobre seus joelhos**, cutucando seus bolsos com o focinho e dali puxando um jornal. Em certo momento, o Sr. Privat notificou múltiplos contatos, simultâneos. Enquanto os fenômenos descritos acima persistiram, **ele teve a sensação da presença de um outro animal menor que saltava sobre sua cadeira e atacava suas costas**. O Capitão Desprès notificou em seguida a sensação de contatos múltiplos. Ele também **teve a impressão de sentir carícias de um cachorro** (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n. 2, 1924, p. 146). ([188])

(Sessão de 10 de maio de 1923)

Na primeira parte do experimento, ocorreram contatos múltiplos sobre a Sra. de C. Também **ocorreram a manifestação "canina"**, além do barulho de passos. A cadeira do Sr. Marcel Prévost foi puxada com violência. A pesada mesa atrás do médium foi deslocada várias vezes. Depois da sessão, constataram que ela tinha feito uma meia volta sobre seus pés direitos e que havia sido inteiramente deslocada perpendicularmente à sua posição inicial (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n. 2, 1924, p. 149). ([189])

(Sessão de 12 de maio de 1923)

Na primeira parte do experimento, ocorreram contatos múltiplos sobre o Sr. Bayle. **A manifestação "canina" com odor** revistou em seus bolsos. Todos ouviram o chacoalhar de uma caixa de fósforos e barulho de passos. Contatos idênticos ocorreram sobre o Sr. George (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n. 2, 1924, p. 149). ([190])

(Sessão de 14 de maio de 1923)

Na primeira parte do experimento, o controlador da direita foi a Sra. Richet. O controlador da esquerda foi o Dr. Moutier. Ocorreram contatos múltiplos sobre **o Dr. Moutier**. Ele **sentiu como se um animal subisse sobre ele e ouviu o barulho de arranhões.** A cadeira localizada a 1,5

> metros do médium foi empurrada contra o Dr. Moutier. Uma pequena cesta de vime que estava sobre a cadeira foi jogada a dois metros dali. Ouviram barulho de passos, numerosos e bem distantes. As batidas responderam de maneira inteligente, às vezes longe dos controladores, às vezes sobre a cadeira do Dr. Moutier. **Depois da sessão, foram encontrados vestígios de garras no forro do paletó do Dr. Moutier**. O pano estava rasgado numa extensão de 8 cm a 10 cm, em duas fendas irregulares e paralelas. Notaram também unhadas na argila que estava sobre a mesa atrás do médium (REVUE MÉTAPSYCHIQUE, n. 2, 1924, p. 150). ([191])

Essas manifestações sob a forma de animais, observadas no Instituto de Metapsíquica Internacional, revelam a comprovação científica de sua realidade.

2º) **Gabriel Delanne**

Inicialmente, citaremos o artigo "Vossos filhos e vossas filhas profetizarão", publicado na ***Revista Espírita 1865***, mês de outubro, no qual o Codificador faz referência ao garoto Gabriel Delanne como exemplo de médium em que essa profecia

estaria se cumprindo:

> O Sr. Delanne, que muitos de nossos leitores já conhecem, **tem um filho com a idade de oito anos**. Esse menino que ouve a cada instante falar de Espiritismo em sua família, e que frequentemente **assiste às reuniões dirigidas por seu pai e sua mãe**, assim se achou iniciado em boa hora na Doutrina, e, **às vezes surpreende com a justeza com a qual raciocina os princípios**. [...]. ([192])

Nessa apresentação de Gabriel Delanne, que Allan Kardec fez, temos considerações de suma importância para podemos avaliar a capacidade intelectual desse notável pesquisador do Espiritismo. Dito isso, vamos ao que consta em sua obra sobre o nosso tema.

Do capítulo "III – Como o perispírito pode adquirir propriedades funcionais", da obra ***A Evolução Anímica*** (1895), transcrevemos o seguinte trecho no qual Gabriel Delanne cita Adolphe d'Assier (1827-1889), explorador e escritor francês:

> Apesar das copiosas provas acumuladas

no capítulo anterior, no intuito de mostrar a identidade do princípio que dirige o animal e o homem, **julgamos útil estabelecer experimentalmente a existência do perispírito animal**.

São fatos respigados na obra do Sr. Dassier ([193]), autor que ninguém dirá suspeito de simpatias pelo Espiritismo. Mais valor, por isso mesmo, tem o seu testemunho.

> "Em fins de 1869, achando-me em Bordéus, diz ele –, encontrei, à noite, um amigo que se dirigia a uma sessão de magnetismo, e que me convidou a acompanhá-lo".
>
> "Anuí, desejoso de ver de perto o magnetismo, que até então só conhecia de nome. A sessão nada apresentou de notável: era a repetição do que ocorre comumente nas reuniões desse gênero. Uma jovem criatura, parecendo muito lúcida, oficiava de sonâmbula e respondia às perguntas que lhe dirigiam. Um fato inesperado surpreendeu-me, contudo. Ia a meio a sessão, quando **um assistente, percebendo uma aranha no assoalho, esmagou-a com o pé**." Alto lá! – gritou logo **a sonâmbula – está vendo evolar-se o Espírito da aranha!**" Sabemos que, na linguagem dos médiuns, o vocábulo *Espírito* corresponde ao que eu chamaria fantasma póstumo.
>
> – Qual a forma desse Espírito? – perguntou o magnetizador.
>
> – A mesma da aranha – respondeu a

sonâmbula."

O Sr. Dassier não soube, a princípio, como interpretar a resposta.

Ele não admitia qualquer espécie de alma no homem e muito menos num animal. Não tardou, entretanto, mudasse de pensar, por isso que cita inúmeras manifestações póstumas de animais, e sempre sob as mesmas formas que tiveram na Terra.

E ele acredita possível até o desdobramento de certos animais, durante a vida terrestre.

Seja, porém, qual for a sua forma de ver, o indubitável já agora é que a chamada luz ódica de Reichenbach ([194]), o duplo fluídico da vidente de Prevorst ([195]), o fantasma póstumo do Sr. Dassier, **outra coisa não é que o perispírito,** ou seja, o invólucro da alma; e que, tanto nos animais, como no homem, o princípio pensante é sempre individualizado no fluido universal.

Se bem que esta questão tenha sido pouco estudada até ao presente, **possível foi verificar, com os médiuns videntes**, que a alma animal não é destruída pela morte.

A *Revue Spirite* de 1894 relata **o caso de um cão fielmente descrito por um vidente**, quando seu dono, o conde de Luvoff, recordava o devotamento do animal. A essas demonstrações de saudade, **o belo**

animal cabriolava [saltava] de alegria, feliz por ver-se alvo das reminiscências do antigo dono.

Ainda nessa Revista (1865), depara-se-nos a narrativa desta manifestação póstuma:

> "Ultimamente, por volta da meia-noite, achando-me deitado, mas vígil, ouvi, como se partisse dos pés da cama, **o grunhido característico da cadelinha**, quando lhe apetecia qualquer coisa. A impressão foi tão nítida que cheguei a estender o braço fora do leito, como se quisesse atraí-la e acreditasse na realidade das suas carícias.
>
> "Ao me levantar, de manhã, **contei o episódio à minha mulher, que me disse: – também ouvi a mesma coisa, não uma, porém duas vezes**. O grunhido parecia vir da porta do quarto. **A primeira ideia que me veio foi a de não estar morta a nossa pobre bichinha e que, fugindo da casa do veterinário**, procurava o nosso teto. **Nossa filha**, então enferma e ocupando a alcova materna, **também afirma que percebeu o mesmo grunhido.**"

Aqui, não cabe a hipótese alucinatória, de vez que o fenômeno é identicamente percebido por três pessoas separadas. Se o princípio inteligente do animal sobrevive, se o animal tem, de fato, uma individualidade, possível se torna aplicar-lhe as mesmas regras que dirigem a alma humana. ([196]) (itálico do original)

O fato digno de nota é que Adolphe d'Assier não acreditava em Espírito humano, pior ainda quanto ao dos animais. Acontece que após o caso da aranha passa aceitar e "*por isso que cita inúmeras manifestações póstumas de animais*". É provável que isso ocorre na obra "*Essai sur l'humanité posthume et le spiritisme par un positiviste*" (*Ensaio sobre humanidade póstuma e o espiritismo por um positivista*), no capítulo "III – Como o perispírito pode adquirir propriedades funcionais", tópico "Fatos que estabelecem a existência de personalidade fluídica em animais e animalidade póstuma." ([197])

Em ***A Reencarnação*** (1924), no capítulo "V – As faculdades supranormais nos animais e seu princípio individual", Gabriel Delanne insere vários tópicos que registram 23 casos de percepções e manifestações de animais. Entre os **11 casos relativos a manifestações**, destacamos os seguintes:

> 1º) Tópico: Um caso provável de clarividência ([198])
>
> Eis outro exemplo, em que a clarividência de um sensitivo é confirmada pela de um

animal. ([199])

Fantasma de um cão visto por um gato. Carrington narra o seguinte caso, muito curioso:

> Um cavalheiro e duas senhoras passeavam juntos, quando uma das senhoras, que é clarividente, declarou que **via um cão caminhando diante deles**. Descreveu-o, minuciosamente, **às duas outras pessoas, que nada viam.** Enquanto conversavam, **um gato** saiu de uma casa vizinha e aproximou-se muito tranquilamente até o ponto em que a senhora acusava a presença do cão. **Lá chegado, parou bruscamente, inchou o dorso, espirrou, deu umas unhadas na direção do animal fantasma, e voltando, de súbito, ganhou a sua casa, com toda a rapidez**. ([200])

2º) Tópico: Lugares assombrados

Comecemos este estudo pela **visão de animais defuntos, que médiuns ou clarividentes descrevem com exatidão**, sem os ter nunca conhecido, ou, se os conheceram, sem terem sido informados de sua morte.

Eis um primeiro exemplo, contado pela célebre médium, **Sra. d'Éspérance**. ([201])

Colho o caso de um interessante artigo, por ela publicado na *Light* de 22-10-1904, pág. 511.

> "Uma só vez, **sucedeu-me uma prova pessoal da presença, em espírito, de um**

animal que eu havia muito bem conhecido em vida. Tratava-se de **um pequeno *terrier***, grande favorito de minha família, o qual, em consequência da partida do seu dono, tinha sido dado a um dos seus admiradores, que habitava a uma centena de milhas distante de nós.

Um ano depois, quando eu entrava, certa manhã, na sala de jantar, **vi, com grande espanto, a pequena Monna, que corria, saltando em volta do quarto e que parecia tomada de um frenesi de alegria; girava, girava, ora metendo-se embaixo da mesa, ora intrometendo-se pelas cadeiras, como fazia em seus momentos de excitação e alegria, depois de uma ausência mais ou menos longa de casa**. Conclui, naturalmente, que o novo dono de Monna a tinha trazido, ou que, pelo menos, a cadela tinha conseguido, inteiramente só, encontrar o caminho de sua antiga morada.

Fui logo interrogar outros membros da família, mas ninguém sabia nada a respeito; aliás, procurou-se por toda parte, chamou-se-lhe pelo nome: Monna não se fez mais ver.

Disseram-me que eu devia ter sonhado, ou, pelo menos, fora vítima de uma alucinação, depois do que, o incidente ficou depressa esquecido.

Muitos meses, um ano talvez, se passaram, antes que acontecesse encontrar-nos com o novo dono de Monna. Pedimos logo notícias dela. Disse-nos ele que **Monna havia morrido** pelas feridas que recebera em luta com um grande cão. Ora, pelo que

pude verificar, **isto se passara na mesma data, ou pouco tempo antes do dia em que a vira em espírito correr, saltar, girar em torno da sala de sua antiga residência**." ([202])

Se a aparição se produziu no momento da morte do animalzinho, essa visão podia ser atribuída à telepatia; mas **se, ao contrário, o fenômeno se realizou algum tempo depois da morte, é que o fantasma do animal foi percebido por clarividência**.

No exemplo seguinte, se, a rigor, as visões relativas ao gato fantasma podem ser de natureza alucinatória, o mesmo não se dá no que concerne à descrição do cão, que o Senhor Peters não conheceu. ([203])

3º) Tópico: Da sobrevivência dos animais

Escreve o Sr. Peters, na *Light*:

"No que toca à **sobrevivência dos animais**, observei um fato curioso, antes de me tornar espiritualista. Eu **estava doente e recebia sempre a visita de um gato**, que pertencia à minha proprietária. **Toda tarde, antes de escurecer, vinha o animal ao meu quarto, dava uma volta por ele, com ar solene, e retirava-se**. Disseram-me, um dia, que **haviam matado o gato**, mas o fato se me apagou do espírito, e, **todas as tardes, o gato aparecia, como de hábito. Entretanto, uma vez, lembrei-me, repentinamente, de que o gato estava morto**. Como, nessa época, não sabia nada dos fatos psíquicos, e via, entretanto, o gato

distintamente, pensei que os sofrimentos me tivessem tornado maluco, mas, **ao fim de algum tempo, deixei de receber a visita do bicho**.

De outra feita, estando em sessão com uma família, conversava com um hóspede, quando **vi, de repente, um grande cão escuro**, que veio colocar a cabeça em meus joelhos. **O cão me parecia tão real,** que o descrevi, e **meu hóspede reconheceu nele o favorito da família**."

Tomo a um livro recente da Sra. Aguilana, "*La vie vécue d'un médium spirite*", um caso análogo ao precedente. Ei-lo:

"Estava em Condom, no escritório de M. T., conversando com este e sua mulher, quando tive uma singular visão, de que lhes fiz parte. Disse-lhes que via um Espírito, um senhor, personagem que descrevi. **No mesmo instante, apareceu-me um cão**, do qual pintei o pelo. **Ele percorria o armazém de M. T., em meio às louças e porcelanas**. Era a cada instante chamado pelo senhor: – **Venha cá, Médor**! – como se receasse que o cão causasse algum desastre no frágil vasilhame. – Esse senhor – disse-me M. T. – morreu há 8 anos. Era um dos meus melhores amigos e a quem tinha como irmão. **Quanto ao cão, que se chamava Médor, é morto há quase um ano**."

O caso do juiz Austin é tão interessante como os precedentes. ([204])

4º) Tópico: A aparição de um cão

A *North Somerset Gazette* lembra a história seguinte, contada pelo Sr. Robert Austin, que lhe garante a autenticidade:

> "Seu pai, o juiz Austin, que era conhecido como um grande amador de cães, tinha um fraldeiro, muito ligado ao dono. **O cão morrera, e, uma semana depois, o juiz foi à casa de um amigo em Clifton**, com o qual se entreteve durante alguns instantes no salão. Quando ele partiu, **uma moça escocesa**, que se achava então na casa, **perguntou quem era aquele senhor com um cão**. A dona da casa respondeu que era o juiz Austin, mas, acrescentou, **não trazia cão nenhum consigo**. **A outra replicou que havia com ele um cachorro**, no salão, **e descreveu exatamente, não só o aspecto de um velho cão de fralda**, como, ainda, sua postura favorita, quando se achava ao pé do dono. Podeis pensar o que quiserdes desta história, diz Austin, mas é verídica."

Para os partidários obstinados da teoria da transmissão do pensamento ou da criptestesia, a descrição do animal pode ser tomada em uma imagem da subconsciência do juiz; o mesmo não sucede quando a visão fantasma exerce também sua ação sobre animais. ([205])

5º) Tópico: Um cão fantasma

Colho do "*The Animal's Guardian*", que as reproduz, **muitas histórias de aparições de animais,** escritas no "*National Review*" pelo Capitão Humphries, que as coligiu,

durante suas viagens, em muitos países. A história seguinte foi contada ao capitão por um amigo de sua esposa, e a verossimilhança da mesma não tem motivo por onde se lhe possa pôr em dúvida.

> "Quando eles estavam no sul da África, sua habitação se achava perto do leito da estrada de ferro, de que o jardim ficava separado por pequeno muro. Por essa ocasião **possuíam eles um buldogue magnífico**, ao qual permitiam andar por toda parte, e que, **tendo querido evitar uma locomotiva, foi morto por outra**. Alguns meses depois, **os condutores dos dois trens da noite começaram a dar apitos**. Esse fato aborrecia muito o proprietário do cão morto. Além disso, sua mulher era de saúde delicada e se achava, muitas vezes, de cama. O marido encontrou um dia um dos condutores e lhe perguntou se os apitos eram realmente necessários, pois que não havia nenhum sinal em vista. A princípio o homem espantou-se com a pergunta, mas o marido reiterou-a, invocando a doença de sua mulher.
>
> Foi, então, que **o maquinista explicou que** o amigo do escritor tinha o remédio nas mãos, pois que **o apito era dado, somente no intuito de impedir que o seu cão fosse esmagado, porque ele atravessava muitas vezes a linha, e só se desviava quando era advertido por aquela forma**; e depois, habitualmente, passava por cima do muro de que falamos.
>
> **A descrição dada do cão concordava em todos os pontos com a do que tinha**

> **sido esmagado pelo trem**. Essa aparição continuou por alguns meses, com diferentes intervalos."

Aqui não podia ser invocada, como explicação, nenhuma ação telepática do animal. Por outra parte, uma alucinação visual dos mecânicos é inverossímil, porque eles viram muito distintamente, por diferentes vezes, **o fantasma do buldogue**, e apitaram a fim de o afastarem.

Notemos, também, que **essas aparições se realizaram alguns meses depois da morte do cão, o que indica a conservação de sua forma e a possibilidade para ela de se materializar**.

A descrição que se segue nos põe, ainda, **em presença da materialização póstuma de um cão**, e, o que é notável, essa aparição se deu a cento e seis milhas da cidade em que ele morrera. ([206])

6º) Tópico: O cão risonho

Lê-se no "*Swasteka*" ([207]), de julho, a curiosa narrativa devida ao General Thompson:

> "**Jim era um magnífico collie,** favorito de toda a família, que residia em Cheyenne. Sua natureza afetuosa não podia ser mais notável. Era conhecido de toda a cidade, que lhe **chamava o cão risonho**. Vinha-lhe esse apelido, porque demonstrava o prazer que lhe

causava o encontro de amigos e parentes do dono, por uma espécie de risada, que se assemelhava estranhamente ao rir de um ser humano.

Uma noite dos últimos dias de 1905, lá para as 7,30, eu passeava com um amigo na 17ª rua de Denver, Colorado. Quando nos aproximávamos da porta do Banco Nacional, **vimos um cão estendido no meio da calçada, e, caminhando para ele, fiquei espantado por sua absoluta semelhança com o Jim,** de Cheyenne. Sua identidade ficou mais certa ainda pelos **sinais de satisfação que mostrou ao ver-me, e pelo riso particular, só dele**, com que me acolheu. Disse ao meu amigo que, se não estivéssemos a 106 milhas de Cheyenne, ia jurar que estávamos em presença de Jim, cujas particularidades lhe assinalei.

O cão astral ou fantasma estava evidentemente ferido de modo grave, porque não podia levantar-se. Depois de o ter acariciado, dei-lhe um comovido adeus, atravessamos Slout-Street, e **voltei-me para o ver, uma vez ainda: ele havia desaparecido**. No dia seguinte, de manhã, **recebi uma carta de minha mulher, anunciando-me que na véspera, às 7,30, Jim tinha sido morto acidentalmente**.

Acreditarei toda a minha vida que vi **o fantasma de Jim**."

O que leva a afastar toda ideia de alucinação é que **o cão fantasma foi visto por duas pessoas**, uma das quais seu dono, a quem ele manifestou sua afeição,

com seu modo especial, e que sua aparição coincidiu com o momento da morte.

Charjes L. Tweedale escreve à *Light* ([208]):

> "Minha tia L... morreu em 1905, e **seu cão predileto, animalzinho ardente e enérgico, morreu alguns anos antes**. Em agosto, a tia L... **começou a aparecer em minha casa, em plena luz, tanto de noite como de dia, e foi vista por todos os moradores da casa**.
>
> Muitas vezes, **essas aparições eram acompanhadas de uivos e latidas, que nos espantavam muito**. Enfim, o mistério foi desvelado pela **aparição, ao lado da tia L..., de seu cão favorito**.
>
> Viu-se o animal duas vezes ao mesmo tempo em que a dona. **Em certo número de ocasiões ele foi visto sozinho, mesmo em pleno dia,** tanto por minha mulher como pelos criados e por meus filhos. **Certa vez, viram-no, ao mesmo tempo, quatro pessoas**, dia claro, e minha filhinha mais moça ficou tão convencida, que o procurava sob o leito, onde ele parecia ter desaparecido.
>
> **Alguns dos que viram o fantasma, não tinham conhecido o animal em vida**, nem qualquer fotografia dele, que não existia. Entretanto, as descrições que faziam coincidiam, absolutamente, e eram inteiramente conformes ao que tinha sido o animal."

A visão coletiva desse cão e a audição de seus latidos, estabeleceram-lhe a sobrevivência, muitos anos após sua

desaparição terrestre; **aqui, ainda, há materialização de fantasma**. ([209])

7º) Tópico: Aparição de animais em sessões experimentais.

> "Em uma sessão do mês de novembro de 1877, em casa do Comandante Devoluette, disse a médium Amélia que alguma coisa se apresentava na mesa, e precisamente numa grande folha ali posta para a escrita direta.
>
> Aí tem! **Um animal, vejo patas! Ah! é um cãozinho sentado no papel,** com o nariz curto, olhos grandes, redondos, orelhas cumpridas, cauda de longos pelos, patas finas e cumpridas. Ouvimos logo um bater de patas e abalos na mesa, **pondo-nos a médium ao corrente dos movimentos do animal. Ele salta, prende o papel entre os pés, arranha-o, torce-o, dilacera-o**. Ai! que medo! Salta-me no ombro, passa para as costas da Sra. X... (esta senhora sente o choque), volta à primitiva posição. **Todos ouvimos pequenos latidos**, e minha mulher **sente nas mãos as patas do animal**. Em seguida, ele **lambe as mãos de Amélia**, as da Sra. X... e desaparece.
>
> **Acesa a luz, encontramos o papel torcido, dilacerado e distintamente denunciada a impressão de pequenas garras**."

Os latidos ouvidos pelos assistentes e os traços das unhas deixados no papel, **parecem estabelecer a realidade do cão fantasma**. ([210])

8º) Tópico: Materializações visíveis de formas de animais

> "**As materializações de formas animais não são raras com Franek Kluski**. ([211]) Nos relatórios das sessões de estudos psíquicos de Varsóvia, temos a assinalar, especialmente, **uma grande ave de rapina**, que **apareceu várias vezes** e foi fotografada; **depois, um ser bizarro, espécie de intermediário entre o macaco e o homem**. Tem a estatura de um homem, uma face simiesca, mas uma fronte desenvolvida e reta, o rosto e o corpo coberto de pelos, braços compridos, mãos fortes e longas. Parece sempre comovido, toma as mãos dos assistentes e as lambe como faria um cão.
>
> **Ora, esse ser, que denominamos o Pitecantropo, manifestou-se muitas vezes durante nossas sessões**. Um dos assistentes, na sessão de 20 de novembro de 1920, sentiu sua grande cabeça aveludada apoiar-se-lhe pesadamente no ombro, junto ao rosto. Essa cabeça era guarnecida de cabelos bastos e rudes. **Um odor de animal selvagem, de cão molhado, desprendia-se dele**. Um dos presentes estendeu a mão; apanhou-a o Pitecantropo e lambeu-a longamente, por três vezes. Sua língua era grande e macia."

Eis alguns pormenores, concernentes a esse ser bizarro; são extraídos dos relatórios das sessões de Varsóvia, em 1919:

> "**É um ser do tamanho de um homem adulto, muito peludo, com uma grande**

crina, e uma barba hirsuta. Estava como que revestido de uma pele crepitante; a aparência era a de um animal ou de um homem muito primitivo.

Não falava, mas emitia, com os lábios, sons roucos, estalavam a língua e rangia os dentes, procurando, em vão, fazer-se compreender.

Quando o chamavam, aproximava-se; deixava que lhe acariciasse a pele veludosa, tocava as mãos dos assistentes, arranhava-as docemente, antes com garras, do que com unhas. Obedecia à voz do médium e não fazia mal aos assistentes.

Era um progresso, porque, nas sessões anteriores, este ser manifestava grande violência e brutalidade. Tinha uma tendência visível e uma vontade tenaz de lamber a mão e o rosto dos assistentes, que se defendiam dessas carícias bem desagradáveis. Obedecia às ordens do médium, não só quando expressas pela palavra, senão quando expressas pelo pensamento. Outras vezes sentíamos, sob os joelhos, fricções como as de um cão." ([212])

Ao correr do ano de 1922, o Dr. Geley foi a Varsóvia e sei que ele verificou, **nas sessões com o médium Kluski, materializações de cães**. ([213]) (grifo dos títulos é do original)

Muito interessante o caso do cão risonho que ao *“encontro de amigos e parentes do dono, por uma espécie de risada, que se assemelhava estranhamente ao rir de um ser humano.”*, que nos fez lembrar desta imagem em que um cãozinho está aparentemente sorrindo ([214]). Embora muitas imagens divulgadas na Internet sejam montagens, esta em que se tem a impressão que o cãozinho imita a criança, não nos pareceu ser o caso.

3º) **Ernesto Bozzano**

No site da ***União Espírita Mineira***, encontramos estes detalhes importantes na biografia de Ernesto Bozzano: *“Antes de se converter ao Espiritismo, foi materialista, cético, positivista.”*; *“era um pesquisador profundo e meticuloso.”*; *“fundou na cidade [Gênova] a primeira Sociedade de Estudos Psíquicos: o Círculo Científico Minerva”*; *“durante três anos, fez experiências com a médium Eusapia Palladino.”* e *“trinta e cinco obras escritas.”* ([215])

Poucos espíritas conhecem em profundidade quem foi Ernesto Bozzano e a relevância de sua obra. No entanto, por se tratar de um pesquisador de primeira linha, suas investigações jamais deveriam ser ignoradas ou subestimadas.

No ano de 1919, Ernesto Bozzano publicou o livro ***Os Fenômenos de Assombração***, no qual menciona a manifestações de espíritos de animais: *"Há, enfim, 9 casos de aparições de animais (cachorros, gatos, cavalos, porcos, bois)."* ([216]) Do capítulo 3 – Caso de assombração propriamente dita, Seção visual fantásmica, tomamos o seguinte relato:

> CASO XII – Termino essa coletânea com **um caso de aparição de animais** em lugares obsediados. Em minha classificação, encontramos apenas nove exemplos do gênero; cifra muito exígua, se considerada em relação à quantidade de materiais já reunidos.
>
> Compreenderemos que os fantasmas de animais raramente apresentam o mesmo valor probatório que o dos seres humanos, seja porque podemos mais facilmente separá-los dos fantasmas puramente alucinatórios, seja porque não é sempre fácil excluir o fato de que os percipientes se

enganem, tomando animais vivos por fantasmas de animais. Entretanto, **os nove casos relatados contêm algumas características que tornam essa eventualidade pouco provável**. Assim, por exemplo, a circunstância de que **os fantasmas de animais foram percebidos coletiva e sucessivamente por várias pessoas que ignoravam os fatos** e que, ao mesmo tempo em que as pessoas, **os animais vivos davam sinais de que percebiam algo de anormal**, seria contrária à hipótese alucinatória; enquanto a coincidência de pessoas que não viram nada no ponto onde outros localizaram um animal excluiria que se trata de animais vivos.

Eu extraio o caso seguinte do *Journal of the S. P. R*. (vol. XIII, p. 256). O sr. Pittman descreveu nesses termos a aventura que lhe ocorreu na cidade de Hoe Benham (Newburg):

> Em 02 de novembro de 1907, eu pintava em meu *atelier* com meu amigo Reginald Waud. Minha empregada, vestida de viúva, servia de modelo, e nós esperávamos a srta. Milles. Às 10 horas, os latidos do cão de guarda anunciaram que o leiteiro se aproximava. Desci ao jardim para abrir para ele, peguei o pote de leite e, fechando a porta, dei uma olhada na rua, percebendo que a Srta. Miles chegava com seu estojo de pintura embaixo do braço e **seguida de**

perto por um porco grande, branco, e de focinho grande. Entrei no *atelier* exclamando ao amigo Waud: “Adivinhe quem conduz a Srta. Miles nesta manhã! Um porcão!”. Explodimos numa risada e meu camarada observou: “Trate de dizer a ela para não deixar seu amigo entrar no jardim e feche a porta na cara dele, porque temos nossas plantas”. Nesse momento apareceu a srta. Miles e eu perguntei a ela: “O que aconteceu com seu companheiro?”. Ela ficou muito espantada e perguntou: “De que companheiro o senhor fala? O que quer dizer?”. Então expliquei em que má companhia eu a surpreendi. Ela replicou: “Se um porco tivesse me acompanhado, eu teria percebido. De resto, é fácil se assegurar, porque eu passei pelo leiteiro, que teria visto o porco se ali ele estivesse. Em todo caso, vou ver”. Pouco tempo depois, ela voltou dizendo: “Seu porco não está em parte alguma”.

Nós saímos pela vila perguntando, mas ninguém viu animais errantes e em toda a vila havia apenas um porco branco, cujo proprietário assegurou que se ele tivesse fugido, ele teria visto... No dia seguinte, perguntamos ao leiteiro, que reconheceu ter visto a srta. Milles, mas negou absolutamente que ela estivesse acompanhada de um porco”. (Como testemunhas do fato assinaram: Osmund Pittman, Réginal Waud, Clarissa Miles e Louise Thorne.)

Após esse curioso incidente, **procedemos com uma investigação na vila** e viemos a saber que **aquele canto da estrada tinha há muito tempo a**

reputação de ser obsediado e que ali apareceram os fantasmas de diferentes animais a vários habitantes do entorno.

A Revista relata os testemunhos de seis pessoas da vila, para as quais apareceram nesse lugar fantasmas de cães, gatos e coelhos; e o charreteiro John Barret conta que enquanto ele passava, num dado dia, com sua charrete, na qual havia sete ou oito pessoas, os cavalos cabrearam e se recolheram, como que tomados de grande pavor. Ele desceu para acalmá-los e percebeu à frente deles uma massa branca que seguia seu caminho saltitando... O relator, o sr. Pittman, acrescenta:

> "Quando interrogamos aos camponeses sobre a possível causa das aparições, deram todos a mesma explicação: o responsável pelos fatos era Tommy King, um farmacêutico que tinha vivido cem anos antes e que caiu de uma casa situada nessas paragens, de modo que o espírito do infeliz ainda circulava ali, aparecendo sob a forma de animais e fazendo barulhos estranhos...".

É a explicação comum das aparições de animais nos lugares obsediados: e ainda que ela seja puramente tradicional e gratuita, não é fácil substituí-la por uma outra menos gratuita e mais científica. Eu me limitarei, então, a observar que nesse livro do Dr. Kerner, sobre a *Vidente de Prevorst*, lê-se que a "vidente", em suas fases de sonambulismo, explicava da mesma maneira as aparições de animais. Assim, no

capítulo VI (4º caso, p. 177), com relação a um “espírito inferior” que apareceu para ele, o Dr. Kerner escreveu: “Em seu quarto, a aparição se renovou sob a aparência de um urso. Desacordada, ela disse: “Agora, vejo o quanto sua alma deve estar negra, pois que ele vem também sob formas horripilantes; mas é preciso que eu veja…”. No 5º caso, (p. 190), **a vidente desacordada se dirige a um “espírito” perguntando a ele se ele poderia se manifestar numa forma diferente da que ele tinha quando vivo. Ele respondeu: “Se eu tivesse vivido como um animal, eu deveria aparecer para você como tal. Nós não podemos tomar a forma que queremos. Devemos aparecer tal como éramos”**. E no capítulo IV (p. 120): “O desavergonhado pode aparecer na forma de um animal que se assemelhe ao seu modo de vida…”.

Por outro lado, noto que, entre os nove casos indicados, há dois que sugeririam uma explicação diferente, o que naturalmente não excluiria a outra. Eles foram publicados na J*ournal of the S.P.R*. (vol. XIII, p. 58-62, e vol. XV, p. 249-252); trata-se de **aparições de um cão e de uma gata pequena**, com a particularidade de que, nas localidades respectivas onde eles apareciam, havia morrido um cão e uma gata pequena idênticos aos que se manifestavam. Quanto à gatinha, a identificação era ainda melhor provada pelo fato de que o fantasma se

> mostrava manco, tal qual a gatinha, que quando viva foi atacada e deformada por um cachorro. Nós nos encontraríamos, então, aqui, diante de casos de identificação autêntica, **de modo que é possível deduzir que se conseguimos acumular em número suficiente exemplos dessa natureza, eles conduziriam à demonstração da sobrevivência da alma do animal**, possibilidade que não deveria, certamente, surpreender. ([217])

Julgamos que a obra de Ernesto Bozzano intitulada ***Os Animais têm Alma?*** (1950) deveria ser de leitura "obrigatória" a todo pesquisador que deseje compreender mais profundamente a questão espiritual dos animais.

Visando corroborar essa nossa opinião, recorremos a Prof.ª Irvênia Prada, num seu trecho já citado de ***A Questão Espiritual dos Animais***:

> Não posso deixar de referir, novamente, a obra magnífica de Ernesto Bozzano ***Os animais têm alma?***, que **recomendo para leitura** e aprendizado sobre o assunto, porque dos **130 casos descritos, de manifestações metapsíquicas envolvendo animais**, que, pela atuação de

> seu perispírito, são vistos e ouvidos ou sentido sua presença. […]. ([218])

Um pesquisador que reúne 130 casos de manifestações metapsíquicas envolvendo animais, além de dez casos de materializações, oferece uma contribuição que não pode ser desprezada. Esses registros reforçam a sobrevivência da psique animal e a possibilidade de sua presença no mundo espiritual, ainda que as circunstâncias específicas desse fenômeno permaneçam em aberto.

No que se refere às manifestações (aparições) e as materializações de animais, Bozzano reuniu 51 ocorrências. Evidentemente, seria impraticável transcrever todas, razão pela qual selecionaremos apenas uma de cada categoria para ilustrar a riqueza da casuística.

1º) Aparição de animais em lugares assombrados (27 casos):

> Caso XCII - (Visual, com impressões coletivas) – A sra. J. Toye Warner Staples enviou à *Light* (1921, p. 553) a narração aqui reproduzida e referente a um caso que

lhe é pessoal:

> Temo verdadeiramente que a minha contribuição ao inquérito sobre a sobrevivência da psique animal não seja de natureza a satisfazer às provas exigidas pela *Society for Psychical Research*, todavia **o fato que vou expor-lhes é escrupulosamente autêntico e digno de confiança**, qualquer que seja a explicação dele.
>
> Minha infância decorreu na parte ocidental da Irlanda e, desde a idade de quatro anos até os seis, morei numa casa muito grande e velha situada às margens do Shannon. Minha família, sendo inglesa, não dava atenção às narrativas da gente do lugar que afirmava que **a nossa residência devia ser assombrada**. Ora, **foi lá que tive a primeira experiência do que se pode chamar de cão fantasma**. Nas horas da tarde, durante o verão, em **plena luz do dia**, algumas vezes **durante vários dias consecutivos** e outras vezes *com o intervalo de vários meses*, eu **era amedrontada pela aparição, muito nítida e natural, de um cãozinho branco, de raça pomerânia**, que se manifestava a mim na cabeceira de minha cama. **Ele me olhava com a boca aberta e a língua de fora quando estava ofegante** e se comportava como se me visse, **tomando a atitude que teria adotado se tivesse querido saltar para cima de minha cama**. Então eu me espantava terrivelmente, embora tendo a intuição de que **não se tratava absolutamente de um cão em carne e osso**. Por vezes, **quando o cachorro se mostrava perto da janela, eu**

percebia os móveis do quarto através do seu corpo branco e me punha a gritar, chamando a minha mãe e exclamando: “Leve-o! Suma com ele!” **Logo que mamãe entrava no quarto, ele a seguia e, quando ela saía, ele saía com ela**. Então eu era levada para baixo e, à força de carinhos, fazer-me esquecer o medo que havia experimentado.

O mais curioso é que, enquanto eu era a única a perceber esse fantasma canino, **quatro outras pessoas o sentiam**.

Na **plena luz** das manhãs de verão, dois membros da minha família – duas mulheres – e uma senhora e um senhor que tinham habitado a casa antes de nós, **perceberam muitas vezes algo constituído de um corpo sólido, com as dimensões e peso de um cãozinho, que parecia pular para as camas, do lado dos pés, para passarem seguida lentamente sobre os seus corpos, chegando assim até os ombros e descer para o chão, do outro lado**. Em tais ocasiões, os percipientes se sentiam como que paralisados e eram incapazes de se mover, mas, logo depois, eles pulavam do leito e examinava minuciosamente o quarto sem nada ali descobrir.

Por razões fáceis de serem compreendidas, abstenho-me de dar o endereço da supracitada casa, mas eu o confiaria ao professor Horace Leaf se esta narração interessar a alguém.

Nada de mais incômodo quando não se

pode formular uma teoria capaz de explicar, de modo satisfatório, fatos do gênero de que acabamos de narrar e seria talvez melhor passar adiante sem discuti-lo. Caso se pretenda dar uma orientação de qualquer maneira, procedendo pela via de eliminação, dever-se-ia dizer que, no caso em questão, **não poderia tratar-se de percepção psicometria de acontecimentos passados porque o detalhe do cãozinho que olhava em face da percipientes, que se dispunha a pular para cima de sua cama, que seguia os passos de pessoas presentes, saindo com elas**, assim como o outro detalhe das impressões táteis experimentadas por uma das quatro pessoas, evocando um animal que passaria sobre seus corpos, indicam *uma ação no presente* e não uma reprodução automática de *ações que se desenrolam no passado* como deveria unicamente se produzir no caso das percepções psicométricas.

Pela mesma razão dever-se-ia **excluir a hipótese de uma projeção telepática por parte de um morto**, visto que uma projeção dessa natureza **provocaria a percepção alucinatória de uma forma de animal plasticamente inerte ou que se deslocaria automaticamente, mas nunca a de uma forma animal consciente do meio em que se acha**.

Enfim, mesmo a hipótese alucinatória, entendida segundo o significado patológico

deste termo, não poderia ser sustentada, considerando-se que quatro outras pessoas tinham por várias vezes experimentado impressões *táteis* correspondentes às percepções visuais da criança, **o que bem demonstra que, na origem dos fatos, devia haver um agente único que tinha que ser, forçosamente; inteligente e estranho as percipientes**.

Assim sendo, **não restaria a disposição do pesquisador sendo duas hipóteses**: primeiramente, a tradicional ou popular, segundo a qual as formas animais, que aparecera nos lugares assombrados, representam o simulacro simbólico de espíritos humanos de uma categoria baixa e depravada; depois, a graça à qual se supõe que **a psique animal sobrevive à morte do corpo e chega algumas vezes a se manifestar aos vivos**.

Após ter exposto estas observações para satisfazer meu dever de relator, **abstenho-me de toda conclusão, pois que a ausência dos necessários dados não o permite**. Limito-me a observar que as duas hipóteses que acabo de mencionar podem ambas explicar os fatos pela intervenção de entidades espirituais desencarnadas: no caso da primeira, tratar-se-ia de entidades animais. ([219]) (itálico do original)

2º) Visão e identificação de fantasmas de

animais mortos (14 casos):

Caso CXXII - (Visual-auditivo) - A revista espírita *Light* (Luz) publicou em 1921, p. 594, a seguinte comunicação do sr. Ernest W. Duxbury:

> **O problema da sobrevivência da psique animal não pode ser cientificamente resolvido senão se reunindo um número suficiente de fatos bem verificados que forneçam a prova dessa sobrevivência**. As discussões filosóficas não mudam nada as coisas.
>
> O incidente que relato é de data recente e eu só me decido a publicá-lo porque **estou bem certo de sua autenticidade**, quaisquer que sejam as conclusões que se possam tirar dele. Aconteceu com uma dama das minhas amizades e dotada de faculdades mediúnicas, embora nunca se tenha preocupado em desenvolver. Acrescento que conheço pessoalmente as circunstâncias que levaram a referida senhora ao meio em que o fato aconteceu. A narração que reproduzo foi escrita e assinada pela mesma, cujo nome só posso indicar pelas iniciais N. Y. Z. Eis o que ela escreveu:
>
> “Tendo chegado subitamente do estrangeiro, tive necessidade de alugar um quarto mobiliado numa velha casa de Londres e não tardei em me aperceber de que estava infestado de ratos que ali produziam, durante a noite ruídos de todas as espécies, correndo pelo assoalho e lançando gritos estridentes.

Para me proteger desses hóspedes tão indesejáveis, **arranjei emprestada uma bela gata** que me pareceu logo feliz em se achar na minha companhia. Gosto muito da raça felina e a dita gata correspondia bem à minha afeição; dormia na minha cama e colocava as suas patas dianteiras em torno do meu pescoço, roncando tão forte que me impedia de dormir. Infelizmente **a gata ficou doente e, em um certo dia,** entrando no meu aposento, às dez horas, **encontrei-a morta**, para grande e dolorosa surpresa minha.

"Nessa mesma noite, os ratos recomeçaram os seus divertimentos e eu resolvi acender o gás e me pôr a ler, não ousando dormir com tal companhia, mas o depósito do contador do gás estava quase esgotado e às três horas a chama se extinguiu. Acendi então a lamparina e me meti debaixo das cobertas, porque a presença dos pequenos roedores me causava aborrecimento e medo. **De repente, ouvi a gata roncar ruidosamente**. Escutei durante cerca de um minuto, depois do que resolvi levantar a cabeça e olhar para então observar um estranho fato: **vi, diante da parede aderente a um lado da cama, ao nível de minha cabeça, uma espécie de disco opaco, do diâmetro de uma gata branca e preta, absolutamente igual à que acabara de morrer**. Olhou-me, **fazendo várias vezes um movimento de cabeça da maneira característica da gata morta**, em seguida **o seu corpo se tornou transparente** durante alguns segundos para logo tomar uma forma opaca mais

consistente do que a anterior e **então vi a gata olhar para o alto como se lá houvesse alguém**. A aparição era tão real que eu dirigi a palavra à gata como se ela estivesse viva, mas, repentinamente, desapareceu. Em seu todo, o fenômeno foi de curta duração, porém, **durante a noite inteira, não fui mais incomodada pelos ratos**, embora não conseguisse dormir, senão a longos intervalos.

"**Não havia nenhuma possibilidade de outro gato entrar no meu quarto**, porque a porta e as janelas estavam bem fechadas, além do que, ao romper da manhã, não achei nenhum gato vivo nele. Quando o fenômeno aconteceu, eu não havia ainda adormecido e estava perfeitamente consciente de me achar acordada."

No caso que acabo de reproduzir, **a descrição de um disco opaco que toma, pouco a pouco, a forma da gata morta recorda de muito perto o processo normal das materializações mediúnicas** e, como o senhor Duxbury, ao comunicara à *Light* esta narração, teve o cuidado de observar que a senhora deste caso possuía faculdades mediúnicas, **é completamente aceitável que ela tivesse assistido realmente a uma sessão de materialização de animal**. A outra circunstância de que "os ratos não mais se moveram, a noite inteira" testemunharia em favor desta interpretação, porque mostraria que **os roedores perceberam, de algum modo, o fenômeno supranormal e**

ficaram espantados. Se se trata, então, de um caso de pura e simples alucinação, os ratos não teriam experimentado os efeitos dela e teriam continuado a correr pelo chão. ([220])

3º) Materializações de animais (10 casos):

No decurso das sessões com a célebre **médium senhora Wriedt** da qual o traço mais característico é constituído pelos **fenômenos de 'voz direta', obtêm-se muitas vezes materializações de animais** que fazem ouvir as suas vozes. Limito-me a reproduzir dois exemplos.

Na ata das sessões de Cambridge, Inglaterra, que foram realizadas em 1914, um magistrado dessa cidade assim fala delas na *Light*, 1914, p. 296:

> Durante a primeira sessão realizada em Wimbledon, a minha esposa sentiu uma pressão característica sobre um de seus pés, mas não soube precisar de que se tratava. Isso se renovou por várias vezes, dando lugar a diversas suposições por parte dos experimentadores. De repente, **fomos surpreendidos com o latir de um cão** e então perguntamos ao **espírito guia, dr. Sharp, o que nos poderia dizer a respeito desses latidos e ele nos respondeu: "Está aqui um cão fraldiqueiro que pertencia à vossa**

> **esposa”**. Com efeito, vários anos antes havíamos perdido **um fraldiqueiro** ao qual éramos muito afeiçoados e **que já havia sido visto conosco, em outras sessões, por médiuns clarividentes**. Inútil é acrescentar que o médium não podia saber nada disso.

Numa outra sessão com o mesmo médium, sessão cuja ata foi publicada na *Light* (1921, p. 490), o sr. A. J. Wood diz:

> Levei à sessão um dos meus amigos, acompanhado de sua esposa. A Sra. Wriedt descreveu, com muita precisão, **um cão da raça *collie* que ela percebia ao lado desses meus amigos**. Num dado momento, dirigindo-se à esposa, o médium disse: “**Ele pousou a cabeça em cima dos vossos joelhos**”. **No mesmo instante, ouvimos partir desse canto um latido forte e alegre**. Ora, com efeito, **os meus amigos haviam possuído um cão *collie***, grande favorito deles, **que morrera vários anos antes** e cuja descrição correspondia exatamente à feita pelo médium. ([221])

Embora Bozzano tenha registrado esses 10 casos na sua obra, acreditamos que ele não os considerou como evidência indiscutível, em razão dessa sua fala:

> Apresso-me a declarar que **as pesquisas experimentais** sobre as **manifestações**

> **animais** tratadas nesta categoria **se acham ainda em condições rudimentares**, de modo que **esses fenômenos não podem ser ainda considerados sob um ponto de vista científico** e eu me contentarei em apreciar a questão para que não haja uma aparência de lacuna na minha obra. ([222])

Ernesto Bozzano demonstra, perfeitamente se tratar de um pesquisador consciencioso e bem cuidadoso na análise dos fenômenos, *a priori* não tinha todos eles como prova científica.

Da "Conclusões" de ***Os Animais Têm Alma?*** (1950), transcrevemos:

> No que diz respeito às nossas repetidas afirmativas em favor da existência real das manifestações telepáticas nas quais os animais desempenham o papel de agentes ou de percipientes, assim como **os fenômenos de assombração ou aparições de outra espécie, nas quais os animais são percipientes** juntamente com o homem, **não parece nada científico levantar ainda reservas ou dúvidas**, pois os casos expostos nesta classificação bastam para provar o bom fundamento de nossas afirmações. Com efeito, **nos exemplos que relatamos,**

figuram as principais formas das manifestações de assombração, aparições e os fenômenos supranormais similares. ([223])

Estas considerações, logicamente, irreprocháveis, tinham, porém, ainda necessidade de uma **confirmação complementar no terreno experimental**. Se a hipótese da existência, nos animais, de **uma psique sobrevivente** à morte do corpo tem fundamento, **deveria haver casos de aparição *post-mortem* de fantasmas animais de uma maneira análoga à que se realiza para o homem**. Pois bem, **esta demonstração complementar é fornecida no decurso de nossa classificação** na qual foi citado um número suficiente de fatos desta espécie, onde **encontramos os mesmos traços característicos que servem como provas de identificação espírita nos casos correspondentes de fantasmas humanos**.

Chegamos assim a demonstrar a existência de dois grupos de fatos que constituem o problema a resolver, isto é, que, na subconsciência animal, encontram-se as mesmas faculdades supranormais que existem na subconsciência humana e **que os fantasmas de animais mortos se manifestam como os fantasmas humanos**. Dever-se-ia então considerar que se conseguiu a demonstração necessária

> para provar a existência e a sobrevivência da psique animal. A hipótese em apreço não podia ser então considerada senão como cientificamente legítima, embora ainda apenas a título de hipótese de trabalho, esperando julgá-la como **uma verdade definitivamente adquirida para a ciência quando o acúmulo dos fatos** nos permita analisar a fundo este assunto tão importante. ([224]) (itálico do original)

É previsível que alguns confrades continuem refratários aos argumentos de Ernesto Bozzano, mesmo diante da abundância de fatos que ele reuniu para corroborá-los.

Nesse aspecto, entendemos que sua pesquisa responde exatamente ao que Allan Kardec recomendava: aguardar o futuro, reunir documentos suficientes e, diante deles, decidir sobre a questão das manifestações de espíritos de animais.

Cumpre-nos, portanto, o dever de apresentar também, como fontes de pesquisa, dois destacados pesquisadores brasileiros do século XX, que ampliaram aprofundaram essa discussão.

O primeiro deles é o jornalista José Herculano Pires que nas seguintes obras disse:

a) De ***Educação Para a Morte***, (1978, 1º semestre) do capítulo "Psicologia da morte", transcrevemos:

> As pesquisas parapsicológicas provaram a existência da percepção extrassensorial nos animais. **Nas pesquisas espíritas, mais antigas e mais profundas, as manifestações físicas de animais foram amplamente verificadas.** Animais domésticos mortos foram materializados, comprovando a sua sobrevivência ao fenômeno da morte. **Em São Paulo, no famoso Grupo Espírita de Odilon Negrão, deu-se a manifestação ectoplásmica inesperada de um cachorro de raça, pertencente à família de um amigo**.
>
> Três médiuns de materializações participaram da reunião: D. Hilda Negrão, o Dr. Urbano de Assis Xavier, cirurgião-dentista, e o Dr. Luiz Parigot de Sousa ([225]), médico. **Nenhum dos presentes pensava no cachorro, que morrera** na Fazenda da família, em São Manuel. Foram **os Espíritos controladores do trabalho que anunciaram a presença do animal, pelo fenômeno de voz direta** (a voz do Espírito vibrando no ar, sem intermediário mediúnico). **O Dr. Antônio, presente, foi quem reconheceu o animal, que, materializando-se, dirigiu-se a ele,**

festejando-o. **O professor Ernesto Bozzano, famoso cientista e pesquisador espírita de Milão (Itália) verificou e estudou vários casos dessa natureza. Os anais das Sociedades de Pesquisas Psíquicas da Inglaterra e dos Estados Unidos registram numerosas dessas ocorrências espontâneas. Conan Doyle, o famoso escritor e historiador inglês, médico e pesquisador psíquico, obteve fotografias de fenômenos semelhantes**. Kardec foi o primeiro a constatar essa realidade, hoje na pauta das pesquisas parapsicológicas. **John Gunter, famoso repórter** e ensaísta alemão, em seu livro *Nestes Tempos Tumultuosos*, nas vésperas da II Guerra Mundial, **relata curiosa manifestação de um cachorro de raça, de grande porte, que assombrava um Hotel de Luxo da Baviera**. A manifestação se deu na sua frente, na escadaria do Hotel. Esses fatos puseram por terra as teorias cartesianas sobre o animal-máquina, movido apenas por instintos, e as doutrinas religiosas que atribuem alma exclusivamente aos seres humanos. [...]. ([226])

b) Em ***Mediunidade (Vida e Comunicação)*** (1978, julho), Herculano Pires diz o seguinte:

Há casos impressionantes de

materialização de animais em sessões experimentais. Há **casos espontâneos de aparições de animais-fantasmas** em vários relatos de viagens e de pesquisas psíquicas. Esses casos estimulam a ideia da mediunidade animal. As pessoas que se deixam impressionar por esses casos certamente não se lembraram de que **as materializações são produzidas pelos espíritos, que tanto podem materializar uma figura humana, como um par de sapatos ou uma figura animal**, Kardec nos dá, em *O Livro dos Médiuns*, excelente estudo sobre o laboratório do mundo invisível, em que todos esses casos são esclarecidos. Os espíritos superiores, explicam os processos científicos dessas manifestações, que, por outro lado, as conquistas recentes da Física e da Parapsicologia ajudam a esclarecer. Da mesma maneira porque agem sobre os objetos inertes, movimentando-os através de suas próprias vibrações fluídicas ou por meio de energias ectoplásmicas de um médium, **os espíritos podem agir sobre os animais** e as plantas, **na produção de fenômenos de ordem física**. A psicocinesia, segundo as investigações de Rhine, Soal e Caringthon nos Estados Unidos e na Inglaterra, provou de maneira incontestável a ação da mente sobre a matéria. As pesquisas soviéticas recentes, na Universidade de Kirov demonstraram **a existência do corpo-bioplásmico** não só

no homem, mas também nas plantas e **nos animais**. Pesquisas anteriores, realizadas na França por Raul de Montandon, **provaram a existência de uma estrutura energética em gafanhotos e outros pequenos animais**. Essas estruturas não eram destruídas pela morte do animal sob ação de esguichos de éter, e os que não morriam deixavam ver ao seu lado, em fotos batidas com luz infravermelha, a silhueta perfeita da estrutura energética. **Essas investigações científicas nos proporcionam informações importantes sobre os fantasmas de animais**. A sobrevivência da forma animal confirma a teoria espírita a respeito, enquanto **a psicocinesia revela a possibilidade de controle dessas formas pelo poder mental dos espíritos**. **As manifestações de fantasmas-animais não são naturalmente conscientes como as de criaturas humanas, mas são produzidas por entidades espirituais interessadas nessas demonstrações**, seja para incentivar o maior respeito pelos animais na Terra, seja por motivos científicos. **No tempo de Kardec**, em meados do século passado, quando ainda vigorava na França e na Europa em geral a teoria cartesiana de que os animais eram máquinas, desprovidos de alma e movidos por mecanismos instintivos, **as aparições de animais eram frequentes**. Nos Anais das Sociedades de Pesquisas Psíquicas **há numerosos casos**

> **de manifestações animais na Inglaterra**. Em São Paulo temos **um caso famoso de materialização de um cão do então Governador Ademar de Barros**, nas sessões do círculo de Odilon Negrão, com os médiuns de ectoplasmia D. Hilda Negrão e o médico Luiz Parigot de Sousa. **Há visível interesse dos espíritos no sentido de demonstrar que os animais são realmente nossos irmãos pela carne e pelo espírito**. Essas manifestações têm a evidente finalidade de auxiliar a evolução animal, chamando para eles a atenção dos homens que podem protegê-los. ([227])

c) Em a obra ***O Infinito e o Finito (Crônicas)*** (1983, dezembro) no capítulo "Mensagens espíritas no exterior confirmam as recebidas no Brasil", Herculano Pires, entre outras coisas, confirma a existência de animais no além-túmulo:

> Os religiosos [...] Apegam-se a dogmas, a princípios rígidos de fé, mantendo-se no plano do mistério. Entretanto, se convivessem um pouco mais com os textos sagrados de suas próprias religiões, veriam que **a existência de cidades espirituais no além-túmulo, de habitações, vegetais e animais**, não é, como supõem, uma invenção dos espíritas. O Velho

> Testamento e o Novo Testamento, por exemplo, estão cheios de descrições dessa ordem. Basta lembrar-se o que diz Isaías (33:17,20) sobre “a terra de longe” e a “Sião da solenidade”, e o Apocalipse de João sobre a Jerusalém celeste. ([228])

Com naturalidade e segurança, o jornalista Herculano Pires registra nos que cita, duas formas de manifestação de animais: materializações e aparições espontâneas.

O outro pesquisador espírita é Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), fundador do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas – IBPP, do qual citaremos as duas seguintes obras:

a) Utilizando o pseudônimo de Karl W. Goldstein, publicou a obra ***A Transcomunicação Através dos Tempos*** (1997), da qual transcrevemos:

> A título de ilustração, vamos transcrever alguns dos fatos narrados por Montandon ([229]) na sua mencionada obra ([230]). O primeiro caso por nós escolhido foi publicado na revista *Light*, 1915, p. 215 e transcrito no referido livro de Montandon:

> “Cerca de dez horas e trinta da noite, escreve o reverendo Charles Tweedale, minha esposa subiu ao seu quarto e, enquanto arrumava os travesseiros, dirigiu o olhar ao pé do leito. Percebeu ali **um grande cachorro preto**, erecto sobre suas patas, o qual ela pôde analisar em detalhe. Quase ao mesmo instante, **nosso gato**, que havia seguido sua dona na escada, penetrou no quarto e, **vendo por seu turno o cão, deu um pulo, curvando o dorso, eriçando o pelo, rosnando e dando golpes de unha no ar**. Ele saltou em seguida sobre o toucador colocado em um canto do quarto e escondeu-se atrás do espelho do móvel. **O fantasma do cachorro esvaneceu-se**. Minha mulher, desejando assegurar-se de que o gato não era, ele também, de natureza fantasmagórica, aproximou-se do toucador; olhando atrás do espelho, ela viu bem o nosso gato autêntico, em um estado de excitação frenética, e sempre de pelo eriçado. Quando ela tentou tirá-lo de seu esconderijo, o felino rosnou e a unhou, mantendo-se ainda **tomado pelo pavor que lhe havia causado o cão fantasma**”. (Montandon, 1943, p. 192)

Vê-se, por este exemplo, que **os animais não só são capazes de manifestar-se em forma de fantasma, como podem ser percebidos pelos outros animais**, mesmo pelos de espécie diferente. Entretanto, **há também um número enorme de casos em que os animais, como os cães, gatos, cavalos etc. percebem a presença de Espíritos**

> **humanos**, dando mostra de enxergá-los e ouvi-los e, algumas vezes, de temê-los. ([231])

Nesse caso, a manifestação do fantasma do cachorro preto encontra forte respaldo na reação do gato que companhava a esposa do reverendo Charles Tweedale.

b) De ***Você e a Reencarnação*** (2002), destacamos os seguintes tópicos do capítulo "V – Os animais e a reencarnação":

> **ANIMAIS NO MUNDO ESPIRITUAL**
>
> Em 1966, *Harold Sharp* publicou, através da "*The Spiritual Association of Great Britain*", um interessante opúsculo intitulado *"Animais in the Spirit World"* (Animais no Mundo Espiritual). Nesse trabalho, **Harold Sharp trata da questão da sobrevivência dos animais após a morte**. Ele é um grande espiritualista, médium, conferencista e escritor inglês. Sua opinião é favorável à tese da sobrevivência dos animais após a morte. Entretanto, **seu ponto de vista não é baseado apenas em mera crença pessoal. Apoia-se em fatos reais, em experiências por ele vividas** durante seu contato com diversas pessoas. Além do testemunho individual,

Harold Sharp **tem, a respaldar suas convicções, um grande número de fatos registrados por observadores sérios de fenômenos paranormais,** conforme iremos ver mais adiante.

Logo no início de seu opúsculo, Sharp narra uma comovente história de uma senhora idosa e paralítica que estivera acamada por vários anos. Ele a visitava regularmente a fim de levar-lhe conforto espiritual. Numa dessas entrevistas, os dois conversavam, com toda a naturalidade, acerca do após-vida. Externando a sua opinião, aquela senhora dirigiu a Sharp as seguintes palavras:

> *"Bem, o senhor sabe disse ela eu nunca pude admitir a ideia usual de um Céu de flores douradas, com portões cravejados de pérolas e harpas ao seu redor; isto sempre me pareceu muito artificial. Se eu pudesse ter o meu velho Jumbo ali, eu seria perfeitamente feliz."*

O velho Jumbo a que ela se referia era um fiel cão pastor que, durante seis anos de sua enfermidade, foi a sua constante e dedicada companhia. Ela devia ter amado muito o seu Jumbo. Este certamente amou-a também carinhosamente. Quando **o cão já bem idoso morreu**, este fato deve ter sido seguramente o prelúdio do desencarne daquela senhora.

Harold Sharp prossegue relatando que, **algum tempo mais tarde, ele estava tendo uma sessão espírita** com a conhecida médium londrina Mrs. Neville. Entre várias coisas, ela disse:

> *"Está aqui uma mulher que aparenta cerca de 60 anos de idade. Ela está dizendo 'Chester" – que é provavelmente seu nome ou o nome da cidade onde ela viveu.* ***Ela tem um cão grande e peludo consigo, ao qual chama de Jumbo****. Está vestida com um traje de lã macia com fios de várias cores e acha-se justamente fora* ***para um passeio com seu cão****. Na minha opinião, eles formam um par muito unido."* (Opus. Cit., p. 5)

Certamente a venerável senhora a quem Sharp se referiu em seu trabalho encontrou, ao morrer, o "céu" que ela anelou com tanta esperança. Reunir-se outra vez ao seu fiel amigo: o velho Jumbo.

Quantas pessoas têm tido, nos animais domésticos, os seus melhores e mais sinceros amigos! **O animal de estimação, adotado ou criado desde pequenino, toma-se um membro da família e retribui com muita sinceridade o afeto e os bons tratos recebidos de seus donos**. […].

Esta ligação afetiva pode permanecer no plano astral, como o episódio que acabamos de narrar, pois há inúmeras evidências de que os animais, como nós, também sobrevivem após a

morte. Eles certamente possuem um Espírito em evolução.

OUTRAS FONTES DE EVIDÊNCIA

H. Dennis Bradley foi um autor inglês, nascido em 1878. Desenvolveu a sua mediunidade de "voz direta" com o célebre médium americano *George Vallintine.* **Comunicações em "voz direta", obtidas através de Dennis Bradley, informaram que os animais selvagens, após sua morte, têm seus Espíritos confinados em uma espécie de reino animal espiritual, para serem reciclados em novas encarnações na Terra**. Os animais capazes de amor e lealdade, como os domésticos, **vivem com os Espíritos humanos em seus planos; os cães são os mais sujeitos a esse tipo de sobrevivência.**

[...]. ([232])

MATERIALIZAÇÕES DE ANIMAIS

As ocorrências de materialização de animais em sessões espíritas de ectoplasmia são numerosíssimas. Os três médiuns poloneses, *Franek Kluski, Jan Guzik* e *Burgik,* tornaram-se famosos devido à peculiar faculdade de produzir materializações de animais.

Guzik materializava cães e diversos outros animais, alguns bem estranhos.

Kluski ectoplasmava **uma grande ave de rapina, pequeninos animais selvagens, um leão e um antropoide**.

O periódico *Psychic Science,* abril de 1926, relata as seguintes ocorrências observadas nas sessões de Kluski:

> *"**A ave foi fotografada** e, antes da exposição, um esvoaçar como o ruflar de asas de um enorme pássaro, pôde ser ouvido, acompanhado por ligeiras lufadas de ar, como se um grande abanador estivesse sendo usado... Hirkill (um afegane) materializou-se... Acompanhando-o, sempre havia **um animal selvagem,** do tamanho de um cão avantajado, de uma cor castanho-amarelada, com pescoço esbelto, boca cheia de grandes dentes, olhos que fulguravam na escuridão como os de um gato, **o qual fazia lembrar a companhia de um leão sem juba**. Ele era ocasionalmente selvagem em seu comportamento, especialmente se as pessoas mostrassem medo dele, nenhuma aparição humana nem animal era mais bem recebida pelos assistentes... **O leão, como podemos denominá-lo, gostava de lamber os presentes à sessão**, com uma língua úmida e espinhosa, exalava o odor de um grande felino, e mesmo depois da sessão, os assistentes, e especialmente o médium, ficavam impregnados desse aroma acre, como se eles houvessem feito um longo estágio em um covil entre feras selvagens."* (Fodor, opus cit. p. 227)

O *Tenente Coronel E. R. Johnson* publicou um artigo na revista *Ught* de 11 de

novembro de 1922, relatando uma sessão com Mrs. Wriedt:

> *"Era extremamente comum* ***as pessoas encontrarem-se com os seus cães já falecidos****. Eu tive um desses,* ***um terrier bem pequeno, colocado sobre os meus joelhos. Ele permaneceu ali por cerca de um minuto, e tanto o seu peso como sua forma eram perfeitamente reconhecíveis****. Ele não foi tirado fora, mas pareceu evaporar-se ou dissolver-se gradualmente.* ***Dois outros, um grande cão de caça e um terrier de tamanho médio, vieram diversas vezes, e todos os três latiam com suas próprias vozes e maneiras****. Outros assistentes viram, ouviram e foram por eles tocados.* ***Todos os três haviam morrido na índia cerca de trinta anos antes****."* (Fodor, Opus cit., pp. 227-228).

A lista de casos de materialização de animais que já morreram é longa e variada, incluindo focas, feras e até um *pitecantropo* que se manifestava com o médium Kluski. Estes **fatos, geralmente bem comprovados e testemunhados por pessoas dignas de crédito**, apoiam fortemente a *tese da sobrevivência* dos animais após a morte. Vejamos, ainda, outras fontes de evidência.

INFORMAÇÕES VIA MEDIÚNICA

O famoso médium americano *Arthur Ford* era muito amigo da também notável médium *Ruth Montgomery.* Quando Arthur

Ford faleceu, em 4 de janeiro de 1971, Ruth sofreu bastante com sua perda, mas pouco tempo depois ele se comunicou com sua velha amiga e passaram a escrever um livro fascinante: *A Vida no Além-Túmulo* (título original *A World Beyond).* Esta obra foi lançada em 1973, pela Editora Record, Rio de Janeiro. Vamos transcrever um trecho desse trabalho:

> *"Eu quis saber se os animais alcançam a imortalidade e Ford respondeu:* ***O tempo aqui não tem significado****. Nós não temos idade, pois existimos desde o princípio e somos sem fim... Nada morre. Quero frisar isso muito bem. Nada morre. Não existe a morte. Toda a matéria existe desde o início da criação, e nada perece, mas tudo é transformado em vários estados, assim como uma lagarta se toma uma borboleta e depois se desintegra em sua forma física quando o espírito passa para ainda outro estado de ser... Assim, a mosca que matamos em sua forma física emerge em outro estado mas não perde sua personalidade de mosca."*
>
> *"O mesmo ocorre com* ***um cão*** *que é atropelado por um carro. O corpo físico volta à forma terrena, enquanto* ***o espírito existe tão perpetuamente quanto qualquer outro espírito, para renascer várias vezes****. Esta é uma lei imutável..."* (Opus cit., p. 83).

O conhecido espiritualista e escritor inglês *Anthony Borgia* escreveu, inspirado pelo Espírito de Monsenhor *Robert Hugh*

Benson, a obra *Life in the World Unseen,* traduzida e publicada em português pela Editora Pensamento, São Paulo, 1974, sob o título: *A Vida nos Mundos Invisíveis.* Em suas descrições acerca do mundo dos Espíritos, Anthony Borgia focaliza inúmeros aspectos de raro interesse, entre eles **a existência de animais como os pássaros, árvores e flores nos diferentes planos do Além**. Vejamos um pequeno extrato dessa obra.

> "... *Mas a principal característica do lugar era a quantidade de árvores, nenhuma alta, mas todas de vigoroso desenvolvimento.* ***Viam-se nos galhos os mais belos pássaros, cuja plumagem era uma orgia de cores****. Alguns voavam, outros passeavam majestosamente pelo chão. E não se atemorizavam* conosco..." (Opus cit., p. 89).

Francisco Cândido Xavier *(Chico Xavier)* psicografou a coleção ditada pelo *Espírito André Luiz,* cujo primeiro livro intitula-se ***Nosso Lar****.* Vamos colher desta obra os seguintes trechos em que se fazem referências a animais existentes no mundo espiritual:

> "Seis *grandes carros, formato diligência, precedidos de* ***matilhas de cães alegres e barulhentas****, eram tirados por animais que,* mesmo de longe me *pareceram iguais aos muares terrestres. Mas a nota mais interessante era os* ***grandes bandos de aves****, de corpo volumoso, que voavam a curta distância, acima dos carros, produzindo ruídos singulares."* (Opus cit., p. 183).

Entretanto, a informação mais curiosa é a seguinte:

> "Os *cães facilitam o trabalho, os muares suportam cargas pacientemente e fornecem calor nas zonas onde se faça necessário, e aquelas aves – acrescentou, indicando-as* no *espaço – que denominamos ibis viajores, são excelentes auxiliares dos Samaritanos, por devorarem as formas mentais odiosas e perversas, entrando em luta franca com as trevas umbralinas."* (Opus cit., p. 184).

Não faltam, nas regiões além-túmulo, particularmente nas zonas do Umbral, **formas animais monstruosas e apavorantes**. *Em Obreiros da Vida Eterna,* há uma referência a tais seres:

> "*Verificou-se, então, o imprevisto. Certamente as entidades em súplica permaneciam jungidas ao mesmo lugar, mas* ***figuras animalescas e rastejantes****, lembrando sáurios de descomunais proporções, avançaram para a nossa caravana, ausentando-se da zona mais funda dos charcos. Eram em grande número e davam para estarrecer o ânimo mais intrépido..."* (Opus cit., p. 84).

Seriam, tais seres, os remanescentes dos primitivos sáurios ([233]) que habitaram a Terra nos períodos Triássico e Jurássico? [...]. ([234]) (negrito dos títulos é do original)

A preocupação central de Hernani Guimarães

Andrade foi a demonstrar a sobrevivência da alma dos animais. Para isso, reúne casos de aparições e materializações, alguns deles já conhecidos em outras fontes, mas que ganham força ao serem sistematizados em suas pesquisas.

Mais à frente citaremos a obra *A Vida No Além-túmulo* de Ruth Montgomery (1912-2001), com várias explicações do Espírito Arthur Ford (1896-1961), que, quando vivo, foi amigo da autora e também médium.

Seguindo a nossa proposta, vamos agora apresentar alguns escritores espíritas que trataram da questão.

No ano de 1924, Cairbar Schutel publicou o livro ***Gênese da Alma*** (1924), já mencionado, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

> O CÃO BOBY DO DR. JORGE GRAESER
>
> Nosso grande mestre Camille Flammarion, autor da incomparável obra *Deus na Natureza*, publicou na *Scena llustrata*, de Florença, uma interessante narrativa que cabe muito bem neste livrinho, pois é um caso típico das

“manifestações póstumas” dos animais, de que falamos. Vamos transcrever *ipsis verbis* o relato de uma dessas manifestações bem como a conclusão que o ilustre sábio tira da mesma:

> “Um dos meus jovens colegas da Sociedade Astronômica de França, **Jorge Graeser, possuía um soberbo cão chamado *Boby*,** o qual lhe era muito afeiçoado. **Era um São Bernardo**, um colosso que atingia a altura de 1 metro e 80 centímetros, quando se erguia sobre suas patas traseiras para abrir a porta ou para brincar com o seu dono.
>
> “Quando este estudava, **o cão** ficava silenciosamente estendido a seus pés; seguia-o nos passeios, e **não o deixava um instante**, nem durante as observações astronômicas. Mas tanto quanto era afeiçoado ao seu dono, assim se mostrava hostil à mãe deste, que não o tolerava, e aos estranhos, que recebia ladrando furiosamente.
>
> “Uma tarde, perto das 19 horas e meia, J. Graeser encontrava-se em seu gabinete, absorvido em um cálculo astronômico, quando **ouviu abrir a porta e viu seu afeiçoado companheiro**; *Boby parecia sofrer muito e permanecia imóvel junto à porta*.
>
> “**O dono chamou-o,** mas o cão não se movia. Chamou-o novamente, e então **o cão foi roçar-se nas pernas do dono e estendeu-se a seus pés. Graeser quis acariciá-lo, porém sua mão agitou-se no vácuo: nada de palpável encontrou.**

> ***Boby* só era uma sombra!** Maravilhado e inquieto buscou-o por toda a parte. Depois **pensou que o teriam matado**, e teve o pressentimento de que, talvez, sua mãe o houvera mandado matar. Comunicou-se por telefone com o lugar onde se sequestram cães, e, efetivamente, disseram-lhe que Mme. Graeser o havia levado lá, e que **o cão fora morto momentos antes.**
>
> **O instante da morte coincidira com o da aparição!**" ([235]) (itálico do original)

Seria possível que, no instante da morte, o cão Boby, tivesse dirigido seu último pensamento ao dono, e que sua alma, liberta da prisão física, tenha se transportado até ele? Essa hipótese é não apenas interessante, mas também bastante plausível, à luz dos inúmeros relatos semelhantes já registrados.

Da outra obra de Cairbar Schutel intitulada ***A Vida no Outro Mundo*** (1932), no capítulo "O perispírito nos seres inferiores", transcrevemos:

> [...] **O animal terrestre morre**, o seu corpo se decompõe, **mas a alma sobrevive inteira**, completa, conservando a memória das suas existências passadas. É no perispírito que se gravam, pois, todas as lembranças.

> Estas considerações têm por fim deixar ver que, **na Outra Vida, encontraremos espíritos de animais**, como de seres que já pertencem, pelo seu grau de evolução espiritual, ao reino hominal.
>
> **A prova desta afirmação está nas aparições dos animais, constatadas nos anais do psiquismo**. O Sr. Ernesto Bozzano chegou a reunir avultado número dessas manifestações póstumas em seu livro denominado *Animali e Manifestazioni Metpsichiche*.
>
> Conquanto **grande parte desses espíritos permaneça pouco tempo no Mundo Espiritual, sendo, pouco depois de desencarnados, dirigidos por Espíritos Superiores para tomarem novas encarnações**, como disse Allan Kardec, **os mais evoluídos podem permanecer por mais tempo na Outra Vida, até ulterior deliberação dos Espíritos dirigentes, ocasião em que tomam novos corpos**, de acordo, sempre, com o seu grau de adiantamento, passando, então, o perispírito de cada um por transformações adequadas à espécie em que vêm viver. ([236])

Cairbar Schutel considerava certa a presença de animais no “outro mundo” e, para fundamentar sua posição, recorreu a Ernesto Bozzano, traduzida

para o português sob o título *Os Animais Têm Alma?* (1950), já diversas vezes mencionada nesse estudo.

Note, caro leitor, que Cairbar Schutel retoma explicações dadas pelos Espíritos superiores a Allan Kardec e, em seguida, apresenta três casos – o psiquiatra inglês Sr. Peters, Mme. Aguilana e Sr. Robert Austin ([237]) –, como evidência da presença de animais no "outro mundo". Embora não cite a sua fonte, esses mesmos relatos aparecem em Gabriel Delanne, em *A Reencarnação* (1924), no capítulo "V – As faculdades supranormais nos animais e seu princípio individual", tópico "Sobrevivência dos animais" ([238]).

O escritor francês Jean Prieur, em ***A Alma dos Animais*** (1986), na segunda parte intitulada "A alma sobrevive e se manifesta", relata 13 casos interessantes de manifestações de espíritos de animais; em dois deles os animais ainda estavam vivos. Destacamos o caso de Polka, em cuja narrativa lemos o seguinte:

> A história de Polka, que a Sra. Luce Vincens-Marty escreveu para a revista *L'Inconnu*, é a mais incrível, a mais bela que

conheço.

Polka era uma cachorra vira-lata que recusava a hospitalidade dos seres humanos (o que sugeria que ela tinha sofrido por um deles). No entanto, **ela tinha simpatia por nós** e vinha todos os dias buscar a comida que tínhamos preparado para ela. Ela tinha a sua residência em uma carreira no fundo da floresta, e todos em nossa cidade a conheciam. Podíamos acariciá-la, mas ela gostava de sua vida nômade e ia embora imediatamente após ter comido.

Num domingo, dia de festa na cidadezinha, tínhamos reservado para ela uma carcaça de pato, regozijamo-nos de sua alegria por este prato incomum. Mas Polka não apareceu. No dia seguinte, tampouco; nossa preocupação estava no máximo, porque **várias vezes nós três ouvimos gemidos na porta, seguidos por um arranhão**. Levantávamo-nos às pressas e não víamos nada, a não ser a rua vazia. Preocupada, minha filha pegou sua bicicleta e foi para o bosque, onde ela encontrou o professor e lhe explicou seus medos, foi aí que ele respondeu: – Como, você não sabe? **O pobre animal foi vítima de um motorista** que tinha bebido demais, e que bateu nela. Ela teve a traseira esmagada e acabou em um matagal.

Naquela mesma noite, os gemidos tornaram-se a ouvir à nossa porta. Não aguentando mais, meu marido e eu pegamos uma lâmpada elétrica e fomos para a floresta. Andamos por todos os lados. **E foi aí que para responder às nossas chamadas**

> **ouvimos gemidos bem baixinhos**. Chegamos a uma escavação de pedra aonde **vimos o cadáver ensanguentado de Polka com três filhotes pendurados nos seus seios. Um deles ainda estava vivo**. Pegamo-lo e meu marido foi buscar uma pá para enterrar a cadela valorosa. Estimulado pelo fogo e leite quente, o pequeno foi salvo, e **nunca mais o fantasma de Polka voltou a assombrar nossa casa.**
>
> Quero acrescentar que meu marido não é facilmente convencido, mesmo assim ele tinha certeza de que **a alma do cão veio chamar nossa atenção para salvar seus filhotes**.
>
> Há tudo **nesta história**: a existência e a sobrevivência da alma animal, **a alma amorosa, inteligente, e grata... e preocupada**.
>
> Mas a alma não é um simples vapor, ela possui um corpo sutil, que pode ser bastante materializado para que Polka conseguisse choramingar e arranhar a porta de seus protetores. ([239])

É um caso profundamente comovente, pois revela o amor e a dedicação da cachorrinha vira-lata Polka, que, plenamente consciente no plano espiritual, buscou proteger seus filhotes, fazendo tudo ao seu alcance para que fossem resgatados.

Graças a essa ação, conseguiu salvar um deles e, a partir daí, não mais se manifestou – como se tivesse dado por concluída a missão que se impôs.

E aqui, talvez, caiba perfeitamente o conhecido ditado popular: "*Mãe, é mãe*"?

A jornalista e pesquisadora de fenômenos psíquicos Theresa Cheung faz referência a espíritos de animais em ***Existe Vida Após a Morte*** (2014). Diz a autora que o seu objetivo, em relação a essa obra, foi o de *"simplesmente apresentar as evidências que reuni durante os mais de 25 anos em que venho escrevendo e pesquisando sobre o mundo psíquico"* ([240]).

Do tópico "Amigos de quatro patas" do capítulo 6. Sinais, transcrevemos os seguintes itens:

> 1) Tigerlily
>
> *Tive alguns gatos na vida, mas a gata que era mais chegada a mim definitivamente tinha uma conexão psíquica comigo. Ela sempre sabia quando eu estava voltando para casa, embora meus horários fossem irregulares. Ela ficava inquieta quando eu não estava em casa; nós compartilhávamos um vínculo muito*

próximo, e ela me proporcionava muito conforto e alegria. Ter gatos me ajudou muito a superar o fim do meu casamento de vinte anos.

Oito anos atrás uma amiga me deu dois gatinhos, um gato e uma gata da mesma ninhada. Eram ambos adoráveis, e eu os chamei de Tigerlily e Freddie. ***Tigerlily era uma gatinha*** *com listras de tigre, e ela e eu nos tornamos inseparáveis. Ela foi minha companhia constante durante sete anos, e os dois gatos foram comigo quando me mudei da Austrália para a Nova Zelândia. Dois meses depois que cheguei à Nova Zelândia,* ***Tigerlily de repente ficou doente e morreu*** *(apesar dos esforços dos veterinários), e eu nunca senti tanta tristeza. Mesmo agora, dez meses depois, ainda choro a sua perda.*

Desde que a perdi ***ela me apareceu várias vezes em sonhos****, e passamos algum tempo juntas nesse nível onírico.* ***Uma vez acordei e a senti deitada sobre meus pés, embora ao olhar não houvesse nada. Também senti uma parte mais funda na cama, como se ela tivesse pulado ali, como costumava fazer quando chegava a hora de dormir****. Ela parecia estar me tranquilizando de que está em outra forma agora, está bem e quer me confortar. Ainda tenho meu Freddie cinzento e malhado, e ele é um grande conforto para mim. Ele também sentiu muito*

a perda de Tigerlily, pois nunca se haviam separado desde que nasceram. Perder Tigerlily fortaleceu o nosso vínculo, e era isso que ela teria desejado. ([241]) (itálico do original)

2) Morrendo

Eu estava atraindo problemas quando decidi chamar ***um gato preto de Poe****. Mas, diferentemente do felino da arrepiante história "O gato preto", do mestre das histórias macabras Edgar Allan Poe, meu Poe veio para me consolar e inspirar.*

Longe de ser sombrio e taciturno, Poe foi meu pequeno raio de sol. Ainda estou para encontrar um gato mais amigável e agradável. Só fiquei quinze curtos meses com ele. Um verão e um Natal compartilhados e guardados no coração como um tesouro – isso foi tudo. ***Ele morreu em meus braços*** *depois de ser atropelado por um carro, e rapidamente estava tudo acabado. Desesperado, vi a luz desaparecer de seus olhos. Meu Poe havia ido embora.*

Ou assim eu pensei! A vida pode ter acabado com Poe, mas Poe não acabou com a vida! Chorei dia e noite, mal conseguia falar, as palavras ficavam entaladas na minha garganta, como que paralisadas pela dor. Então algo maravilhoso e totalmente inesperado aconteceu. ***Meu Poe voltou para mim na forma de espírito****. Eu*

estava na estufa, consumido pela tristeza, quando aquele lugar de repente se encheu com a presença de Poe. Foi como se ele tivesse entrado ali. A sensação foi tão forte que me inclinei para a frente, meio que esperando tocar seu pelo. De imediato me senti animado e encorajado. Eu não estava esperando por isso; não havia desejado que acontecesse. O próprio Poe escolheu esse momento para voltar para mim, para aliviar minha tristeza. Eu devia saber que um gato tão adorável não iria me deixar sofrendo. ([242]) (itálico do original)

3) Seguindo em frente

Com relação às experiências da vida após a morte com animais, ***fui visitada por minha pequena Jack Russell*** ([243]), ***Ginny, algumas semanas após sua morte****. Fiquei com o coração em frangalhos quando ela morreu, embora soubesse que, assim como os seres humanos, os animais "partem".*

Acordei certa manhã e estava pensando em me levantar para me aprontar para trabalhar, embora meus olhos continuassem fechados. No entanto, eu estava completamente desperta. ***De repente senti o impacto familiar de Ginny pulando na cama. Eu podia vê-la muito claramente de olhos fechados, e seu focinho ria para mim. Estendi a mão e a senti fisicamente, e realmente acariciei***

***seu corpinho quente**. Durante uns trinta segundos continuei deitada e a acariciei, e então sua presença física pouco a pouco desapareceu. Devo enfatizar que, embora mantivesse os olhos fechados, eu estava totalmente acordada.*

*Outra adorável experiência que tive o privilégio de vivenciar aconteceu quando **a moça que me aplicava reiki, Tracy, perdeu Charlie (uma cadela, apesar do nome!)**. Eu nem sabia que ela tinha um cão, mas, quando fui até lá para minha sessão mensal, ela me disse que estava um pouco perturbada, pois um dos seus clientes lhe havia mais ou menos dito que os animais não sobrevivem à morte. Era claro que tínhamos pontos de vista bem diferentes! Alguns dias depois, eu de repente decidi dar a Tracy **um livro sobre animais na vida após a morte**. Escolhi um porque gostei da capa – uma foto de um golden retriever. Seja como for, levei o livro comigo, mas comecei a duvidar um pouco se deveria ou não dá-lo a Tracy. Será que era muito cedo? Será que ela ficaria ofendida? Decidi seguir minha intuição e lhe dei o livro ao final da sessão.*

*Ela olhou fixamente a capa por um momento e então disse: "Espere um minuto"', e desapareceu da sala de atendimento. Quando voltou, entregou-me uma fotografia, dizendo apenas: "Essa é Charlie". Bem, os cabelos da minha nuca se arrepiaram. **A foto da sua cadela era***

uma imagem exata da foto da capa do livro! *Eu nem sabia que Charlie era uma golden retriever – e a foto era uma reprodução exata dela, até mesmo a expressão dos olhos e a posição da cabeça.* ***Tracy mostrou o livro para a filha, que estava sofrendo muito com a perda da cadela com a qual havia crescido, e aparentemente tinha rezado pedindo um sinal de que Charlie estava bem.*** *Tanto Tracy como eu* ***acreditamos que Charlie me deu uma cutucada para eu escolher aquele livro****, sabendo que ele ajudaria sua família a enfrentar a perda.* ([244])

Após esses casos, conclui Cheung:

Os céticos naturalmente descartam **a experiência da visitação de animais de estimação, considerando-a um pensamento gerado pelo desejo**, mas mais uma vez eu digo que, **se fosse assim, todos os que amaram e perderam um animal de estimação adorado e queriam muito vê-lo de novo não estariam relatando que seu animal voltou do túmulo para visitá-los?** Algumas pessoas que me escreveram contam que amaram diferentes animais de estimação no correr dos anos, mas nenhum retornou, embora elas tivessem desejado ansiosamente que o fizessem. […]. ([245])

No parágrafo seguinte, a autora arremata com uma confissão pessoal: *“Depois que minha gata Crystal morreu, eu com frequência sinto sua presença ou o roçar de seu corpo nas minhas pernas.”* ([246])

No artigo “A Vida pós-morte dos animais”, publicado na revista ***Planeta Especial – Fronteiras do Desconhecido*** (s/d), o autor Elsie Dubugras (1904-2006) traz mais informações relacionadas ao médium Harold Sharp. Dele destacamos os seguintes parágrafos:

> O extraordinário médium de efeitos físicos Jack Webber (ver *Planeta* 93 e 95-A) certa vez se hospedou na casa de Sharp, onde fez uma série de sessões. Numa delas, **foi materializado um macaco**. A materialização foi lenta, mas, ao terminar, ficou visível a todos os presentes: **era o macaco de Sharp que morrera algum tempo antes**. Ele não era semelhante apenas na aparência, mas **apresentava certos hábitos que tinha em vida e que ajudaram na sua identificação**.
>
> **A experiência de Sharp abrangeu animais domésticos de todas as espécies.** Uma senhora conhecida do pesquisador tinha um carinho todo especial

por um gatinho que certo dia desapareceu e, apesar de procurá-lo por toda a parte, ele não foi encontrado. Inconsolável, a dona acabou dirigindo-se a uma peixaria pensando que, se o gatinho estivesse com fome, o cheiro de peixe poderia atraí-lo. Mas lá, em vez de encontrar o gato que procurava, foi-lhe oferecido um outro, que aparecera na peixaria uns dias antes. Com pena do animal, levou o para casa e com o bom trato que recebeu ele tornou-se tão belo e gordo que **sua dona resolveu fotografá-lo. Quando o filme foi revelado, a surpresa foi geral: o gato tinha duas cabeças, e uma delas era a do gato que desaparecera!**

Na sua obra, Sharp fala das **visões que teve no plano espiritual para onde os animais vão depois de desencarnar**. Nessas visões, conseguidas em desdobramento, **ele viu animais domésticos, do campo (vacas, bois, ovelhas, cavalos, burros, etc.), selvagens (tigres, leões, onças, zebras, girafas, dromedários, camelos, etc.) e até pássaros** com belas plumagens e lindos gorjeios, todos vivendo em paz e harmonia não só entre si, mas com as entidades espirituais que os tratavam.

Foi nesta zona que Sharp **viu um cão seu conhecido** que morrera atropelado, mas que, felizmente, encontrou uma nova morada com pessoas bondosas que

cuidaram dele. ([247])

Temos, portanto, pelos fatos relatados, a comprovação da manifestação de espíritos de animais, seja por aparições, seja por materializações. É provável supor que, para que isso ocorra, os animais passem por algum tipo de erraticidade, ainda que não seja idêntica à dos seres humanos.

E, novamente, reportando-nos a Allan Kardec, que afirmara, na ***Revista Espírita 1865***:

> [...] porque, **não é evidentemente senão sobre os fatos que se pode assentar uma teoria sólida**, fora disto não há senão opiniões ou sistemas. **Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados**. Foi este princípio que serviu de base à **Doutrina Espírita,** e é o que nos leva a dizer que **é uma ciência de observação**. ([248])

Além disso, aplicando esta afirmação de Allan Kardec, podemos, sem constrangimento, rever nossas ideias sobre a erraticidade dos animais: *"só*

adoto uma ideia quando esta me parece racional, lógica e concorde com os fatos e as observações, desde que nada de sério venha contrariá-la.” ([249])

Ficam, contudo, algumas dúvidas: todos os animais permanecem algum tempo no plano espiritual, ou apenas os chamados “animais superiores”? Em *O Livro dos Espíritos* afirma-se que os animais encarnam *“quase imediatamente”* ([250]) e, em *O Livro dos Médiuns*, que *“é logo utilizado”* ([251]). Mas afinal, quantos dias, meses ou anos essas expressões representariam?

Revelações espirituais pela mediunidade

Este capítulo tem como fundamento as comunicações recebidas diretamente dos Espíritos – mensagens, instruções e revelações obtidas por meio da mediunidade.

Para ilustrar esse aspecto, apresentarmos quatro fontes, organizadas em ordem cronológica de publicação:

1ª obra: *A Vida Além do Véu* (1921)

Publicada pelo Rev. George Vale Owen (1869-1931), vigário de Oxford, Inglaterra, reúne diversas comunicações espirituais recebidas de sua mãe, **Emma Vale Owen**, já desencarnada. Para essa pesquisa, selecionamos trechos das seguintes mensagens:

> a) Do capítulo "III – Das trevas para a luz", data: Segunda-feira, **13 de outubro de 1913**:

Logo se transformou o aspecto do local; o ar parecia estar sendo modificado na sua cor e densidade. E quando olhamos em torno, vimos que a paisagem havia desaparecido e entre os pilares estendera-se uma como rede de fios em forma de cortina. Estes fios eram de diversas cores, todos entrelaçados, e pareciam separar-se, tomando cores próprias e formas mais definidas quando os fitávamos. Isto continuou até nos acharmos estacionados em **um espaço circulado por árvores** suavemente sacudidas pela brisa.

Pássaros, então, principiaram a cantar e vimos a sua brilhante plumagem, ao voarem de uma à outra árvore. Em pouco, aumentou o espaço entre as árvores e pudemos descortinar uma bela floresta, ao longe. […]. ([252])

b) Do capítulo "VI – A cidade e os domínios de Castrel", data: Segunda-feira, **20 de outubro de 1913**:

[…] **Talvez fosse completo absurdo** para muitos dizer-se-lhes que aqui temos verdadeiras casas sólidas, ruas, montes, árvore, **animais, pássaros, e que os animais não se encontram, unicamente, como ornamento, mas também por serem úteis**; que **os cavalos, bois e outros quadrúpedes são utilizados**, mas que se distraem com o trabalho, por maneira que é interessante observá-los. […]. ([253])

2ª obra: *A Vida nos Mundos Invisíveis* (1948)

Nela o autor Anthony Borgia (1896-1989) reporta a vida no mundo espiritual do padre católico **Monsenhor Robert Hugh Benson**, a certa altura, narra seguinte:

> A ilha correspondeu à nossa expectativa em beleza cênica. Não havia muitas habitações; as que podiam ser vistas eram apenas residências de verão. Mas a principal característica do lugar era a quantidade de árvores, nenhuma alta, mas todas de vigoroso desenvolvimento. **Viam-se nos galhos os mais belos pássaros, cuja plumagem era uma orgia de cores**. Alguns voavam, outros passeavam majestosamente pelo chão. E não se atemorizavam conosco. Acompanhavam-nos se estivéssemos andando; e se estendíamos os braços, os menores se empoleiravam nos dedos. Pareciam conhecer-nos, e saber que seria absolutamente impossível que os maltratássemos. Não tinham que viver em constante busca de alimentos nem se defender contra o que na terra seriam os seus inimigos naturais. **Eram, como nós, parte do mundo eterno do espírito, gozando sua vida eterna, como nós o fazíamos**.

> **Os pássaros de mais colorida plumagem eram evidentemente da espécie que vive na floresta tropical, e raramente vistos, até chegarmos ao mundo espiritual.** Pela perfeita adaptação de temperatura podiam eles viver tão bem quanto os de aparência menos espetacular. E, em grande harmonia, cantavam e chilreavam, numa verdadeira sinfonia. Nunca se ouvira tamanha exaltação sonora: cada som se confundia, de maneira extraordinária, com todos os outros; e mesmo assim, não eram estridentes embora o canto de alguns passarinhos fosse bastante alto. **Mas o que mais nos embevecia era a amizade pura e verdadeira que demonstravam em relação a nós – fato inédito, pois na terra os pássaros vivem, pode-se dizer, num mundo diferente do dos homens**. Aqui, porém, todos pertencíamos a um só mundo livre, e a compreensão entre nós e os pássaros era recíproca. Quando lhes falávamos sentíamos que compreendiam o que dizíamos, da mesma sutil maneira que nós podíamos compreender o que eles diziam. ([254])

Temos aí informações do Espírito Monsenhor Benson com base na sua experiência enquanto no mundo dos Espíritos.

3ª obra: *Cartas de Uma Morta* (1935)

Psicografada pelo médium Chico Xavier, da qual destacamos o seguinte trecho da mensagem "Uma Terra Aperfeiçoada", ditada pelo **Espírito Maria João de Deus**, que, em vida, foi sua genitora:

> **Aqui**, filho, sinto-me surpreendida, porque vejo **uma espécie de continuação do planeta que deixamos.** Imagina a Terra, cheia de suas belezas naturais, porém, moralmente mais aperfeiçoada e terás a imagem dessa **segunda esfera que me serve de habitação**.
>
> **Temos casa, pássaros, animais**, reuniões, institutos como os das famílias terrenas, onde se agrupam os espíritos através das mais santas afinidades. ([255])

Essa é a primeira obra psicográfica de Chico Xavier que menciona a existência de animais no mundo espiritual – e não em *Nosso Lar* da coleção "A vida no mundo espiritual" ditada por André Luiz, como muitos supõem. É importante esclarecer esse ponto, sobretudo diante da resistência que ainda se percebe em alguns meios espíritos em relação a esse autor espiritual.

4ª obra: ***A Vida no Além-túmulo*** (1971)

Nela autora, a jornalista Ruth Montgomery, intermediária das manifestações de **Arthur Ford** registra suas informações e explicação a respeito de sua percepção do mundo espiritual. Destacamos os seguintes trechos:

a) Capítulo: 3 – Pensamentos são coisas

Na manhã seguinte, Arthur declarou que queria explicar a respeito da transição que ocorre quando uma alma falece dormindo e desperta em forma de espírito. “Agora não estamos falando, como falaremos mais tarde, sobre a morte repentina ou inesperada”, escreveu ele, “mas sim da transição natural de uma alma que se descarta de um corpo fatigado e doente. A alma escapa facilmente de seu envólucro, sem dor nem qualquer sensação visível. Num momento está lá, ainda vestido com as dolorosas vestes da carne, e no seguinte está com trajes celestiais. **Isso não é tão fantasista quanto pode parecer**, pois é o que ocorre realmente se a transição tiver sido preparada. **Despertamos num reino de pura beleza e em meio a cânticos. As árvores aqui são árvores *de verdade*, não os reflexos que vocês na carne veem. As flores são pura forma de pensamento e portanto muito mais**

extraordinárias do que qualquer coisa de forma vista pelo homem físico. Os pássaros, animais, espíritos, sim, as muitas mansões aqui são perfeitas, pois são formas de pensamento.

"Quando despertamos aqui, a princípio vemos esse encantamento como que num sonho. **Será real?** Será concebível? Bem, não é concebível pelo homem, mas pela força do amor. Nesse ponto, **não há nada que desejemos que não possamos fazer existir pelo pensamento**, a não ser outro corpo carnal, pois este não nos pertence, para ser pedido a qualquer momento, sendo, sim, um direito a ser conquistado ou por um longo preparo e busca da alma ou porque uma morte súbita não de nossa responsabilidade, nos dá direito a uma rápida volta à forma física, se o desejarmos. Falaremos sobre isso depois, mais detalhadamente. ([256])

b) Capítulo: 5 – Templo da sabedoria

"**Imagine, se quiser, um bosque de árvores na encosta de uma colina verdejante, com o sol filtrando-se por elas e as folhas formando desenhos na relva. Este é o nosso templo da sabedoria isolado, sereno**, abrigado nas vestes divinas de puro, mas durante o período de meditação eles entoam trinados celestiais que parecem conter a harmonia do universo inteiro. Ruth, é um som

> emocionante que vibra até às profundezas de minha alma e parece ligar-me a todas as coisas vivas. **Como são indescritíveis muitas dessas maravilhas, e, no entanto, como são semelhantes aquilo que cada alma conhecia no plano terreno!** A luz aqui é pura e incessante, pois que o sol não a controla. As montanhas são eternamente envoltas em halos de sua própria criação. As árvores são magicamente afinadas, de modo que cada qual parece falar com sua voz própria. **Os cantos dos pássaros e insetos são belos** e da estabilidade do universo vêm vibrações harmoniosas demais para serem concebidas pela mente de uma pessoa física. ([257])

Embora, tenhamos informações que apresentam a realidade no mundo espiritual bem próxima da que temos no plano físico, queremos apenas ressaltar as referências aos pássaros.

Acrescentaremos, por oportuno, da obra ***Os Animais Têm Alma?*** (1950) o seguinte caso registrado por Ernesto Bozzano:

> Caso CXXIII - (Mediúnico) – [...] Reproduzo-o do vol. III, p. 130, dos *Proceedings of the Society for Psychical Research*. Ele faz parte do relatório do dr.

Hodgson sobre **as experiências com a sra. Piper**. O sr. J. Rogers Reach escreve a respeito de suas próprias experiências o seguinte:

> Entreguei em seguida à médium uma coleira de cachorro Depois de tê-la apalpado durante algum tempo, o **dr. Phinuit, guia espiritual da sra. Piper, declarou que a coleira pertencera a um cão do qual fui dono. Perguntei-lhe então se, na esfera espiritual, onde ele se encontrava, havia cães e me respondeu que havia milhares deles.** E acrescentou que procuraria **atrair a atenção de meu cão por meio de sua coleira**. Quando conversávamos, ele se interrompeu para me dizer: "**Eis que vem ele!** Penso que já sabe que estais comigo porque o vejo vir de muito longe". **Descreveu-me então o animal ao qual me referia, descrição que correspondia exatamente à do meu cão, de raça collie.** Terminou dizendo-me: "Chame-o agora, sr. Reach". Emiti um assobio pelo qual tinha o costume de chamá-lo e Phinuit exclamou: "Eis que ele chega! Como corre! Como voa! Está **agora presente e pula alegremente em torno de vós. Como está feliz em vos rever!** Rover! Rover! Não. Grover! Grover! É o seu nome". **Com efeito, o cão se chamava Rover, mas em 1884, mudei o seu nome para o de Grover** como recordação da eleição do presidente Grover Cleveland. ([258])

Aqui temos o Espírito Dr. Phinuit, guia espiritual

da Sra. Leonora Piper (1857-1950) – considerada *“uma das mais notórias médiuns da história do espiritismo, foi rigorosamente investigada por quase 25 anos por muitos cientistas de renome, como Sir Oliver Lodge, James Hyslop e o cético Richard Hodgson”* ([259]). Nesse episódio, Phinuit confirma a existência de animais no mundo espiritual, evidenciada pela manifestação do cão Grover, reconhecido de imediato por seu antigo dono, o Sr. J. Rogers Reach.

Experiências e observações dos médiuns

Neste capítulo reuniremos relatos pessoais e testemunhos dos próprios médiuns, compartilhando suas vidências, percepções e práticas mediúnicas.

1º Médium: Elizabeth d'Espérance (1855-1918)

Transcrevemos este relato Carlos Bernardo Loureiro inserido na obra ***Fenômenos Espíritas no Mundo Animal*** (1995), inserido no capítulo "17 – A sobrevivência da alma animal":

> **Essas aparições têm um caráter objetivo porque muitas vezes são vistas simultaneamente por várias pessoas**. Disto resulta que a sobrevivência da alma animal se apoia sobre bases admissíveis. A médium E. d'Espérance, conhecidíssima dos estudos da fenomenologia espiritual, conta, na revista *Light*, (**outubro de 1904**) um caso de visão de fantasma animal:
>
> "... Certo dia, quando passeava, com seus cães, tentou penetrar, em um pequeno

bosque, por um de seus flancos.

“– **Meus cães disse ela recusaram obstinadamente entrar no bosque**, estiravam-se no chão, punham o focinho entre as pernas, e ficavam surdos à persuasão e às ameaças.

“Se me encaminhava para outra direção, eles logo me seguiam alegremente, mas, se eu persistia em entrar no bosque, abandonavam-me e dirigiam-se de carreira para casa, tomados de uma espécie de pânico.

“Contando esse fato a uma amiga, disse-me ela que **os camponeses consideravam esse lugar como assombrado, e que os animais domésticos temiam passar por ali**.

“Um dia, minha amiga e eu fomos dar um passeio. Chegamos ao bosque, pelo qual entramos do lado oeste, caminhando tranquilamente. Fui a primeira a voltar-me e **vi um novilho, de cor vermelha, escura…** Fiz uma exclamação de espanto e o animal escondeu-se logo no bosque, do outro lado da vereda. Quando ele penetrava no bosque cerrado, estranho clarão avermelhado se lhe desprendeu dos grandes olhos: dir-se-ia que lançavam chamas. Era a hora do pôr do sol, que dardejava seus raios em linha reta horizontal.

“Depois daquela época, bem poucos dias se passaram sem que eu tivesse

atravessado o bosque, a pé ou a cavalo, e **não mais, até poucas semanas atrás,** encontrei o misterioso bezerro.

“Era um dia sufocante, e me dirigi para o bosque, a fim de ali encontrar um abrigo do sol e dos revérberos deslumbrantes da estrada. Estava acompanhada por dois cães pastores e por um terrier. Chegada ao limite do bosque, os dois cães agacharam-se, de repente, recusaram a continuar o caminho, ao mesmo tempo que exerciam toda a arte canina de persuasão para que eu me dirigisse para outro lugar. Vendo que eu persistia em ir em frente, acabaram por acompanhar-me, mas com visível repugnância; todavia, alguns instantes depois, pareceram tudo esquecer, e eu continuei, tranquila o meu caminho, colhendo amoras. **Em dado momento, vi-os voltar de carreira para se virem esconder, trêmulos, gementes, a meus pés**. Não podia compreender aquilo, quando, de repente, ouvi atrás de mim um furioso tropel que se aproximava rapidamente. Antes que tivesse tempo de afastar-me, **vi chegar um rebanho de gamos. Tomados de espanto, em carreira desenfreada**, faziam tão pouco caso de mim e dos cães, que estavam a ponto de me lançarem ao chão. **Olhei em torno, espantada, a fim de descobrir a causa desse pânico, e percebi um novilho, avermelhado, escuro, que desandando embrenhava-se na mata**.

> Os gamos afastaram-se rapidamente. **O resultado de nossas investigações sobre o fenômeno revelou que o bezerro de olhos flamejantes não era um animal comum, terrestre, mas um ser do além...**" ([260])

Esse caso bem que poderia ter sido citado no capítulo "Percepções sensitivas dos animais", porém preferimos mencioná-lo aqui por registrar o fato de a médium Elizabeth d'Espérance ter viso o fantasma de um bezerro. Acrescente-se que, aqui também, temos elementos que comprovam não ser uma criação fluídica.

2º Médium: Gladys Orbosne Leonard (1882-1968)

Do seu livro ***Minha Vida em Dois Mundos*** (1931) ressaltamos os seguintes trechos:

> Ela [Feda, guia da médium] disse que, com o tempo, quanto mais as pessoas entenderem sobre o Mundo Espiritual, elas comeriam menos carne, e seria melhor para elas e, a partir de minha própria experiência pessoal mais recente, ter chegado à conclusão definitiva de que Feda estava certo. [...] Você não deve pensar que todos

os animais que morrem ou que são “colocados para dormir", vão para tais lugares como descrevi. **Um animal que você amou e que ele te amou, quer se trate de cavalo, cão, gato, ou pássaro, vai geralmente para a terceira esfera onde alguém cuida dele, e onde ele leva uma vida animal normal** (exceto que ele não se reproduz como na Terra), e é ainda trazido para vê-lo, às vezes, quando você está ainda na Terra. Eu **sei que você vai conhecer seus animais de estimação, os companheiros de animais que você tem amado. Eu vi meus gatos especiais, e também um cão, um pequinês**, a quem o meu marido e eu estávamos muito ligados. **Parece que os animais que amam e são amados alcançam direitos espirituais e têm uma pós-vida no mundo espiritual, assim como nós.** Se a sua vida “pós-físico” continua para sempre, eu não sei. Duvido que eles continuem eternamente em forma de animal, mas eles **certamente vivem por um tempo considerável na forma que amávamos e pelas quais os conhecíamos, e, graças a Deus, eles vão morar com a gente novamente quando desencarnarmos**. ([261])

Ao todo, cerca de uma dúzia de formas **mostraram-se** – homens e mulheres, jovens e idosos, crianças, e **também um cãozinho que pertencia a uma das**

assistentes, e que ficou tão feliz em manifestar a sua dona, e muito mais animado com isso, a julgar por seus fungados e latidos ofegantes e bruscos, do que até mesmo os espíritos “humanos”. Os últimos expressaram sua felicidade ao serem capazes de mostrarem-se de forma tangível para os seus amigos na terra, mas sabia-se que eles estavam mais ansiosos sobre o sucesso de seus esforços do que estava o cãozinho. A proprietária do cão sentou-se ao lado de meu marido, e quando o cão correu para ela, ele colocou suas duas patas dianteiras sobre o seu joelho e suas duas patas traseiras estavam descansando no pé do meu marido, que disse depois que **o peso do cão era quase o mesmo que um cão dessa raça (que era um pequinês) pesaria em seu corpo físico.** Tivemos um pequinês que muitas vezes ficava em apenas um pé a fim de escalar até o joelho de alguém. ([262])

Quando minha cachorrinha, Ching, desencarnou, fui levada em meu sono para vê-la. Ela **parecia estar levando uma vida normal como um cãozinho no Mundo Espiritual, e bem feliz**. A primeira vez que eu a vi, ela estava um pouco perplexa por ter que deixá-la de novo, e ela gostaria de correr atrás de mim, mas sabia que ela não podia. ([263])

A médium foi pesquisada pelo reverendo Charles Drayton Thomas (1868-1953), que se dedicou às pesquisas psíquicas. Essa sua obra foi prefaciada por Sir Oliver Lodge (1851-1940), renomado pesquisador espírita.

3º Médium: Yvonne do Amaral Pereira (1900-1984)

Psicografou ***Memórias de Um Suicida*** (escrito em 1926 e publicado em 1956), obra ditada pelo espírito do romancista português Camilo Castelo Branco, na qual encontramos as seguintes referências a animais no mundo espiritual:

> As macas, transportadas cuidadosamente, eram guardadas pelo cordão de isolamento já referido e abrigadas no interior de **grandes veículos** à feição de comboios, que acompanhavam a expedição. Esses comboios, no entanto, apresentavam singularidade interessante, digna de relato. Em vez de apresentarem os vagões comuns às estradas de ferro, como os que conhecíamos, lembravam, antes, meio de transporte primitivo, pois se compunham de pequenas diligências atadas umas às outras e rodeadas de persianas muito espessas, o que impediria ao passageiro verificar os

locais por onde deveria transitar. Brancos, leves, como burilados em matérias específicas habilmente laqueadas, **eram puxados por formosas parelhas de cavalos também brancos**, nobres animais cuja extraordinária beleza e elegância incomum despertariam nossa atenção se estivéssemos em condições de algo notar para além das desgraças que nos mantinham absorvidos dentro de nosso âmbito pessoal. Dir-se-iam, porém, exemplares da mais alta raça normanda, vigorosos e inteligentes, as belas crinas ondulantes e graciosas enfeitando-lhes os altivos pescoços quais mantos de seda, níveos e finalmente franjados. Nos carros distinguia-se também o mesmo emblema azul-celeste e a legenda respeitável. ([264])

Imenso parque ajardinado surpreendeu-nos para além dos marcos, enquanto amplos edifícios se elevavam em locais aprazíveis da situação. […] E nem faltavam, aformoseando o parque, tanques com repuxos artísticos a esguicharem água límpida e cristalina, a qual tombava em silêncio, cascateando mimosas gotas como pérolas, enquanto **aves mansas, bando de pombos graciosos esvoaçavam ligeiros entre açucenas**. ([265])

O benfazejo frescor matinal trazia-nos ao olfato perfume dulcíssimo, que afirmaríamos ser dos craveiros sanguíneos que as damas

> portuguesas tanto gostam de cultivar em seus canteiros, das glicínias mimosas, excitadas pelo orvalho saudável da alvorada. E **pássaros**, como se cantassem ao longe, **assobiavam ternas melodias**, completando a doçura do painel. ([266])

Yvonne A. Pereira foi uma das mais destacadas médiuns brasileiras, autora de vários romances psicografados, dedicou-se à desobsessão e ao receituário mediúnico homeopático. ([267])

4º Médium: Chico Xavier

Escreveu várias cartas ao amigo Wantuil de Freitas (1895-1974), algumas foram comentadas por Suely Caldas Schubert (1938-2021) na obra ***Testemunhos de Chico Xavier*** (prefácio datado de 14 de julho 1986).

Transcrevemos este trecho da carta datada de 25 de janeiro de 1951 que o médium enviou a Wantuil de Freitas, então presidente da FEB, função que exerceu de 1943 a 1970, ou seja, durante 27 anos consecutivos. Vejamos, portanto, o que foi dito na missiva:

> "***Em 1939, o meu irmão José deixou-me um desses amigos fiéis (um cão).*** *Chama-se* ***Lord*** *([268]) e fez-se o meu companheiro, inclusive de preces, porque, à noite, postava-se junto a mim, em silêncio, ouvindo música.* ***Em 1945, depois de longa enfermidade, veio a falecer.*** *Mas, no último instante,* ***vi o Espírito de meu irmão aproximar-se e arrebatá-lo ao corpo inerte*** *e, durante alguns meses,* ***quando o José, em Espírito, vinha ter comigo era sempre acompanhado por ele, que se me apresentava à visão espiritual com insignificante diferença.*** *Atrevo-me a contar-te as minhas experiências, porque também passaste agora por essa dor de perder um cão leal e amigo. Geralmente,* ***quando falamos na sobrevivência dos animais, muita gente sorri e nos endereça atitudes de piedade****. Mas a vida é uma luz que se alarga para todos. (...).*" ([269]) (itálico do original)

Nessa missiva de Chico Xavier a Wantuil de Freitas, temos o relato sobre o cão Lord que acompanhava o seu irmão José Xavier, já desencarnado, quando esse o visitava.

Vamos encontrar outra referência ao cão Lord na obra ***Um Amor, Muitas Vidas: as revelações***

de Chico Xavier e César Burnier sobre reencarnações na Revolução Francesa (2007), de autoria do escritor Jorge Damas Martins, graduado em psicologia pela Universidade Estácio de Sá, RJ, transcreveremos o seguinte trecho:

> [...] E eram tantos os espíritos: amigos, parentes e guias... Ah! E o meu Bossuet – Jacques Bénigne Bossuet (1617-1704), padre e orador francês –, quantas orientações... E os passes, e os perfumes espirituais abundantes – que muitas vezes molhavam os visitantes –, tudo com a luz acesa e a janela escancarada para o mar... **Até um cachorrinho fantasma dava presença**, deixando alguns **visitantes** novos **incomodados com o balançar do seu *rabo*** debaixo da grande mesa da sala de visitas. E o César acalmava o visitante surpreso dizendo, com a maior naturalidade:
>
> – **É o meu cachorrinho, o Lord. Ele já *morreu* há muitos anos, em Belo Horizonte**. Fique calmo, pois só quer te cheirar e já vai te deixar em paz.
>
> E um sorriso imenso corria pelos rostos de todos os presentes... ([270]) (itálico do original)

Se o cão Lord, estava "*abanando o rabo*" a

ponto de incomodar as pessoas, não temos dúvida alguma de que ocorreu uma materialização, ainda que parcial, portanto, não era uma "*criação fluídica*", como poderia alguém suspeitar.

5º Médium: Harold Sharp (1890-1980)

Na revista ***Espiritismo O Grande Consolador***, set/2010, foi publicado o artigo "Animais, plano espiritual e erraticidade", da articulista Simone Nardi Grama. Do 2º parágrafo destacamos o seguinte trecho que cita o médium Harold Sharp, cuja obra *Animais no Mundo Espiritual* foi publicada em 1966:

> [...] O inglês Harold Sharp descreve, em sua monografia *Animais no Mundo Espiritual*, **suas experiências espirituais e mediúnicas diante da visão de inúmeros animais que haviam desencarnado**. [...]. ([271])

Por 25 anos, Harold Sharp atuou na *Spiritualist Association of Great Britain*, organização espiritualista fundada em julho de 1872.

6º Médium: Divaldo Pereira Franco (1927-

2025)

O fenômeno ocorrido com o médium Divaldo P. Franco está registrado em ***A Questão Espiritual dos Animais*** (1998). A Prof.ª Irvênia Prada o narra da seguinte forma:

> Certa feita, [Divaldo Franco] foi convidado a proferir uma palestra em Campo Grande-MS e lá foi recebido pela Sra. Maria Edviges Borges, então presidente da Federação Espírita do Mato Grosso do Sul. Ao chegar à **residência de sua anfitriã**, acompanhado por outros confrades, **teve um gesto de recuo ao dar conta da presença de um cão de grande porte no local.** Percebendo o que acontecera, as pessoas lhe disseram:
>
> – O que foi, Divaldo?
>
> Ele explicou sem rodeios:
>
> – Eu **me assustei com o cão**, mas tudo bem agora!
>
> Ouviu de seus acompanhantes, com surpresa:
>
> – **Que cão, Divaldo, aqui não tem cão nenhum!**
>
> Ele apontou para o cão e disse:
>
> – **Foi este pastor aqui!**
>
> Dona Maria Edviges, emocionada, foi

explicando:

– **Divaldo, eu tive um cão pastor, mas ele morreu já faz meses!**

Uma das possibilidades é que **Divaldo**, pela sua aguçada mediunidade de vidência, **teria captado a presença da figura espiritual do cão, ainda retida no ambiente familiar** por suas ligações afetivas com Dona Maria Edviges, pois a morte não mata ninguém, muito menos o amor. ([272])

Certamente, que isso é uma regra, embora não saibamos quais os motivos e as condições necessárias para que um animal se manifeste, mas o fato incontestável é que se manifesta.

7º Médium: Linda Williamson

Do capítulo "Como me tornei médium" da obra ***Fantasmas, Espíritos e Aparições*** (2006), de Linda Williamson (1949-2026), destacamos o seguinte trecho:

A casa onde morava com meu marido também era em estilo vitoriano, mas não era mal-assombrada. Senti logo a diferença ao morar em um lugar em que não havia a presença de um espírito em cada cômodo. **O**

> **único fantasma que tínhamos era o de um gato. Cheguei a vê-lo muitas vezes e a imagem era tão real que eu tentava acariciá-lo, mas minha mão tocava apenas o ar. Meus dois gatos também o viam**. ([273])

8º Médium: Sylvia Browne

A articulista Ana Elizabeth Cavalcanti, no artigo "O Céu dos Bichos", publicado na revista ***Espiritismo & Ciência***, nº 04, set/2010, faz comentários sobre a obra *O Céu dos Bichos, a Vida Espiritual dos animais que amamos* (2009), da médium norte-americana Sylvia Browne (1936-2013). Destacamos o seguinte trecho:

> Segundo Browne, **os espíritos dos animais** não precisam subir porque o Céu (ou o Outro Lado) fica neste plano, mas **em outra dimensão**, e tem a mesma topografia do nosso mundo, exceto pelos lindos jardins, campos e templos. "Com minha visão mediúnica, **pude observar Jolie saltitando por um jardim de narcisos, brincando e encontrando meus outros cães já falecidos**. Essa visão me reconfortou um pouco, mas, como todo mundo que passa por um luto, eu me sentia

> traída. Embora estivesse feliz por vê-la alegre, eu continuava tomada por um desejo egoísta de tê-la ao meu lado. Mas de qualquer forma, eu sabia que ela estava bem e que nós iríamos nos reencontrar um dia.” ([274])

O nome Jolie citado, se refere a uma cadela da raça *west highland terrier*, que foi sacrificada em virtude de uma grave insuficiência cardíaca que passava.

Consideramos de grande importância as experiências dos médiuns, pois, por meio de sua faculdade mediúnica ostensiva, eles alcançam uma percepção do mundo espiritual muito mais ampla do que a maioria de nós.

Ao confrontarmos seus depoimentos, podemos avaliar se os relatos individuais, comparados entre si, revelam pontos em comum que indiquem algum fundo de verdade.

Na TCI temos registradas transimagens de ‘pets’

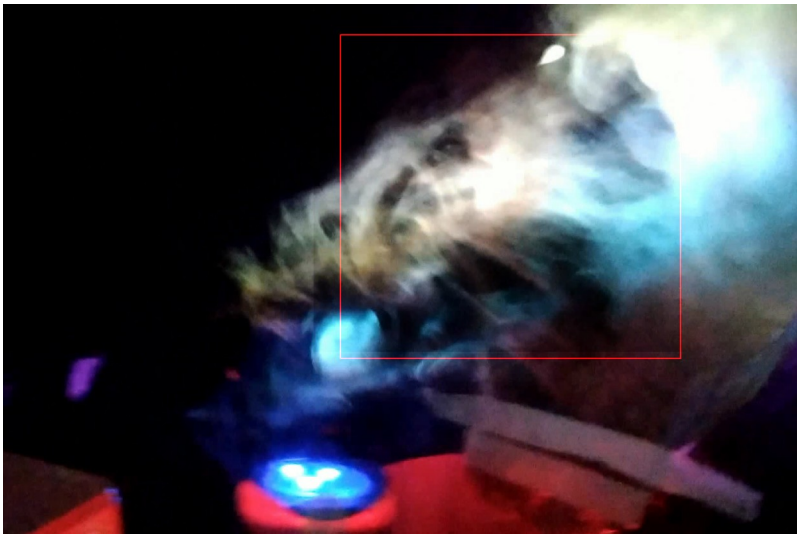
A sigla **TCI** designa a Transcomunicação Instrumental, cujo objetivo é investigar as comunicações e manifestações registradas por meio de aparelhos eletrônicos, envolvendo entidades do mundo físico – ainda os “presos à matéria” – e do mundo espiritual – já “libertos do corpo físico”. Em alguns casos, também podem ocorrer registros de consciências em situação de emancipação do corpo, ou, eventualmente, de habitantes de outros orbes.

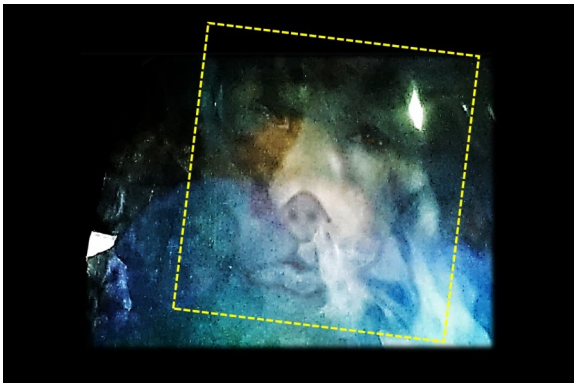
Essa modalidade de intercâmbio surgir de forma espontânea; primeiro em gravadores – hoje, seriam como verdadeiros “dinossauros” tecnológicos – depois em fitas cassetes, desconhecidas pela nova geração, e mais tarde em aparelhos de TV, rádios, telefones e, atualmente, em computadores.

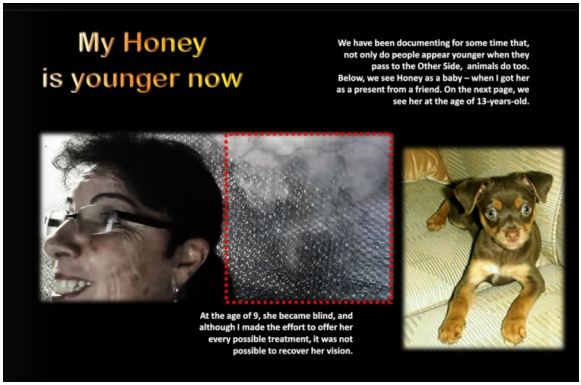
A pesquisadora Sonia Rinaldi, de São Paulo, é uma das maiores referências brasileiras na área, reconhecida internacionalmente pela seriedade de

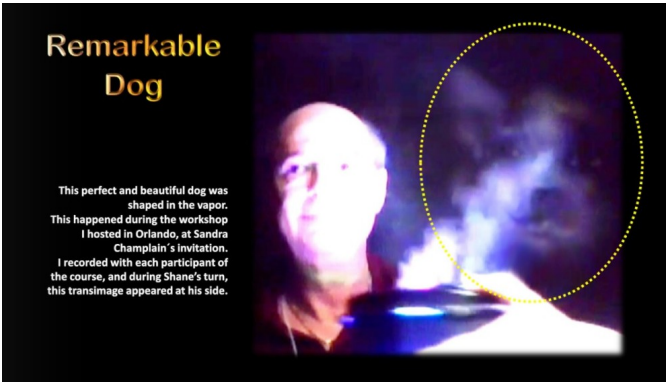
seu trabalho. Fundadora do IPATI – Instituto de Pesquisas Avançadas em Transcomunicação, (antes ANT (Associação Nacional dos Transcomunicadores) – gentilmente nos autorizou a incluir nesse estudo as transimagens de animais que considerássemos úteis e relevantes para nossa pesquisa. Registramos aqui nosso sincero agradecimento.

Vejamos algumas:






My Honey
is younger now
We have been documenting for some time that, not only do people appear younger when they pass to the Other Side, animals do too. Below, we see Honey as a baby – when I got her as a present from a friend. On the next page, we see her at the age of 13-years-old.
At the age of 9, she became blind, and although I made the effort to offer her every possible treatment, it was not possible to recover her vision.



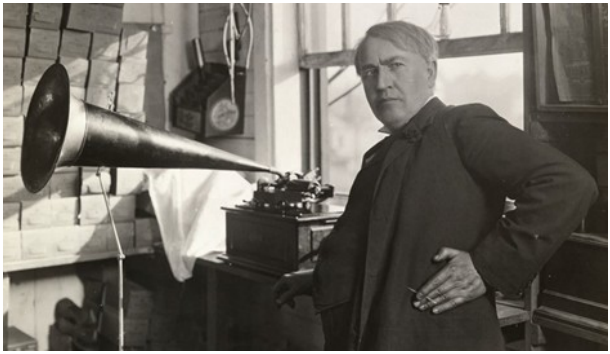
É natural que se questione a nitidez das imagens, mas é preciso lembrar que se trata de um processo em desenvolvimento, sobre o qual nós, humanos, não temos domínio técnico nem controle. Todo o fenômeno ocorre sob o arbítrio dos Espíritos que acompanham ou mesmo coordenam essas pesquisas.

Para concluir, recordemos estas palavras de Ernesto Bozzano: *"Se a hipótese da existência, nos animais, de uma psique sobrevivente à morte do corpo tem fundamento, deveria haver casos de aparição* post-mortem *de fantasmas animais de uma maneira análoga à que se realiza para o homem."*

Aos que insistirem em afirmar "*Isso non*

ecziste" ([275]), responderemos com a célebre frase atribuída a Lavoisier: *"Não há pedras no céu; por conseguinte elas não poderiam cair sobre a Terra."* ([276])

E, para aqueles que ainda afirmarem se tratar de mera ilusão, recordemos o hilário episódio em



que o físico Théodore du Moncel (1821–1884) apresentou o fonógrafo do inventor Thomas Édison (1847-1931) ([277]) à Academia de Ciências, sendo recebido com a exclamação: *"Miserável! Nós não seremos ludibriados por um ventríloquo!"* ([278])

IV – EVOLUÇÃO DOS ANIMAIS

Os animais estão sujeitos à lei do progresso?

Inicialmente, vale a pena lembrarmos um trecho do que os Espíritos superiores disseram a Allan Kardec, em reposta à questão 607-a de ***O Livro dos Espíritos***:

> [...] Reconhecei a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, que faz que tudo seja solidário na Natureza. **Acreditar que Deus pudesse ter feito alguma coisa sem finalidade e criado seres inteligentes sem futuro seria blasfemar da sua bondade, que se estende por sobre todas as criaturas**. ([279])

Portanto, o progresso intelectual dos animais está diretamente ligado à manifestação da bondade de Deus, que, como afirmaram os Espíritos superiores, "*se estende por todas as criaturas*".

Como vimos na resposta à questão 598 de ***O Livro dos Espíritos*** é afirmado que os animais

conservam a sua individualidade após a morte, seguindo para as questões seguinte, lemos:

> 599. *A alma dos animais* ***pode escolher a espécie de animal em que vai encarnar****?*
>
> "**Não**; a alma dos animais não tem o livre-arbítrio."
>
> 600. [Mencionada em capítulo anterior].
>
> 601. ***Os animais estão sujeitos a uma lei progressiva****, como os homens?*
>
> "**Sim, e é por isso que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são,** dispondo de meios de comunicação mais desenvolvidos. Entretanto, são sempre inferiores e subordinados ao homem, para o qual representam servidores inteligentes."
>
> Nada há nisso de extraordinário. Tomemos os nossos animais mais inteligentes, como o cão, o elefante, o cavalo, e os imaginemos dotados de uma conformação apropriada aos trabalhos manuais. O que não fariam sob a direção do homem?
>
> 602. **Os animais progridem**, como o homem, por ato da própria vontade, ou pela força das coisas?

> “Pela força das coisas, razão por que não há expiação para eles.” ([280]) (itálico do original)

Temos aqui uma afirmação clara: os animais reencarnam e também progridem. A lei da reencarnação, à qual está submetido o princípio inteligente, encontra-se em estreita correlação com a lei do progresso.

Compreendemos que a reencarnação, tanto para homens quanto para os animais, tem como finalidade essencial a evolução intelectual e moral.

> 604. *Pois que os animais, mesmo os aperfeiçoados, existentes nos mundos superiores, são sempre inferiores ao homem,* ***segue-se que Deus criou seres intelectuais perpetuamente destinados à inferioridade****, o que parece em desacordo com a unidade de vistas e de progresso que todas as suas obras revelam.*
>
> “**Tudo em a Natureza se encadeia por elos que ainda não podeis apreender**. **Assim, as coisas aparentemente mais díspares têm pontos de contacto que o homem, no seu estado atual, nunca chegará a compreender**. Por um esforço da inteligência poderá entrevê-los; mas,

> somente quando essa inteligência estiver no máximo grau de desenvolvimento e liberta dos preconceitos do orgulho e da ignorância, logrará ver claro na obra de Deus. Até lá, suas muito restritas ideias lhe farão observar as coisas por um mesquinho e acanhado prisma. **Sabei não ser possível que Deus se contradiga e que, na Natureza, tudo se harmoniza mediante leis gerais, que por nenhum de seus pontos deixam de corresponder à sublime sabedoria do Criador.**" ([281])

Essa talvez seja questão em que a resposta se mostra mais clara quanto à progressão dos animais, não deixando dúvidas de que possuem dotes intelectuais.

Se não foram criados para uma inferioridade perpétua, é porque, mesmo nos mundos superiores, ainda lhe cabe evoluir. "*Se tudo se encadeia na Natureza*", é natural que um passo seguinte os eleve a uma hierarquia superior, iniciando o período de humanização.

Ainda que isso não esteja explicitamente detalhado, compreendemos que, ao atingirem o grau máximo de sua escala evolutiva nos mundos superiores, a etapa seguinte será ingressar no ciclo

da humanidade.

Podemos ilustrar com uma comparação simples: um aluno do ensino primário permanece nessa condição até ser promovido a uma etapa posterior. Ao ingressar no nível seguinte, começa naturalmente pelo grau inicial, sem que isso represente regressão, mas sim um avanço evidente.

Na sequência, citaremos diversos trechos relacionados ao tema dos volumes da Revista Espírita:

1) ***Revista Espírita 1858***:

a) Março de 1858:

> **Júpiter e alguns mundos.**
>
> [...].
>
> **Os animais não estão excluídos desse estado progressivo**, sem se aproximarem, entretanto, do homem, mesmo sob o aspecto físico; seus corpos, mais materiais ligam-se ao solo, como nós à Terra. **Sua inteligência é mais desenvolvida do que nos nossos**; a estrutura dos seus membros se dobra a todas exigências do trabalho; são encarregados da execução de obras manuais; são os servidores e os operários:

> as ocupações dos homens são puramente intelectuais. [...]. ([282])

O fato de os animais de Júpiter apresentarem inteligência mais desenvolvida do que os da Terra evidencia de forma clara que há progresso intelectual no reino animal. Esse dado confirma, mais uma vez, que toda a criação está submetida à lei do progresso, como os Espíritos superiores reiteraram em diversas vezes.

b) Abril de 1858:

> **Conversas familiares de além-túmulo**
>
> Bernard Palissy (9 de março de 1858).
>
> Descrição de Júpiter
>
> Os Animais.
>
> 51. Foi-nos dito que **os animais são servidores e operários que executam os trabalhos materiais**, construindo as casas, etc.; isso e verdade? – R. Sim; o homem não se rebaixa mais servindo seu semelhante.
>
> 52. Os animais servidores são ligados a uma pessoa ou a uma família, ou são tomados e trocados à vontade, como aqui? – R. Todos são ligados a uma família particular; mudais por achar melhor.
>
> 53. Os animais servidores, ali, estão num

> estado de escravidão ou de liberdade; são uma propriedade, ou podem mudar de senhor à vontade? – R. Estão no estado de submissão.
>
> 54. Os animais trabalhadores recebem uma remuneração qualquer por seus esforços? – R. Não.
>
> 55. Desenvolvem-se as faculdades dos animais por uma espécie de educação? – R. Eles o fazem por si mesmos.
>
> 56. Os animais têm uma linguagem mais precisa e mais caracterizada do que a dos animais terrestres? – R. Certamente. ([283])

Aqui, um Espírito confirma as condições dos animais em Júpiter. O relato mostra que eles diferem profundamente dos animais terrestres: dotados de inteligência mais desenvolvida, são destinados aos trabalhos manuais, enquanto os homens se dedicam às atividades puramente intelectuais.

Embora sua inteligência permaneça inferior à humana, ela é muito superior à dos animais da Terra, como se comprova pelas múltiplas tarefas que desempenham naquele planeta.

Podemos estabelecer uma comparação: assim como trabalhadores vindos de países sem

desenvolvimento muitas vezes assumem funções que os habitantes de nações mais avançadas não se dispõem a realizar, os animais de Júpiter cumprem tarefas materiais que permitem ao homem dedicar-se exclusivamente ao progresso intelectual.

c) Agosto de 1858:

> **As habitações do planeta Júpiter**
>
> [...] Enfim, depois dos menos perfeitos desses Espíritos, mas separados deles por um abismo, vêm **os animais** que, como **os únicos serviçais e os únicos obreiros do planeta**, merecem uma menção toda especial.
>
> **Se designamos sob esse nome de *animais*** os seres bizarros que ocupam a base da escala, foi porque os próprios Espíritos o puseram em uso e, aliás, **nossa própria língua não tem termo melhor para nos oferecer**. Essa designação os deprecia um pouco para baixo; mas chamá-los de homens seria fazer-lhes muita honra: com efeito, **são Espíritos votados à animalidade**, talvez por longo tempo, talvez para sempre; porque nem todos os Espíritos estão de acordo sobre esse ponto, e a solução do problema parece pertencer a mundos mais elevados do que Júpiter, mas, qualquer que seja o seu futuro, não há como que se enganar quanto ao seu passado.

Esses Espíritos, antes de irem para lá, emigraram sucessivamente em nossos baixos mundos, do corpo de um animal para o de um outro, em uma escala de aperfeiçoamento perfeitamente graduada. O estudo atento dos nossos animais terrestres, seus costumes, seus caracteres individuais, sua ferocidade longe do homem, e sua domesticação lenta mas sempre possível, tudo isso atesta suficientemente a realidade dessa ascensão animal.

Assim, **para qualquer lado que se volte, a harmonia do Universo se resume sempre numa única lei: o *progresso* por toda a parte e para todos**, para o animal como para a planta, para a planta como para o mineral; progresso puramente material no início, nas moléculas insensíveis do metal ou do calhau, e mais e mais inteligente à medida que remontamos à escala dos seres e que **a individualidade tende a se liberar da massa**, a se afirmar, a se conhecer. – Pensamento elevado e consolador, se assim não fora jamais; porque prova que nada é sacrificado, que a recompensa é sempre proporcional ao progresso alcançado; por exemplo, que o devotamento do cão que morre por seu senhor não será estéril para o seu Espírito, porque terá seu justo salário além deste mundo.

É o caso dos Espíritos animais que

povoam Júpiter, aperfeiçoaram-se ao mesmo tempo que nós, conosco e com a nossa ajuda. A lei é mais admirável ainda: ela faz tão bem do seu devotamente ao homem a primeira condição para a sua ascensão planetária, que a vontade de um Espírito de Júpiter pode chamar para si todo animal que, em uma das suas vidas anteriores, lhe haja dado provas de afeição. Essas simpatias que formam, no Mais Alto, famílias de Espíritos, agrupam também, ao redor das famílias, todo um cortejo de animais devotados. Por consequência, nosso **apego neste mundo por um animal, o cuidado que tomamos para abrandá-lo e humanizá-lo**, tudo isso tem a sua razão de ser, tudo isso será pago: é um bom servidor que formamos antecipadamente para um mundo melhor.

Será também um operário; porque aos seus semelhantes está reservado todo o trabalho material, toda tarefa corporal: fardo ou alvenaria, semeadura ou colheita. E, para tudo isso, a Suprema Inteligência proveu por um corpo que participa, ao mesmo tempo, da superioridade da besta e da do homem. Isso podemos julgar por um esboço de Palissy, que representa alguns desses animais muito atentos a jogarem bolas. Eu não poderia compará-los senão aos faunos e aos sátiros da Fábula; o corpo ligeiramente peludo é todavia aprumado como o nosso; as patas desapareceram em alguns para darem lugar

a certas pernas que lembram ainda a forma primitiva, a dois braços robustos, singularmente ligados e terminados por verdadeiras mãos, se nelas considero a oposição dos dedos. Coisa bizarra, a cabeça, ao contrário, não é tão aperfeiçoada quanto o resto! **Assim, a fisionomia reflete bem alguma coisa de humano, mas o crânio, mas o maxilar e, sobretudo, a orelha, nada têm que diferem sensivelmente do animal terrestre**; fácil, é, pois, distingui-los entre si: este é um cão, aquele um leão. Propriamente vestidos com blusas e vestes muito semelhantes às nossas, não esperam mais do que a palavra para lembrarem, de muito perto, certos homens deste mundo: mas, eis precisamente o que lhes falta, assim como o que não poderiam fazer. Hábeis para se compreenderem entre si por uma linguagem que nada tem da nossa, não se enganam mais sobre as intenções dos Espíritos que os comandam; um olhar, um gesto bastam. Há certos recursos magnéticos, dos quais nossos domadores de animais já têm o segredo, o animal adivinha e obedece sem murmurar, e o que é mais, de bom grado, porque está sob o encanto. Assim é que se lhe impõe toda grande tarefa, e que com a sua ajuda tudo funciona regularmente de um extremo ao outro da escala social: o Espírito elevado pensa, delibera, o Espírito inferior aplica com a sua própria iniciativa, o animal executa. Assim a concepção, o emprego e o

> fato se unem numa mesma harmonia, e conduzem todas as coisas para seu fim mais próprio, pelos meios mais simples e mais seguros. […].
>
> Victorien Sardou.
>
> **O autor dessa interessante descrição é um desses adeptos fervorosos e *esclarecidos*** que não temem confessar francamente suas crenças, […] é uma coragem que não é dada a todo mundo, e felicitamos o senhor V. Sardou por tê-la. **Seu trabalho revela o escritor distinto que, embora jovem ainda, já conquistou um lugar honroso na literatura**, e une ao talento de escrever, os profundos conhecimentos de sábio; nova prova que o Espiritismo não recruta entre os tolos e os ignorantes. […].
>
> Allan Kardec ([284])

A informação essencial aqui é que os animais também emigram de um mundo a outro, após alcançarem determinado grau de progresso – exatamente como ocorre com o homem, que passa dos mundos inferiores aos superiores. Nesse processo, transitam de um corpo animal para outro, sempre em direção a formas mais evoluídas.

Sua inteligência e suas habilidades

acompanham essa ascensão, tornando-os “quase humano”. Continuam a ser chamados de animais apenas por falta de um termo adequado para designar esse ser intermediário entre os homens e os animais. Talvez aí se encontre o verdadeiro “elo perdido” que tantos cientistas procuram para comprovar, de forma objetiva, a evolução das espécies – sobretudo aquela que liga o homem ao reino animal.

2) ***Revista Espírita 1860***:

a) Março de 1860:

Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas

64. Nós vamos, se consentirdes, dirigir-vos uma pergunta preparada pelo senhor Vignal, e pedimos consentir em respondê-las, cada um de vosso lado com a ajuda de vossos intérpretes particulares. Como encarais agora a diferença entre o espírito dos animais e o do homem? – R. **Do senhor Vignal**. Não me é muito mais fácil de fazê-lo do que no estado de vigília; meu pensamento atual é de que **o animal dorme, está entorpecido moralmente, *e* que no homem, em seu início, ele desperta penosamente**.

> R. Do **senhor Cauvière**. – O Espírito do homem está chamado a uma maior perfeição que o dos animais; **a diferença neles é sensível pela razão de que, entre estes últimos, não existe ainda senão o estado de instinto**; mais tarde, esse instinto pode-se aperfeiçoar.
>
> 65. **Pode aperfeiçoar-se ao ponto de se tornar um Espírito humano? – R. Ele o pode, mas depois de passar por muitas existências animais, seja no nosso planeta terrestre, seja em outros.** ([285])

Buscando comprovar a possibilidade da manifestação de um Espírito de uma pessoa viva, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas realizou sessões específicas com esse objetivo. No relato da sessão de 3 de fevereiro de 1860, foi evocado Espírito do senhor Vignal, ainda encarnado. Durante a comunicação, apresentou-se também o Espírito Cauvière, desencarnado havia um ano e meio, que respondeu às questões propostas.

Entre suas afirmações, destacou que o espírito do animal pode, sim, tornar-se Espírito humano, mas somente após passar por inúmeras existências animais, seja na Terra, seja em outros mundos. Essa

declaração, a nosso ver, corrobora e reforça as respostas anteriores dadas por outros Espíritos a Allan Kardec sobre a progressão do princípio inteligente.

Perguntas sobre o gênio das flores.

(Sociedade, 30 de dezembro de 1859.
Médium, Sr. Roze.)

1. (A São Luís.) Tivemos outro dia uma comunicação espontânea de um Espírito que disse presidir às flores e aos seus perfumes; há realmente Espíritos que podem ser considerados os gênios das flores? – R. Esta expressão é poética e bem aplicada ao assunto; mas, propriamente falando, ela seria defeituosa. Não deveis duvidar que o Espírito não preside, para toda a criação, ao trabalho que Deus lhe confia; assim é que é necessário entender esta comunicação.

2. Este Espírito é chamado *Hettano;* como ocorre que ele não tenha um nome e que jamais encarnou? – R. É uma ficção. O Espírito não preside, de um modo particular, *à* formação das flores; **o Espírito elementar, antes de passar para a série animal**, dirige a ação fluídica na criação do vegetal; este não está ainda encarnado; mas não age senão sob a direção de inteligências mais elevadas, tendo já vivido bastante para adquirir a ciência necessária *à* sua missão. Foi um destes que se

comunicou; ele vos fez uma mistura poética da ação das duas classes de Espíritos que agem na criação vegetal. ([286])

Nessa comunicação a resposta de S. Luís é categórica em primeiro afirmar da existência de Espírito Elementar e da sua evolução para a série animal.

b) Julho de 1860:

Dos animais

(Dissertações espontâneas feitas pelo Espírito de Charlet, em várias sessões da Sociedade)

Há uma coisa entre vós que sempre excita a vossa atenção e a vossa curiosidade; esse mistério, uma vez que o é bem grande para vós, é a ligação, ou antes, a distância que existe entre a vossa alma e a dos animais, mistério que, apesar de toda a sua ciência, Buffon, o mais poético dos naturalistas, e Cuvier, o mais profundo, nunca puderam penetrar, não mais que o bisturi não vos detalha a anatomia do coração. **Ora, sabeis, os animais vivem e tudo o que vive pensa. Não se pode, pois, viver sem pensar.**

Estabelecido isto, resta demonstrar-vos que quanto mais o homem avança, não

segundo o tempo, mas segundo a perfeição, **tanto mais penetrará a ciência espiritual, aquela que se aplica não somente a vós, mas ainda aos outros seres que estão abaixo de vós: os animais.** Oh! Exclamarão alguns homens persuadidos de que a palavra *homem* signifique todo o aperfeiçoamento, mas há um paralelo possível entre o homem e o animal? Podeis chamar inteligência o que não é senão instinto? Sentimento que não é senão sensação? Podeis, em uma palavra, rebaixar a imagem de Deus? Responderemos: Foi-se um tempo em que a metade do gênero humano era considerada como uma classe dos animais, onde o bicho não era considerado como nada; um tempo, que agora é o vosso, onde a metade do gênero humano é considerada como inferior e o animal como besta. Pois bem! Do ponto de vista do mundo, assim o era, é verdade; do ponto de vista espiritual, o é de outro modo. O que diriam os Espíritos superiores do homem terrestre, dizem os homens dos animais.

Tudo é finto na Natureza: o material como o espiritual; ocupemo-nos, pois, um pouco dessas pobres bestas, espiritualmente falando, e vereis que o animal vive verdadeiramente, uma vez que pensa.

Isto serve de prefácio a um pequeno curso que vos darei a este respeito. De resto, quando vivo, disse que a melhor parte

do homem, é o cão.

CHARLET.

II

O mundo é uma escala imensa, cuja elevação é infinita, mas cuja base repousa num horrível caos; quero dizer que **o mundo não é senão um progresso constante de seres**; estais bem baixo, sempre; mas os há bem abaixo de vós; porque, entendei-o bem, não falo somente de vosso planeta, mas ainda de todos os mundos de todo o Universo. Mas tendes medo, limitar-nos-emos à Terra.

Entretanto, antes disso falar, duas palavras sobre um mundo chamado Júpiter, e do qual o engenhoso e imortal Palissy vos deu alguns resumos estranhos e sobrenaturais para a vossa imaginação. Lembrai-vos de que, num desses encantadores desenhos, ele vos representou alguns animais de Júpiter; não há progresso evidente e podereis não lhes conceder um grau de superioridade sobre os animais terrestres? E ainda não vedes ali senão um progresso de forma e não de inteligência, embora, entretanto, o jogo com o qual se ocupam não possa ser executado por animais terrestres. Não vos cito esse exemplo senão para vos indicar já a sua superioridade de seres que estão bem abaixo de vós. Que seria se vos enumerasse todos os mundos que conheço, quer dizer,

cinco ou seis? Mas nada senão sobre essa Terra, vedes a diferença que existe entre eles. Pois bem! Se a forma é tão variada, tão progressiva, uma vez mesmo que há progresso na matéria, podeis não admitir o progresso espiritual nesses seres?

Ora, sabei-o, se a matéria progride, mesmo a mais baixa, com mais forte razão o Espírito que a anima.

CHARLET.

Nota. – Publicamos, com o número do mês de agosto de 1858, uma prancha desenhada e gravada pelo Espírito de Bernard Palissy, representando a casa de Mozart em Júpiter, com uma descrição desse planeta, que sempre foi designado como um dos mundos mais avançados do nosso turbilhão solar, moral e fisicamente. O mesmo Espírito deu um grande número de desenhos sobre o mesmo assunto, há um entre outros que representa uma cena de animais jogando, na parte que lhes é reservada na habitação de Zoroastro; sem contradita, é um dos mais curiosos da coleção. Entre os animais que aí estão figurados, **os há cuja forma se aproxima muito da forma humana terrestre e que se prende, ao mesmo tempo ao macaco e ao sátiro; sua ação denota inteligência** e compreende-se que a sua estrutura possa prestar-se aos trabalhos manuais, que executam por conta dos homens; são, disse ele, servidores e

operários, os homens não se ocupam senão dos trabalhos de inteligência. Foi a esse desenho, feito há mais de três anos, que Charlet aludiu na comunicação acima.

III

Nos mundos avançados, **os animais são de tal modo superiores que para eles, a mais rigorosa ordem se faz com a palavra**, e entre vós, muito frequentemente, com o bastão. Em Júpiter, por exemplo, uma palavra basta, e entre vós muitos golpes de chicote não bastam. Entretanto, **há um progresso sensível sobre a vossa Terra e que não se explicou nunca, é que mesmo o animal se aperfeiçoa.** Assim, outrora, o animal era muito mais rebelde ao homem. **Há também progresso de vossa parte por compreender instintivamente esse aperfeiçoamento dos animais,** uma vez que proibis de bater neles. **Eu disse que há um progresso moral para o animal; há também progresso de condição**. Assim, um infeliz cavalo batido, ferido por um charreteiro mais bruto que ele, está comparativamente numa condição muito mais tranquila, mais feliz que a de seu carrasco. Não é toda justiça e deve-se admirar que um animal que sofre, que chora, “que é reconhecido ou vingativo segundo a doçura ou a crueldade de seus senhores, tenha a recompensa por suportar pacientemente uma vida cheia de torturas?

Deus é justo, antes de tudo, e todas as suas criaturas estão sob suas leis, e as suas leis dizem: 'Todo ser fraco que sofrer, será indenizado'." Eu entendo, sempre comparativamente ao homem, e ouso acrescentar, para terminar, que o animal, frequentemente, tem mais alma, mais coração que o homem, em muitas circunstâncias.

CHARLET.

IV

A superioridade do homem se manifesta sobre o vosso globo por essa elevação de inteligência que dele faz o rei da Terra. Ao lado do homem o animal é bem fraco, bem medíocre, e pobre sujeito dessa Terra de prova, e tem frequentemente que suportar os cruéis caprichos de seu tirano: o homem! A metempsicose antiga era uma lembrança bem confusa da reencarnação, e entretanto, essa mesma doutrina não é outra senão uma crença popular. **Os grandes Espíritos admitiam a reencarnação progressiva**; a massa ignorante não penetrando como eles, o Universo, dizia-se naturalmente: Uma vez que o homem se reencarna, isso não pode ser senão sobre a Terra; portanto, a sua punição, seu tártaro, sua prova, é a vida no corpo de um animal; absolutamente como na idade média os cristãos diziam: Será no grande vale que ocorrerá o julgamento, após o que os condenados irão sob a Terra queimar em suas entranhas.

Os Antigos, crentes da metempsicose, acreditavam, pois, alguns se entendiam no Espírito das bestas, uma vez que admitiam a passagem da alma humana para o corpo do animal. Pitágoras, lembrou de sua antiga existência, e reconheceu o escudo que carregava no tribunal de Troia. Sócrates morreu predizendo a sua nova vida.

Uma vez que, como vos disse, **tudo é progresso no Universo**, **uma vez que as leis de Deus não são e não podem ser senão leis do progresso**, no ponto em que estais, no ponto de vista de vossas tendências espiritualistas, **não admitir o progresso daquilo que há abaixo do homem seria um contrassenso, uma prova de ignorância e de completa indiferença**.

O animal tem, igual ao homem, o que chamais consciência, que não é outra coisa senão a sensação da alma quando ela tenha feito o bem ou mal? Observai, e vede se o animal não dá prova de consciência, sempre relativamente ao homem. Credes que o cão não sabe quando ele faz o bem ou o mal? Se não o sentisse, ele não viveria. Como já vos disse, a sensação moral, a consciência, em uma palavra, existe nele como no homem, sem isso **é necessário retirar ao animal o reconhecimento, o sofrimento, os lamentos, enfim, todos os caracteres de uma inteligência, caráter que todo homem sério é levado**

a observar em todos os animais, segundo seus graus diferentes, porque mesmo entre eles, há diversidades estranhas.

CHARLET.

V

O homem, rei da Terra pela inteligência, é um ser superior também sob o aspecto material; suas formas são harmoniosas, e seu Espírito tem para se fazer obedecer um organismo admirável: o corpo. A cabeça do homem é alta e olha o céu, diz o Gênese; o animal olha a Terra, e, pela estrutura de seu corpo, a ela parece estar mais ligado que o homem. Além disso, a harmonia magnífica do corpo humano não existe no animal. Vede a variedade infinita que os distingue uns dos outros, variedade infinita que, entretanto, não corresponde ao seu Espírito, porque **os animais, eu entendo a sua imensa maioria, têm, quase todos, o mesmo grau de inteligência.** Assim, no animal, variedade na forma; no homem, ao contrário, variedade no Espírito. Encontrai dois homens que sejam semelhantes de gostos, de aptidões, de inteligência; e tomai um cão, um cavalo, um gato, em uma palavra, um milhar de animais, com dificuldade percebereis diferença em sua inteligência. **O Espírito dorme, pois, no animal; no homem, ele brilha em todos os sentidos; seu Espírito adivinha Deus e compreende a razão de ser da**

perfeição.

Assim, pois, no homem, harmonia simples na forma, começo do infinito, no Espírito; e vede agora a superioridade do homem que domina o animal, materialmente pela sua estrutura admirável e intelectualmente pelas suas faculdades imensas. **Parece que Deus, nos animais, preferiu variar mais a forma encerrando o Espírito; no homem, ao contrário, a fazer do próprio corpo humano a manifestação material do Espírito**.

Igualmente admirável nessas duas criações, a Providência é infinita no mundo material como no mundo espiritual. O homem está para o animal o que a flor e todo o reino vegetal estão para a matéria bruta.

Eu quis estabelecer, nestas poucas linhas, a posição que o animal deve ocupar na escala da perfeição; veremos como pode chegar, comparativamente ao homem.

CHARLET.

VI

Como o Espírito se eleva? Pelo abaixamento, pela humildade. **O que perde o homem é razão orgulhosa que o impele a desprezar todo subalterno, e a invejar todo superior.** A inveja é a expressão mais viva do orgulho; não é o prazer do orgulho, é esse desejo doentio,

incessante, de poder desfrutá-lo; os invejosos são os mais orgulhosos quando se tomam poderosos. Considerai vosso senhor em tudo, Cristo, o homem por excelência, mas na mais alta fase da sublimidade; Cristo, digo eu, em lugar de vir com a audácia e a insolência para derrubar o mundo antigo, veio sobre a Terra se encarnar numa família pobre, e nascer entre os animais; porque os encontrais por toda a parte, esses pobres animais, em todos os instantes em que o homem vive simplesmente com a Natureza, em uma palavra, em pensando em Deus. Nasce entre os animais, e esses exaltam o seu poder na sua linguagem tão expressiva, tão natural e tão simples. Vede que assunto de reflexão! O Espírito ainda baixo que os anima pressente o Cristo, quer dizer, o Espírito em toda a sua essência de perfeição. Balaão, o falso profeta, o orgulho humano em toda a sua corrupção, blasfemou contra Deus, e bateu na sua criatura; súbito o Espírito ilumina o Espírito ainda bem vago do asno, e ele fala; torna-se, por um instante, igual de um homem, e, pela sua palavra, ele é o que será em vários milhares de anos. Poder-se-ia citar muitos outros fatos, mas aquele me parece bastante evidente a propósito do que avancei sobre o orgulho do homem, que nega até a sua alma, porque não pode compreendê-la, e que vai até negar o sentimento nos seres inferiores, entre os quais o Cristo preferiu nascer.

CHARLET.

VII

Conversei convosco, durante algum tempo, sobre o que vos prometera. Como vos disse, em começando, não falei sob o ponto de vista anatômico ou médico, mas unicamente da essência espiritual que existe nos animais. Teria ainda que vos falar sobre vários outros pontos que, em sendo diferentes, não são menos úteis para a Doutrina. Permiti-me uma última recomendação, é de refletirem um pouco sobre o que vos disse; isso não é nem demorado nem pedante, e, crede-me, não é por isso menos útil. Que um dia, quando o bom Pastor dividir as suas ovelhas, eu possa vos contar entre os pobres e excelentes diabos que terão melhor seguido os seus preceitos. Perdoai-me esta imagem um pouco viva. Ainda uma vez, vos é necessário refletir sobre o que vos disse; de resto, eu continuarei a vos falar enquanto o desejardes. Teria a vos dizer outra coisa, na próxima vez, para definir o meu pensamento sobre a inteligência dos animais.

Todo vosso,

CHARLET.

VIII

Tudo o que posso vos dizer, amigos, neste momento, é que vejo com prazer a linha de conduta que seguis. Que a caridade, esta

virtude das almas verdadeiramente francas e nobres, seja sempre o vosso guia, porque aí está o sinal da verdadeira superioridade. Perseverai neste caminho que deve, necessariamente, vos conduzir todos, apesar dos esforços dos quais não supondes a força, à verdade e à unidade.

A modéstia é também um dom bastante difícil de adquirir, não é, senhores? É uma virtude bastante rara entre os homens. Pensai que, para avançar no caminho do bem, no caminho do progresso, não tendes a opor senão a modéstia; sem Deus, sem seus divinos preceitos, que serieis? Um pouco menos que esses pobres animais dos quais já vos falei, e sobre os quais tenho a intenção de vos entreter ainda. Cingi vossos rins e preparai-vos para lutar de novo, mas não fraquejeis; pensai que não é contra Deus que lutais, como Jacó, mas bem contra o Espírito do mal, que invade tudo e vós mesmos a cada instante.

O que tenho a vos dizer seria muito longo para esta noite. Tenho a intenção de vos explicar a queda moral dos animais, depois da queda moral do homem. Para terminar, darei título ao que já vos disse sobre os animais: O primeiro homem feroz e o primeiro animal que se tornou feroz.

Desconfiai dos Espíritos maus; não supondes a sua força, eu vos disse ainda há pouco, e embora esta última frase não esteja em relação com a que precede, não é

menos muito verdadeira e muito a propósito; agora, refleti.

CHARLET.

Nota. O Espírito acreditou dever interromper naquele dia o assunto principal de que trata, para fazer este ditado incidente, motivado por uma circunstância particular, de que se quis aproveitar. Nós a damos, apesar disso, porque ela não encerra menos de úteis instruções.

IX

Quando o primeiro homem foi criado, tudo era harmonia na Natureza. A onipotência do Criador pusera, em cada ser, uma palavra de bondade, de generosidade e de amor. O homem estava radiante; os animais desejavam o seu olhar celeste, e seus carinhos eram os mesmos para ele e sua celeste companhia. A vegetação era luxuriante; o Sol dourava e iluminava toda a Natureza, como o sol misterioso da alma, centelha de Deus, iluminava interiormente a inteligência do homem; numa palavra, todos os reinos da Natureza apresentavam essa calma infinita que parecia compreender Deus; tudo parecia ter bastante inteligência para exaltar a onipotência do Criador. O céu sem nuvens era como o coração do homem, e a água límpida e azul tinha reflexos infinitos, como a alma do homem tinha os reflexos de Deus.

Bem muito tempo depois, tudo parece

mudar subitamente; a Natureza oprimida suspira fundo, e, pela primeira vez, a voz de Deus se fez ouvir; terrível dia de infelicidade em que o homem, que não tinha ouvido, até então, senão a grande voz de Deus que lhe dizia em tudo: “Tu és imortal,” amedrontou-se com estas terríveis palavras: “Caim, por que mataste teu irmão?” Tudo muda logo: o sangue de Abel se derrama sobre toda a Terra; as árvores mudaram de cor; a vegetação, tão rica, tão colorida, se descora; o céu se torna negro.

Por que o animal se tornou feroz? Magnetismo todo-poderoso, invencível, que tomou então cada ser, a sede de sangue, o desejo de carnagem, brilharam em seus olhos, outrora tão doces, e o animal se tornou feroz como o homem. Uma vez que o homem fora o rei da Terra, não tinha mostrado o exemplo? O animal seguiu o seu exemplo, e a morte, desde então, pairou sobre a Terra, morte que se tornou hedionda, em lugar de uma transformação doce e espiritual; o corpo do homem deveria se dispersar no ar como o corpo do Cristo se dispersou sobre a terra, nessa terra irrigada do sangue de Abel, e o homem trabalha, e o animal trabalha.

CHARLET.

Exame crítico das dissertações de Charlet sobre os animais

SOBRE O § I

1. Dissestes: ***Tudo o que vive pensa;*** *não se pode, pois, viver sem pensar; essa* proposição parece-nos um pouco absoluta, porque a planta vive e não pensa; admitis isso em princípio? – R. Sem dúvida, **não falo senão da vida animal**, e não da vida vegetal; deveis bem compreendê-lo.

2. Mais adiante dissestes: *Vereis que o animal vive verdadeiramente, uma vez que pensa;* não há inversão na frase? Parece-nos que a proposição seja esta: *Vereis que o animal pensa verdadeiramente, uma vez que vive.* – R. Isto é evidente.

SOBRE O § II

3. Lembrai-vos dos desenhos que foram feitos sobre os animais de Júpiter; nota-se que têm uma analogia marcante com os sátiros da fábula; essa ideia de sátiros seria uma intuição da existência desses seres em outros mundos, e, nesse caso, não seria, então, uma criação puramente fantástica? – R. Quanto mais o mundo seja novo, tanto mais se recorda; o homem tinha a intuição de uma ordem de seres intermediários, seja mais baixo que ele, seja mais elevado; é o que chamais os *deuses.*

4. Admitis, então, que as divindades mitológicas não eram outras senão o que chamamos *Espíritos?* – R. Sim.

5. Foi-nos dito que, em Júpiter, pode-se compreender somente pela transmissão do pensamento; quando os habitantes desse

planeta se dirigem aos animais, que são os seus servidores e seus operários, têm o recurso de uma linguagem particular? Teriam, para os animais, uma linguagem articulada e entre eles uma linguagem de pensamento? – R. Não, não há linguagem articulada, mas uma espécie de magnetismo de ferro que faz o animal curvar e fá-lo executar os menores desejos e as ordens de seus senhores; o Espírito, todo-poderoso, não pode se rebaixar.

6. Entre nós, **os animais** têm, evidentemente, uma linguagem, uma vez que se compreendem, mas muito limitada; os **de Júpiter** têm uma linguagem mais precisa, mais positiva que os nossos, em uma palavra, **têm uma linguagem articulada?** – R. **Sim**.

7. Os habitantes de Júpiter compreendem melhor que nós a linguagem dos animais? – R. Eles veem neles e compreendem-nos perfeitamente.

8. Examinando-se a série dos seres vivos, acha-se uma corrente interrompida desde a madrépora, a planta mesmo, até o animal mais inteligente; mas **entre o animal mais inteligente e o homem, há uma lacuna evidente, que deve ser preenchida em alguma parte, porque a Natureza não deixa nenhum degrau vago**; de onde vem essa lacuna? – R. **Essa lacuna dos seres não é senão aparente, porque ela não existe realmente; provém das raças**

desaparecidas. (São Luís).

9. Essa lacuna pode existir sobre a Terra, mas, seguramente não existe no conjunto do Universo e deve estar preenchendo alguma parte; não o seria ela senão para certos animais de mundos superiores que, como os de Júpiter, por exemplo, parecem se aproximar muito do homem terrestre pela forma, a linguagem e outros sinais? – R. Nas esferas superiores, o germe eclode sobre a terra e, desenvolvido, não se perde nunca. Encontrareis, em vos tornando Espíritos, todos os seres criados ou desaparecidos nos cataclismas de vosso globo. (São Luís.)

Nota. Uma vez que essas raças intermediárias existiram sobre a Terra, e dela desapareceram, isso justifica o que Charlet disse ainda há pouco, que quanto mais o mundo era novo, tanto mais se recorda. Se ela não existira senão nos mundos superiores, o homem da Terra, menos avançado, não poderia guardá-la na memória.

SOBRE O § III

10. Dissestes que tudo se aperfeiçoa, e como prova de progresso no animal, dissestes que outrora ele era mais rebelde ao homem. **O animal se aperfeiçoa, isto é evidente**; mas, sobre a Terra pelo menos, não se aperfeiçoa senão pelos cuidados do homem; abandonado a si mesmo ele retoma a sua natureza selvagem, mesmo o cão. – R.

E o homem, pelos cuidados de que ser se aperfeiçoa? Não é pelos cuidados de Deus? Tudo é escala na Natureza.

11. Falais de recompensas para os animais que sofrem maus tratos, e dizeis que é de toda justiça que haja compensação para eles. Pareceria, segundo isso, que **admitis no animal a consciência do seu *eu* depois da morte, com a lembrança de seu passado; isto é contrário ao que nos foi dito**. Se as coisas se passam tal como dizeis, disso resultaria que, no mundo dos Espíritos, haveria animais; então não haveria razão para que não houvesse Espíritos de ostras. Quereis, pois, dizer-nos se vedes ao vosso redor Espíritos de cães, de gatos, de cavalos ou de elefantes como vedes Espíritos humanos? – R. A alma do animal, tendes perfeitamente razão, não se conhece na morte do corpo; é um conjunto confuso de germes que podem passar no corpo de tal ou tal animal, segundo o desenvolvimento que adquiriu; ela não é individualizada. **Dir-vos-ei, entretanto, que em certos animais, em muitos mesmo, há individualidade.**

12. Essa teoria, de resto, não justifica de nenhum modo os maus tratos dos animais; o homem é sempre culpado por fazer sofrer um ser sensível qualquer, e a doutrina nos diz que, por isso, será punido, mas daí, a colocar o animal numa condição superior à dele há uma grande distância; que pensais

disso? – R. Sim, mas estabeleceis sempre, todavia, uma escala entre os animais; pensai que há mundos entre certas raças. O homem é tanto mais culpado quanto seja mais poderoso.

13. Como explicais este fato, que mesmo no estado de selvagem o homem se faz obedecer pelo animal mais inteligente? É a Natureza que age, sobretudo, nisto; o homem selvagem é o homem da Natureza, conhece o animal familiarmente; o homem civilizado estuda, e o animal se curva diante dele; o homem é sempre o homem diante do animal, quer seja selvagem ou civilizado.

SOBRE O § V

14. (A Charlet). Nada temos a dizer sobre este parágrafo que nos parece racional; tendes alguma coisa a acrescentar-lhe? – R. Não tenho outra coisa a acrescentar que isto: os animais têm todas as faculdades que indiquei, mas **neles o progresso se realiza pela educação que recebem do homem, e não por eles mesmos, o animal, abandonado ao estado selvagem, retoma o tipo que tinha ao sair das mãos do Criador, submisso ao homem ele se aperfeiçoa, eis tudo**.

15. Isto é perfeitamente verdadeiro para os indivíduos e as espécies; mas considerando-se o conjunto da escala dos seres, há uma marca ascendente evidente, que não se detém nos animais da Terra, uma

vez que os de Júpiter são superiores aos nossos, física e intelectualmente. – R. Cada raça é perfeita em si mesma, e não emigra nas raças estranhas; em Júpiter são os mesmos tipos formando raças distintas, mas não são os Espíritos de animais defuntos.

16**. Em que se torna, então, o princípio inteligente dos animais defuntos? – R. Retorna à massa onde cada novo animal haure a sua porção de inteligência que lhe é necessária. Ora, está aí precisamente o que distingue o homem do animal; é que nele o Espírito está individualizado e progride por si mesmo, e é também o que lhe dá a superioridade sobre todos os animais; eis porque o homem, mesmo selvagem, como fizestes notar, se faz obedecer mesmo pelos animais mais inteligentes.**

SOBRE O § VI

17. Dais a história de Balaão como um fato positivo; pensais nisso seriamente? – R. É uma pura alegoria, ou antes, uma ficção para flagelar o orgulho; fez-se falar o asno de Balaão como La Fontaine fez falar muitos outros animais.

SOBRE O § XI

18. **Nesta passagem, Charlet parece se deixar arrastar por sua imaginação**, porque o quadro que ele faz da degradação moral do animal é mais fantástico que

científico. Com efeito, o animal não é feroz senão por necessidade, e foi para satisfazer essa necessidade que a Natureza lhe deu uma organização especial. Se uns querem se nutrir de carne, foi por um objetivo providencial, e porque era útil à harmonia geral que certos elementos fossem absorvidos. O animal é, pois, feroz pela sua constituição, e não se conceberia que a queda moral do homem pudesse fazer brotar dentes caninos no tigre e encurtar seus intestinos, porque então não haveria razão para que não tivesse o mesmo resultado sobre o carneiro. Dizemos antes que o homem, sobre a Terra, estando pouco avançado, aí se encontra com seres inferiores sob todos os aspectos, e cujo contato é, para ele, uma causa de inquietação, de sofrimentos, e, por consequência, uma fonte de provas que o ajudam em seu adiantamento futuro.

Que pensa Charlet destas reflexões?

R. Não posso senão aprová-las. Eu era um pintor, e não um literato ou um sábio: eis porque me deixo, de vez em quando, ao prazer, novo para mim, de escrever belas frases, mesmo às expensas da verdade; mas o que dissestes aí está muito justo e bem inspirado. No quadro que tracei, bordei sobre certas ideias concebidas para não machucar nenhuma convicção. A verdade é que as primeiras idades eram idades de ferro, bem distantes dessas pretendidas

dores; a civilização, descobrindo cada dia, novos tesouros acumulados sobre a bondade de Deus, no espaço tão bem quanto na Terra, faz o homem conquistar a verdadeira terra prometida, aquela que Deus concederá à inteligência e ao trabalho, e que não entregará toda enfeitada nas mãos de homens-crianças, que deveriam descobri-la pela sua própria inteligência. De resto, esse erro que cometi não podia ser nocivo aos olhos de pessoas esclarecidas, que deveriam facilmente reconhecê-lo; para os ignorantes, passariam despercebidos. Entretanto, eu errei, nisto convenho; agi levianamente, e isto vos prova em que ponto deveis controlar as comunicações que recebeis.

Nota geral.

Um ensinamento importante, do ponto de vista da ciência espírita, ressalta dessas comunicações. A primeira coisa que toca, em as lendo, é uma misturada de ideias justas, profundas, e trazendo a marca do observador, ao lado de outras evidentemente falsas, e fundadas sobre a imaginação mais que sobre a realidade. Charlet era, sem contradita, um homem acima do vulgo, mas, como Espírito, não é mais universal do que o era quando vivo, e pode se enganar porque, não sendo ainda bastante elevado, não encara as coisas senão sob o seu ponto de vista; não há, de resto, senão os Espíritos chegados ao último

grau de perfeição que estão isentos de erros; os outros, por alguns dons que tenham, não sabem tudo e podem se enganar; mas, então, quando são verdadeiramente bons, fazem-no de boa fé e nisso convém francamente, ao passo que há os que o fazem conscientemente e se obstinam nas ideias mais absurdas. Por isso, é necessário guardar-se de aceitar o que vem do mundo invisível sem tê-lo submetido ao controle da lógica; os bons Espíritos o recomendam sem cessar, e não se melindram nunca com a crítica, porque de duas coisas uma, ou estão seguros do que dizem, e então não temem, ou não estão seguros e, se têm a consciência de sua insuficiência, procuram, eles mesmos, a verdade; ora, se os homens podem se instruir com os Espíritos, certos Espíritos também podem se instruir com os homens. Os outros, ao contrário, querem dominar, esperando que aceitem as suas utopias com o favor de seu título de Espíritos; então, seja presunção de sua parte, seja má intenção, não sofrem a contradição; querem ser acreditados sob palavra, porque sabem bem que eles não podem senão perder ao exame; se desagradam com a menor dúvida sobre a sua infalibilidade, e ameaçam soberbamente de vos abandonar como indignos de ouvi-los; também não gostam senão daqueles que se põem de joelhos diante deles. Não há homens assim feitos, e deve-se espantar de encontrá-los com os

seus defeitos no mundo dos Espíritos? Entre os homens, um tal caráter é sempre, aos olhos de pessoas sensatas, um indício de orgulho, de vã suficiência, de tola vaidade, e partindo da pequenez nas ideias e de um falso julgamento; o que é um sinal de inferioridade moral entre eles não poderia ser um sinal de superioridade nos Espíritos.

Charlet, como se acaba de ver, se presta de bom grado à controvérsia; escuta e admite as objeções, e responde-as com benevolência; desenvolve o que estava obscuro e reconhece lealmente o que não está exato; em uma palavra, não quer se fazer passar por mais sábio do que é, e, nisto, prova mais elevação que se obstinasse nas ideias falsas, a exemplo de certos Espíritos que se escandalizam tão-só com o anúncio de que as suas comunicações parecem suscetíveis de comentários.

O que é ainda próprio desses Espíritos orgulhosos é a espécie de fascinação que exercem sobre *seus* médiuns, com a ajuda da qual, algumas vezes, chegam a fazê-los partilhar os mesmos sentimentos. Dissemos de propósito *seus médiuns* porque eles se apoderam deles e querem ter, neles, os instrumentos que agem de olhos fechados; não se acomodariam de nenhum modo com um médium escrutador ou que visse muito claro; não é assim ainda entre os homens? Quando o encontraram, temem que se lhes escape, inspiram-lhe o afastamento de

quem poderia esclarecê-lo; isolam-no de alguma sorte, a fim de que gozem de inteira liberdade, ou não o aproximam senão daqueles dos quais nada têm a temer; e, para melhor captar a sua confiança, se fazem bons apóstolos usurpando os nomes de Espíritos venerados, dos quais procuram imitar a linguagem; mas agem inutilmente, a ignorância nunca poderá arremedar o verdadeiro saber, nem uma natureza má a verdadeira virtude; sempre o orgulho surgirá sob o manto de uma fingida humildade, e é porque temem ser desmascarados que evitam a discussão e dela desviam os seus médiuns.

Não há pessoa, julgando friamente e sem prevenção, que não reconheça como má uma tal influência, porque cai sob o mais vulgar bom senso que um Espírito, verdadeiramente bom e esclarecido, não procuraria nunca exercê-la. Pode-se, pois, dizer que todo médium que lhes cede está sob o império de uma obsessão, da qual deve procurar se desembaraçar o mais cedo. O que se quer, antes de tudo, não são quando mesmo comunicações, mas comunicações boas e verdadeiras; ora, para ter boas comunicações são necessários bons Espíritos, e para ter bons Espíritos é necessário ter médiuns livres de toda má influência. A natureza dos Espíritos que assistem habitualmente um médium é, pois, uma das primeiras coisas a considerar; para conhecê-la, exatamente, há um critério

infalível, e isso não está nem nos sinais materiais nem nas fórmulas de evocação ou de conjuração que são encontradas; esse critério está nos sentimentos que o Espírito inspira ao médium; pela maneira de agir deste último, pode-se julgar da natureza dos Espíritos que o dirigem e, por conseguinte, do grau de confiança que as suas comunicações merecem.

Isto não é uma opinião pessoal, um sistema, mas um princípio deduzido da mais rigorosa lógica, se se admitem estas premissas que um mau pensamento não pode ser sugerido por um bom Espírito. Tanto que não se prove que um bom Espírito pode inspirar o mal, diremos que todo ato que se afaste da benevolência, da caridade e da humildade, onde penetre o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho ferido ou a simples acrimônia, não pode ser inspirado senão por um mau Espírito, então mesmo que este pregasse hipocritamente as mais belas máximas, porque, se fora verdadeiramente bom, prová-lo-ia pondo seus atos em harmonia com as suas palavras. A prática do Espiritismo está cercada de tantas dificuldades, os Espíritos enganadores são tão velhacos, astuciosos, e ao mesmo tempo tão numerosos, que não se saberia cercar-se de muitas precauções para frustrá-los; importa, pois, procurar com o maior cuidado todos os indícios pelos quais podem se trair; ora, esses indícios estão, ao mesmo tempo, em sua linguagem

e nos atos que solicitam.

Tendo submetido estas reflexões ao Espírito de Charlet, eis o que nos disse: “Não posso senão aprovar o que acabais de dizer, e convidar todos aqueles que se ocupam do Espiritismo para seguirem tão sábios conselhos, evidentemente ditados pelos bons Espíritos, mas que não estão de todo, podeis bem crê-lo, ao gosto dos maus, porque eles sabem muito bem que é o meio mais eficaz de combater a sua influência: também fazem tudo o que podem para desviarem aqueles que querem colocar em suas fileiras.”

Charlet disse que se deixa ir ao prazer novo, para ele, de escrever belas frases, mesmo às expensas da verdade. Que teria advindo se tivéssemos publicado o seu trabalho sem comentários? Acusou-se o Espiritismo de acreditar em ideias ridículas, e nós mesmos de não sabermos distinguir o verdadeiro do falso. Muitos Espíritos estão no mesmo caso; procuram uma satisfação do amor-próprio ao darem a luz, por intermédio de médiuns, não podendo fazê-lo por si mesmos, obras literárias, científicas, filosóficas ou dogmáticas de grande fôlego; mas quando esses Espíritos não têm senão um falso saber, escrevem coisas absurdas tão bem como o fariam os homens. É sobretudo nessas obras continuadas que se pode julgá-los, porque a sua ignorância toma-os incapazes de sustentar seu papel

por muito tempo, e que eles mesmos revelam a sua insuficiência ferindo, a cada passo, a lógica e a razão. Através de uma multidão de ideias falsas, às vezes, se encontram muitas boas, sobre as quais contam para fazerem passar as outras. Só esta incoerência prova a sua incapacidade; são pedreiros que sabem bem alinhar as pedras de um edifício, mas que seriam incapazes de levantar um palácio. Algumas vezes, é uma coisa curiosa de ver o dédalo inextricável de combinação e de raciocínio no qual se empenham, e do qual não podem sair senão à força de sofisma e de utopias. Vimos os que, à custa de expedientes, deixaram aí seu trabalho: mas outros não se dão por vencidos e querem impeli-lo até o objetivo, de fazer rir às custas daqueles que os tomam a sério.

Estas reflexões nos são sugeridas como princípio geral, e estar-se-ia errado não vendo nelas uma aplicação qualquer. Entre os numerosos escritos que foram publicados sobre o Espiritismo, os há, sem dúvida, os que poderiam dar lugar à crítica fundada; mas nos guardamos de colocar tudo na mesma linha; indicamos um meio de apreciá-los, cabe a cada um fazê-lo como entenda. Se ainda não empreendemos deles fazer um exame na nossa *Revista,* foi pelo temor de que não se menospreze sobre o motivo da crítica que poderíamos fazer; preferimos, pois, esperar que o Espiritismo fosse melhor conhecido e, sobretudo,

melhor compreendido; então a nossa opinião, apoiando-se sobre uma base geralmente admitida, não poderia ser suspeita de parcialidade. O que esperamos se produza cada dia, porque vemos que, em muitas circunstâncias, o julgamento da opinião precede o nosso; também nos aplaudimos pela nossa reserva. Empreenderemos este exame quando crermos o momento oportuno; mas já se pode ver qual será a nossa base de apreciação: esta base é *lógica,* da qual cada um pode fazer uso por si mesmo, porque não temos a tola pretensão de possuí-la por privilégio. A lógica, com efeito, é o grande critério de toda comunicação espírita, como o é de todos os trabalhos humanos. Sabemos bem que aquele que raciocina em falso crê ser lógico; o é à sua maneira, mas não o é senão para ele, e não para os outros; quando uma lógica é rigorosa como a de dois e dois são quatro, é que as consequências são deduzidas de axiomas evidentes, o bom senso geral, cedo ou tarde, faz justiça a todos esses sofismas. Cremos que as proposições seguintes têm esse caráter:

1º Os bons Espíritos não podem ensinar e inspirar senão o bem; portanto, tudo o que não é rigorosamente bem não pode vir de um bom Espírito;

2º Os Espíritos esclarecidos e verdadeiramente superiores não podem

ensinar coisas absurdas; portanto, toda comunicação manchada por erros manifestos, ou contrários aos dados mais vulgares da ciência e da observação, atesta, só por isso, a inferioridade de sua origem;

3º A superioridade de um escrito qualquer está na justeza e na profundidade das ideias, e não na inchação e na redundância do estilo; portanto, toda comunicação espírita onde haja mais de palavras e de frases brilhantes que de pensamentos sólidos, não pode vir de um Espírito verdadeiramente superior;

4° A ignorância não pode contradizer o verdadeiro saber, nem o mal contrafazer o bem de maneira absoluta; portanto, todo Espírito que, sob um nome venerado, diz coisas incompatíveis com o título que se dá, está convicto de fraude;

5º É da essência de um Espírito elevado se ligar mais ao pensamento que à forma e à matéria, de onde se segue que a elevação do Espírito está em razão da elevação das ideias; portanto, todo Espírito meticuloso nos detalhes da forma, que prescreve puerilidades, em uma palavra, que liga importância aos sinais e às coisas materiais, acusa, por isso mesmo, uma pequenez de ideias, e não pode ser verdadeiramente superior;

6º Um Espírito verdadeiramente superior não pode se contradizer; portanto, se duas

comunicações contraditórias são dadas, sob o mesmo nome respeitável, uma das duas é necessariamente apócrifa; se uma é verdadeira, esta não pode ser senão aquela que não desmente em *nada* a superioridade do Espírito cujo nome foi posto em frente.

A consequência a se tirar destes princípios é que fora das questões morais não é necessário acolher senão com reserva o que vem dos Espíritos, e que, em todos os casos, nunca é necessário aceitá-lo sem exame. Daí decorre a necessidade de pôr a maior circunspeção na publicação dos escritos emanados dessa fonte, quando, sobretudo pela estranheza das doutrinas que contêm, ou a incoerência das ideias, podem se prestar ao ridículo. É preciso desconfiar da tendência de certos Espíritos para as ideias sistemáticas, e do amor-próprio que colocam e propagam-nas; é, pois, sobretudo nas teorias científicas que é necessário colocar uma extrema prudência, e se guardar de dar precipitadamente como verdades sistemas frequentemente mais sedutores que reais, e que, cedo ou tarde, podem receber um desmentido oficial. Que sejam apresentados como probabilidades, se são lógicos, e como podendo servir de base a observações ulteriores, seja; mas haveria imprudência em dá-los, prematuramente, como artigos de fé. Um provérbio diz: *Nada é mais perigoso do que um imprudente amigo.* Ora, é o caso daqueles que, no Espiritismo, se deixam levar por um zelo

mais ardente que refletido.

Allan Kardec ([287]) (grifo itálico do original)

Reconhecemos que, nesse trecho, avançamos talvez além do habitual, mas julgamos necessário, uma vez que o próprio Allan Kardec teceu críticas às informações transmitidas por Charlet.

Consideramos que Allan Kardec estava acompanhado do Espírito São Luís, cujas intervenções se fazem presentes ao longo da dissertação. Assim, entendemos que aquilo que não foi objeto de contestação ou esclarecimento adicional pode ser aceito como parte da realidade espiritual apresentada.

O que consideramos essencial para o nosso tema foi devidamente realçado ao longo do texto. Contudo, há um ponto da fala de Allan Kardec que merece atenção especial, pois pode gerar confusão em razão de uma tradução pouco precisa. No item 8 dos comentários ao parágrafo II, encontramos três versões distintas:

1ª) Examinando-se a série dos seres vivos, **acha-se uma corrente**

> **interrompida** desde a madrépora, a planta mesmo, até o animal mais inteligente; [...]. (288)
>
> 2ª) Examinando a série de seres vivos, **encontra-se uma cadeia ininterrupta,** desde a madrépora, a própria planta, até o animal mais inteligente. [...]. (289)
>
> 3ª) Se examinarmos a série dos seres vivos **encontraremos uma cadeia ininterrupta,** desde a madrépora, a própria planta, até o animal mais inteligente. [...]. (290)

A diferença é significativa, já que a primeira sugere uma ruptura na sequência dos seres vivos, enquanto as outras mantêm a ideia de continuidade. À luz do contexto e da lógica da lei do progresso, entendemos que a tradução correta é "interrompida", sendo a versão do IDE a que apresenta o equívoco.

c) Agosto de 1860:

Embora publicada em agosto, a mensagem de Lázaro foi recebida pela médium Sra. Costel em 22 de junho de 1860. (291)

No princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus. Assim se anuncia no Evangelho de São João. Isto é, no começo estava o princípio e o princípio era Deus, o Criador de todas as coisas, que **não hesitou mais na formação do homem, que na do globo. Ele o criou tal qual é hoje**, dando-lhe, ao sair de suas mãos, o livre-arbítrio e o poder de progredir. Disse Deus ao mar: Não irás mais longe. Ao contrário, disse aos homens, mostrando-lhes o Universo: Tudo isto para vós; trabalhai, desenvolvei, descobri os tesouros em germe, semeados por toda parte – no ar, nas ondas, no seio da terra; trabalhai e amai; **não duvideis de vossa origem divina, ela é direta; não sois os frutos de uma lenta progressão; não passastes pela fieira animal**; positivamente sois filhos de Deus. Então, **de onde provém o pecado**? O pecado foi criado por vossas próprias faculdades, delas sendo o avesso e o exagero.

Não houve um primeiro homem, pai do gênero humano, assim como não houve um sol para iluminar o Universo. **Deus abriu sua grande mão e espalhou com a mesma profusão a raça humana sobre os mundos**, como as estrelas nos céus. Espíritos animados por seu sopro logo revelaram sua existência aos homens, antes dos profetas que conheceis. Outros enviados desconhecidos tinham elucidado as almas

ignorantes de si mesmas. **Ao mesmo tempo que os homens, foram criados os animais. Estes, dotados de instinto, mas não de inteligência progressiva**. Assim, conservaram os tipos primitivos e, salvo a educação individual, são os mesmos do tempo dos patriarcas. Os cataclismos dos dilúvios – porquanto não houve um só, mas vários – fizeram desaparecer raças inteiras de homens e animais; São consequências geológicas que ainda vos ameaçam.

Os homens descobrem, mas nada inventam. Assim, **as crenças mitológicas não eram meras ficções, mas revelações de Espíritos inferiores**. Os sátiros, os faunos eram Espíritos secundários, que habitavam os bosques e os campos, como ainda o fazem hoje. Então era-lhes permitido manifestar-se mais vezes aos olhos dos homens, porque o materialismo não se tinha depurado pelo Cristianismo e o conhecimento de um Deus único. O Cristo destruiu o império dos Espíritos inferiores, para estabelecer o do Espírito sobre a Terra. Isto é a verdade, que afirmo em nome de Deus Todo-Poderoso.

Lázaro ([292])

Infelizmente, Allan Kardec não teceu comentários sobre o conteúdo dessa mensagem. Contudo, é possível perceber que Lázaro ainda se

encontrava preso a concepções religiosas tradicionais, próprias de sua época. O núcleo de sua exposição contrasta diretamente com os princípios já estabelecidos em *O Livro dos Espíritos*, nos quais se afirma a progressão do princípio inteligente e a continuidade da evolução, em oposição à ideia de uma humanidade criada pronta e acabada desde o início.

d) Outubro de 1860:

Dissertações Espíritas

Obtidas ou lidas na Sociedade por diversos médiuns

Júpiter

(Médium, senhora Costel.)

O planeta Júpiter, infinitamente maior do que a Terra, não apresenta o mesmo aspecto. Ele está inundado de uma luz pura e brilhante, que ilumina sem ofuscar. As árvores, as flores, os insetos, **os animais dos quais os vossos são o ponto de partida**, ali são enobrecidos e aperfeiçoados; ali a natureza é mais grandiosa e mais variada, a temperatura é igual e deliciosa; a harmonia das esferas encanta os olhos e os ouvidos. A forma dos seres que o habitam a mesma que a vossa, mas embelezada, aperfeiçoada, e sobretudo

> purificada. Não estamos submetidos às condições materiais de vossa natureza: não temos nem as necessidades, nem as enfermidades que lhes são as consequências. Somos almas revestidas de um envoltório diáfano que conserva as marcas das nossas migrações passadas: aparecemos aos nossos amigos tais como nos conheceram, mas iluminados por uma luz divina, transfigurados pelas nossas impressões interiores que sempre são elevadas.
>
> [...].
>
> GEORGES ([293])

Esse relato apresenta mais uma evidência sobre a progressão dos animais, mostrando que, em sua trajetória evolutiva, eles transitam dos mundos inferiores para os mundos superiores. Trata-se de uma confirmação de que o princípio inteligente, presente também nos animais, está submetido à mesma lei universal do progresso que rege toda a criação.

3) ***Revista Espírita 1863***, mês de maio:

> UM ARGUMENTO TERRÍVEL CONTRA O ESPIRITISMO.

História de um asno.

Num sermão pregado recentemente contra o Espiritismo, porque a palavra de ordem é dada sobre toda linha para persegui-lo, assim como aos seus partidários, o orador, querendo lhe dar um golpe mortal, contou a historieta seguinte:

"Há três semanas, uma senhora perdeu seu marido. Um médium se apresentou para propor-lhe uma conversa com o defunto, e talvez desfrutar de sua visão. A visão não ocorreu, mas o defunto explicou à sua mulher, pela mão do médium, que não foi julgado digno de entrar na morada dos bem-aventurados, e que se viu obrigado a se reencarnar *imediatamente,* para expiar seus grandes pecados. Começou a ser onde? A um quilômetro dali, na casa de um moleiro, e na pessoa de um asno roído de pancadas. Julgai da dor da pobre senhora, que corre à casa do moleiro, *abraça o humilde animal* e propõe a sua compra. O moleiro foi duro no negócio, mas enfim cedeu a uma grande bolsa de dinheiro, e o senhor Aliboron ocupa há quinze dias um apartamento particular na casa da senhora, cercado de mais cuidados, que jamais seu semelhante experimentou *desde que aprouve a Deus criar essa raça estimável."*

Não duvidamos que o auditório haja sido bem convencido por essa historieta; mas, o que temos de testemunhas que ouviram, é que a maior parte achou que estaria melhor

seu lugar num folhetim engraçado do que no púlpito, pelo fundo e pela escolha das expressões. Sem dúvida, o orador ignorava que **o Espiritismo ensina, sem equívoco, que a alma ou Espírito não pode animar o corpo de um animal.** *(O Livro dos Espíritos,* nº 118, 612 e 613.)

O que nos espanta mais ainda, é o ridículo lançado sobre a dor em geral, com a ajuda de um conto de pura invenção e em termos que não brilham pela dignidade. Além disso, é dever de um padre tratar tão livremente a obra de Deus por estas palavras pouco reverentes: "Desde que aprouve a Deus criar essa raça estimável". O assunto foi tanto mais mal escolhido para fazer graça, que se poderia objetar que tudo é respeitável nas obras de Deus, e que Jesus não se achou desonrado em entrar em Jerusalém montado sobre um dos indivíduos dessa raça.

Que se coloque em paralelo o burlesco quadro da dor dessa pretensa viúva com o da viúva verdadeira, do qual demos acima o relato, e que se diga qual dos dois é o mais edificante, o mais cheio de um verdadeiro sentimento religioso e de respeito pela Divindade; enfim, o que estaria melhor colocado no púlpito da verdade.

Admitamos o fato que contais, senhor pregador, quer dizer, não a encarnação num asno, mas a credulidade da viúva com essa encarnação, como castigo, que lugar lhe

> teríeis dado? As chamas eternas do inferno, perspectiva ainda menos consoladora, porque essa mulher viúva, sem dúvida, teria respondido: “Gosto mais ainda de saber meu marido no corpo de um asno do que queimado durante a eternidade”. Suponde agora que ela tivesse que escolher entre vosso quadro de torturas sem fim e o que nos deu mais acima o Espírito do Sr. Viennois, crede que ela teria hesitado? Conscienciosamente não o pensais, porque, por vossa própria conta, não hesitaríeis. ([294]) (itálico do original)

Optamos por transcrever o texto integral, ainda que apenas parte dele se relacione diretamente ao presente estudo, porque julgamos que a argumentação completa de Allan Kardec poderia interessar ao leitor e enriquecer a compreensão do tema.

Allan Kardec afirma de modo categórico que a alma humana não pode animar um corpo de um animal, pois isso representaria um retrocesso incompatível com o estágio evolutivo já alcançado. Trata-se de uma posição firme e coerente com a lei do progresso, segundo o qual o Espírito, uma vez elevado a determinado grau, não retorna às formas

inferiores da criação.

4) ***Revista Espírita 1864***:

a) Janeiro de 1864:

Perguntas e problemas

Progresso nas primeiras encarnações.

Pergunta: Duas almas, criadas simples e ignorantes, não conhecem nem o bem nem o mal, vindo sobre a Terra. Se, numa primeira existência, uma segue o caminho do bem e a outra o do mal, como é, de alguma sorte, o acaso que as conduz, não merecem nem punição nem recompensa. Essa primeira viagem terrestre não deve ter servido senão a dar, a cada uma, a consciência de sua existência, consciência que não tinha de início. Para ser lógico, seria preciso admitir que as punições e as recompensas não começam a ser infligidas, ou concedidas, senão a partir da segunda encarnação, quando os Espíritos sabem distinguir o bem dentre o mal, experiência que lhes falta em sua criação, mas que adquiriram por meio de sua primeira encarnação. Esta opinião é fundada?

Resposta: Embora esta questão já esteja resolvida pela Doutrina Espírita, vamos respondê-la para a instrução de todos.

Ignoramos absolutamente em quais condições são as primeiras

encarnações da alma; é um desses princípios das coisas que estão nos segredos de Deus. Sabemos somente que **elas são criadas simples e ignorantes, tendo todas assim um mesmo ponto de partida,** o que está conforme a justiça; o que sabemos ainda, é que o **livre-arbítrio não se desenvolve senão pouco a pouco e depois de numerosas evoluções na vida corpórea**. Não é, pois, nem depois da primeira, nem depois da segunda encarnação que a alma tem uma consciência bastante limpa de si mesma, para ser responsável por seus atos; não é talvez senão depois da centésima, talvez da milésima; ocorre o mesmo com a criança que não goza da plenitude das suas faculdades nem um, nem dois dias depois de seu nascimento, mas depois dos anos. E ainda, então que a alma goza de seu livre-arbítrio, a responsabilidade cresce em razão do desenvolvimento de sua inteligência; assim é, por exemplo, que um selvagem que come seus semelhantes é menos punido do que o homem civilizado, que comete uma simples injustiça. Nos selvagens, sem dúvida, estão muito atrasados com relação a nós, e, no entanto, estão muito longe de seu ponto de partida. **Durante longos períodos, a alma encarnada está submetida à influência exclusiva dos instintos de conservação**; **pouco a pouco esses instintos se transformam em instintos inteligentes**, ou, para

melhor dizer, se equilibram com a inteligência, mais tarde, *e sempre gradualmente*, a inteligência domina os instintos; é tão somente que começa a responsabilidade séria.

O segundo erro é admitir que as primeiras encarnações humanas têm lugar sobre a Terra. **A Terra foi, mas não é mais um mundo primitivo**; os seres humanos mais atrasados que se acham sobre a superfície já despojaram os primeiros cueiros da encarnação, e nossos selvagens estão em progresso comparativamente ao que tinham antes de seu Espírito vir se encarnar sobre este globo. Que se julgue agora no número de existências que são necessárias a esses selvagens para transporem todos os graus que os separam da civilização mais avançada; todos esses graus intermediários se encontram sobre a Terra *sem solução de continuidade*, e pode-se segui-los observando-se as nuanças que distinguem os diferentes povos; **não há senão o começo e o fim que aqui não se encontram**; o começo se perde para nós nas profundezas do passado, que não nos é dado penetrar. Isto, de resto, pouco nos importa, uma vez que este conhecimento não nos adiantaria em nada. Nós não somos perfeitos, eis o que é positivo; sabemos que as nossas imperfeições são os nossos únicos obstáculos para a nossa felicidade futura, estudemo-nos, pois, a fim de nos

> aperfeiçoarmos. No ponto onde estamos, a inteligência está bastante desenvolvida para permitir ao homem julgar sadiamente o bem e o mal, e é neste ponto também que sua responsabilidade está mais empenhada; porque não se pode mais dizer dele o que disse Jesus: “Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem”. ([295]) (itálico do original)

As observações Allan Kardec são particularmente relevantes, pois não encerram a questão, mas, ao contrário, deixam abertas as possibilidades de que a inteligência humana tenha se desenvolvido gradualmente em outros reinos, numa perspectiva coerente com a lei do progresso e com o olhar científico que ele sempre adotou.

Como já havíamos deduzido anteriormente, e conforme confirmam os próprios Espíritos, a Terra não é mais um mundo primitivo. Por isso, não recebe Espíritos em suas primeiras encarnações. Aqui, utilizamos o termo “Espírito” em sentido amplo, tal como Allan Kardec o empregou em diversas ocasiões, para designar o princípio inteligente em sua marca evolutiva.

b) Março de 1864:

Da perfeição dos seres criados

[…].

Há uma lei geral que rege os seres da criação, animados e inanimados: é a lei do progresso; os Espíritos a ela estão submetidos pela força das coisas, sem isso essa exceção teria perturbado a harmonia geral, e Deus quis nisso dar um exemplo abreviando-o no progresso da infância…

[…].

A isso responde-se: “Compreende-se que Deus não haja criado os Espíritos perfeitos, mas se julga a propósito de submetê-los todos à lei do progresso, não teria podido, pelo menos, criá-los felizes, sem os sujeitá-los a todas as misérias da vida?” **A rigor, o sofrimento se compreende para o homem, porque pôde desmerecer, mas os animais sofrem também**; comem-se entre si; os grandes devoram os menores. **Há os que cuja vida não é senão um longo martírio**; têm, como nós, seu livre-arbítrio e desmereceram?

Tal é ainda a objeção que se faz algumas vezes e à qual os argumentos acima podem servir de respostas; lhe acrescentaremos, no entanto, algumas considerações.

[…].

A questão dos animais pede alguns desenvolvimentos. **Eles têm um princípio inteligente, isto é incontestável**. **De que**

natureza é este princípio? Que relações têm com o do homem? É estacionário em cada espécie, ou progressivo passando de uma espécie à outra? Qual é para ele o limite de progresso? Caminha paralelamente ao homem, ou bem é o mesmo princípio que se elabora e ensaia a vida nas espécies inferiores, para receber, mais tarde, novas faculdades e sofrer a transformação humana? São tantas questões que ficaram insolúveis até este dia, e se o véu que cobre **esse mistério ainda não foi levantado pelos Espíritos**, é que isso ainda teria sido prematuro: **o homem não está ainda maduro para receber tanta luz**. Vários Espíritos deram, isto é verdade, teorias a esse respeito, mas nenhuma tem um caráter bastante autêntico para ser aceita como verdade definitiva; não se podem, pois, considerá-las, até nova ordem, senão como sistemas individuais. Só a concordância pode dar-lhes a consagração, porque aí está o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos. É por isso que estamos longe de aceitar como verdades irrecusáveis tudo o que ensinam individualmente; um princípio, qualquer que seja, para nós não adquire autenticidade senão pela universalidade do ensinamento, quer dizer, pelas instruções idênticas dadas sobre todos os pontos por médiuns estranhos uns aos outros, e não sofrendo as mesmas influências,

notoriamente isentos de obsessões e assistidos por Espíritos bons e esclarecidos, é preciso ouvir aqueles que provam a sua superioridade pela elevação de seus pensamentos, a alta importância de seus ensinos, não se contradizendo jamais, e não dizendo jamais nada que a lógica mais rigorosa não possa admitir. Foi assim que foram controladas as diversas partes da doutrina, formulada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns.* **Tal não é ainda o caso da questão dos animais, é porque não resolvemos o dilema**; até constatação mais séria, não é preciso aceitar teorias que podem ser dadas a esse respeito senão em benefício de inventário, e à espera da confirmação ou da negação.

Em geral, não se poderia trazer muita prudência em fato de teorias novas sobre as quais pode-se iludir; também quantas delas se viram, desde a origem do Espiritismo, que, prematuramente entregues à publicidade, não tiveram senão uma existência efêmera! Assim o será com todas aquelas que não tiverem senão um caráter individual e não tiverem sofrido o controle da concordância. […].

[…].

Estabelecido este ponto, nos resta pouca coisa a dizer sobre a questão proposta, não podendo ainda ser resolvido o ponto capital.

Está constatado que os animais sofrem; mas é racional imputar esses sofrimentos à

imprevidência do Criador, ou a uma falta de bondade de sua parte, porque a causa escapa à nossa inteligência, como a utilidade dos deveres e da disciplina escapa ao escolar? Ao lado desse mal aparente não se veem manifestar-se suas solicitudes pelas mais ínfimas criaturas? Os animais não são providos de meios de conservação apropriados ao meio onde devem viver? Não se veem seus pelos se proverem mais ou menos segundo o clima? Seu aparelho de nutrição, suas armas ofensivas e defensivas proporcionadas aos obstáculos que têm a vencer e aos inimigos a combater?

Em presença destes fatos, tão multiplicados, e cujas consequências só escapam ao olho do materialista, é-se fundado a dizer que não há Providência para eles? Não, certamente; tanto quanto nossa visão é muito limitada para julgar a lei do conjunto. Nosso ponto de vista, restrito ao pequeno círculo que nos cerca, não nos deixa ver senão as irregularidades aparentes; mas quando nos elevarmos pelo pensamento acima do horizonte terrestre, essas irregularidades se apagam diante da harmonia geral.

O que mais choca nessa observação localizada, é a destruição de uns seres pelos outros. Uma vez que Deus prova a sua sabedoria e a sua bondade em tudo o que podemos compreender, é preciso admitir que a mesma sabedoria preside ao que não

compreendemos. De resto, não se exagere a importância dessa destruição senão pelo que se lhe liga à matéria, sempre em consequência do ponto de vista estreito em que o homem se coloca. Em definitivo, **não há senão o envoltório físico a destruir, mas o princípio inteligente não é aniquilado; o Espírito é tão indiferente à perda de seu corpo, quanto o homem o é à de sua roupa. Essa destruição dos envoltórios temporários é necessária à formação e à manutenção de novos envoltórios que se constituem com os mesmos elementos; mas o princípio inteligente nisso não sofre nenhum prejuízo, não mais entre os animais do que entre os homens.**

Resta o sofrimento, que acarreta às vezes a destruição desse envoltório. O Espiritismo nos ensina e nos prova que o sofrimento, no homem, é útil ao seu adiantamento moral; quem nos diz que aqueles que suportam os animais não têm também a sua utilidade; que ele não é, em sua esfera e segundo uma certa ordem de coisas, uma causa de progresso? Isso não é senão uma hipótese, é verdade, mas que, ao menos, se apoia sobre os atributos de Deus: a justiça e a bondade, ao passo que os outros lhes são a negação. ([296])

Nesse texto, Allan Kardec reafirma a existência

do princípio inteligente nos animais. Contudo, observa-se que, em março de 1864, a questão ainda não estava plenamente definida. Essa indefinição causa estranheza, pois seria compreensível na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, publicada em 1857, que tratava o tema de forma mais sucinta.

Entretanto, considerando que a segunda edição – base atual da obra – foi publicada em março de 1860, já revisada e enriquecida pela universalidade do ensino dos Espíritos, seria de esperar que o assunto estivesse mais claramente estabelecido. Isso nos leva a concluir que, apesar das confirmações sobre o princípio inteligente nos Animais, Allan Kardec preferiu manter prudência e não fixar uma posição definitiva, aguardando maior concordância e maturidade das revelações espirituais.

5) ***Revista Espírita 1865***:

a) Abril de 1865:

Destruição dos seres vivos uns pelos outros

A destruição recíproca dos seres vivos é uma das leis da Natureza que, à

primeira vista, parece o menos se conciliar com a bondade de Deus. Pergunta-se por que lhes fez uma necessidade de se entredestruírem para se nutrirem às expensas uns dos outros.

Para aquele que não vê senão a matéria, que limita sua visão à vida presente, isto parece, com efeito, uma imperfeição na obra divina; de onde esta conclusão que disso tiram os incrédulos, de que Deus não sendo perfeito, não há Deus. É que julgam a perfeição de Deus do seu ponto de vista; seu próprio julgamento é a medida de sua sabedoria, e pensam que Deus não poderia fazer melhor do que eles mesmos o fariam. Sua curta visão não lhes permitindo julgar o conjunto, não compreendem que um bem real pode sair de um mal aparente. **Somente o conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua essência verdadeira, e da grande lei de unidade que constitui a harmonia da criação**, podem dar ao homem a chave desse mistério, e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia precisamente aí onde não via senão uma anomalia e uma contradição. Ocorre com esta verdade, como em uma multidão de outras; o homem não estará apto a sondar certas profundezas senão quando seu Espírito tiver chegado a um grau suficiente de maturidade.

A verdadeira vida, tanto do animal quanto a do homem, não está mais no

envoltório corpóreo que dela não é senão o vestuário; ela está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo. Este princípio tem necessidade do corpo para se desenvolver pelo trabalho que deve realizar sobre a matéria bruta; o corpo se desgasta nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta, ao contrário: sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais capaz. Que importa, pois, que o Espírito mude mais ou menos vezes de envoltório; com isso não é menos Espírito; é absolutamente como se um homem renovasse cem vezes seu vestuário no ano, com isso não seria menos o mesmo homem. Pelo espetáculo incessante da destruição, Deus ensina aos homens o pouco-caso que devem fazer do envoltório material, e suscita entre eles a ideia da vida espiritual em lhes fazendo desejá-la como uma compensação.

Deus, dir-se-á, poderia chegar ao mesmo resultado por outros meios, e sem constranger os seres vivos a se entre-destruírem? Bem audacioso aquele que pretendesse penetrar os desígnios de Deus! Se tudo é sabedoria em sua obra, devemos supor que essa sabedoria não deva mais fazer falta sobre esse ponto do que sobre os outros; se não o compreendemos, é preciso atribuí-lo ao nosso pouco adiantamento. No entanto, podemos tentar procurar-lhe a razão, tomando por bússola este princípio: *Deus deve ser infinitamente justo e sábio*;

procuremos, pois, em tudo sua justiça e sua sabedoria.

Uma primeira utilidade que se apresenta dessa destruição, utilidade puramente física, é verdade, é esta: os corpos orgânicos não se mantêm senão com ajuda das matérias orgânicas, só essas matérias contendo os elementos nutritivos necessários à sua transformação. **Os corpos, instrumentos de ação do princípio inteligente**, tendo necessidade de serem incessantemente renovados, a Providência os faz servir à sua manutenção mútua; é por isso que os seres se nutrem uns dos outros; quer dizer que o corpo se nutre do corpo, mas o Espírito não é nem destruído, nem alterado; ele não é senão despojado de seu envoltório.

Além disso há considerações morais de uma ordem mais elevada.

A luta é necessária ao desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exerce suas faculdades. **Aquele que ataca para ter seu alimento, e aquele que se defende para conservar sua vida, se rivalizam em astúcia e em inteligência, e aumentam, por isso mesmo, suas forças intelectuais**. Um dos dois sucumbe; mas o que é que o mais forte ou o mais hábil tirou ao mais fraco em realidade? Sua veste de carne, não outra coisa; o Espírito, que não está morto, retomará um outro corpo mais tarde.

Nos seres inferiores da criação, naqueles em que o senso moral não existe, **em que a inteligência não está ainda senão no estado de instinto**, a luta não poderia ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material; ora, uma das necessidades materiais mais imperiosas é a da nutrição; eles lutam, pois, unicamente para viver, quer dizer, para tomar ou defender uma presa, porque não poderiam estar estimulados por um móvel mais elevado. **É neste primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida. Quando ela alcança o grau de maturidade necessária para sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre arbítrio e o senso moral, centelha divina em uma palavra, que dão um novo curso às suas ideias, dotam-na de novas aptidões e de novas percepções.** Mas as novas faculdades morais das quais está dotada não se desenvolvem senão gradualmente, porque nada é brusco na Natureza; **há um período de transição em que o homem *se* distingue com dificuldade do animal; nessas primeiras idades, o instinto animal domina, e a luta tem ainda por móvel a satisfação das necessidades materiais**; mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam; o homem então luta, não mais para se nutrir, mas para satisfazer sua ambição, seu orgulho, a necessidade de dominar: por isto,

> lhe é necessário ainda destruir. Mas, à medida que o senso moral domina, a sensibilidade se desenvolve, a necessidade da destruição diminui; acaba mesmo por se apagar e por se tornar odiosa: o homem tem horror ao sangue. No entanto, **a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito**, porque mesmo chegado a este ponto, que nos parece culminante, está longe de ser perfeito; não é senão ao preço de sua atividade que ele adquire conhecimentos, experiência, e que **se despoja dos últimos vestígios da animalidade**; mas então a luta, de sangrenta e brutal que era, se torna puramente intelectual; o homem luta contra as dificuldades e não mais contra *os* seus semelhantes.
>
> *Nota.* (será transcrita um pouco mais à frente) ([297]) (itálico do original)

A concordância de Allan Kardec com a evolução do princípio inteligente nos animais se mostra de forma clara nesse texto, sobretudo em sua notável observação: "*A verdadeira vida, tanto do animal quanto do homem, não está mais no envoltório corpóreo que dela não é senão o vestuário; ela está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo*".

Essa afirmação é particularmente significativa, pois o Codificador não apenas inclui expressamente o animal na mesma consideração que faz ao homem, como afirma que a verdadeira vida de ambos está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo. Desse modo, o texto constitui uma clara indicação de que, para ele, os animais possuem em princípio inteligente que sobrevive à morte do corpo.

A luta pela vida e a necessidade de alimentar-se fazem com que os animais desenvolvam sua inteligência. Como disse Allan Kardec eles "*se rivalizam em astúcia e em inteligência, e aumentam por isso mesmo, suas forças intelectuais*".

Outro trecho que merece especial reflexão é "*nada é brusco na Natureza; há um período de transição em que o homem se distingue com dificuldade do animal*". Aqui se evidencia, de maneira inequívoca, a ligação entre ambos, reforçando a ideia de continuidade evolutiva.

Na nota, o Codificador ressalta que a "*grave questão do futuro dos animais*" já se encontrava resolvida pela concordância do ensino dos Espíritos. Se, como ele afirma, o princípio necessita do corpo

para desenvolver-se, não há razão para que apenas o princípio humano esteja sujeito a esse progresso. A conclusão lógica é que o mesmo se aplica ao princípio inteligente dos animais; caso contrário, o sofrimento que eles experimentam perderia qualquer sentido dentro da justiça divina.

Vale destacar que esse artigo foi posteriormente incorporado à obra *A Gênese*, capítulo “III – O bem e o mal”, itens 20 a 24 ([298]), o que demonstra sua relevância doutrinária.

b) Maio de 1865:

> **Perguntas e Problemas**
>
> **Manifestação dos Espíritos dos animais**
>
> [...].
>
> [...] **A questão do princípio e do fim dos princípios dos animais começa somente a se esclarecer**, e o fato de que se trata a ela se liga essencialmente. Se isso não é uma ilusão, **constata pelo menos o laço de afinidade que existe entre o Espírito dos animais, ou melhor de certos animais e o do homem**. Parece, de resto, positivamente provado que há animais que veem os Espíritos e por eles são impressionados; disso temos narrado vários exemplos na *Revista*, entre outros o do

Espírito e o pequeno cão, no número de junho de 1860. Se os animais veem os Espíritos, isso não é evidentemente pelos olhos do corpo; eles têm, pois, também uma espécie de visão espiritual.

Até o presente, a ciência não fez senão constatar as relações fisiológicas entre o homem e os animais; ela nos mostra, no físico, todos os animais da cadeia dos seres sem solução de continuidade; mas entre o princípio dos dois Espíritos existia um abismo; se os fatos psicológicos, melhor observados, vêm lançar um ponto sobre esse abismo, isso será um novo passo de fato para a unidade da escala dos seres e da criação. Não é pelos sistemas que se pode resolver esta grave questão, é pelos fatos; se ela deverá sê-lo um dia, o Espiritismo, criando *a psicologia experimental*, só ele poderá fornecer-lhe os meios. […].

Vê-se, segundo isto, que a questão está ainda pouco avançada, e não é preciso se apressar em resolvê-la. Tendo sido lida a carta acima à Sociedade de Paris, a comunicação seguinte foi dada a este respeito. ([299]) (itálico do original)

Concluímos, portanto, que a alma do animal destinada a alcançar a condição humana deve ser, necessariamente, a dos animais mais inteligentes.

Podemos formular aqui uma teoria particular: o princípio inteligente dos animais evolui até o limite máximo permito em sua escala. Nesse estágio, já habitando mundos superiores, ao desencarnar, seu perispírito é transformado pelos Espíritos superiores e assume a forma humana, preparando-se para encarnar como Espírito humano em um planeta primitivo.

Esse processo inicial já não ocorre mais na Terra, que deixou de ser um mundo primitivo. Daí a razão de algumas pessoas acreditarem que não existe evolução do princípio inteligente dos animais para o ser humano, simplesmente porque não observam esse fenômeno acontecer em nosso planeta atual.

(Paris, 21 de abril de 1865. – Médium, Sr. E. Vézy.)

Vou tocar uma grave questão esta noite, falando-vos das relações que podem existir entre a animalidade e a humanidade. Mas neste recinto, quanto, pela primeira vez, minhas instruções vos ensinaram a solidariedade de todas as existências e as afinidades que existem entre elas, um murmúrio se elevou numa parte desta assembleia, e eu me calei. Deveria fazer o

mesmo hoje, apesar de vossas perguntas? Não, uma vez que vais entrar no caminho que eu vos indiquei.

Mas tudo não se detém em crer somente no progresso incessante do Espírito, embrião na matéria e se desenvolvendo ao passar pelo exame severo do mineral, do vegetal, do animal, para chegar à *humanimalidade*, onde somente começa a se ensaiar a alma que se encarnará, orgulhosa de sua tarefa, na *humanidade*. Existem entre essas diferentes fases laços importantes que é necessário conhecer e que eu chamarei *períodos intermediários* ou *latentes*; porque é aí que se operam as transformações sucessivas. Falar-vos-ei mais tarde dos laços que ligam o mineral ao vegetal, o vegetal ao animal; uma vez que um fenômeno que vos espanta nos leva aos laços que ligam o animal ao homem, vou vos entreter com estes últimos.

Entre os animais domésticos e o homem as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas que vos cercam e recaem sobre eles; é um pouco a humanidade que se detém sobre a animalidade, sem alterar as cores de uma ou de outra; daí essa superioridade inteligente do cão sobre o instinto brutal da besta selvagem, e é a esta causa somente que poderão ser devidas estas manifestações que vêm de vos ler.

Não se está, pois, enganado ouvindo um grito alegre de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhes uma lembrança. A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira, porque o animal, para subir de um degrau, é preciso um trabalho latente que aniquile, para todos, todo sinal exterior de vida. Esse estado é a crisálida espiritual onde se elabora a alma, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços, quebrando-se num estado de maturidade, para deixar escapar, nas correntes que os carregam, os germes de almas que ali eclodem. **Ser-nos-ia, pois, difícil falar dos Espíritos de animais do espaço, ele não existe, ou antes sua passagem é tão rápida que é como nula, e que no estado de crisálida, não poderiam ser descritos.**

Já sabeis que nada morre da matéria que se abate; quando um corpo se dissolve, os elementos dos quais ele se compõe lhe reclamam a parte que lhe deram; oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono retornam à sua fonte primitiva para alimentar outros corpos; os fluidos organizados espirituais tomam na passagem cores, perfumes, instintos, até a constituição definitiva da alma.

Compreendeis-me bem? Sem dúvida, eu teria necessidade de explicar-me melhor, mas para terminar esta noite, e não vos fazer supor o impossível, vos asseguro que o

que é do domínio da inteligência animal não pode se reproduzir pela inteligência humana, quer dizer que o animal, qualquer que seja, não pode dar seu pensamento pela linguagem humana; suas ideias não são senão rudimentares; para ter a possibilidade de se exprimir como o faria o Espírito de um homem, lhe seriam necessárias ideias, conhecimentos e um desenvolvimento que não tem, que não pode ter. Tende, pois, por certo que nem cão, gato, asno, cavalo ou elefante não podem se manifestar por via medianímica. **Só os Espíritos chegados ao grau de humanidade podem fazê-lo**, e ainda em razão de seu adiantamento, porque o Espírito de um selvagem não poderia vos falar como o de um homem civilizado.

Nota. Estas últimas reflexões do Espírito foram motivadas pela citação feita na sessão de pessoas que tinham pretendido ter recebido comunicações de diversos animais. Como explicação do fato precitado, sua teoria é racional e concorda, pelo fundo, com a que prevalece hoje nas instruções dadas na maioria dos centros. **Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; até lá não são senão balizas colocadas sobre caminho para clareá-lo.** ([300]) (itálico do original)

Em relação à manifestação dos espíritos dos animais, parece-nos que Allan Kardec conclui de forma negativa. No entanto, considerando que as observações feitas sobre a evolução do princípio inteligente corroboram plenamente o que já havia sido ensinado anteriormente, somos levados a quer que O Codificador também aceitava essas ideias. Caso contrário, teria certamente registrado alguma objeção explícita.

c) Setembro de 1865:

> **Alucinação nos Animais**
>
> [...].
>
> Até o presente preocupou-se pouco com o princípio inteligente dos animais, e ainda, menos com sua afinidade com a espécie humana, se isso não foi senão no ponto de vista exclusivo do organismo material. Hoje procura-se conciliar seu estado e seu destino com a justiça de Deus; mas não se fez sobre esse assunto senão sistemas mais ou menos lógicos, e que nem sempre estão de acordo com os fatos. Se a questão permaneceu tão longo tempo indecisa, é que faltava, como para muitas outras, elementos necessários para compreendê-la. O Espiritismo, que dá a chave de tantos fenômenos incompreendidos, mal

observados ou passados desapercebidos, não pode deixar de facilitar a solução desse grave problema, ao qual não concedeu toda a atenção que ele merece, porque **é uma solução de continuidade nos anéis da cadeia que religa todos os seres, e no conjunto harmonioso da criação**.

Por que, pois, o Espiritismo não decidiu imediatamente a questão? Tanto valeria perguntar por que um professor de física não ensinaria aos seus alunos, desde a primeira lição, as leis da eletricidade e da ótica? Ele começa pelos princípios fundamentais da ciência, por aqueles que devem servir de base para a inteligência dos outros princípios, e reserva, para mais tarde, a explicação das leis subsequentes. Assim procedem os grandes Espíritos que dirigem o movimento Espírita; em boa lógica começam pelo começo, e esperam que estejamos versados sobre um ponto, antes de abordar um outro. Ora, qual deveria ser o ponto de partida de seus ensinos? A alma humana. É para nos convencer de sua existência e de sua imortalidade, é para nos fazer conhecer seus verdadeiros atributos e a destinação que seria preciso primeiro dar. Ser-no-ia preciso, em uma palavra, compreender nossa alma, antes de procurar conhecer a dos animais. O Espiritismo já nos ensinou muito sobre a alma e suas faculdades; cada dia dela nos ensina mais, e lança a luz sobre algum ponto novo, mas quanto não resta dela ainda para explorar!

À medida que o homem avança no seu conhecimento espiritual, sua atenção é despertada sobre todas as questões que a ele se ligam de perto ou de longe, e a dos animais não é uma daquelas que o interessam menos; ele compreende melhor as analogias e as diferenças; procura explicar-se o que vê; tira consequências; tenta teorias alternativamente desmentidas ou confirmadas por novas observações. É assim que, pelos esforços de sua própria inteligência, se aproxima pouco a pouco do objetivo. Nisto como em todas as coisas os Espíritos não vêm para nos livrar do trabalho das pesquisas, porque o homem deve fazer uso de suas faculdades; ajudam-no, dirigem-no, e já é muito, mas não lhe dão a ciência toda feita. Quando uma vez está sobre o caminho da verdade, é então que vêm revelá-la decididamente para fazer calar as incertezas e aniquilar os falsos sistemas; mas à espera disto, seu espírito está preparado para melhor compreender e aceitá-la, e quando ela se mostra, não o surpreende; ela já estava no fundo de seu pensamento.

[…].

Um outro motivo havia feito adiar a solução relativa aos animais. **Essa questão toca preconceitos há muito tempo enraizados e que teria sido imprudente chocar de frente**, e foi porque os Espíritos não o fizeram. A questão está iniciada hoje;

ela se agita sobre pontos diferentes, mesmo fora do Espiritismo; os desencarnados nela tomam parte cada um segundo as suas ideias pessoais; essas teorias diversas são discutidas, examinadas; uma multidão de fatos, como, por exemplo, aquele que fez o objeto deste artigo, e que teriam outrora passados desapercebidos, hoje chamam a atenção, em razão mesmo dos estudos preliminares que se fizeram; sem adotar tal ou tal opinião, familiariza-se com a ideia de um ponto de contrato entre a animalidade e humanidade, e quando vier a solução definitiva, em qualquer sentido que ela ocorra, deverá se apoiar sobre os argumentos peremptórios que não deixarão nenhum lugar à dúvida; se a ideia é verdadeira, terá sido pressentida; se ela é falsa, é que se terá encontrado alguma coisa mais lógica para pôr no lugar.

Tudo se liga, tudo se encadeia, tudo se harmoniza na Natureza; o Espiritismo veio dar uma ideia-mãe, e pode-se ver o quanto essa ideia é fecunda. Diante da luz que lançou sobre a psicologia, ter-se-ia dificuldade em crer que tantas considerações pudessem surgir a propósito de um cão raivoso.

O extrato acima do relatório do Sr. Bouley tendo sido lido na Sociedade de Paris, um Espírito deu a esse respeito a comunicação seguinte.

(Sociedade Espírita de Paris, 30 de junho

de 1865. – Médium, Sr. Desliens.)

Existe a visão no cão e em alguns outros animais, nos quais os fenômenos semelhantes àqueles descritos pelo Sr. Bouley se produzem? A questão para mim, não tem sombra de dúvida. Sim, o cão, o cavalo veem ou sentem os Espíritos. Nunca fostes testemunhas da repugnância que manifestam às vezes esses animais ao passarem num lugar onde um corpo humano tinha sido enterrado com o seu desconhecimento. Sem dúvida, direis que seus sentidos podem estar despertos para o odor particular dos corpos em putrefação; então, por que passa ele indiferente ao lado do cadáver enterrado de um outro animal? Por que, diz-se, que o cão sente a morte? Jamais ouvistes os cães uivarem sob as janelas de uma pessoa agonizante, então que essa pessoa lhe era desconhecida? Não vistes também, fora da superexcitação da raiva, diversos animais recusarem obedecer à voz de seu dono, recuarem com medo diante de um obstáculo invisível que parece lhes barrar a passagem, e enfurecer-se; depois passarem em seguida tranquilamente no próprio lugar que lhes inspirava um tão grande terror, como se o obstáculo tivesse desaparecido? Viram-se animais salvarem seus donos de um perigo iminente, recusando percorrer o caminho onde aqueles teriam podido sucumbir. Os fatos de visões entre os animais se encontram na Antiguidade e na Idade Média,

tanto quanto em nossos dias.

Os animais veem, pois, certamente, os Espíritos. Dizer, aliás, **que têm uma imaginação, não é lhes conceder um ponto de semelhança com o espírito humano, e o instinto não é neles a inteligência rudimentar, apropriada às suas necessidades, antes que tenha passado pelos cadinhos modificadores que devem transformá-la e dar-lhes novas faculdades**? O homem tem também instintos que o fazem agir de maneira inconsciente no interesse de sua conservação; mas, à medida que se desenvolvem nele a inteligência e o livre-arbítrio, o instinto enfraquece para dar lugar ao julgamento, porque esse guia cego lhe é menos necessário.

O instinto, que está em toda sua força no animal, se perpetuando no homem onde se perde pouco a pouco, **é certamente um traço de união entre as duas espécies**. **A sutileza dos sentidos no animal, como no selvagem e o homem primitivo**, suprem nuns e noutros a ausência ou a insuficiência do senso moral, **é um outro ponto de contato**. Enfim, **a visão espiritual que lhes é muito evidentemente comum**, embora em graus muito diferentes, **vem também diminuir a distância que parece colocar entre eles uma barreira intransponível**. Disto não concluais, no entanto, nada ainda de

> maneira absoluta, mas observai atentamente os fatos, porque só dessa observação sairá um dia para vós a verdade.
>
> MOKI.
>
> Nota – Este conselho é muito sábio, porque, não é evidentemente senão sobre os fatos que se podem assentar uma teoria sólida, fora disto não há senão opiniões ou sistemas. Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados. Foi este princípio que serviu de base à Doutrina Espírita, e é o que nos leva a dizer que é uma ciência de observação. ([301])

Esse talvez seja argumento mais sólido para fundamentar, de forma categórica, conforme a própria orientação de Allan Kardec, que nós, seres humanos, representamos a continuidade da alma dos animais.

Assim, tudo o que expusemos no início desse estudo encontra agora sua plena justificativa, ainda que, naquele momento, não soubéssemos exatamente qual seria o objetivo final de tais reflexões.

6) ***Revista Espírita 1866***, mês de março:

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS FLUIDOS ESPIRITUAIS.

[...].

II

Tudo se liga na obra da criação. Outrora consideravam-se os três reinos como inteiramente independentes um do outro, e ter-se-ia rido daquele que tivesse pretendido encontrar uma correlação entre o mineral e o vegetal, entre o vegetal e o animal. Uma observação atenta faz desaparecer a solução de continuidade, e prova que **todos os corpos formam uma cadeia ininterrupta**; de tal sorte que os três reinos não subsistem, na realidade, senão pelos caracteres gerais mais marcantes; mas sobre seus limites respectivos eles se confundem, ao ponto que se hesita em saber onde um acaba e o outro começa, e no qual certos seres devem ser classificados; tais são, por exemplo, os zoófitos ou animais plantas, assim chamados porque, ao mesmo tempo, têm do animal e da planta.

[...].

III

Todos os corpos da Natureza, minerais, vegetais, animais, animados ou inanimados, sólidos, líquidos ou gasosos, são, pois, formados dos mesmos elementos, combinados de

maneira a produzirem a infinita variedade dos diferentes corpos, a ciência vai mais longe hoje; suas investigações a conduzem pouco a pouco à grande lei da unidade. Agora é quase geralmente admitido que os corpos reputados simples não são senão modificações, transformações de um elemento único, princípio universal designado sob o nome de *éter, fluido cósmico* ou *universal;* de tal sorte que, segundo o modo de agregação das moléculas desse fluido, e sob a influência de circunstâncias particulares, adquire propriedades especiais que constituem os corpos simples; esses corpos simples, combinados entre si em diversas proporções, formam, como dissemos, a inumerável variedade dos corpos compostos. Segundo esta opinião, o calor, a luz, a eletricidade e o magnetismo não seriam igualmente senão modificações do fluido primitivo universal. Assim esse fluido que, segundo toda a probabilidade, é imponderável, seria ao mesmo tempo o princípio dos fluidos imponderáveis e dos corpos ponderáveis.

[…].

VI

O perispírito é o traço de união que liga o mundo espiritual ao mundo corpóreo. O Espiritismo no-los mostra em relação tão íntima e tão constante que de um a outro a transição é quase insensível; ora, do mesmo

> modo que, **na Natureza, o reino vegetal se liga ao reino animal por seres *semi-vegetais* e *semi-animais*,** o estado corpóreo se liga ao estado espiritual não só pelo princípio inteligente, que é o mesmo, mas ainda pelo envoltório fluídico, ao mesmo tempo *semi-material* e *semi-espiritual,* desse mesmo princípio. Durante a vida terrestre, o ser corpóreo e o ser espiritual se confundem e agem de acordo; a morte do corpo não faz senão separá-los. A ligação desses dois estados é tal, e reagem um sobre o outro com tanta força, que dia virá em que se o reconhecerá que o estudo da história natural do homem não poderia ser completo sem o estudo do envoltório perispiritual, quer dizer, sem colocar um pé no domínio do mundo invisível. ([302]) (itálico do original)

É interessante notar que, embora Allan Kardec não trate diretamente dos animais nesse trecho, ele confirma que todos os corpos da criação formam uma cadeia ininterrupta. Afirma ainda que minerais, vegetais e animais – animados ou inanimados, sólidos, líquidos ou gasosos – são constituídos dos mesmos elementos, apenas combinados de formas diversas.

Essas observações reforçam a ideia de que a

semelhança entre os corpos é uma realidade incontornável. E, diante dessa unidade estrutural, não há razão para negar que o princípio inteligente possa utilizar tais corpos como instrumentos de sua evolução rumo à perfeição. Se há correspondência física, é lógico admitir também uma correspondência espiritual.

Essa semelhança é que vai corroborar a realidade de que não há nenhum motivo para que o princípio inteligente não possa ter nesses mesmos corpos um instrumento para a sua evolução, rumo à perfeição. Não se justifica que diante dessa similaridade física não haver também uma correspondência para o princípio inteligente.

Outro ponto digno de destaque é a afirmação de Allan Kardec de que, na Natureza, o reino vegetal se liga ao mineral por seres intermediários, e o estado corpóreo se liga ao espiritual não apenas pelo princípio inteligente, mas também pelo perispírito, esse envoltório semimaterial e semi-espirituais. Essa visão confirma, mais uma vez, que na criação tudo se encadeira e se harmoniza.

7) ***Revista Espírita 1868***, mês de setembro:

> […].
>
> Um fato não menos patente do que aquele que acabamos de falar é que **o desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio inteligente**; o organismo se completa à medida que as faculdades da alma se multiplicam. **A escala orgânica segue constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência desde o pólipo até o homem**; e isso não poderia ser de outra maneira, uma vez que falta à alma um instrumento apropriado à importância das funções que ela deve preencher. De que serviria à ostra ter a inteligência do macaco sem os órgãos necessários à sua manifestação? […]. ([303])

A colocação de Allan Kardec não deixa margem a dúvidas: ele reconhecia a progressão tanto física quanto espiritual, afirmando que a inteligência deve sempre se adaptar a um organismo compatível com o seu nível de desenvolvimento. Essa visão reforça a ideia de que o princípio inteligente encontra, em cada etapa, o instrumento adequado para sua manifestação.

Nesse sentido, o teor desse trecho do capítulo

“Aprendizado” do livro ***Todos os Animais Merecem o Céu*** (2004), de Marcel Benedeti é coerente:

> [...] Pois eles [os animais] **reencarnam entre os seres humanos a fim de adquirirem conhecimentos através da convivência conosco**. A nossa responsabilidade para com eles é bastante grande, pois **a noção mais apurada de certo ou errado que poderão adquirir neste contato virá através de nós, que somos seus tutores**. Eles aprendem conforme nós os tratamos. Se os tratamos com respeito, eles aprendem sobre o respeito, mas se os tratamos com indiferença ou com desprezo é o que irão aprender: indiferença e desprezo. Se são agredidos, aprendem a ser agressivos também. Se tudo o que pudermos ensinar for desprezo e indiferença, ou agressividade é provável que reencarne em outro local, outro lar, a fim de aprender outras coisas, tais como o respeito, a alegria e a compreensão. [...]. ([304])

O que aqui foi dito dialoga com Allan Kardec ao destacar que os animais, ao conviverem conosco, aprendem diretamente pelo exemplo que lhes oferecemos. Se tratados com respeito, assimilam respeito; se tratados com indiferença ou

agressividade, é isso que reproduzirão.

Portanto, nossa responsabilidade moral não se limita ao trato direto com os animais, mas se estende às nossas relações sociais e familiares, já que o aprendizado deles reflete o ambiente em que vivem. Somos, em grande medida, tutores de sua evolução, e o modo como agirmos influencia o caminho que eles trilharão em futuras experiências.

Haveria animais que voltariam à massa?

A análise das fontes espíritas e espiritualistas revela duas vertentes para o destino da alma dos animais após a morte, quais sejam:

1ª) voltar à massa, para a daí partir voltar ao palco terreno;

2ª) ser aproveitado em nova encarnação.

Neste capítulo examinaremos a primeira hipótese; a segunda será analisada no próximo. Para isso recorreremos apenas às transcrições essenciais, retomando outra quando necessário para aprofundar o estudo.

Será interessante trazermos um trecho do "Exame crítico – das dissertações de Charlet sobre os animais'" que Allan Kardec realizou e publicou o na ***Revista Espírita 1860***. Na questão 11, lemos:

> 11. Falais de recompensas para os animais que sofrem maus tratos, [...]. **Pareceria, segundo isso, que admitis no**

> **animal a consciência do seu *eu* depois da morte, com a lembrança de seu passado; isto é contrário ao que nos foi dito**. [...] **disso resultaria que, no mundo dos Espíritos, haveria animais**; então não haveria razão para que não houvesse Espíritos de ostras. Quereis, pois, dizer-nos se vedes ao vosso redor Espíritos de cães, de gatos, de cavalos ou de elefantes como vedes Espíritos humanos? – R. **A alma do animal**, tendes perfeitamente razão, **não se reconhece na morte do corpo; é um conjunto confuso de germes que** podem passar no corpo de tal ou qual animal, segundo conhecimento que adquiriu; ela **não é individualizada**. Dir-vos-ei, entretanto, que **em certos animais, em muitos mesmo, há individualidade**. ([305]) (itálico do original)

Portanto, segundo essa colocação, o princípio inteligente dos animais seria um conjunto confuso de germes, o que justificaria seu retorno à massa comum após a morte, sem individualização definida. No entanto, Allan Kardec, admite que em certos animais – especialmente os mais inteligentes – já se percebe alguma forma de individualidade.

Quanto à individualidade, vejamos, em ***O Livro dos Espíritos***, na questão 152, um trecho do

comentário Allan Kardec a respeito da alma humana:

> Os que pensam que, pela morte, a alma retorna ao todo universal estão errados, se por isso entendem que, semelhante a uma gota d'água que cai no oceano, ela perde ali a sua individualidade. [...] **Se as almas se confundissem na massa, só teriam as qualidades do conjunto e nada as distinguiria umas das outras; não teriam inteligência nem qualidades próprias, ao passo que, em todas as comunicações, elas revelam a consciência do seu eu e uma vontade distinta**. A diversidade infinita que apresentam, sob todos os aspectos, é a consequência mesma de suas individualidades. Se apenas houvesse, após a morte, o que se chama o grande Todo, a absorver todas as individualidades, esse Todo seria uniforme e, então, as comunicações que se recebessem do mundo invisível seriam idênticas. [...]. ([306])

O argumento do Codificador sobre a individualidade da alma humana pode, respeitadas as diferenças de grau evolutivo, ser aplicado também ao princípio inteligente dos animais. Se a individualidade é condição necessária para a consciência e para o progresso do Espírito humano, é

coerente admitir que, em alguma medida, ela também se manifesta nos animais, preparando-os para etapas futuras de sua evolução.

Na questão 613 de ***O Livro dos Espíritos***, Allan Kardec observa que cada espécie animal constitui um tipo absoluto, haurindo da fonte universal a quantidade de princípio inteligente necessária para sua função na Natureza, quantidade que, após a morte, seria devolvida à massa comum:

> As diferentes espécies de animais não procedem *intelectualmente* umas das outras pela via da progressão. Assim, o espírito da ostra não se torna sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano. Cada espécie constitui, física e moralmente, um tipo absoluto, **haurindo cada indivíduo na fonte universal a quantidade de princípio inteligente que lhe seja necessária**, de acordo com a perfeição de seus órgãos e com a obra que tenha de executar nos fenômenos da Natureza, **quantidade que, por sua morte, é devolvida à massa**. [...]. ([307])

Charlet, em suas dissertações, também defende a ideia de retorno à massa, o que implicaria

perda de individualidade. No entanto, essa posição entre em conflito direto com a resposta da questão 598, na qual os Espíritos superiores afirmam claramente que, após a morte, os animais conservam sua individualidade. ([308])

Acreditamos que o impasse poderia ter uma relação direta com o grau de inteligência de cada uma das espécies de animais. No comentário à resposta da questão 601, o Codificador, por exemplo, cita: o cão, o elefante e o cavalo. ([309])

Acreditamos ser importante, novamente mencionar as considerações sobre Charlet feitas por Allan Kardec em “Nota Geral”:

> **Charlet, como se acaba de ver, se presta de bom grado à controvérsia; escuta e admite as objeções, e responde-as com benevolência**; desenvolve o que estava obscuro e reconhece lealmente o que não está exato; em uma palavra, **não quer se fazer passar por mais sábio do que é, e, nisto, prova mais elevação** que se obstinasse nas ideias falsas, a exemplo de certos Espíritos que se escandalizam tão-só com o anúncio de que as suas comunicações parecem suscetíveis de comentários. ([310])

Vê-se, portanto, que Charlet não pretendeu apresentar maior sabedoria do que possuía, demonstrando humildade ao admitir com lealdade as inexatidões de algumas de suas afirmações. Essa postura revela a abertura necessária para o progresso da Doutrina Espírita, que se fortalece justamente pela análise crítica e pela concordância universal dos ensinos.

Do artigo "As cinco alternativas da humanidade", atribuído ao Codificador, publicado em ***Obras Póstumas***, destacamos:

> § II — DOUTRINA PANTEÍSTA
>
> O princípio inteligente, ou alma, independente da matéria, **é extraído, ao nascer, do todo universal**; individualiza-se em cada ser durante a vida e **volta, por efeito da morte, à massa comum**, como as gotas de chuva ao oceano.
>
> *Consequências*. Sem individualidade e sem consciência de si mesmo, o ser é como se não existisse. As consequências morais desta doutrina são exatamente as mesmas que as da doutrina materialista. ([311]) (itálico do original)

Se tal concepção já seria incoerente ao se aplicar à alma humana, mais contraditório ainda seria estendê-la ao princípio inteligente dos animais. Isso equivaleria a negar-lhes qualquer individualidade e, por consequência, a possibilidade de progresso, o que conflita diretamente com a lei universal da evolução que rege todos os seres.

Da ***Revista Espírita 1858***, mês de agosto, do artigo "Habitações do planeta Júpiter", assinado por Victorien Sardou ([312]), é oportuno relembrar o teor do 7º parágrafo:

> Assim, para qualquer lado que se volte, a harmonia do Universo se resume sempre numa única lei: **o *progresso* por toda parte e para todos, para o animal** como para a planta, para a planta como para o mineral; progresso puramente material no início, [...] e **mais e mais inteligente à medida que remontamos à escala dos seres e que a individualidade tende a se libertar da massa, a se afirmar, a se conhecer**. [...]. ([313])

Quanto à expressão "*que a individualidade tende a se libertar da massa*", entendemos que ela

se refere ao princípio inteligente, aplicando-se de modo mais direto ao caso dos animais. Esse trecho será retomado mais a diante em transcrição mais ampla, mas já nos permite concluir que existe a concepção de que o princípio inteligente dos animais é aurido de uma massa comum, que reúne todos os germes espirituais ainda não elevados à categoria humana.

Como ocorreria a evolução dos animais já individualizados?

Neste capítulo, destacamos um detalhe que, ao percebido, nos causou grande surpresa, pois à primeira vista nos pareceu colocar-nos diante de um impasse. Durante a fase de pesquisa, encontramos uma observação sobre a evolução dos animais que, em leituras anteriores das obras de Allan Kardec, havia nos passado despercebida.

Para situar melhor a questão, recordemos as perguntas 600 a 602 de *O Livro dos Espíritos*. Nelas, os Espíritos explicam que, após a morte, o princípio inteligente dos animais entra em uma espécie de erraticidade, sendo "*classificado*" e "*utilizado quase imediatamente*", sem dispor de tempo para relacionar-se com outras criaturas. Ressaltam também que os animais estão sujeitos a uma lei progressiva, mas não avançam por vontade própria, e sim pela força das coisas.

Compreende-se, portanto, que os animais são

encaminhados pelos Espíritos superiores logo após o desencarne, mas não se esclarece em profundidade o que significa serem "*classificados*" e "*utilizados*". Além disso, permanece a dúvida quanto ao sentido de "quase imediatamente", já que não se define a duração desse intervalo.

Em ***O Livro dos Espíritos***, Livro Segundo, capítulo "VI – Vida espiritual", tópico "Percepções, sensações e sofrimento dos Espíritos", Allan Kardec comentando a resposta à questão 240, disse:

> **Os Espíritos vivem fora do tempo, tal como o compreendemos**. A duração para eles, anula-se, por assim dizer, e **os séculos, para nós tão longos, não passam, aos olhos deles, de instantes** que se perdem na eternidade, do mesmo modo que as desigualdades do solo se apagam e desaparecem para que se eleva no Espaço. ([314])

Portanto, a primeira questão que se coloca é compreender se a expressão *"quase imediatamente"* deve ser interpretada segundo a perspectiva dos Espíritos – que vivem fora da influência do tempo humano e para os quais os séculos se reduzem a

instantes – ou se foi empregada dentro do nosso conceito habitual de tempo, significando apenas um intervalo extremamente breve.

De ***O Livro dos Médiuns***, Segunda Parte, capítulo “XXII – Da mediunidade dos animais”, item 236, merece destaque o sétimo parágrafo da mensagem de Erasto, psicografada em reunião na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

> “Desse progresso constante, invencível, irrecusável, do Espírito humano, e desse **estacionamento indefinido das outras espécies animais**, haveis de concluir comigo que, se é certo que existem princípios comuns a tudo o que vive e se move na Terra: o sopro e a matéria, não é menos certo que **somente vós, Espíritos encarnados, estais submetidos a inevitável lei do progresso**, que vos impele fatalmente para diante e sempre para diante. Deus colocou os animais ao vosso lado como auxiliares, para vos alimentarem, para vos vestirem, para vos ajudarem. **Deu-lhes certa dose de inteligência** porque, para vos auxiliarem, precisavam compreender, **porém, limitou essa inteligência aos serviços que devem prestar**. Mas, **em sua sabedoria, não quis que estivessem sujeitos à**

> **mesma lei do progresso. Tais como foram criados se conservaram e se conservarão até a extinção de suas raças**.” (315)

Em síntese, o Espírito Erasto afirma que apenas os homens estão submetidos à lei inevitável do progresso espiritual, que os impele constantemente para diante. Os animais, ao contrário, não compartilham dessa mesma condição: sua inteligência foi limitada por Deus às funções de auxílio ao homem, conservando-se tais como foram criados até a extinção de suas raças.

No entanto, é possível interpretar que, para Erasto, essa limitação diz respeito à condição dos animais durante a encarnação, como se pode deduzir de sua explicação no quinto parágrafo desse mesmo item:

> [...] **o cão não faz progredir o cão**, e o mais adestrado entre eles sempre foi ensinado pelo seu dono. Desde que o mundo é mundo, a lontra sempre construiu sua choça em cima da água, seguindo as mesmas proporções e uma regra invariável; os rouxinóis e as andorinhas jamais

> construíram ninhos de modo diferente do que faziam seus pais. **um ninho de pardais de antes do dilúvio, como um ninho de pardais dos tempos modernos, é sempre** um ninho de pardais feito nas mesmas condições e **com o mesmo sistema** de entrelaçamento de palhinhas e de fragmentos recolhidos na primavera, na época dos amores. […]. ([316])

Os exemplos apresentados por Erasto reforçam a ideia de que os animais não demonstram progresso cultural ou intelectual consciente comparável ao humano, mantendo padrões instintivos invariáveis ao longo dos séculos.

Todavia, essa interpretação nos parece entrar em conflito com o que se afirma no artigo "Destruição dos seres vivos uns pelos outros", publicado na *Revista Espírita 1865*, e posteriormente inserido em *A Gênese* ([317]), onde se declara que predador e presa "*se rivalizam em astúcia e em inteligência, e aumentam por isso mesmo suas forças intelectuais*" ([318]). Esse trecho será retomando mais a diante em transcrição mais ampla, mas já indica que, embora os animais não apresentem progresso cultural, há sinais de desenvolvimento

intelectual ligado à luta pela sobrevivência.

Em ***O Livro dos Espíritos***, Livro Segundo, capítulo “XI – Os três reinos”, tópico “Os animais e o homem”, o Codificador, ao comentar a resposta à questão 593, confirma a posição defendida por Erasto:

> Além do instinto não se poderia negar a certos animais a prática de atos combinados, que denotam a vontade de agir em determinado sentido, conforme as circunstâncias. **Há, pois, neles, uma espécie de inteligência**, mas cujo exercício circunscreve quase exclusivamente aos meios de satisfazerem às suas necessidades físicas e de proverem à sua conservação. **Entre eles não há nenhuma criação, nenhuma melhoria.** Seja qual for a arte que admiremos em seus trabalhos, **fazem hoje o que faziam outrora, nem melhor, nem pior, segundo formas e proporções constante e invariáveis.** O filhote, isolado dos outros de sua espécie, não deixa de construir o seu ninho de acordo com o mesmo modelo, sem que tenha recebido ensino para isso. Se alguns são passíveis de certa educação, seu desenvolvimento intelectual, sempre bastante limitado, é devido à ação do homem sobre uma natureza maleável, pois

> **não há nenhum progresso que lhe seja próprio**. Mesmo esse progresso é efêmero e puramente individual, visto que, entregue a si mesmo, o animal não tarda a voltar aos limites traçados pela Natureza. ([319])

Dessa forma, Allan Kardec confirma a posição defendida por Erasto, ao destacar que os animais possuem instinto e uma inteligência limitada às necessidades vitais, mas não apresentam progresso autônomo, seja cultural ou espiritual. Conservam-se invariáveis em seus comportamentos, repetindo ao longo dos séculos os mesmos padrões instintivos, sem criação ou aperfeiçoamento próprios.

Observamos que, ao afirmar que os animais "*fazem hoje o que faziam outrora*", o Codificador apoia-se na posição de Erasto. Contudo, Marcel Benedeti, em ***Os Animais Conforme o Espiritismo*** (2008), esclarece-nos que:

> **O Espírito de Erasto, obviamente, estava generalizando o comportamento dos animais**, pois, em particular, **encontramos comportamentos que mostram iniciativas próprias que são ensinadas aos outros animais**. Isso

acontece, por exemplo, com os macacos-prego, que possuem cultura, isto é, **eles ensinam o que aprenderam de novo aos seus descendentes**. Talvez isso não se configure como um enorme salto evolutivo, mas de acordo com os conhecimentos daquela época, ele não poderia entrar em detalhes como este e preferiu admitir que os humanos são os únicos seres que possuem iniciativa.

Se pensarmos em termos evolutivos, os espíritos encarnados na fase animal evoluem mais quando se encontram em contato com os seres humanos, que agem como seus professores de evolução espiritual. O mesmo não acontece conosco em relação aos espíritos superiores. Nossa evolução estagnaria se não recebêssemos instruções específicas da espiritualidade. Se não recebêssemos influências positivas da espiritualidade superior, talvez ainda vivêssemos como os homens das cavernas. Por isso encontramos no *Livro dos Espíritos*: *Nem todos progridem simultaneamente e do mesmo modo. Dá-se então que os mais adiantados auxiliam o progresso dos outros, por meio do contato social*. Portanto **os Homens evoluem em função de aprendizado com nossos tutores espirituais, como acontece com os animais que têm em nós seus professores**. Para os humanos, a evolução é mais moral, enquanto que a evolução dos animais é mais intelectual. ([320])

Segundo Benedeti, o princípio inteligente dos animais evolui mais intensamente quando em contato com os seres humanos, que funcionam como seus professores de evolução espiritual.

Assim, enquanto a evolução humana é predominantemente moral, a evolução dos animais se dá sobretudo no campo intelectual, pela ampliação de sua capacidade de compreensão e de adaptação.

Em nosso livro ***Alma dos Animais, Estágio Anterior da Alma Humana?***, citamos a proeza da macaquinha Imo. Inicialmente, vejamos este trecho da reportagem "Inteligência Animal", autoria de Giovana Girardi, publicada na revista ***Superinteressante nº 209***, jan/2005:

> **Imo é uma macaquinha especial**. Sozinha, ela **criou comportamentos que mudaram o estilo de vida de uma espécie japonesa (*Macaca fuscata*) da ilha de Koshima**. No começo da década de 50, pesquisadores perceberam que ela, por alguma razão, passou a lavar a batata-doce antes de levá-la à boca. Até então, os animais simplesmente enfiavam o alimento na boca com terra e tudo. Gradualmente o

> comportamento se espalhou na comunidade. Após algum tempo, vários dos filhotes já repetiam a técnica, visível hoje entre quase toda a população da ilha de Koshima.
>
> Imo, que em japonês quer dizer batata-doce, não parou por aí. **Alguns anos depois ela arrumou um jeito de peneirar o trigo que era espalhado na areia** pelos pesquisadores que observavam o grupo. Inicialmente os macacos pegavam os grãos um a um, e demoravam um tempão. **Mas um dia Imo teve a brilhante ideia de pegar um punhado de trigo e areia e levar até a água**. A vantagem da técnica foi clara: a água facilmente separava os grãos da areia, e ela pôde comer tranquilamente. **Assim como as batatas, a lavagem do trigo não demorou para se espalhar pelo grupo**.
>
> Lavar batatas não é como escrever livros ou cantar ópera. Mas o que Imo fez – desenvolver um novo comportamento e depois repassá-lo aos seus semelhantes – é algo que pesquisadores nem cogitavam ser possível duas décadas atrás. **Ela transmitiu cultura**. ([321])

Frans de Waal, em ***Somos Inteligentes o Bastante Para Saber Quão Inteligentes São os Animais?***, explica-nos que:

> [...] **Em 1952, o pai da primatologia japonesa, Kinji Imanishi, propôs pela primeira vez ser possível falarmos justificadamente de uma cultura animal se indivíduos aprendem hábitos uns dos outros, resultando em diversidade comportamental entre grupos**. ([322]) Hoje muito bem-aceita, essa ideia era tão radical na época que a ciência ocidental levou quarenta anos para assimilá-la. Enquanto isso, os alunos de Imanishi documentavam pacientemente a disseminação do hábito de lavar batata-doce entre os macacos-japoneses da ilha de Koshima. A primeira a fazer isso foi uma fêmea jovem chamada Imo, homenageada com uma estátua na entrada da ilha. O hábito espalhou-se entre colegas de sua faixa etária, depois para suas mães e mais tarde para quase todos os macacos da ilha. **Lavar batata-doce tornou-se o exemplo mais conhecido de uma tradução social aprendida e transmitida de geração a geração**. ([323])

O caso da Imo é particularmente desconcertante para aqueles que negam a inteligência e a capacidade de transmissão de conhecimento entre os animais. Sua iniciativa de lavar batata-doce e peneirar trigo, posteriormente difundida entre seus semelhantes, constitui um

exemplo claro de cultura animal, confirmada por estudos posteriores.

Surge, então, uma questão diante das afirmações de Erasto: se os animais, quando encarnados, não progridem, e após desencarnarem seus princípios inteligentes são conduzidos *“quase imediatamente”* a um novo corpo, em que momento se dá o processo de sua evolução?

A interpretação mais aceita entre os estudiosos é que o princípio inteligente dos animais evolui de forma lenta e imperceptível, acumulando experiências ao longo das eras. Esse progresso não se manifesta em criações culturais ou morais comparáveis às humanas, mas em aperfeiçoamentos instintivos e intelectuais rudimentares que se somam gradualmente. O salto qualitativo ocorre quando esse princípio atinge maturidade suficiente para ingressar na espécie humana, iniciando então o verdadeiro progresso espiritual – entendido como desenvolvimento da inteligência que engendra a evolução moral.

Se aceitarmos como correta a posição de Erasto, o impasse poderia ser esclarecido caso

compreendêssemos, em sentido figurado a informação de *O Livro dos Espíritos*, questão 600, de que *“após a morte, o Espírito do animal é classificado e utilizado quase imediatamente”.* Essa expressão pode ser analisada em duas direções:

a) **Reencarnação**: A locução “*quase imediatamente”* permanece indeterminada, sem definição quanto ao intervalo de tempo, que poderia variar de dias a séculos. Essa imprecisão abre espaço para diferentes interpretações.

b) **Situação ou atividade**: A expressão *“classificado e utilizado”* não precisa significar, necessariamente, uma nova encarnação. Pode indicar que o princípio inteligente dos animais seja aproveitado em tarefas no plano espiritual, favorecendo seu progresso intelectual.

Seguindo esse raciocínio, se aceitarmos qualquer uma dessas hipóteses, poderíamos supor que a evolução dos animais – já classificados como princípio inteligente individualizado – se daria no mundo espiritual, ao serem utilizados em variadas funções. Caso essa interpretação seja correta, estariam explicadas as manifestações póstumas

atribuídas a eles.

Em nossa opinião, esse ponto evidencia que a Codificação Espírita não contém todos os detalhes necessários, havendo aspectos que precisam ser aprofundados. Foi exatamente isso que entendemos estar implícito nas observações de Allan Kardec, conforme já analisado, e que se tornará ainda mais evidentes nas passagens seguintes.

Vale a pena, nesse contexto, recorrer ao artigo "Destruição dos seres vivos uns pelos outros", já anteriormente mencionado, publicado na ***Revista Espírita 1865***, mês de abril, do qual destacamos o seguinte trecho:

> [...] Os corpos, instrumentos de ação do princípio inteligente, tendo necessidade de serem incessantemente renovados, a Providência os faz servir à sua manutenção mútua; é por isso que os seres se nutrem uns dos outros; quer dizer que o corpo se nutre do corpo, **mas o Espírito não é nem destruído, nem alterado**; ele não é senão despojado de seu envoltório.
>
> Além disso há considerações morais de uma ordem mais elevada.
>
> **A luta é necessária ao**

> **desenvolvimento do Espírito**; é na luta que ele exerce suas faculdades. **Aquele que ataca para ter seu alimento, e aquele que se defende para conservar sua vida, se rivalizam em astúcia e em inteligência, e aumentam, por isso mesmo, suas forças intelectuais**. Um dos dois sucumbe; mas o que é que o mais forte ou o mais hábil tirou ao mais fraco em realidade? Sua veste de carne, não outra coisa; o Espírito, que não está morto, retomará um outro corpo mais tarde. ([324])

Com base nesse ensinamento, entendemos, que os animais desenvolvem sua inteligência na busca pela alimentação. Para obtê-la, precisam conceber planos e elaborar estratégias de ataque; por sua vez, a presa utiliza sua astúcia para escapar e preservar a vida. Nesse embate, ambos exercitam e ampliam suas faculdades intelectuais.

Portanto, ainda que circunscrito às exigências da sobrevivência, há nos animais um campo específico de progresso intelectual, que contribui para o aperfeiçoamento gradual do princípio inteligente e prepara-o para etapas evolutivas mais elevadas.

Trazemos, de ***Filosofia Espírita – Vol. XII*** (1987), as explicações de Miramez a respeito das respostas às questões 600 e 602 de *O Livro dos Espíritos*, respectivamente:

> ONDE FICAM OS ANIMAIS
>
> **Os animais, depois da morte física, ficam em uma espécie de estado de erraticidade.** Certamente que existe lugar para todos na casa de Deus, visto que todos pertencemos a Ele, Criador Universal. **Os animais estão sob a tutela de elevadas Entidades espirituais, a quem cabe deles cuidar com carinho e atenção.**
>
> **Os lugares em que eles ficam temporariamente é de acordo com as suas necessidades**. O Senhor provê a todos, no padrão das suas conquistas de vida. Existe lugar até para o átomo, de modo que ele circule nos núcleos onde a atração o detém.
>
> **Os animais não podem ser classificados como Espíritos errantes, pelo fato de não possuírem razão**. Eles, **sem o livre arbítrio, não devem ficar a esmo no mundo da verdade**. É qual a criança na Terra: deve ser sempre acompanhada pelos pais, professores ou babás, ou por alguém que as ame.
>
> Certamente que **os animais progridem,**

entretanto, o fazem pelas circunstâncias, e não por sua vontade. Eles estão sujeitos ao progresso que domina toda a criação, na lentidão que lhe é própria, no entanto, os animais, não tendo vontade, não tendo alcançado a razão, o progresso somente atinge suas vidas na parte que pertence à natureza. No que toca ao homem, o progresso se manifesta pelo poder da vontade, onde a inteligência abre caminhos novos para as criaturas crescerem. É por isso que os animais não respondem pelo que fazem. São crianças em relação aos homens, mesmo aos mais ignorantes. **O progresso dos animais obedece ao determinismo, por não serem eles conscientes da vida nem do que fazem**; são movidos pelo instinto, que é uma força programada, quase como o computador. Tudo que eles fazem é por instinto, e o que fazem a mais é induzido pelos homens. Se agem errado, os próprios homens é que irão responder por seus atos fora da lei de amor.

Os seres humanos estão sujeitos à expiação por terem certo livre arbítrio; eles escolhem certas conveniências e o Senhor o permite para lhes dar uma lição, e fazê-los conhecer a lei de justiça e de amor. ([325])

Não podem os animais progredirem pelo ato da própria vontade, pois eles ainda não a têm. **A sua evolução é lenta. O animal de milhares de anos atrás é o mesmo,**

> **em se tratando da vida material**. Como já falamos anteriormente, o latido do cão é o mesmo de antes e de agora; os pássaros cantam e voam do mesmo modo, e assim é com os outros animais. Não houve nenhuma evolução moral; somente depois da razão é que eles, em outros corpos, darão os primeiros passos no seu despertamento espiritual. Isso é a sabedoria de Deus, para a paz de todas as criaturas. ([326])

Até o momento, Miramez foi o único Espírito que encontramos discorrendo de forma mais detalhada sobre a situação dos animais após a morte. Suas explicações mostram que o princípio inteligente dos animais entre em uma espécie de erraticidade, mas não pode ser considerado Espírito errante, por não possuir razão nem livre-arbítrio. Estão sob a tutela de Entidades elevadas, que os acompanham com carinho e atenção, garantindo que não permaneçam à deriva no mundo espiritual.

Segundo Miramez, o progresso dos animais é lento e determinado pelas circunstâncias, sem participação da vontade própria. Não há evolução moral nesse estágio; apenas quando alcançam a razão, em outros corpos, darão os primeiros passos

rumo ao despertamento espiritual.

Embora suas colocações não ofereçam toda a clareza desejada, constituem uma contribuição significativa para preencher as lacunas deixadas pela Codificação, ampliando nossa compreensão sobre o destino dos animais após a desencarnação.

Na *Revista Espírita 1858*, encontramos a afirmação de que os animais de Júpiter possuem "*inteligência mais desenvolvida que os nossos*" ([327]), por também estarem incluídos na lei de progresso. Essa informação confirma o que lemos na questão 601 de *O Livro dos Espíritos*: *"nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são"*.

Se em Júpiter os animais apresentam inteligência superior, é sinal de que se encontram em estágio evolutivo mais avançado. Contudo, permanece a dúvida sobre como, quando e onde se deu esse progresso intelectual.

Do artigo "Habitações do planeta Júpiter", publicado na ***Revista Espírita 1858***, mês de agosto, assinado por Victorien Sardou, é afirmado

que os animais são vistos “*como os únicos serviçais e os únicos obreiros do planeta*”. Além disso, lembra-nos que por todo o Universo impera a “*única lei: o progresso por toda a parte e para todos*” ([328]).

Além da inteligência superior à dos nossos animais, os de Júpiter têm uma constituição física que lhes permitem executar trabalhos com os quais colaboram com os homens. Como se dá o *“aperfeiçoaram-se ao mesmo tempo que nós, conosco e com a nossa ajuda”* e a instigante dúvida que continua.

É fácil perceber que o tema da evolução dos animais é complexo e não foi esclarecido em profundidade na Codificação, de modo a permitir plena compreensão. Julgamos que esse conhecimento será melhor detalhado no futuro, quando a humanidade estiver mais preparada para encarar realidades que hoje poderiam causar desconforto. Entretanto, observa-se que muitos espíritas ainda colocam um ponto final nas revelações dos Espíritos após Allan Kardec, não abrindo espaço para desenvolvimentos posteriores.

No penúltimo parágrafo do comentário da

resposta à questão 613 de ***O Livro dos Espíritos***, Allan Kardec afirma algo que merece maior atenção. Eis o seu teor:

> [...] **Os animais dos mundos mais adiantados que o nosso** (188) **constituem igualmente raças distintas**, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens, dos quais são auxiliares, mas que **não procedem absolutamente dos da Terra, espiritualmente falando**. [...]. ([329])

Surge aqui uma aparente contradição: se os animais também estão incluídos na lei de progresso como vimos na questão 601, de que modo os da Terra evoluem até alcançar condições de reencarnar em mundos superiores? Esse ponto não foi esclarecido na Codificação, deixando em aberto o mecanismo que possibilita tal transição.

É significativo observar que o próprio Allan Kardec, no artigo "Da perfeição dos seres criados", publicado na ***Revista Espírita 1864***, mês de março, reafirma que *"Há uma lei geral que rege a todos os seres da criação, animados e inanimados: é lei do*

progresso." ([330]) Assim, ainda que faltem detalhes sobre o processo evolutivo dos animais, permanece firme o princípio de que todos os seres estão submetidos a essa lei universal.

O que nos parece estranho é que o teor desse artigo foi publicado bem depois do lançamento da segunda edição de *O Livro dos Espíritos*, onde já se afirmava claramente que o princípio inteligente dos animais passaria por uma transformação até se tornar Espírito humano. A dúvida que persiste é quando e como tal fato ocorre.

Vejamos as seguintes questões de ***O Livro dos Espíritos***:

> 606-a. **A *inteligência do homem e a dos animais emanam, portanto, de um único princípio?***
>
> "**Sem dúvida alguma**, mas no homem a inteligência passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal." ([331])

> 607. *Foi dito que a alma do homem, em sua origem, corresponde ao estado de infância na vida corpórea, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia*

para a vida (190). ***Onde o Espírito cumpre essa primeira fase?***

"Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade."

607-a. *Assim,* ***poder-se-ia considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da Criação****?*

"Já não dissemos que tudo se encadeia na Natureza e tende para a unidade? **É nesses seres, que estais longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida**. É, de certo modo, **um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna *Espírito*. Entra, então, no período de humanização,** começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos, do mesmo modo que à infância sucede o período da adolescência, depois o da juventude e, finalmente, o da madureza. **Aliás, nada há nessa origem que deva humilhar o homem.** [...]."

607-b. Esse período de humanização começa na Terra?

"**A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana**.

> Geralmente, o período de humanização começa em mundos ainda mais inferiores. Isto, entretanto, não é regra absoluta, pois pode acontecer que um Espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Esse caso não é frequente; seria antes uma exceção." ([332]) (itálico do original)

As questões 606 a 607 deixam evidente que a inteligência do homem e a dos animais emanam de um mesmo princípio, mas que, no homem, essa inteligência passou por uma elaboração superior. Nos textos se esclarece que a alma humana cumpre sua primeira fase numa série de existências anteriores à Humanidade, elaborando-se e individualizando-se pouco a pouco nos seres inferiores, até entrar no período de humanização.

Portanto, desde de 18 de março de 1860, já se falava do progresso do princípio inteligente do animal até ser elevado a Espírito humano. Isso torna sem sentido a ideia de que os animais não progridem, como sugerido no artigo de 1864. Talvez se trate apenas da limitação dos animais enquanto encarnados, já que, de geração em geração, repetem os mesmos comportamentos instintivos.

Erasto, por exemplo, argumenta que a lontra sempre construiu sua choça da mesma forma, assim como os pássaros e os insetos mantêm invariáveis seus hábitos.

Se, de um lado, ainda não estamos maduros para receber revelações mais amplas, de outro, muitas vezes fechamos a porta para novas informações, considerando as de Allan Kardec como definitivas. No entanto, a própria Codificação já estabeleceu a relação entre o princípio inteligente dos animais e o homem, mostrando que tudo se encadeira na Natureza.

Se o princípio inteligente necessita do corpo para se desenvolver, como afirmaram os Espíritos superiores a Allan Kardec, isso deve se aplicar igualmente aos animais.

A relação entre o princípio inteligente dos animais e o homem foi estabelecida em *O Livro dos Espíritos*, razão pela qual permanece difícil compreender porque, em alguns momentos, o Codificador pareceu afirmar o contrário. É certo que sobre esse tema há ainda um vasto campo de informações a vir, mas a conexão já se encontra

delineada na própria Codificação.

Se consta de *O Livro dos Espíritos*, então, conforme o próprio Codificador afirmou, passou pelo controle universal. Nessa questão, ficou claro que o princípio inteligente dos seres inferiores – no caso, os animais – passa por um processo de individualização até ingressar no período de humanização.

Assim, se o princípio inteligente tem necessidade do corpo para desenvolver-se, não há razão para restringir esse progresso apenas ao homem. A conclusão que se impõe é que também para o princípio inteligente que existe nos animais essa lei é válida, pois, do contrário, não haveria sentido no sofrimento que lhes é permitido pela Providência. Aqui, é importante destacar que "Espírito", nesse contexto, significa "princípio inteligente" em processo de elaboração.

O grau posterior da evolução da alma dos animais

Para compreender o grau posterior da evolução da alma dos animais, recorremos à “Introdução” da primeira edição de ***O Livro dos Espíritos*** (1857). Vejamos um trecho do sexto parágrafo de “Prolegômenos”:

> **Este livro é o repositório de seus ensinos**. Foi escrito por ordem e **sob o ditado de Espíritos superiores**, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. [...] Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como **as notas** e a forma de algumas partes da redação, **constituem obra daquele que recebeu a missão de o publicar**. ([333])

Levando-se em conta que Allan Kardec afirmou que a obra *“nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado”*, podemos entender que até mesmo os

seus comentários passaram pelo crivo dos Espíritos que os revisaram.

O tradutor Evandro Noleto Bezerra lembra que, da 2ª edição (1860) até a 10ª (1863), Allan Kardec manteve em “Prolegômenos”, a seguinte nota:

> **Os princípios contidos neste livro resultam das respostas dadas pelos Espíritos às questões diretas que lhes foram propostas em diversas ocasiões**, por meio de grande número de médiuns, bem como das instruções que deram espontaneamente, a nós ou a outras pessoas, sobre as matérias que encerra. O material foi organizado de maneira a apresentar um conjunto regular e metódico, **e não foi entregue à publicidade senão depois de ter sido revisto cuidadosamente, várias vezes seguidas, e corrigido pelos próprios Espíritos**. Esta segunda edição também mereceu, da parte deles, novo e meticuloso exame.
>
> O que vem entre aspas, em seguida às perguntas, é a resposta textual dada pelos Espíritos. **O que está assinalado em letras menores, ou designado de modo especial para esse fim, compreende as notas e explicações aditadas pelo autor, e que também sofreram o**

controle dos Espíritos. [Allan Kardec] ([334])

Assim, fica comprovado que não apenas as respostas diretas, mas também as observações do Codificador, receberam o selo de autenticidade dos próprios Espíritos.

Com isso, ao estudar a evolução da alma dos animais, podemos ter segurança de que os ensinamentos ali contidos refletem o pensamento dos Espíritos superiores, constituindo base segura para nossa análise.

Para compreender o pensamento de Allan Kardec sobre a evolução, desde a primeira edição de ***O Livro dos Espíritos*** (1857), é preciso observar suas próprias palavras na "Introdução":

> Qualquer que seja, é um fato que não se pode contestar, pois é um resultado de observação, é que **os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida**, enquanto que essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e que ela é independente da inteligência e do pensamento: que **a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de**

> **certas espécies orgânicas; enfim, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento, há uma dotada de um senso moral especial que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras, é a espécie humana**.
>
> Nós chamamos enfim **inteligência animal o princípio intelectual comum aos diversos graus nos homens e nos animais**, independente do princípio vital, e cuja fonte nos é desconhecida. ([335])

Até que surja prova em contrário, podemos entender que as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento conhecidas são a humana e a animal, embora apenas a primeira tenha alcançado o pensamento contínuo.

Vejamos, no capítulo "VII – Diferentes encarnações" da 1ª edição, o que os Espíritos responderam na questão 127:

> 127 – **A alma do homem, não teria sido ela antes o princípio da vida dos últimos seres vivos da criação para chegar, por meio de uma lei progressiva, até ao homem**, em percorrendo os diversos degraus da escala orgânica?

> “**Não, não! Homens nós somos natos**.”
>
> “Cada coisa progride na sua espécie e na sua essência; o homem jamais foi outra coisa que não um homem.” ([336])
>
> Comentário de Allan Kardec:
>
> 127 – Qualquer que seja a diversidade das existências pelas quais passa nosso espírito ou nossa alma, elas pertencem todas à Humanidade; **seria um erro acreditar que, por uma lei progressiva, o homem passou pelos diferentes degraus da escala orgânica para chegar ao seu estado atual**. Assim, sua alma não pode ter sido antes o princípio da vida dos últimos seres animados da criação para chegar sucessivamente ao degrau superior: ao homem. ([337])

Nessa época, tanto os Espíritos superiores quanto o próprio Codificador afirmaram de forma categórica que a alma humana não havia percorrido outros degraus da escala orgânica. A posição era clara: o Espírito humano sempre pertenceu à Humanidade e jamais se confundiu com o princípio vital dos animais.

A primeira edição de *O Livro dos Espíritos* foi

publicada em 18 de abril de 1857, e a segunda em 18 de março de 1860. Entre essas datas, em 22 de novembro de 1859, o naturalista, geólogo e biólogo britânico Charles Darwin (1809-1882) lançou *A Origem das Espécies.* É razoável supor que o Codificador tenha tomado contato com esse trabalho, o que ajuda a explicar por que, na segunda edição, ele retorna à questão do progresso da alma humana, agora diante de uma base científica que oferecia elementos para ampliar a reflexão.

Tomando da 2ª edição de ***O Livro dos Espíritos***, vejamos algumas questões diretamente ligadas ao nosso tema.

> 23. *Que é o espírito?*
>
> "O princípio inteligente do Universo." ([338]) (itálico do original)

A resposta é particularmente significativa. Ao definir o Espírito como "*o princípio inteligente do Universo*", os Espíritos não restringem essa condição ao homem. Isso abre espaço para entendemos que os seres inferiores também possuem esse princípio, ainda que em grau distinto de desenvolvimento.

> 79. *Visto que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes são formados do elemento material?*
>
> "Evidentemente. **Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente**, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo dessa formação é que são desconhecidos." ([339]) (itálico do original)

Aqui, os Espíritos superiores afirmam que *"os Espíritos são a individualização do princípio inteligente".* Embora não se detalhe como ocorre essa individualização, o fato em si é relevante: há um processo que transforma o princípio em indivíduo. Resta-nos indagar se essa individualização significa tornar-se um ser único desde o início, ou se decorre de uma passagem anterior de uma espécie de espírito grupo ou massa. Ainda que a resposta não seja explícita, inclinamo-nos a considerar a primeira hipótese, isto é, a individualização como constituição imediata de um ser distinto.

No capítulo "XI – Os três reinos", de ***O Livro***

dos Espíritos, encontramos o conjunto de respostas e comentários que se relacionam ao nosso tema. Resumidamente, temos os seguintes pontos:

– O quadro a seguir resume o comentário de Allan Kardec à resposta da questão 585 ([340]) evidenciando que a expressão *"tudo se encadeia"* refere-se à matéria – inerte ou inorgânica – e que a inteligência instintiva é característica dos reinos animal e humano:

Questão 585, LE	**Reinos**			
Classes	**Mineral**	**Vegetal**	**Animal**	**Hominal**
Orgânico	–	–	–	**I. E.**
	–	–	**I. I.**	**I. I.**
	–	**V.**	**V.**	**V.**
Inorgânico	**M. I.**	**M. I.**	**M. I.**	**M. I.**

M. I. = Matéria Inerte (força mecânica)
V. = Vitalidade (vida orgânica)
I. I. = Inteligência Instintiva
I. E. = inteligência Especial

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. FEB, 2013, p. 269.

– Os animais possuem inteligência, embora limitada. ([341])

– Há nos animais um princípio independente da matéria que sobrevive ao corpo; podendo ser

chamado de alma. ([342])

– Após a morte, a alma dos animais conserva a sua individualidade, mas não tem consciência de si mesma. ([343])

– A alma dos animais reencarna, mas como não tem livre-arbítrio, não escolhe a espécie em que encarnará. ([344])

– Não permanecem em erraticidade; são utilizadas quase que imediatamente. ([345])

– Estão sujeitos a uma lei progressiva, progredindo pela força das coisas. Existem animais nos mundos superiores. ([346])

– A inteligência é uma propriedade comum, **ponto de contato entre a alma dos animais e a do homem**, indicando origem comum no princípio inteligente. ([347])

– Tanto animais quanto os homens retiram o princípio inteligente do elemento universal. ([348])

– A primeira fase do desenvolvimento da **alma humana passa por existências anteriores ao período da humanidade**. ([349])

– Podemos considerar **a alma humana foi, em sua origem, o princípio inteligente dos seres inferiores da criação**. *“Nesses seres [...] é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza e ensaia para a vida, [...]* ***sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização****, começando a ter consciência do seu futuro”* ([350]).

– *“**Nessa origem** [nos seres inferiores], coisa alguma há de humilhante para o homem. [...]. Acreditar que Deus haja feito, seja o que for, sem um fim, e criado **seres inteligentes sem futuro**, fora blasfemar da Sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas”* ([351]).

– A Terra não é o ponto inicial da primeira encarnação humana; o período de humanização, começa, geralmente, em mundos inferiores à Terra. ([352])

– Após a morte, o Espírito humano não tem consciência de suas existências anteriores ao período da humanidade. ([353])

– Uma vez no período humano, pode

conservar traços do estágio anterior, chamado de chamar anti-humano, dependerá da distância que medeia entre os dois períodos e o progresso realizado. ([354])

Até aqui, fica claro que o princípio inteligente evolui progressivamente a partir dos seres inferiores, até transformar-se em Espírito humano, passando a habitar um corpo adequado a essa nova fase.

Embora o texto não cite nominalmente os animais como "*seres inferiores*", o contexto permite essa interpretação. Julgamos, portanto, que se trata deles, ainda que a identificação fique em aberto para cada leitor. Mais adiante, contudo, essa associação se tornará explícita, razão pela qual, a partir deste ponto, optamos por transcrever integralmente as perguntas e respectivas respostas.

> 610. *Ter-se-ão enganado os Espíritos que disseram* ***que o homem é um ser à parte na ordem da Criação****?*
>
> "**Não, mas a questão não tinha sido desenvolvida** e há coisas que não podem vir senão a seu tempo. **De fato, o homem é um ser à parte, visto possuir faculdades que o distinguem de todos**

> **os outros e ter outro destino. A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres que podem conhecê-lo**." ([355]) (itálico do original)

Esse trecho talvez represente um dos primeiros questionamentos de Allan Kardec aos Espíritos superiores após a publicação da tese de Charles Darwin.

Entretanto, entendemos que o fato de a espécie humana ter sido escolhida para a encarnação de seres capazes de conhecer a divindade não exclui a possibilidade de que o princípio inteligente que anima esses seres tenha vindo progressivamente de um reino inferior ao humano. Assim, a distinção da humanidade não se opõe à ideia de continuidade evolutiva do princípio inteligente, mas antes a completa, situando o homem como a etapa superior dessa trajetória.

> 611. *O fato de* ***os seres vivos terem uma origem comum no princípio inteligente*** *não é a consagração da doutrina da metempsicose?*
>
> "**Duas coisas podem ter a mesma origem e absolutamente não se**

> **assemelharem mais tarde**. Quem reconheceria a árvore, suas folhas, flores e frutos no gérmen informe contido na semente de onde ela saiu? **Desde que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período de humanização, já não guarda relação com o seu estado primitivo e já não é a alma dos animais**, como a árvore já não é a semente. **No homem, só resta do animal o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria**. Não se pode, pois, dizer que tal homem é a encarnação do Espírito de tal animal. Consequentemente, a metempsicose, tal como a entendem, não é exata." ([356]) (itálico do original)

O trecho é decisivo: ao afirmar que, uma vez atingido o grau necessário para ser Espírito e entrar no período de humanização, o princípio inteligente "*já não guarda relação com o seu estado primitivo e já não é a alma dos animais*", os Espíritos deixam claro que houve uma etapa anterior ligada ao reino animal. A comparação com a semente e a árvore reforça a ideia de continuidade evolutiva: aquilo que foi princípio nos animais transforma-se, em dado momento, em Espírito humano.

> 612. *O Espírito que animou o corpo de um homem poderia encarnar num animal?*
>
> "**Isso seria retrogradar**, e o Espírito não retrograda. **O rio não remonta à sua nascente.**" (118) ([357])

A resposta é clara: uma vez alcançado o estágio humano, o Espírito não retorna ao reino animal. O termo "*retrogradar*" deve ser entendido como *"voltar a um ponto pelo qual passou"*, o que confirma a metáfora: *"o rio não remonta à sua nascente"*.

Encerramos as transcrições de ***O Livro dos Espíritos*** com os comentários de Allan Kardec com relação à metempsicose (q. 613):

> **A metempsicose seria verdadeira se por esse termo se entendesse a progressão da alma de um estado inferior a um estado superior**, em que adquirisse desenvolvimentos que lhe transformassem a natureza. Mas é falsa no sentido de transmigração direta da alma do animal para o homem e vice-versa, o que implicaria a ideia de retrogradação ou de fusão. Ora, o fato de não poder realizar-se essa fusão entre os seres corpóreos das duas espécies mostra que essas espécies se

encontram em graus não assimiláveis, devendo dar-se o mesmo com relação aos Espíritos que as animam. Se um mesmo Espírito pudesse animá-las alternativamente, haveria, como resultado, uma identidade de natureza, traduzindo-se pela possibilidade da reprodução material. **A reencarnação, tal como os Espíritos a ensinam, se baseia, ao contrário, na marcha ascendente da Natureza e na progressão do homem, dentro da sua própria espécie, o que em nada lhe diminui a dignidade.** O que o rebaixa é o mau uso que ele faz das faculdades que Deus lhe concedeu para o seu adiantamento. [...].

O ponto de partida do Espírito é uma dessas questões que se ligam ao princípio das coisas e que fazem parte dos segredos de Deus. Não é permitido ao homem conhecê-las de maneira absoluta, só lhe sendo possível fazer a tal respeito algumas suposições e construir sistemas mais ou menos prováveis. **Os próprios Espíritos estão longe de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas**.

É assim, por exemplo, que **nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais**. **Segundo alguns, o Espírito não chega ao período de humanização**

senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. **Segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela fieira animal**. **O primeiro desses sistemas tem a vantagem de dar um objetivo ao futuro dos animais, que formariam então os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes**. [...].

[...] ([358]).

Qual é a origem do Espírito? Onde está o seu ponto de partida? Forma-se do princípio inteligente individualizado? Eis um mistério que seria inútil tentar devassar e sobre o qual, como dissemos, só podemos construir sistemas. O que é certo, o que ressalta ao mesmo tempo do raciocínio e da experiência é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, sua faculdade de progredir, seu estado feliz ou infeliz, proporcional ao seu adiantamento no caminho do bem e todas as verdades morais decorrentes deste princípio. **Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, isso, repetimos, está nos segredos de Deus, como tantas outras coisas cujo conhecimento atual não importa ao nosso progresso e sobre as quais seria inútil nos determos**. ([359])

Percebe-se pontos de tensão nesse trecho, pois ora se afirma que o Espírito humano não passou pelo reino animal, ora se admite que ele tenha vindo dos seres inferiores. Essa ambivalência, aparece, por exemplo, na passagem: *"A reencarnação, tal como os Espíritos a ensinam, se baseia, ao contrário, na marcha ascendente da Natureza e na progressão do homem, dentro da sua própria espécie, o que* ***em nada lhe diminui a dignidade****."*

Se tomarmos "*dentro da própria espécie*" como referência exclusiva ao homem, a afirmação parece tautológica e pouco significativa. Porém, se entendermos "espécie" em sentido mais amplo, abrangendo os mamíferos – homens e animais –, então a ideia ganha consistência: a dignidade do homem não é diminuída pelo fato de sua alma ter passado por fase anterior no reino animal, pois isso se insere na marcha ascendente da Natureza.

Focando apenas no teor dessa transcrição, Allan Kardec reconhece que não há consenso absoluto sobre a relação entre homens e animais. Alguns Espíritos sustentam que o Espírito humano sempre pertenceu à Humanidade; outros afirmam

que ele se elaborou nos graus inferiores da Criação. Essa divergência evidencia que o tema permanece envolto em mistério, ligado ao “princípio das coisas”, e que só pode ser tratado por meio de hipóteses e sistemas prováveis.

O ponto seguro, entretanto, é a afirmação da progressão contínua do Espírito, da conservação da sua individualidade após a morte e sua destinação moral. Quanto às relações misteriosas entre homens e animais, Allan Kardec conclui que pertencem aos segredos de Deus, não sendo essenciais ao progresso imediato da humanidade. Ainda assim, considerando o conjunto de informações presentes nas obras da Codificação, torna-se convincente admitir a evolução do princípio inteligente a partir, pelo menos, do reino animal.

Da mensagem “Estudos sobre a reencarnação”, assinada por “Um Espírito protetor do médium” e publicada na ***Revista Espírita 1864***, mês de fevereiro, destacamos o 1º parágrafo do item II – A reencarnação e as aspirações do homem:

> As aspirações da alma ocasionam a sua

> realização, e esta realização se cumpre na reencarnação enquanto o Espírito está no trabalho material; eu me explico. **Tomemos o Espírito em seu início na carreira humana; estúpido e bruto,** sente, no entanto, a centelha divina nele, uma vez que adora um Deus, que ele materializa segundo a sua materialidade. **Nesse ser, ainda vizinho do animal, há uma aspiração instintiva, quase inconsciente, rumo a um estado menos inferior.** Começa por desejar satisfazer seus apetites materiais, e inveja aqueles que vê num estado melhor do que o seu; também, numa encarnação seguinte, ele mesmo escolhe, ou antes, é *arrastado* a um corpo mais aperfeiçoado; e sempre, em cada uma de suas existências, deseja uma melhoria material; não se achando jamais feliz, quer sempre subir, porque a aspiração à felicidade é a grande alavanca do progresso. ([360]) (itálico do original)

Os trechos *"em seu início na carreira humana"* e *"vizinho do animal"* são particularmente reveladores. Eles indicam que o Espírito, ao ingressar na fase humana, ainda traz consigo marcas da etapa anterior, próxima ao reino animal. A expressão "vizinho do animal" sugere claramente uma continuidade evolutiva: o princípio inteligente,

elaborado nos seres inferiores, alcança então a condição de Espírito humano.

Na ***Revista Espírita 1865***, mês de abril, foi publicado o artigo “Destruição dos seres vivos uns pelos outros”. Como prometido, destacamos apenas a nota de Allan Kardec:

> Esta explicação, como se vê, prende-se à **grave questão do futuro dos animais; nós a trataremos proximamente a fundo**, porque ela nos parece suficientemente elaborada, e **cremos que se pode desde hoje, considerá-la como resolvida em princípio, pela concordância do ensinamento**. ([361])

Temos fortes razões para crer que, ao mencionar *“à grave questão do futuro dos animais”* e prometer tratá-la *“proximamente a fundo”*, o Codificador estaria se referindo ao projeto da obra *Ensaio Sobre o Futuro dos Animais, por Allan Kardec* que pretendia publicar. De fato, manuscritos dessa obra foram encontrados e divulgados na *Revue Spirite* nos meses de abril, junho e agosto de 1911 ([362]). Em capítulo específico, citaremos alguns

trechos dela.

No *Ensaio sobre o futuro dos animais*, o Codificador retoma a questão do ponto de contato entre a alma animal e a humana, chegando inclusive a indicar qual animal julgava ser “o antecessor” do Espírito humano. Esse estudo mostra que, para ele, a evolução do princípio inteligente não era apenas uma hipótese, mas uma linha de investigação que merecia aprofundamento e sistematização.

Do artigo “Alucinação nos animais”, publicado na ***Revista Espírita 1865***, mês de setembro, para relembrar transcrevemos o seguinte trecho:

> **Um outro motivo havia feito adiar a solução relativa aos animais. Essa questão toca preconceitos há muito tempo enraizados e que teria sido imprudente chocar de frente**, e foi porque os Espíritos não o fizeram. […]. ([363])

É certo que alguma coisa já havíamos dito, porém, não uma explicação abrangente sobre a ligação entre os homens e os animais, que corroborasse a máxima: “*tudo se liga, tudo se*

encadeia, tudo se harmoniza na Natureza".

Mais uma vez, encontramos Allan Kardec afirmando que oportunamente trataria da questão do futuro dos animais. Acreditamos que somente após o dia 30 de junho de 1865 ([364]), data da comunicação do Espírito Moki, o Codificador tenha se dedicado ao *Ensaio sobre o futuro dos animais*.

Embora já tenhamos transcrito essa mensagem assinada pelo Espírito Moki, cabe aqui acrescentar o parágrafo final:

> **O instinto,** que está em toda sua força no animal, se perpetuando no homem onde se perde pouco a pouco, **é certamente um traço de união entre as duas espécies. A sutileza dos sentidos no animal,** como no selvagem e o homem primitivo, suprem nuns e noutros a ausência ou a insuficiência do senso moral**, é um outro ponto de contato**. Enfim, **a visão espiritual** que lhes é muito evidentemente comum, embora em graus muito diferentes, **vem também diminuir a distância que parece colocar entre eles uma barreira intransponível**. Disto não concluais, no entanto, nada ainda de maneira absoluta, mas observai atentamente os fatos, porque só dessa observação sairá um dia para vós a

verdade. ([365])

O instinto, a sutileza dos sentidos e a visão espiritual aparecem como elementos que aproximam os animais es homens, estabelecendo pontos de contato que reduzem a distância entre os dois reinos. A advertência final de Moki – para não concluir nada de maneira absoluta e observar atentamente os fatos – mostra que o tema ainda estava em construção, mas já indicava uma linha clara: a continuidade evolutiva do princípio inteligente, que une os seres inferiores ao homem.

Na “Introdução” de ***A Gênese***, 1ª edição em janeiro de 1868, Allan Kardec afirma que a obra foi elaborada com os mesmos critérios das anteriores, refletindo o ensino dos Espíritos superiores, mas ressalva que algumas teorias ainda são hipotéticas e devem ser tomadas como opiniões pessoais até confirmação. Isso mostra sua preocupação em distinguir o núcleo doutrinário das hipóteses em estudo.

a) Capítulo “VI – Uranografia geral”, tópico “A criação Universal”, penúltimo parágrafo do item 19:

> [...] o Espírito não chega a receber a iluminação divina, [...] **sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores,** entre os quais se elabora, lentamente, sua individualidade. [...]. ([366])

Aqui temos uma declaração taxativa: o Espírito humano passa por estágios nos seres inferiores antes de ingressar na humanidade.

b) Capítulo "X – Gênese orgânica", tópico "O homem corpóreo", itens 26 a 30:

> 26. Do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, **o homem pertence à classe dos mamíferos**, dos quais difere unicamente por algumas nuanças na forma exterior. **Quanto ao mais, a mesma composição química de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive, morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive.** Não há em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo diferente dos que se encontram no corpo dos animais. Como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que se haviam combinado para

formá-lo, de modo que esses elementos, por meio de novas combinações, vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. **A analogia é tão grande que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas no próprio homem**.

27. **Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos *bímanos***. Logo abaixo dele vêm os *quadrúmanos* (animais de quatro mãos), ou macacos, alguns dos quais, **como o orangotango, o chimpanzé, guardam certa aparência com o homem, a tal ponto que, durante muito tempo, foram denominados *homens das florestas***. Como o homem, esses macacos caminham eretos, usam cajados, constroem choças e levam o alimento à boca com o auxílio das mãos: sinais característicos.

28. **Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, reconhece-se que, desde o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e seus anéis, sem exceção de um só, têm um ponto de contato com o anel precedente**.

Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma

> ***transformação da espécie imediatamente inferior***. Visto que as condições do corpo do homem são idênticas às dos outros corpos, química e constitucionalmente, e considerando-se que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, também ele há de se ter formado nas mesmas condições que os outros.
>
> 29. **Embora isso possa custar muito ao seu orgulho, o homem deve resignar-se a não ver em seu *corpo material* senão o último anel da animalidade *na Terra***. Aí está o inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar.
>
> Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, tanto mais cresce de importância o princípio espiritual. Se o primeiro o nivela ao bruto, o segundo o eleva a uma altura incomensurável. Vemos o limite extremo do animal, mas não vemos o limite a que chegará o Espírito do homem. ([367]) (itálico do original)

Allan Kardec descreve a correspondência anatômica e química entre os homens e os animais, concluindo que o corpo humano é *"o último anel da animalidade na Terra".* Essa afirmação, ainda que possa ferir o orgulho humano, reforça a continuidade da cadeia biológica e sugere que também haja

correspondência espiritual.

c) Capítulo “XI – Gênese espiritual”, tópico “Encarnação dos Espíritos”, item 23, temos a seguinte explicação do Codificador:

> Tomando-se a humanidade no grau mais ínfimo da escala intelectual, como se encontra nos mais atrasados selvagens, pergunta-se se aí está o ponto inicial da alma humana. **Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza e elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve**, pelo exercício, suas primeiras faculdades; seria, por assim dizer, o seu período de incubação. **Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana**. **Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal**.
>
> **Este sistema, fundado na grande lei de unidade que preside à Criação, corresponde, forçoso é convir, à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam então de formar uma categoria de seres deserdados,**

> **para terem, no futuro que lhes está reservado, uma compensação a seus sofrimentos**. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem, mas os atributos especiais de que se acha dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam e dele fazem um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga que lhe deu origem. **Por haver passado pela fieira da animalidade, o homem não deixaria de ser homem**; já não seria animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto informe que o pôs no mundo.
>
> Mas este sistema levanta numerosas questões, que não convém discutir aqui, assim como não vale a pena examinar as diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Sem, pois, pesquisarmos a origem da alma, sem procurarmos conhecer as fieiras pelas quais ela porventura haja passado, **tomamo-la *ao entrar na humanidade***, no ponto em que, dotada de senso moral e de livre-arbítrio, começa a incorrer na responsabilidade de seus atos. ([368]) (itálico do original)

Ao citar a ideia de que princípio inteligente passaria pela fieira da animalidade antes de adentrar na humanidade, Allan Kardec demonstra ser isso o mais lógico, argumentando que "*este sistema,*

fundado na grande lei da unidade que preside à Criação, corresponde, forçoso é convir, à justiça e à bondade do Criador”. Por outro lado, ao afirmar *“tomamo-lo ao entrar na humanidade”* implicitamente ele aceita ter vindo de outro reino que não o humano.

A testificação com a opinião pessoal do Codificador

Na ***Revista Espírita 1869***, mês de abril, encontramos o Codificador comentando a obra *A alma: sua existência e suas manifestações*, do autor Dyonis. Destacamos o seguinte parágrafo:

> Não fosse senão deste ponto de vista, a obra do Sr. Dyonis mereceria sérios encorajamentos, porque é um campeão enérgico pela causa do Espiritualismo, que é também a do Espiritismo ao qual se vê que o autor não é estranho. Mas aí não se limita a tarefa que se impôs; **ele encara a questão da alma de maneira ampla e completa; é um daqueles que admitem seu progresso indefinido, através da animalidade, da humanidade e além da humanidade**. **Talvez, sob certos aspectos, seu livro encerre algumas proposições arriscadas, mas que é bom pôr à luz, a fim de que amadureçam pela discussão**. ([369])

As considerações positivas de Allan Kardec

sobre a obra de Sr. Dyonis são reveladoras. Ao reconhecer o valor da tese que admite o progresso indefinido da alma "*através da animalidade, da humanidade e além da humanidade*", o Codificador demonstra não ver problema algum nessa concepção. Pelo contrário, ele a considera digna de encorajamento e de debate, mesmo que contenha pontos arriscados.

Na obra ***Da Bíblia aos Nossos Dias*** (1954), de Mário Cavalcanti de Melo (?-?), encontramos uma referência ao pensamento de Allan Kardec, relatada por seu amigo Capitão Bourgués, autor de *"Psychologie Transformiste-Evolution de l'Intelligence"*, conforme Charles Trufy cita em *Causeries Spirities:*

> Quando **Kardec fez sua viagem espírita em 1862**, veio nos visitar em Provins, onde nos encontrávamos acampados; tivemos a alegria de ter o mestre alguns dias conosco. Em sua palestra ele **não nos escondeu nossa origem animal, e nos falou do progresso que devia fazer o espírito para chegar à perfeição**. Ele nos recomendou, sobretudo, de aprofundar todos os ramos da Ciência,

> assegurando-nos que nos elevaríamos por ela, e que encontraríamos no Livro dos Espíritos os elementos para tudo conhecer e tudo abraçar. ([370])

Este testemunho é significativo porque mostra Allan Kardec, em conversa pessoal, afirmando claramente a origem animal do Espírito humano e a necessidade de progresso contínuo até a perfeição. Não se trata de uma interpretação indireta, mas de uma declaração direta, registrada por alguém que conviveu com ele.

Diante das justificativas que o Codificador apresentou em suas obras sobre a progressão do princípio inteligente do reino animal para a humanidade, não há sentido em rejeitar esse testemunho do Capitão Bourgués. Pelo contrário, ele reforça a coerência entre o pensamento pessoal de Allan Kardec e os fundamentos da Codificação, confirmando que a marcha ascendente da Natureza era, para ele, uma realidade incontornável.

Em ***Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*** (2005) ([371]), apresentamos diversos personagens que apoiam essa ideia. Entre eles,

destacamos Gabriel Delanne, por frequentou o círculo íntimo do Codificador e cuja qualidade intelectiva ele enalteceu.

> **A descendência animal do homem impõe-se com evidência luminosa a todo pensador imparcial**. Somos, evidentemente, o último ramo aflorado da grande árvore da vida, e resumimos, acumulando-os, todos os caracteres físicos, intelectuais e morais, assinalados isoladamente em cada um dos indivíduos que perfazem a série dos seres. ([372])

A conclusão de Delanne é irretocável: *"A descendência animal do homem impõe-se com evidência luminosa a todo pensador imparcial"*. Nada precisamos acrescentar.

De nossa parte, não resta dúvida de que o princípio inteligente que hoje nos anima, passou, progressivamente, pelo reino animal até chegar ao grau evolutivo que lhe permitiu se transformar e adentrar à humanidade. Esse entendimento encontra respaldo tanto nas obras da Codificação quanto nos testemunhos de contemporâneos de Allan Kardec. Maiores esclarecimentos podem ser encontrados em

nossa obra mencionada.

No próximo capítulo, recorreremos a outra fonte que reúne textos de autoria do Codificador, publicados algum tempo após seu desencarne, oferecendo mais elementos para compreender sua posição sobre o tema.

Allan Kardec: ensaio sobre o futuro dos animais

Quem descobriu este material foi o pesquisador Carlos Seth Bastos, administrador da página *CSI: Imagens e registros históricos do Espiritismo*, no Facebook ([373]), tendo inclusive apontado a fonte original.

A partir dessa descoberta, surgiu a de reunir e organizar os textos publicados na *Revue Spirite* no ebook ***Ensaio Sobre o Futuro dos Animais, Por Allan Kardec***. Nesse trabalho, atuamos apenas como organizadores, disponibilizando-o aos interessados em nosso site ([374]).

Vejamos alguns trechos dos capítulos “I. Futuro dos animais” e “II. Transição da animalidade para a humanidade”, lembrando que a fonte da publicação original é a ***Revue Spirite***:

Capítulo “I – Futuro dos animais”

Se admitirmos, para os animais, como alguns afirmam que é para os humanos, que tudo começa e termina com a vida, nos deparamos com uma série de problemas não resolvidos. Se, ao contrário, admitirmos a independência do princípio inteligente, com uma sucessão de existências progressivas, toda dificuldade desaparece. **A alma animal progride?** Aí está a questão. A abelha, diz-se, constrói sua colmeia, o pássaro seu ninho, a aranha sua teia, hoje como no passado, da qual concluímos a negação do progresso; mas isso não prova nada, pois o selvagem, enquanto selvagem, também constrói sua cabana da mesma maneira, o que não o impedirá de construir um palácio mais tarde, quando for civilizado. **Justiça com relação aos animais, como com relação aos homens, só pode ser estabelecida pelo progresso; sem progresso, o ser não encontra compensação por seus sofrimentos**; agora, o progresso só pode ser realizado em existências sucessivas. A abelha é, portanto, estacionária apenas enquanto for uma abelha. Devemos acreditar que essa uniformidade em seu trabalho é necessária para a elaboração de seu princípio inteligente, até que esteja apto a se tornar outra coisa. ([375])

De todos os sistemas concernentes

ao futuro dos animais, apenas um até agora concorda com os fatos e resolve todas as dificuldades do assunto de uma maneira consistente com a justiça de Deus; é aquele que faz da alma animal o embrião da alma humana, e é também aquele que tende a prevalecer tanto na opinião geral quanto no ensino dos Espíritos. Segundo esse sistema, **a alma tem sua origem no princípio de vida dos primeiros seres orgânicos; ela então a desenvolve, passando pelos vários graus de animalidade, até o momento em que está apta a receber a centelha divina que a eleva à dignidade de alma humana**.

Esta nova fase se distingue da anterior pelas seguintes características: fala articulada, a substituição do instinto pela inteligência, livre-arbítrio, progresso voluntário e opcional, intuição da divindade e da vida futura, o sentido moral, a consciência do bem e do mal.

Nesse ponto, a alma deixa o corpo animal, doravante insuficiente para as novas faculdades, e assume um invólucro adequado ao trabalho exclusivamente inteligente e livre que deve realizar. O pensamento livre agora dominará; o instinto, como os panos da infância, tornando-se cada vez menos úteis, enfraquecerá gradualmente. […]. ([376])

[…] Filosoficamente, moralmente e equitativamente, **não é mais irracional ver na alma animal o embrião da alma humana do que ver nele um anjo futuro**. […]. ([377])

Capítulo “II – Transição da animalidade para a humanidade”

A teoria que traça a origem da alma humana aos seres inferiores da criação, toma cada dia mais consistência de opinião, e <u>incontestavelmente tem maioria no ensino dos Espíritos</u>. Partindo desse princípio, **não há dúvida de que as espécies animais mais avançadas e as raças humanas mais atrasadas devem estar na fronteira**. […]. Da observação dos fatos deduzimos consequências, mas essas consequências estão corretas? Isso é o que seria precipitado afirmar prematuramente. **A solução que oferecemos deve, portanto, ser considerada como uma opinião pessoal que abandonamos ao exame e discussão, como um objeto de estudo, e que, antes de ser afirmada, necessita da sanção do controle universal**. Neste ponto como em todos os outros, não confiaremos no conselho, nem de um homem, nem de um Espírito, nem de um grupo. Se for falso, cairá e facilmente o sacrificaremos em benefício da verdade; se estiver correto no todo ou em parte, terá aberto caminho para novas observações e

preparado a solução de um dos problemas mais importantes. ([378])

Então, qual é o animal de transição?

Se levarmos em conta apenas a forma exterior e certos hábitos, diremos sem hesitação que é o macaco. Se, pelo contrário, considerarmos a inteligência e certas qualidades morais, diremos que é o cão. Mas se o macaco é o último animal, deve ter sido um cachorro; ora, sendo o cão dotado de qualidades infinitamente superiores às do macaco, seguir-se-ia que ao se tornar macaco ele teria degenerado, o que seria contrário à lei da progressão. Por sua vez, o macaco tem modos e aptidões que o aproximam mais do homem do que do cão; se, portanto, o cão fosse o animal exclusivo de transição, teria sido o macaco, e não se entenderia isso depois de ter sido quase assimilado ao homem; ele se afastou disso. Seria menos espantoso encontrar as qualidades do cão na forma do macaco; mas o que ainda seria uma pedra de tropeço é que existem homens que, moralmente falando, valem inquestionavelmente menos do que o cão. A alma do cão, ao passar da vida animal para a humanidade, perderia, portanto, algumas de suas qualidades, o que não é racional; iluminado com o raio divino, deveria ser melhor e não pior.

Uma dificuldade ainda maior surge aqui.

Se uma única espécie deve fechar a série animal, todas devem se fundir e se resumir nesta última, sempre do ponto de vista da alma e não do corpo. No entanto, existem animais com costumes e instintos muito diferentes para admitir que poderiam ter trilhado o mesmo caminho. Na verdade, a ovelha teria de ter se tornado um tigre, ou a ovelha tigre, o que é pouco provável, pois seus instintos são diametralmente opostos, e não encontramos em um reflexo do instinto do outro. Quem quer que tenha sucesso, as qualidades essenciais da alma seriam, portanto, completamente apagadas, passando de uma para a outra. ([379])

As analogias que apontamos são fatos positivos, dos quais se pode racionalmente tirar a conclusão de que as paixões do homem têm sua origem na animalidade, e que **a alma animal, ao passar para a humanidade, carrega consigo os caracteres distintivos da espécie para qual pertenceu por último**. A alma humana preserva assim os traços de sua origem até que o progresso moral os faça desaparecer; [...]. ([380])

Tudo, portanto, concorre para provar que **a transformação da alma animal em alma humana não ocorre por uma única espécie, mas por todas aquelas que se aproximam do homem pela perfeição**

do organismo, pelo desenvolvimento intelectual, pela semelhança das inclinações e, sobretudo, por aqueles em que o livre-arbítrio começa a se libertar do jugo do instinto puramente mecânico; **são eles que podem ser considerados como as espécies de transição**. Eles são necessariamente encontrados na classe dos vertebrados, ainda mais na classe dos mamíferos e, neste último, entre as espécies domésticas ou aquelas com maior probabilidade de serem domesticados. **Na coabitação com o homem, as almas animais se desenvolvem, são moldadas pela sociabilidade**; trazem consigo instintos mais suaves; estão imbuídos, por assim dizer, de um reflexo humano, e farão com que os homens tenham um caráter mais manejável e mais adequados à civilização. As espécies ferozes serão o estoque das raças selvagens, cruéis e mais resistentes ao progresso. Nem todos, portanto, precisam passar pelo canal da selvageria bárbara; se um cão gentil, amoroso e devotado se tornasse um selvagem feroz, ele se degeneraria. Com sua inteligência e sentimentos, tudo o que ele precisa fazer é pegar uma concha humana para tornar um homem melhor do que muitos outros. Se não houvesse homens com os instintos do tigre, da raposa, do gato, do porco, do macaco e do estorninho, não haveria dificuldade em dizer que todos vêm do cão,

> mas sim da diversidade radical em suas qualidades nativas, é o indicador óbvio de diversidade na linhagem.
>
> Em suma, **a alma animal entra na humanidade por várias portas**, umas inferiores, outras superiores, mas todas, um dia, chegam ao mesmo nível. ([381])

O trecho destacado – *"A teoria que traça a origem da alma humana aos seres inferiores da criação, toma cada dia mais consistência de opinião, e incontestavelmente tem maioria no ensino dos Espíritos*" – é de enorme importância. Ele não apenas confirma o pensamento de Allan Kardec, mas também mostra que essa ideia encontrava respaldo no **Controle Universal do Ensino dos Espíritos**, critério fundamental para validar a Doutrina.

Assim, o Ensaio sobre o futuro dos animais não é apenas uma hipótese isolada, mas uma peça que se encaixa na lógica evolutiva da Codificação, reforçando a marcha ascendente da Natureza e a continuidade do princípio inteligente do reino animal ao humano.

Encontramos a opinião de quem também considerava o cão como animal de transição. Essa

informação consta de ***Kardec Prossegue*** (1991), na parte dedicada a entrevistas de Chico Xavier, na seção intitulada “O animal mais adiantado”:

> **Qual o animal mais adiantado? – O Cão**. O Cão desperta muito amor e é um modelo de fidelidade. As pessoas que amem cultivem a convivência com os animais especialmente os cães ou descendentes das raças caninas, se observarem com atenção, decerto verificarão que os vários espécimes são portadores qualidades que consideramos quase humanas, raiando pela prudência, paciência, disciplina, obediência, sensibilidade, inteligência, improvisação, espírito de serviço, vigilância e sede de carinho, infundindo-nos a ideia de que, **quanto mais perto se encontram das criaturas humanas, mais se lhes assemelham, preparando-se para o estágio mais próximo da hierarquia espiritual**. ([382])

É importante, contudo, evitar interpretações apressadas que associem essa fala à ideia, difundida por alguns confrades do movimento espírita brasileiro, de que Chico Xavier teria sido Allan Kardec reencarnado.

Entretanto, um pouco mais adiante, nessa mesma obra, o médium contradiz essa hipótese ao responder sobre a previsão de retorno do Codificador, conforme consta em *Obras Póstumas*:

> [...] eu não tenho informações positivas de Emmanuel sobre o assunto. Ele tem um respeito muito grande por Allan Kardec e não avança muito nas observações a respeito do Codificador de nossa Doutrina. ([383])

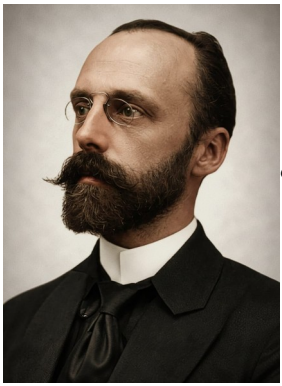
Essa posição é corroborada por outra declaração de Chico Xavier, em janeiro de 1977, registrada em ***Lições de Sabedoria: Chico Xavier nos 23 anos da Folha Espírita***:

> Pessoalmente, não tenho até hoje qualquer notícia dos Espíritos Amigos sobre o regresso do Codificador à Terra pelas vias da reencarnação. Respeito as indagações que se fazem nesse sentido, mas, de mim mesmo, admito que em se tratando de Allan Kardec reencarnado, a obra que ele esteja efetuando, ou que virá a realizar, falará com eloquência com relação à presença dele seja como for ou em qualquer lugar. ([384])

Diversas pesquisas que realizamos confirmam que Allan Kardec e Chico Xavier são individualidades bem distintas ([385]). Inclusive, como exaustivamente demonstramos em ***Chico Xavier: Uma Alma Feminina***, o psiquismo do médium era marcadamente feminino, o que reforça ainda mais essa diferenciação.

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais



Ernesto Bozzano, com muita propriedade, afirmou *“Os fatos são fatos e saberão impor-se pela sua própria força, pouco a pouco, mau grado a tudo e a todos.”* ([386]). Essa observação se aplica perfeitamente ao que conseguimos levantar sobre os animais, seja quanto à questão da erraticidade – que lhes abre espaço para que se manifestem – seja quanto às possibilidades extrassensoriais que possuem.

Apoiando-nos nos autores espíritas clássicos – Ernesto Bozzano e Gabriel Delanne – e no escritor Jean Prieur, elaboramos a seguinte tabela que evidencia algo interessante sobre as manifestações dos animais:

Fontes →	Bozzano	Delanne	Prieur	Total
Aparições e Materializações	(1) 51	(2) 12	15	78
Relação de afeto	14	09	13	36
Proporção do total	27%	75%	87%	46%
(1) Itens 6, 7 e 8; (2) Excluídos os quer foram citados por Bozzano.				

Objetivamente, podemos afirmar que uma quantidade significativa das aparições e das materializações dos animais – os chamados "*fantasmas-animais*" – estava ligada a relações afetivas com envolvidos nos relatos: tutores donos e/ou seus familiares.

Nesta outra tabela procuramos mostrar o tempo decorrido entre a morte e a manifestação:

Manifestações de animais: quanto tempo após a morte		
Ocorrência	Quant.	Perc.
Quase ou perto da hora da morte	05	27,8%
Alguns dias depois	05	50,0%
Alguns meses depois	02	
Vários anos depois	02	
Não deu para saber	04	22,2%
Total	18	100%

A questão que se impõe é: se não há animais no plano espiritual, onde permaneceriam esses seres para se manifestarem até anos após a morte?

Voltando a Allan Kardec, vejamos, na ***Revista Espírita 1859***, isto que disse:

> Assim, **uma opinião pró ou contra é sempre uma opinião individual e não tem força de lei. O que faz a lei é a opinião geral, que se forma pelos fatos**, a despeito de toda oposição, e que sobre os mais recalcitrantes exerce uma pressão irresistível. ([387])

Esse trecho de Allan Kardec é fundamental para evidenciar que não podemos apoiar de forma intransigente em uma única opinião, mesmo que provenha de parda da Codificação. O que deve prevalecer é o Controle Universal do Ensino dos Espíritos, formado pela concordância dos fatos e pela opinião geral.

Assim, no que diz respeito aos animais, não se trata de ponto fundamental já definido por Allan Kardec, mas de detalhamentos que ele não teve tempo de desenvolver plenamente. Cabe-nos,

portanto, observar os fatos, analisar os testemunhos e reconhecer que a marcha ascendente da Natureza inclui também os animais, cuja presença espiritual se manifesta de forma inequívoca.

Para que nada fique em aberto, retornemos o que dissemos no capítulo “Considerações iniciais”, onde mencionamos três pontos sofreram alterações nos conceitos espíritas, sobretudo no início da Codificação. Explicitaremos cada um deles esclarecer o motivo da citação.

1º) Momento da ligação do Espírito ao corpo

– Na **1ª edição** de O Livro dos Espíritos (1857), Allan Kardec registra que a alma se une ao corpo apenas no nascimento. Antes disso, a criança teria apenas vida orgânica, semelhante à das plantas. ([388])

– Já na **2ª edição**, (1860), o entendimento muda: a união começa na concepção, por meio de um laço fluídico que se estreita até o nascimento. ([389])

2º) O princípio inteligente passou por

algum reino anterior ao humano?

Esse ponto já foi tratado no capítulo “A evolução da alma dos animais”, por isso não o repetiremos aqui.

3º) A questão da posse física (possessão)

– Em ***O Livro dos Espíritos***, (questão 473), se afirma que um desencarnado não pode “entrar” no corpo de um encarnado, apenas identifica-se com ele. ([390])

– Em ***O Livro dos Médiuns*** (cap. XXIII, item 241), essa posição é reforçada, preferindo o termo “subjugação” ao de “possessão”, para evitar a ideia de apoderamento físico. ([391])

Entretanto, diante dos fatos – como os possessos de Morzine – Allan Kardec muda de posição. No artigo “Um caso de possessão – Srta. Julie” (*Revista Espírita 1863*, dez.), ele reconhece a possibilidade da possessão verdadeira, ainda que parcial e temporária. ([392])

Por fim, em ***A Gênese***, (cap. XIV, item 47), Allan Kardec consolida esse novo entendimento:

– Na obsessão, o Espírito atua externamente, por meio do perispírito.

– Na possessão, o Espirito desencarnado se substitui momentaneamente ao encarnado utilizando seu corpo como domicílio, sem que o encarnado o abandone. ([393])

Assim, vemos que o Codificador não hesitou em rever suas posições quando os fatos se impunham. O caso dos possessos de Morzine e o episódio da Srta. Julie foram decisivos para que ele reconhecesse a realidade da possessão física, registrando-a em sua última obra. *A Gênese*.

Portanto, não há dúvida: o último posicionamento de Allan Kardec sobre o tema foi o de admitir a possessão física, como fenômeno real, ainda que temporário e intermitente. Esse detalhe é pouco conhecido, mas é essencial para compreender a evolução de seu pensamento e a fidelidade com que sempre se guiou pela observação dos fatos.

E já que falamos em fatos, vejamos as seguintes afirmativas do Codificador:

Os fatos, eis o verdadeiro critério dos

> nossos julgamentos, o argumento sem réplica. ([394])

> Significa isso que desprezamos os fatos?
>
> Muito ao contrário, pois toda a nossa ciência está baseada sobre **nos fatos**. ([395])

> [...] contra **os fatos** é necessário depor as armas. ([396])

> [...] contra **os fatos** não há negação que possa prevalecer. [...]. ([397])

> [...] cedo ou tarde, é preciso que, diante **dos fatos**, todas as crenças se inclinem. ([398])

> Como em tudo, **os fato**s são mais concludentes que as teorias, e são eles, em definitivo, que confirmam ou destroem estas últimas [...]. ([399])

Roque Jacintho (1928-2004) em ***Chico Xavier: Quarenta Anos no Mundo da Mediunidade***, registra o que disse Dr. Ary Lex (1916-2001) a respeito do Codificador, corroborando o conteúdo dessas transcrições:

> **Kardec** deu ao Espiritismo esse mesmo caráter experimental, de **análise dos**

> **fatos. Mais vale um fato que vinte argumentos; mais vale um fato que cem afirmações altissonantes ou bombásticas, sem base científica**. Partindo de tal princípio, o Codificador procurou alicerçar o Espiritismo no conhecimento do fato experimental, do intercâmbio entre os dois mundos. **Consagrou, doutrinariamente, o controle científico que se utiliza em qualquer Ciência de laboratório**, ou seja, procurou sempre excluir as possibilidades de embuste, de fraude, de engano, de erro. Era a triagem para evitar as possibilidades do fantástico. ([400])

Temos aí um ponto decisivo para os confrades que, por desconhecimento, insistem em “fechar” a Doutrina Espírita, recusando qualquer possibilidade de mudança ou acréscimo.

Convém lembrar que o próprio Allan Kardec deixou claro que o critério supremo são os fatos, e que é por meio deles que a Doutrina se confirma ou ajusta.

Respeitaremos, naturalmente, todos os confrades que, diante de tudo que expusemos nesse ebook continuarem não aceitando tal hipótese.

Apenas lhes recomendamos que não se apoiem em “achismos”, mas que empreendam pesquisas pessoais e sérias, capazes de levá-los a um aprofundamento real do tema. Afinal, como dizia Bozzano, “*Os fatos são fatos e saberão impor-se pela sua própria força*” ([401]).

VI – FONTES BIBLIOGRÁFICAS E DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

Fontes bibliográficas

AKSAKOF, A. ***Animismo e Espiritismo – Vol. I***. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

ALEXANDER, E. ***Mapa do Céu***. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

ANDRADE, H. G. ***Você e a Reencarnação***. Bauru (SP) CEAC, 2002.

AZAMBUJA, R. C. ***Animais e Espiritismo***. Capivari (SP): EME, 2014.

BACCELLI, C. A. ***Chico Xavier: o Amigo dos Animais***. Uberaba (MG): LEEPP, 2012.

BENEDETI, M. ***Os Animais Conforme o Espiritismo***. Guarulhos (SP): Mundo Maior, 2010.

BENEDETI, M. ***Qual a Sua Dúvida Para o Tema: A Espiritualidade dos Animais***. São Paulo: Mundo Maior, 2012.

BENEDETI, M. ***Todos os Animais Merecem o Céu***. São Paulo: Mundo Maior, 2012.

BENEDETI, M. ***Todos os Animais São Nossos Irmãos***. São Paulo: Mundo Maior, 2012.

BRADLEY, H. D. ***Rumo às Estrelas***. São Paulo: Lake, 1999.

BORGIA, A. ***A Vida nos Mundos Invisíveis***. São Paulo: Pensamento, 1991.

BOZZANO, E. ***Animismo e Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

BOZZANO, E. ***Os Animais têm Alma?*** Niterói (RJ): Lachâtre, 2004.

BOZZANO, E. ***Os Fenômenos de Assombração***. (Versão digitalizada) Autores Espíritas Clássicos e Portal Luz Espírita, 2022.

BRUNE, F. ***Os Mortos nos Falam***. Sobradinho (DF): Edicel, 1991.

CAVALCANTI, A. E. ***O Céu dos Bichos***, in. *Espiritismo & Ciência*, nº 4, São Paulo: Mythos Editora, s/d, p. 18-21.

CHEUNG, T. ***Existe Vida Após a Morte***. (PDF) São Paulo: Benvirá, 2014.

DELANNE, G. ***A Alma é Imortal***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DELANNE, G. ***A Evolução Anímica***. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

DELANNE, G. ***A Reencarnação***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DENIS, L. ***Depois da Morte***. Rio de Janeiro: CELD, 2000.

DUBUGRAS, E. ***A Vida Pós-morte dos Animais***. in. *Planeta Especial – Fronteiras do Desconhecido*, p. 39-42.

FIGUEIREDO, P. H. ***Autonomia: a História Jamais Contada do Espiritismo***. São Paulo: FEAL, 2019.

FINDLAY, J. A. ***No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada***. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

FLAMMARION, C. ***O Desconhecido e os Problemas Psíquicos – Vol. I***. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

GELEY, G. ***O Ser Subconsciente: Ensaio de Síntese Explicativa dos Fenômenos Obscuros da Psicologia Normal e Anormal***. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

GIRARDI, G. ***Inteligência Animal***. In *Superinteressante, nº 209*, São Paulo: Abril, jan/2005, p. 54-59.

GOLDSTEIN, K. W. ***A Transcomunicação Através dos Tempos***. São Paulo: Ed. Jornalística Fé, 1997.

GRAMA, S. N. ***Animais, Plano Espiritual e Erraticidade.*** in. *Espiritismo o Grande Consolador*, nº 5, p. 6-10.

GUARANI, E. e PREZIA, B. ***A Criação do Mundo***. São Paulo: Formato Editorial, 2011.

JACINTHO, R. ***Chico Xavier: Quarenta Anos no Mundo da Mediunidade.*** São Paulo: Editora Luz no Lar, 1991.

KARDEC, A. ***A Gênese***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***Obras Póstumas***. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 1857***. São Paulo: IPECE, 2004.

KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. São Paulo: LAKE, 2006.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1858***. Araras (SP): IDE, 2001.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859***. Sobradinho (DF): Edicel, 2010.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Sobradinho (DF): Edicel, 2011.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1861***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1862***, Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1863***, Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***, Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1865***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1866***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1867***. Araras (SP): IDE, 1999.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1868***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1869***. Araras (SP): IDE, 2001.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1869***. (PDF). Brasília: FEB, 2009.

KERNER, J. ***A Vidente de Prevorst***. Matão (SP): O Clarim, 1979.

LEON, A. ***Sessões de Ectoplasmia: Experimentos Com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional***. Foz do Iguaçu (PR): Epígrafe, 2019.

LEONARD, G. O. ***Minha Vida em Dois Mundos***. São Paulo: Autores Espíritas Clássicos, 2016.

LOUREIRO, ***Dos Raps à Comunicação Instrumental***. Rio de Janeiro: Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz, 1993.

LOUREIRO, C. B. ***Fenômenos Espiritas no Mundo Animal***. São Paulo: Editora Mnêmio Túlio, 1997.

MARTINS, C. ***A Alma dos Animais***. São Paulo: DPL, 2001.

MARTINS, J. D. ***Um Amor, Muitas Vidas: as revelações de Chico Xavier e César Burnier sobre reencarnações na Revolução Francesa***. Rio de Janeiro: Novo Ser Editora, 2010.

MELO, M. C. ***Da Bíblia aos Nossos Dias***. Curitiba: FEP, 1954.

MIRANDA, H. C. ***O Que é o Fenômeno Anímico?*** São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 2011.

MONTGOMERY, R. ***A Vida no Além-túmulo***. Rio de Janeiro: Record, 1971.

NOBRE, M. ***Lições de Sabedoria: Chico Xavier nos 23 anos da Folha Espírita***. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997.

NOVAES, A. ***Psicologia e Mediunidade***. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2012.

OWEN, G. V. ***A Vida Além do Véu***. Rio de Janeiro: FEB, 1983.

OWEN, R. D. ***Região em Litígio Entre Este Mundo e o Outro***. Rio de Janeiro: FEB, 1982.

PEREIRA, Y. A. ***Memórias de Um Suicida***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

PIRES, J. H. ***Agonia das Religiões***. São Paulo: Paideia, 2000.

PIRES, J. H. ***Educação Para a Morte***. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 2005.

PIRES, J. H. ***Mediunidade (Vida e Comunicação)***. São Paulo: Edicel, 1987.

PIRES, J. H. ***O Infinito e o Finito (Crônicas)***. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 1983.

PRADA, I. L. S. ***A Questão Espiritual dos Animais***. São Paulo: FE Editora Jornalística, 2019.

PRIEUR, J. ***A Alma dos Animais***. Bragança Paulista (SP): Lachâtre, 2014.

RICHET, C. ***A Grande Esperança***. São Paulo: Lake, 1999.

ROHDEN, H. ***Lampejos Evangélicos***. São Paulo: Martin Claret, 1995.

SCHUBERT, S. C. ***Testemunhos de Chico Xavier***. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

SCHUTEL, C. ***A Vida no Outro Mundo***. Matão (SP): O Clarim, 2011.

SCHUTEL, C. ***Gênese da Alma***. Matão (SP): O Clarim, 1982.

SILVA, C. B. ***Gandhi, os Animais e o Progresso Espiritual***. In *Revista Internacional de Espiritismo – RIE*. Matão (SP): O Clarim, março/2011, p. 86.

SILVA, F. F. ***Os Animais no Mundo Espiritual***, in. *Revista Internacional de Espiritismo*, Ano LXXXVI – Nº 11, p. 572-574.

SILVA NETO SOBRINHO, P. ***Alma dos animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*** Divinópolis (MG): Ethos Editora, 2019.

SILVA NETO SOBRINHO, P. ***Chico Xavier: Uma Alma Feminina***. Divinópolis (MG): Ethos Editora, 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. As ***Colônias Espirituais e a Codificação***. Divinópolis (MG): Ethos Editora, 2015.

SILVA NETO SOBRINHO, P. ***Kardec & Chico: 2 Missionários***. Divinópolis (MG): Ethos Editora, 2016.

SILVEIRA, A. ***Kardec Prossegue***. São Paulo: CEU, 1991.

TUCKER, J. B. ***Vida Antes da Vida: Uma Pesquisa Científica das Lembranças Que as Crianças Têm de Vidas Passadas***. São Paulo: Pensamento, 2007.

UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA, ***Chico Xavier, Mandato de Amor***. Belo Horizonte, União Espírita Mineira, 1992.

XAVIER, F. C. ***Cartas de Uma Morta***. São Paulo: LAKE, 1981.

XAVIER, F. C. e WORM, F. ***Janela Para a Vida***. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2014.

XAVIER, F. C. ***Evolução em Dois Mundos***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

XAVIER, F. C. ***O Consolador***. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

WAAL, F. ***Somos Inteligentes o Bastante Para Saber Quão Inteligentes São os Animais?*** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

WILLIAMSON, L. ***Fantasmas, Espíritos e Aparições***. São Paulo: Butterfly Editora, 2007.

Periódicos:

Espiritismo & Ciência, nº 04, São Paulo: Mythos Editora, set/2010.

Espiritismo O Grande Consolador, nº 5. São Paulo: Mythos Editora, set/2010.

Planeta Especial – Fronteiras do Desconhecido. São Paulo: Editora Três, s/d.

Revista Internacional de Espiritismo, Ano LXXXVI – nº 2. Matão (SP): O Clarim, março/2011.

Revista Internacional de Espiritismo, Ano LXXXVI – Nº 11. Matão (SP): O Clarim, dez/2011.

Superinteressante, nº 209, São Paulo: Abril, jan/2005.

Imagens

CAPA: *A criança e o cãozinho:* https://imagens.mensagemespirita.com.br/images/uploads/posts_file_foto/ar-784x400-animais1.jpg Acesso em: 28 nov. 2019.

A SEPULTURA DE UM CÃO, disponível em: https://i.pinimg.com/564x/16/6b/89/166b898b2ed778817fc6a80a7230142c.jpg Acesso em: 10 dez. 2019.

ANIMAL CARE UNLIMITED, *Animais de estimação*, disponível em: https://www.animalcareunlimited.com/blog/wp-content/uploads/2022/12/iStock-1346380406-1-2000x1065.jpg Acesso em: 14 jul. 2023.

CACHORRO DORMINDO COM O DONO, disponível em: https://www.jornaldafranca.com.br/wp-content/uploads/2021/03/cachorro-dormindo-com-o-dono.jpg Acesso em: 22 jun. 2023.

CÃO SORRINDO, disponível em: https://www.hypeness.com.br/1/2021/02/cd1824e2-edit_dogs_and_kids_21.jpg Acesso em: 07 fev. 2023.

FEB, *Em Defesa da Vida Animal*, disponível em: https://amebh.com.br/wp-content/uploads/2021/05/WhatsApp-Image-2021-05-18-at-12.43.01-1.jpeg Acesso em: 11 mai. 2026.

COMIDA SALUDABLE ECUADOR, Garbanzos VS carne de vaca, disponível em: https://www.facebook.com/comidasaludable.ec/photos/garbanzos-vs-carne-de-vacainteresante-comparativo-nutricionaladem%C3%A0s-es-un-alimen/4138979149512696/ Acesso em: 11 mai. 2026.

INTENTBLOG, BEBÊS – Gorila e humano: https://intentblog.com/wp-content/uploads/2012/08/558641_379088145497983_381496714_n.jpeg (quebrado). Acesso em: 08 dez. 2013.

SAINTVET – CENTRO MÉDICO VETERINÁRIO, *Cão invejando gato*, disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1071882816337719&set=pb.100065700571041.-2207520000. Acesso em: 14 mar. 2025.

SENADO NOTÍCIAS, *Número estimado de cães e gatos no Brasil*, disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/imagens/info_animais_rua_pets-1.png Acesso em: 05 ago. 2026.

SHAREAMERICA, *Um inventor que eletrizou o mundo*, disponível em: https://share.america.gov/wp-content/uploads/sites/155/2025/05/GettyImages-2667562.jpg Acesso em: 14 mai. 2026.

TRANSIMAGENS: Fotos gentilmente cedidas por Sonia Rinaldi, pesquisadora da TCI, administradora do site IPATI, disponível em: https://www.ipati.org/

WEB. *Criança com o cão desencarnado*, https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQlGKjPCk8Ku-N8u9jO8WCRz8osUdftiixpJqRdWK63F5D3g7a6 Acesso em: 14 jul. 2023.

Internet

BASTOS, C. S. CSI: Imagens e registros históricos do Espiritismo, disponível em: https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo Acesso em: 27 dez. 2022.

BENEDETI, M. *Sofrimento animal*, disponível em: https://espiritananet.blogspot.com/2011/02/sofrimento-animal.html Acesso em 11 mai. 2026.

CORREIO.NEWS, *A incrível mediunidade da Sra. Piper*, disponível em: https://correio.news/curiosidades/a-incrvel-mediunidade-da-sra-piper Acesso em: 22 nov. 2023.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, *Sáurios*, disponível em: https://dicionario.priberam.org/s%C3%A1urios Acesso em: 02 jan. 2023.

FEP – Federação Espírita do Paraná, *Gustave Geley*, disponível em: http://www.feparana.com.br/topico/?topico=517 Acesso em: 05 fev. 2021.

FEP – Federação Espírita do Paraná, *Luiz Parigot de Souza*, disponível em: https://www.feparana.com.br/topico/?topico=3131 Acesso em: 11 mai. 2026.

FONSECA, *Incoerências doutrinárias na obra Evolução em Dois Mundos parte II: animais na erraticidade, conceitos de fluidos, alimentação dos Espíritos e outras questões* in *Jornal de Estudos Espíritas* (JEE 12, 010203 – 2024), disponível em: https://doi.org/10.22568/jee.v12.artn.010203 Acesso em: 01 jun. 2026.

GALLICA, *Essai sur l'humanité posthume et le spiritisme par un positiviste / Adolphe d'Assier*, disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54973316 Acesso em: 03 set. 2024.

GEFA (Grupo Espírita Francisco de Assis), *Marcel Benedeti* (biografia), disponível em: https://www.gefasorocaba.com/pagina/marcel-benedeti/30/. Acesso em 29 dez. 2022.

GOMES, F. S. *Cientista ganha prêmio de R$500 mil ao decifrar canto de ave africana. In AH Aventuras na História*, link: https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/historia-hoje/cientista-ganha-premio-de-r-500-mil-ao-decifrar-canto-de-ave-africana.phtml Acesso em: 01 set. 2026.

GUIA-HEU, *Metapsíquica*, disponível em: http://www.guia.heu.nom.br/metapsiquica.htm Acesso em: 29 nov. 2019.

JORNAL DE BRASÍLIA, *Padre Quevedo, dono do bordão "Isso non ecziste", morre aos 88 anos*, disponível em: https://jornaldebrasilia.com.br/noticias/brasil/padre-quevedo-dono-do-bordao-isso-non-ecziste-morre-aos-88-anos/ Acesso em: 07 jan. 2023.

KARDEC, A. *Essai Sur L'Avenir Des Animaux*, in. *Revue Spirite*, 54 Année, nº 8. 1º Aout 1911, Paris, p. 450-458, disponível em: https://www.retronews.fr/journal/la-revue-spirite/1-aout-1911/1829/3430273/2 Acesso em: 28 out. 2021.

KEIM, B. 'Delightful' Experiments Reveal What Birds See in Their Mind's Eye. In *National Geographic*, link: https://www.nationalgeographic.com/animals/article/japanese-songbirds-process-language-syntax Acesso em: 01 set. 2026.

LINGUEE, *Pet (plural: pets): animal de estimação*, disponível em: https://www.linguee.com.br/ingles-portugues/traducao/pet.html Acesso em: 20 abr. 2022.

MAIA, *Filosofia Espírita – Vol. XII*, disponível em: http://www.olivrodosespiritoscomentado.com/fev12q600c.html Acesso em: 29 mar. 2021.

MAIA, *Filosofia Espírita – Vol. XII*, disponível em: http://www.olivrodosespiritoscomentado.com/fev12q602c.html Acesso em: 29 mar. 2021.

MEDEIROS, F. *Cientista decifra linguagem de pássaros e fatura prêmio de US$100 mil (R$517 mil)*, in *Época Negócios*, link: https://epocanegocios.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2026/06/cientista-decifra-linguagem-de-passaros-e-fatura-premio-de-us-100-mil-r-517-mil.ghtml Acesso em: 01 set. 2026.

MICHAELIS, *Eutanásia*, disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/eutan%C3%A1sia/ Acesso em: 11 mai. 2026.

NOTÍCIAS R7, Balanço Geral MG, “Bebê abandonado em lote vago, em Sabará, é encontrado por cadela e socorrido pela PM”, 31.07.2026, disponível em https://noticias.r7.com/minas-gerais/balanco-geral-mg/video/bebe-abandonado-em-lote-vago-em-sabara-e-encontrado-por-cadela-e-socorrido-pela-pm-31072026/ Acesso em: 11 ago. 2026.

PENSADOR, *Arthur Schopenhauer (frase)*, disponível em: https://www.pensador.com/frase/NDMxNjg/ Acesso em: 24 abr. 2025.

PETIZ, *Jack Russell Terrier (raça)*, disponível em: https://www.petz.com.br/cachorro/racas/jack-russell-terrier/ Acesso em: 27 nov. 2023.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, *Kaingang*, disponível em: http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/287 Acesso em: 17. jan. 2015.

PROJETO AVES, *Chapim-japonês mostra gesto “educado” para permitir entrada nos ninhos*, link: https://pick-upau.org.br/projeto_aves/noticias/noticias_2024/2024.08.02_materia-aves-chapim-japones/materia-projeto-aves-chapim-japones-new.htm Acesso em: 01 set. 2026.

SENADO NOTÍCIAS, *CMA aprova aumento da punição para maus-tratos a animais*, disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2025/08/26/cma-aprova-aumento-da-punicao-para-maus-tratos-a-animais Acesso em: 05 ago. 2026.

SILVA NETO SOBRINHO, P. (org). *Ensaio Sobre o Futuro dos Animais, por Allan Kardec*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-ensaio-sobre-o-futuro-dos-animais-ebook Acesso em: 08 ago. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*, disponível em: https://www.ethoseditora.com.br/book/details/alma-dos-animais-estagio-anterior-da-alma-humana Acesso em: 08 ago. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Criações Fluídicas: Um Breve Ensaio*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/criacoes-fluidicas-um-breve-ensaio Acesso em: 08 ago. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *O Espiritismo ainda não tem ponto final*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/o-espiritismo-ainda-nao-tem-ponto-final Acesso em: 08 ago. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/possessao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook Acesso em: 08 ago. 2024.

UEM. *Ernesto Bozzano*, disponível em: https://www.uemmg.org.br/biografias/ernesto-bozzano Acesso em: 04 fev. 2021.

WIKIPÉDIA, *Dieppe*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dieppe Acesso em: 10 mai. 2023.

WIKIPÉDIA, *Yvonne do Amaral Pereira*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Yvonne_do_Amaral_Pereira Acesso em: 24 fev. 2021.

ZARRELL, M. *President Trump signs animal cruelty bill into law, making it a federal felony*. In ABC News, disponível em: https://abcnews.com/Politics/president-trump-sign-animal-cruelty-bill-law-making/story?id=67295654 Acesso em: 05 ago. 2025.

Dados biográficos do autor

Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** – Grupo de Apologética Espírita (https://apologiaespirita.com.br/), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (https://paulosnetos.net) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa;* 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?;* 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas;* 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica;* 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação;* 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I;* 7) *Espiritismo e Aborto; 8) Chico Xavier: Uma Alma Feminina* e 9) *Perispírito: Provas Científicas de Ser o Molde do Corpo Físico*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II, 2) Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III;* 3) *Racismo em Kardec?;* 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem);* 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso;* 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?;* 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta;* 10) *Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?;* 11) *A Mulher na Bíblia;* 12) *Todos Nós Somos Médiuns?;* 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas;* 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito;* 15) *Allan Kardec e a Lógica da Reencarnação*; 16) *O Fim dos Tempos Está Próximo?;* 17) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves;* 18*) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?;* 19) *A Aura e os Chakras no Espiritismo;* 20) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?;* 21) *Espiritismo: Religião Sem Dúvida;* 22) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 23) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 24) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma;* 25) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina;* 26) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução;* 27) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas;* 28) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 29) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 30) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; 31) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita;* 32) *Allan Kardec: Sua Mediunidade e os Fenômenos Que Protagonizou;* 33) *A Pesquisa de Ernesto Bozzano Confirma e Complementa a Codificação Espírita* e 34) *Se Não Consta na Codificação, Não Existe*.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

1 ANIMAL CARE UNLIMITED, *Animais de estimação*, disponível em: https://www.animalcareunlimited.com/blog/wp-content/uploads/2022/12/iStock-1346380406-1-2000x1065.jpg

2 LINGUEE, *Pet (plural: pets)*: animal de estimação, disponível em: https://www.linguee.com.br/ingles-portugues/traducao/pet.html

3 Saintvet Centro Médico Veterinário, cão invejando gato, disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1071882816337719&set=pb.100065700571041.-2207520000 e Bebês – Gorila e humano: https://intentblog.com/wp-content/uploads/2012/08/558641_379088145497983_381496714_n.jpeg (quebrado)

4 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 601, p. 274.

5 XAVIER, *Evolução em Dois Mundos*, p. 212.

6 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questões 593 e 595, p. 272-273.

7 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, cap. XXII, item 236, p. 256.

8 ETHOS EDITORA, *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?* À venda em: https://ethoseditora.com.br/book/details/alma-dos-animais-estagio-anterior-da-alma-humana.

9 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, FEB, p. 414-416.

10 NOTÍCIAS R7, Balanço Geral MG, “Bebê abandonado em lote vago, em Sabará, é encontrado por cadela e socorrido pela PM”, 31.07.2026, disponível em https://noticias.r7.com/minas-gerais/balanco-geral-mg/video/bebe-abandonado-em-lote-vago-em-sabara-e-encontrado-por-cadela-e-socorrido-pela-pm-31072026/

11 PENSADOR, Frase de Arthur Schopenhauer, disponível em: https://www.pensador.com/frase/NDMxNjg/.

12 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 888-a, p. 381.

13 ROHDEN, *Lampejos Evangélicos*, p. 189.

14 SILVA NETO SOBRINHO, *O Espiritismo ainda não tem ponto final*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/o-espiritismo-ainda-nao-tem-ponto-final

15 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 223.

16 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 122.

17 DENIS, *Depois da Morte*, p. 243.

18 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, cap. IX – Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo, tópico “Possessos”, q. 473.

19 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII – Obsessão, item 240 e 241.

20 KARDEC, *A Gênese*, cap. XVI – Os fluidos, tópico “Obsessões e possessões”, itens 47.

21 SILVA NETO SOBRINHO, *Possessão: Espíritos possuindo fisicamente os encarnados,* disponível em: https://paulosnetos.net/article/possessao-espiritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook

22 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 127-128.

23 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 122.

24 MIRANDA, *O que é fenômeno anímico?*, p. 149.

25 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 263.

26 PIRES, *Agonia das Religiões*, p. 66-77.

27 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 272.

28 KEIM, ‘Delightful’ Experiments Reveal What Birds See in Their Mind’s Eye. In *National Geographic*, link: https://www.nationalgeographic.com/animals/article/japanese-songbirds-process-language-syntax

29 PROJETO AVES, *Chapim-japonês mostra gesto "educado" para permitir entrada nos ninhos*, link: https://pick-upau.org.br/projeto_aves/noticias/noticias_2024/2024.08.02_materia-aves-chapim-japones/materia-projeto-aves-chapim-japones-new.htm

30 MEDEIROS, *Cientista decifra linguagem de pássaros e fatura prêmio de US$100 mil (R$517 mil)*, in *Época Negócios*, link: https://epocanegocios.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2026/06/cientista-decifra-linguagem-de-passaros-e-fatura-premio-de-us-100-mil-r-517-mil.ghtml

31 GOMES, *Cientista ganha prêmio de R$500 mil ao decifrar canto de ave africana. In AH Aventuras na História*, link: https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/historia-hoje/cientista-ganha-premio-de-r-500-mil-ao-decifrar-canto-de-ave-africana.phtml

32 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 272-273.

33 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 251-252.

34 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 253-255.

35 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 256-257.

36 KARDEC, *Revista Espírita 1860,* p. 196-198.

37 Provavelmente trata-se da "cesta de bico", descrita em *O Livro dos Médiun*s, cap. 2ª parte, item 154, p. 166.

38 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 255.

39 NOVAES, *Psicologia e Mediunidade*, p. 163-164.

40 Kardec informa que se trata de "Extrato da obra alemã: *Os Fenômenos místicos da vida humana*, por Maximilien Perty, professor na universidade de Berna. – Leipzig e Heidelberg, 1861."

41 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 23-24.

42 Na versão francesa: "[...] à moins d'admettre que la matière brute: **le bois**, la pierre, etc., puisse avoir de l'imagination. (KARDEC, *Revue Spirite*, p. 271). A

tradução correta de “le bois” é “a madeira” e não “o boi” como consta na edição do IDE, traduzida por Salvador Gentile (1927-2018).

43 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 270-276.

44 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 276.

45 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 319-320.

46 N.T.: *Edinburgh Medical and Surgical Journal*, vol. LXIV, págs. 1867.

47 OWEN, D. *Região em Litígio Entre Este Mundo e o Outro*, p. 247-249.

48 Galgo: raça de cão.

49 N.T.: “Incursões nas fronteiras de outro mundo”, pág. 326.

50 Mastim: raça de cão.

51 N.T.: “Os milagres e o moderno espiritualismo”, pág. 112.

52 DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 121-124.

53 SCHUTEL, *Gênese da Alma*, p. 84-85.

54 LOUREIRO, *Dos Raps à Comunicação Instrumental,* p. 103-104.

55 “**Perto da Cidade de Lowenstein**, no Wurtemberg, em meio às montanhas, cujo ponto mais elevado atinge 1879 pés acima do nível do mar, rodeada de colinas e vales, num recesso pitoresco, estende-se a **aldeiazinha de Prevorst**. Conta pouco mais de 400 habitantes, que vive a maior parte da exploração da floresta para a fabricação de carvão e colheita de produtos nativos.”, primeiro parágrafo do capítulo “I – A vida e as faculdades da vidente”. (KERNER, *A Vidente de Prevort*, p. 1)

56 KERNER, *A Vidente de Prevorst*, p. 201-202.

57 Provavelmente trata-se do escritor Adolphe d'Assier (1827-1889), que o cita em outras obras.

58 DELANNE, *A Reencarnação,* p. 113.

59 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 25-26.

60 PRIEUR, *A Alma dos Animais*, p. 119.

61 PRIEUR, *A Alma dos Animais*, p. 119-120.

62 N.T.: Les morts ont donné signe de vie, Fayard, edição de bolso, 1976, pp 29-30

63 BRUNE, *Os Mortos nos Falam*, p. 34-35.

64 LOUREIRO, *Fenômenos Espiritas no Mundo Animal*, p. 67-68.

65 N.T.: Segundo entendimentos com o plano espiritual, agendou-se data (04/05/91) em que o Espírito Álvaro, líder de uma grande equipe de Espíritos zoófilos, respondeu pessoalmente a 64 questões sobre os animais, previamente organizadas e formuladas por integrantes do Grupo da Fraternidade Espírita Irmão Américo, do Jardim Amanda, em Hortolândia, SP. A convite do grupo, participei e agradeço.

66 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 222.

67 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 13-15.

68 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 18-19.

69 DELANNE, *A Reencarnação,* p. 92-93.

70 MARTINS, C. *A Alma dos Animais*, p. 68-69.

71 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 256.

72 N.T.: Fouts R. Mills ST. *O parente mais próximo*. Rio de Janeiro: Objetiva; 1998.

73 N.T.: Fouts R. Mills ST. *O parente mais próximo*. Rio de Janeiro: Objetiva; 1998.

74 N.T.: Bozzano E. *Les manifestations métapsychiques des animaux. 130 cas prouvant la médiunnté animale*. Paris: JMG Editions; 2001.

75 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 248-249.

76 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 145-146.

77 UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA, *Chico Xavier, Mandato de Amor*, p. 269-270.

78 BENEDETI, *Todos os Animais São Nossos Irmãos*, p. 166-167.

79 BENEDETI, *Sofrimento animal*, disponível em: https://espiritananet.blogspot.com/2011/02/sofrimento-animal.html

80 MICHAELIS, *Eutanásia*, disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/eutan%C3%A1sia/

81 BENEDETI, *Todos os Animais Merecem o Céu*, p. 173-174.

82 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 319.

83 BENEDETI, *Todos os Animais São Nossos Irmãos*, p. 137-139.

84 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 260.

85 N.T.: Prada, ILS Os animais são seres sencients. In: Tréz T, organizador. Instrumento animal. O uso prejudicial de animais no Ensino Superior. Bauru: Canal 6 Projetos Editoriais, 2008. p. 15-41.

86 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 261.

87 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 264.

88 COMIDA SALUDABLE ECUADOR, *Garbanzos VS carne de vaca*, disponível em: https://www.facebook.com/comidasaludable.ec/photos/garbanzos-vs-carne-de-vacainteresante-comparativo-nutricionaladem%C3%A0s-es-un-alimen/4138979149512696/

89 XAVIER, *O Consolador*, questão 129, p. 82.

90 XAVIER e WORM, *Janela Para a Vida*, p. 85.

91 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 124.

92 SILVA, *Gandhi, os Animais e o Progresso Espiritua*l. In *Revista Internacional de Espiritismo*, março/2011, p. 86.

93 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 243.

94 KARDEC, *O Livro dos Espíritos,* p. 323.

95 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 733, p. 322;

96 FEB, *Em Defesa da Vida Animal*, disponível em: https://amebh.com.br/wp-content/uploads/2021/05/WhatsApp-Image-2021-05-18-at-12.43.01-1.jpeg

97 ZARRELL, *President Trump signs animal cruelty bill into law, making it a federal felony*. In ABC News, disponível em: https://abcnews.com/Politics/president-trump-sign-animal-cruelty-bill-law-making/story?id=67295654

98 SENADO NOTÍCIAS, *CMA aprova aumento da punição para maus-tratos a animais*, disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2025/08/26/cma-aprova-aumento-da-punicao-para-maus-tratos-a-animais

99 SENADO NOTÍCIAS, *Número estimado de cães e gatos no Brasil*, disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/imagens/info_animais_rua_pets-1.png

100 A sepultura de um cão, disponível em: https://i.pinimg.com/564x/16/6b/89/166b898b2ed778817fc6a80a7230142c.jpg

101 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 274.

102 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 313.

103 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 313.

104 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 140.

105 Ver *O Livro dos Espíritos*, Livro Segundo, Capítulo XI – Os três reinos, tópico “Os animais e o homem”, q. 602-604.

106 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 599, p. 274.

107 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 216.

108 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 91.

109 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 276.

110 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 415.

111 FONSECA, *Incoerências doutrinárias na obra Evolução em Dois Mundos parte II: animais na erraticidade, conceitos de fluidos, alimentação dos Espíritos e outras questões* in *Jornal de Estudos Espíritas* (JEE 12, 010203 – 2024), disponível em: DOI: 10.22568/jee.v12.artn.010203.

112 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 130.

113 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 140.

114 Sobre a existência de colônias no mundo espiritual, recomendamos o nosso livro *"As Colônias Espirituais e a Codificação"*, Ethos Editora, de Divinópolis (MG): captacao@geec.org.br, tel.: (37) 3222-3163.

115 BENEDETI, *Qual a sua Dúvida para o Tema: A Espiritualidade dos Animais*, p. 308.

116 BENEDETI, *Os Animais Conforme o Espiritismo*, p. 57-58.

117 São elas: 1) *Todos os animais merecem o céu* (2004); 2) *Todos os animais são nossos irmãos* (2005); 3) *Histórias "Animais" que as pessoas contam* (2006); 4) *Qual a sua dúvida para o tema: a espiritualidade dos animais* (2007); 5) *Errar é humano, perdoar é canino* (2007); 6) Os animais conforme o espiritismo (2008); 7) *Curando animais com homeopatia* (2009); 8) Animais: tudo o que você precisa saber (2009); 9) De Jesus a Chico Xavier (2009); e 10) *Meus amigos inteligentes* (2010). (https://www.gefasorocaba.com/pagina/marcel-benedeti/30/)

118 GRAMA, *Animais, Plano Espiritual e Erraticidade*, in. *Espiritismo O Grande Consolador*, nº 5, p. 6.

119 SILVA, *Os animais no mundo espiritual*, in. *Revista Internacional de Espiritismo*, Ano LXXXVI – Nº 11, p. 572.

120 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 225-227.

121 BENEDETI, *Todos os Animais São Nossos Irmãos*, p. 184-187.

122 Metapsíquica – (do gr. *meta* – além + *psikê* – alma + suf.). Ciência estabelecida e estruturada por Charles Richet, destinada a estudar os fenômenos que transcendiam à Psicologia e que fugiam ao domínio físico da ciência dita materialista. [...]. (http://www.guia.heu.nom.br/metapsiquica.htm)

123 RICHET, *A Grande Esperança*, p. 163.

124 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 263.

125 KARDEC, Revista Espírita 1867, p. 122.

126 BENEDETI, *Todos os Animais São Nossos Irmãos*, p. 222.

127 BENEDETI, *Todos os Animais Merecem o Céu*, p. 40.

128 BENEDETI, *Todos os Animais Merecem o Céu*, p. 46-47.

129 BENEDETI, *Todos os Animais Merecem o Céu*, p. 56.

130 BENEDETI, *Todos os Animais Merecem o Céu*, p. 129-130.

131 BENEDETI, *Todos os Animais Merecem o Céu*, p. 151.

132 BENEDETI, *Todos os Animais Merecem o Céu*, p. 179-180.

133 BACCELLI, *Chico Xavier: o Amigo dos Animais*, p. 109-110.

134 GUARANI e PREZIA, *A criação do mundo*, p. 58.

135 GUARANI e PREZIA, *A criação do mundo*, p. 58.

136 Site Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo: http://www.museuindiavanuire.org.br/india-vanuire/os-kaingang

137 POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, *Kaingang*, disponível em: http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/287.

138 GUARANI e PREZIA, *A criação do mundo*, p. 58.

139 ALEXANDER, *Mapa do Céu*, p. 113.

140 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 168.

141 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 268.

142 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 82.

143 INTERNET, *Imagem de Uma criança com o cão desencarnado*, https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQlGKjPCk8Ku-N8u9jO8WCRz8osUdftiixpJqRdWK63F5D3g7a6

144 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, Edicel, p. 54.

145 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, LAKE, p. 114.

146 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 214-216.

147 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, LAKE, p. 112.

148 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, LAKE, p. 116.

149 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, LAKE, p. 117.

150 KARDEC, *A Gênese*, p. 241.

151 KARDEC, *Revista Espírita 1858,* p. 169-170.

152 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 78.

153 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 102.

154 DELANNE, *A Reencarnação*, p. 106.

155 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 344-345.

156 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 245.

157 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 10.

158 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 10.

159 RICHET, *A Grande Esperança*, p. 155.

160 RICHET, *A Grande Esperança*, p. 154-155.

161 RICHET, *A Grande Esperança*, p. 174-175.

162 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 121-122.

163 LOUREIRO, *Fenômenos Espíritas no Mundo Animal*, p. 83-84.

164 TUCKER, *Vida Antes da Vida: Uma Pesquisa Científica das Lembranças Que as Crianças Têm de Vidas Passadas*, p. 16.

165 AZAMBUJA, *Animais e Espiritismo,* p. 95-96.

166 SILVA NETO SOBRINHO, *Criações Fluídicas: Um Breve Ensaio*, disponível em: https://paulosnetos.net/article/criacoes-fluidicas-um-breve-ensaio

167 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 322.

168 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 114.

169 Dieppe ou, na sua forma portuguesa, Diepa é uma comuna francesa na região administrativa da Normandia, no departamento do Sena Marítimo. (WIKIPÉDIA)

170 CACHORRO DORMINDO COM O DONO (imagem), disponível em: https://www.jornaldafranca.com.br/wp-content/uploads/2021/03/cachorro-dormindo-com-o-dono.jpg.

171 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 127-131.

172 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 131-132.

173 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 132.

174 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 132-133.

175 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 133-134.

176 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 253.

177 FIGUEIREDO, *Autonomia: a História Jamais Contada do Espiritismo*, p. 57.

178 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 44.

179 FEP – Federação Espírita do Paraná, Gustave Geley, disponível em: http://www.feparana.com.br/topico/?topico=517

180 GELEY, *O Ser Subconsciente: Ensaio de Síntese Explicativa dos Fenômenos Obscuros da Psicologia Normal e Anormal*, p. 23-24.

181 LEON, *Sessões de Ectoplasmia: Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional*, p. 201.

182 LEON, *Sessões de Ectoplasmia: Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional,* p. 233.

183 LEON, *Sessões de Ectoplasmia: Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional*, p. 264-265.

184 LEON, *Sessões de Ectoplasmia: Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional*, p. 268,

185 LEON, *Sessões de Ectoplasmia: Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional*, p. 271.

186 LEON, *Sessões de Ectoplasmia: Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional*, p. 276.

187 LEON, *Sessões de Ectoplasmia: Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional*, p. 284-285.

188 LEON, Sessões de Ectoplasmia: Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional, p. 286.

189 LEON, *Sessões de Ectoplasmia: Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional*, p. 290.

190 LEON, *Sessões de Ectoplasmia: Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional*, p. 291.

191 LEON, *Sessões de Ectoplasmia: Experimentos com Ectoplasma na França de 1920 no Instituto de Metapsíquica Internacional*, p. 292.

192 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 323.

193 N.T.: Dassier – "L'Humanité posthume", págs. 83 e seguintes. (1883).

194 N.T.: Reichenbach – "Lettres odiques mkagnétiques".

195 N.T.: "Rapport du docteur Kerner".

196 DELANNE, *A Evolução Anímica*, p. 85-88.

197 GALLICA, *Essai sur l'humanité posthume et le spiritisme par un positiviste / Adolphe d'Assier*, link: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54973316

198 N.T.: *Psychische Studien*, revista, julho de 198, pág. 64.

199 N.T.: Caso colhido em *Psychische Studien*, de novembro de 1905.

200 DELANNE, *A Reencarnação*, p. 99.

201 Caso XI publicado por Bozzano em *Os Animais Têm Alma?*, p. 29-30.

202 N.T.: Deixo de mencionar quatro outros casos: *Procoedings of the S.P.R.*, v. X, pág. 127; *Phantasm of the Living*, v. II, pág. 446; *Journal of the S. P. R.*, v. VI, pág. 375; *Journal of the S. P. R*., v. XII, pág. 21.

203 DELANNE, *A Reencarnação*, p. 105-107.

204 DELANNE, *A Reencarnação*, p. 107-108.

205 DELANNE, *A Reencarnação*, p. 108.

206 DELANNE, A Reencarnação, p. 110-111.

207 N.T.: *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, setembro, 1907, pág 190.

208 N.T.: *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, maio, 1914.

209 DELANNE, *A Reencarnação*, p. 111-113.

210 DELANNE, *A Reencarnação*, p. 114-115.

211 Quatro casos de Gustave Geley são citados por Bozzano entre os dez não numerados, em *Os Animais Têm Alma?*, p. 118-121.

212 N.T.: *Rev. Mét.*, julho 1901, jan. 1923, nov. 1923: materialização de forma animais com o médium Guzik.

213 DELANNE, *A Reencarnação,* p. 115-116.

214 Cão sorrindo, disponível em: https://www.hypeness.com.br/1/2021/02/cd1824e2-edit_dogs_and_kids_21.jpg

215 UEM – *Ernesto Bozzano*, disponível em: https://www.uemmg.org.br/biografias/ernesto-bozzano

216 BOZZANO, *Os Fenômenos de Assombração*, p. 13.

217 BOZZANO, *Os Fenômenos de Assombração*, p. 46-48.

218 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 224-225.

219 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 104-106.

220 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 133-134.

221 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 117-118.

222 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 115.

223 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 147.

224 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 148-149.

225 Constava: Dr. Luis Parigote de Sousa, corrigido com base no portal da FEP – Federação Espírita do Paraná, link: https://www.feparana.com.br/topico/?topico=3131

226 PIRES, *Educação Para a Morte*, p. 145-146.

227 PIRES, *Mediunidade (Vida e Comunicação)*, p. 97-98.

228 PIRES, *O Infinito e o Finito (Crônicas)*, p. 99.

229 “O conhecido parapsicólogo, historiador e antropólogo francês, dr. H. C. Raoul Montandon [(1877-1950)] publicou em 1943 um livro intitulado *De la Bête à l'Homme* (Montandon, 1943). Nesse trabalho, ele relata uma soma enorme de casos extraordinários ocorridos com animais diversos.” (GOLDSTEIN, *A Transcomunicação Através dos Tempos*, p. 31)

230 MONTANDON, H. C. R. *De la Bête à l'Homme* (Montandon, 1943).

231 GOLDSTEIN, *A Transcomunicação Através dos Tempos*, p. 32-33.

232 Essa informação poderá ser comprovada na obra *Rumo às Estrelas*, p. 62;

233 Sáurios: s. m. plural 3. [Zoologia] Ordem de répteis que compreende os lagartos, os cincos ou orvetos, as cobras-de-vidro, etc. in *Dicionário Priberam*: https://dicionario.priberam.org/s%C3%A1urios.

234 ANDRADE, *Você e a Reencarnação*, p. 69-77.

235 SCHUTEL, *Gênese da Alma*, p. 102-103.

236 SCHUTEL, *A Vida no Outro Mundo*, p. 50.

237 SCHUTEL, *A Vida no Outro Mundo*, p. 50-52.

238 DELANNE, *A Reencarnação*, p. 107-108.

239 PRIEUR, *A Alma dos Animais*, p. 121-122.

240 CHEUNG, *Existe Vida Após a Morte*, p. 12.

241 CHEUNG, *Existe Vida Após a Morte*, p. 164-165.

242 CHEUNG, *Existe Vida Após a Morte*, p. 165-166.

243 Raça: Jack Russell Tirrier, disponível em: https://www.petz.com.br/cachorro/racas/jack-russell-terrier/

244 CHEUNG, *Existe Vida Após a Morte,* p. 166-168.

245 CHEUNG, *Existe Vida Após a Morte*, p. 168.

246 CHEUNG, *Existe Vida Após a Morte*, p. 168.

247 DUBUGRES, *A vida pós-morte dos animais*, in. *Planeta Especial – Fronteiras do Desconhecido*, p. 39-40.

248 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 276.

249 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 212.

250 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 600, p. 274.

251 KARDEC, *O Livro dos Médiuns,* item 283, q. 36, p. 313.

252 OWEN, G. *A Vida Além do Véu*, p. 115.

253 OWEN, G. *A Vida Além do Véu*, p. 139.

254 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 89.

255 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 67.

256 MONTGOMERY, A Vida no Além-túmulo, p. 44-45.

257 MONTGOMERY, *A Vida no Além-túmulo*, p. 66-67.

258 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 134-135.

259 CORREIO.NEWS, *A incrível mediunidade da Sra. Piper*, disponível em: https://correio.news/curiosidades/a-incrvel-mediunidade-da-sra-piper

260 LOUREIRO, *Fenômenos Espíritas no Mundo Animal,* p. 85-87.

261 LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 120-121.

262 LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 135.

263 LEONARD, *Minha Vida em Dois Mundos*, p. 172.

264 PEREIRA, *Memórias de Um Suicida*, p. 29.

265 PEREIRA, *Memórias de Um Suicida*, p. 59.

266 PEREIRA, *Memórias de Um Suicida*, p. 416.

267 WIKIPÉDIA, *Yvonne do A. Pereira*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Yvonne_do_Amaral_Pereira

268 Originalmente grafado: Lorde.

269 SCHUBERT, *Testemunhos de Chico Xavier,* 283-284.

270 MARTINS, *Um Amor, Muitas Vidas: as revelações de Chico Xavier e César Burnier sobre reencarnações na Revolução Francesa*, p. 19.

271 GRAMA, *Animais, Plano Espiritual e Erraticidade*, in. *Espiritismo O Grande Consolador*, nº 5, p. 6.

272 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 37-38.

273 WILLIAMSON, *Fantasmas, Espíritos e Aparições*, p. 23.

274 CAVALCANTI, *O Céu dos Bicho*s, in. *Espiritismo & Ciência*, nº 04, p. 21.

275 Famosa frase do Pe. Quevedo (1930-2019), padre jesuíta de origem espanhola, com a qual negava a interferência espiritual nos fenômenos psíquicos, disponível em: https://jornaldebrasilia.com.br/noticias/brasil/padre-quevedo-dono-do-bordao-isso-non-ecziste-morre-aos-88-anos/

276 AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo – Vol. I*, p. 44.

277 SHAREAMERICA, Um inventor que eletrizou o mundo, disponível em: https://share.america.gov/wp-content/uploads/sites/155/2025/05/GettyImages-2667562.jpg

278 FLAMMARION, *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*, p. 21.

279 KARDEC, *O Livro dos Espíritos,* p. 277.

280 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 273-274.

281 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 275.

282 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 71.

283 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 112.

284 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 223-232.

285 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 87.

286 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 94.

287 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 208-224.

288 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, IDE, p. 217.

289 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, EDICEL, p. 246.

290 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, FEB, p. 321.

291 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, EDICEL, p.255.

292 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, EDICEL, p. 285-286.

293 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 319.

294 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 151-153.

295 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 27-28.

296 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 68-71.

297 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 98-99.

298 KARDEC, *A Gênese*, p. 108-110.

299 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 131-132.

300 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 131-132.

301 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 272-276.

302 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 63-76.

303 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 262.

304 BENEDETI, *Todos os Animais Merecem o Céu*, p. 180-181.

305 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, 217-218.

306 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 112.

307 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 280.

308 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 273-274.

309 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 274.

310 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 220-221.

311 KARDEC, *Obras Póstumas,* p. 218-219.

312 Nota: **O autor dessa interessante descrição é um desses adeptos fervorosos e esclarecidos** que não temem confessar francamente suas crenças, e se coloca acima da crítica de pessoas que não creem em nada daquilo que sai do círculo de suas ideias. [...] **Seu**

trabalho revela o escritor distinto que, embora jovem ainda, já conquistou um lugar honroso na literatura, e **une ao talento de escrever, os profundos conhecimentos de sábio**; nova prova que o Espiritismo não recruta entre os tolos e os ignorantes. Fazemos votos para que o senhor Sardou complete, o mais rápido possível, seu trabalho tão felizmente começado. [...]. (ALLAN KARDEC, grifo nosso)

313 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 225.

314 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 154.

315 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 254-255.

316 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 254.

317 KARDEC, *A Gênese*, cap. III – O bem e o mal, p. 70-72.

318 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 98.

319 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 272.

320 BENEDETI, *Os Animais Conforme o Espiritismo*, p. 63-64.

321 GIRARDI, *Inteligência animal*, p. 56-57.

322 N.T.: Kinji Imanishi, *Man*: Junichiro Itani e Akisato Nishimura, “The study of infrahuman culture in Japan”.

323 WAAL, *Somos inteligentes o bastante para saber quão inteligentes são os animais?*, p. 79-80.

324 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 98.

325 MAIA, *Filosofia Espírita vol. XII*, disponível em: http://www.olivrodosespiritoscomentado.com/fev12q600c.html

326 MAIA, Filosofia Espírita vol. XII, disponível em: http://www.olivrodosespiritoscomentado.com/fev12q602c.html

327 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 71.

328 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 225-226.

329 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 280.

330 KARDEC, *Revista Espírita 1864,* p. 66.

331 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 276.

332 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 276-277.

333 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 47.

334 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 49.

335 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira edição de 1857*, p. 3 e KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 15.

336 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira edição de 1857*, p. 65.

337 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira edição de 1857*, p. 65.

338 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 60.

339 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 84.

340 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 269.

341 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 593, p. 272.

342 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 597, p. 273.

343 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 598, p. 273-274.

344 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 599, p. 274.

345 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 600, p. 274.

346 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 601 a 604, p. 274-275.

347 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 604-a, p. 275.

348 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 606, p. 276.

349 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 607, p. 276.

350 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 607-a, p. 276-277.

351 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 607-a, p. 277.

352 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 607-b, p. 277.

353 KARDEC, *O Livro dos Espíritos,* q. 608, p. 277.

354 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 609, p 278.

355 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 278.

356 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 278.

357 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 279.

358 Como o parágrafo que aqui estamos “cortando” foi transcrito no capítulo “Onde e quando se dá o progresso dos animais”, não vemos razão para o transcrever novamente.

359 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 279-280.

360 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 51.

361 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 99.

362 KARDEC, *Essai Sur L’Avenir Des Animaux*, in. *Revue Spirite*, 54 Année, nº 8. 1º Aout 1911, Paris, p. 450-458.

363 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 274.

364 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 275.

365 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 275-276.

366 KARDEC, *A Gênese*, p. 101.

367 KARDEC, *A Gênese*, p.172-174.

368 KARDEC, *A Gênese*, p. 184-185.

369 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 127.

370 MELO, *Da Bíblia aos Nossos Dias*, p. 95.

371 SILVA NETO SOBRINHO, *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*, disponível em: https://geec.mercadoshops.com.br/alma-dos-animais

372 DELANNE, *A Evolução Anímica*, p. 83.

373 BASTOS, *CSI: Imagens e registros históricos do Espiritismo*, disponível em: https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo

374 SILVA NETO SOBRINHO, *Ensaio Sobre o Futuro dos Animais, por Allan Kardec,* disponível em: https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-ensaio-sobre-o-futuro-dos-animais-ebook

375 KARDEC, *Essai Sur L'Avenir Des Animaux*, in. *Revue Spirite*, p. 324.

376 KARDEC, *Essai Sur L'Avenir Des Animaux*, in. *Revue Spirite*, p. 451-452.

377 KARDEC, *Essai Sur L'Avenir Des Animaux*, in. *Revue Spirite*, p. 453.

378 KARDEC, *Essai Sur L'Avenir Des Animaux*, in. *Revue Spirite*, p. 454.

379 KARDEC, *Essai Sur L'Avenir Des Animaux*, in. *Revue Spirite*, p. 454-455.

380 KARDEC, *Essai Sur L'Avenir Des Animaux*, in. *Revue Spirite*, p. 457.

381 KARDEC, *Essai Sur L'Avenir Des Animaux*, in. *Revue Spirite*, p. 458.

382 SILVEIRA, *Kardec Prossegue*, p. 101.

383 SILVEIRA, *Kardec Prossegue*, p. 116.

384 NOBRE, *Lições de Sabedoria: Chico Xavier nos 23 anos da Folha Espírita*, p. 121.

385 **Livro**: a) Kardec & Chico 2 Missionários. Divinópolis (MG): GEEC, 2016; **Artigos/ebooks**: a) A tese Chico Xavier foi Allan Kardec carece de base doutrinária; b) Chico Xavier não foi Allan Kardec, será que estamos diante de mais uma prova?; c) Chico Xavier e suas vidas passadas; d) Chico Xavier se reconheceu como Allan Kardec?; e) Chico Xavier diz não ter notícias sobre reencarnação de Allan Kardec; f) Chico Xavier: uma alma feminina; g) Allan Kardec e Chico Xavier cada um com sua missão; h) Allan Kardec reencarnou-se como Chico Xavier?: i) Só por equívoco Chico Xavier foi Allan Kardec; e j) Chico Xavier, afinal de contas, quem é você?,

386 BOZZANO, *Animismo e Espiritismo*, p. 14.

387 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 304-305.

388 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 18 de abril de 1857*, questão 86, p. 55.

389 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 188.

390 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 233.

391 KARDEC, *O Livro dos Médiuns,* p. 261-262.

392 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 321, 357 e 362; *Revista Espírita 1863*, p. 34, 35, 36, 38 e 55, 373-374.

393 KARDEC, *A Gênese*, p. 260.

394 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, Introdução, p. 27.

395 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 204.

396 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 295.

397 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 325.

398 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 392.

399 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 172.

400 JACINTHO, *Chico Xavier: Quarenta Anos no Mundo da Mediunidade*, p. 179.

401 BOZZANO, *Animismo e Espiritismo*, p. 14.